REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO VI - 2º VOL. DEZ/2015 – REVISTA BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

ISSN 2177-5141

11

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
තහතවා
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәрҗемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 6, n. 11, 2º vol., dez. 2015
Multilíngue
Editada por Gleiton Lentz; coeditada por Roger Sulis
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: world wide web: http://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Calaméo; Dropbox; Scribd
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada no Latindex e Sumários.org

INTRO

"Sempre nós, a luz e a sombra."

Elýtis

EDITORIAL

Antes da latinização da península Ibérica pelo Império Romano, que deu origem a um vasto número de línguas românicas, poucos eram os registros linguísticos e de antigas escritas da região. O único idioma que se tinha conhecimento, e que ainda permanece vivo, é o Euskera ou Basco. Mas desde o sudoeste da península Ibérica (que inclui o Baixo Alentejo, o Algarve, a Andaluzia espanhola e o sul da Estremadura), outra escrita, de origem controversa e não consensual, mas que revela um dos mais importantes achados arqueológicos da região, tem intrigado os estudiosos desde a sua descoberta: a Escrita do Sudoeste, também conhecida como escrita tartéssica ou sul-lusitana. Trata-se, sobretudo, de estelas funerárias ou colunas tumulares em pedra de xisto, nas quais os antigos faziam inscrições, dispondo-as, depois, no alto das sepulturas. Os textos apresentam-se quase sempre da direita para a esquerda, e parecem não se tratar de um alfabeto ou um silabário, e sim, de uma escritura mista identificada comumente como semissilabário. Ao todo, se conhecem 90 estelas em toda a península, das quais 75 foram descobertas em território lusitano.

Entre as estelas, duas que se destacam: a Estela de São Martinho, notável pela extensão de seu texto, com cerca de 60 signos identificados, e a Estela da Abóbada, que ilustra a capa desta edição da (n.t.), particularmente interessante e fora do comum por ser uma das poucas com figuras, sendo um exemplo ilustrativo de interesse dessa antiga escritura.

A Escrita do Sudoeste (assim chamada pela localização dos sítios onde foram encontradas as inscrições, justamente a península Ibérica), ou Tartéssica (relativa aos Tartessos, nome pelo qual os gregos conheciam a primeira civilização do Ocidente), ou Sul-Lusitana (pois a maior das inscrições foram achadas ao sul de Portugal, na antiga província romana da Lusitânia, onde se achavam os Cónios), se desenvolveu durante a I Idade do Ferro no Sul de Espanha e Portugal, ou seja, entre os séculos VII e V a.C. A escrita teria sofrido também influência cultural dos egípcios e fenícios, embora se distinga das línguas dos povos vizinhos, uma vez que, devido à sua complexidade, ainda permanece sem decifração.

E assim como a Escrita do Sudoeste, muitos dos textos que ilustram esta edição da revista ainda permaneciam "indecifráveis" ao público de língua portuguesa, tendo sido agora vertidos pela primeira vez ou retraduzidos. Nesta edição, contemplamos 24 autores e 9 idiomas: partimos da China Antiga até chegarmos à poesia contemporânea nos Andes peruanos, abarcando quinze séculos de literatura.

A revista abre, na seção Poesia, com *O Monograma | Το Μονόγραμμα*, do poeta grego Odysseas Elýtis, traduzido por Théo de Borba Moosburger; *Miscelâneas | Miscellanies*, do inglês Alexander Pope, por Danielle Fardin Fernandes; e *Amarus*, do poeta peruano Pedro Granados, por Bruno Eliezer Melo Martins. Na seção seguinte, Prosa poética, Jardel Dias Cavalcanti traduz *Eu te escrevo de um país distante | Je vous écris d'un pays lointain*,

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Project Gutenberg (EUA), para "Miscellanies", de Alexander Pope; ▪ Biblioteca Nacional de Chile, para "El Egipto", de Augusto D´Halmar; ▪ Library of Congress (EUA), para "Peter Hugg, the Missing Man", de William Austin; ▪ KateChopin.Org (EUA), para "A Respectable Woman", de Kate Chopin. **Direitos de publicação:** ▪ Palatinus (Hungria), para "Tizenhárom", de István Örkény; ▪ Dacia (Romênia), para "Ceasornicul din turn", de Oscar Lemnaru; ▪ Einaudi (Itália), para "Inverno in Abruzzo", de Natalia Ginzburg; ▪ Playboy Magazine, para "The Crooked Man", de Charles Beaumont; ▪ The New Yorker (EUA), para "The Rise of Capitalism", de Donald Barthelme. **Direitos autorais cedidos:** ▪ Pedro Granados (Peru), para *Amarus*; ▪ Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao (Equ./Chi.), pela tradução de *Dinastia Tang*, via revista *Musa Rara*.

do belga Henri Michaux, e Laura de Borba Moosburger, *Terra dos sonhos | Traumland*, do austríaco Georg Trakl. Depois, em Sátira, Miguel Sulis nos traz o *Diálogo | Διάλογος*, do grego Dionýsios Solomós.

Na sequência, em Contos, traduções dos mais diversos idiomas ilustram as páginas desse clássico seguimento da revista: a primeira parte abre com o conto *Treze | Tizenhárom*, do húngaro István Örkény, vertido por Paulo Chagas de Souza; seguido de *O relógio da torre | Ceasornicul din turn*, do romeno Oscar Lemnaru, por Fernando Klabin; *O Egito | El Egipto*, do chileno Augusto D'Halmar, por Mary Anne W. S. Sobottka; *Inverno em Abruzzo | Inverno in Abruzzo*, da italiana Natalia Ginzburg, por Renata Silveira Lopes; e *Mársias em Flandres | Marsyas in Flanders*, da inglesa Vernon Lee, por Ana Resende. A seção encerra com os escritores norte-americanos e os contos: *Peter Rugg, o desaparecido | Peter Rugg, the Missing Man*, de William Austin, traduzido por Felipe Vale da Silva; *O homem desajustado | The Crooked Man*, de Charles Beaumont, por Cristiane Pamplona; *Uma mulher de respeito | A Respectable Woman*, de Kate Chopin, por Ana Rita Caldart; *A ascensão do capitalismo | The Rise of Capitalism*, por Breno Kümmel. Já em Ensaios literários, Helvio Moraes traduz *No que acredito | What I Believe*, do E. M. Forster, e Dennys da Silva Reis, *Do gênio | Du génie*, de Victor Hugo.

Por fim, em Memória da Tradução, uma distinta seleção poética da *Dinastia* Tang | 唐朝, com os poetas Li Bai, Wang Wei, Meng Haoran, Bai Juyi, Wen Tingyun, Liu Yuxi e Du Um, toma forma na seção final, vertida, a quatro mãos, pelos tradutores Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao.

E encerrando esta 11º edição, apresentamos, a modo de homenagem, uma retrospectiva das vinhetas de entrada da revista criadas por nossa ilustradora Aline Daka; uma mostra inédita no conjunto, composta por dez ilustrações adaptadas a partir de versos de Konstantinos Kaváfis, Forugh Farrokhzad, Alejandra Pizarnik e Yu Xuanji, além de fragmentos de Lord Byron, García Marquez, Sacher-Masoch, Sibilla Aleramo, Cocom Pech e do *Papiro de Nu*.

Assim como a Escrita do Sudoeste, que tem reunido diversos estudiosos ao seu redor, desde arqueólogos, antropólogos e linguistas, em busca de sua decifração, esta edição da (n.t.) reúne igualmente desde tradutores a estudiosos da tradução que, em uníssono, buscam decifrar aqueles textos e autores que ainda esperam ser desvelados desde as suas escritas de origem, que ainda estão à espera de um tradutor desde as suas fronteiras linguísticas. Aqui seus sinais e segredos são revelados, ou melhor, *transliterados*, porque toda tradução, por sua vez, é dignitária de outros mistérios.

Boa literatura sem fronteiras! ■

Os editores

Desterro, dezembro de 2015.

(n.t.) | 11°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

PROSA
PROSA
PROSA

SÁTIRA
SÁTIRA
SÁTIRA

CONTO
CONTO
CONTO

CONTO

ENSAIO

MEMÓRIA DA TRADUÇÃO

poesia

(n.t.) | Patagônia

O TEXTO: *O Monograma* foi publicado originalmente em 1971 no Chipre, em uma edição manuscrita do poeta, e editado em livro no ano seguinte, em Atenas. É um dos mais belos poemas sobre o amor já escritos na literatura grega. O original grego é redigido em versos livres, mas há rimas em vários pontos e ritmo; a tradução, pouco pretensiosa, não reproduz alguns efeitos de ritmo e as rimas, com o intuito de ser mais fiel ao significado das frases e às imagens. A sintaxe, na tradução, segue muito o texto grego, em que há certa fluidez e anacolutos, e a quase ausência de pontuação é respeitada.

Texto traduzido: Ελύτης, Ο. Ποίηση. Αθήνα: Ίκαρος, 2002, σελίδες 249-259.

O AUTOR: Odysseas Elýtis, nome literário de Odysseas Alepoudéllis (Οδυσσέας Αλεπουδέλλης), é considerado um dos três gigantes da poesia grega do século XX (ao lado de Kaváfis e Seféris), e um dos grandes poetas do séc. XX em geral. Ganhador do prêmio Nobel de literatura (1979), teve sua obra aclamada e traduzida em diversos idiomas. Em português, permanece pouco divulgado. Sua poesia, conquanto moderna na concepção e na técnica, drena sua seiva da quase trimilenária e sempre viva tradição literária grega, e, sem abandonar o particular helênico, abarca o universal humano. Elýtis nasceu em Iráklio, Creta, em 1911, e morreu em Atenas em 1996.

O TRADUTOR: Théo de Borba Moosburger é bacharel em Letras (grego antigo) pela UFPR e mestre e doutor em Estudos da Tradução pela UFSC. Estudou grego moderno e música popular grega em Atenas. Atuou como tradutor juramentado de grego entre 2012 e 2013 e possui diploma de proficiência em grego (C2) do Ministério da Cultura da Grécia. Atualmente, dedica-se à pesquisa e tradução de autores gregos dos séculos XIX e XX. Tem traduções publicadas do grego antigo, medieval e moderno, e também do islandês, língua à qual se dedica paralelamente, com interesse especial na literatura islandesa medieval. Para a (n.t.), traduziu Kostas Karyotákis, Giorgos Seféris, Aléxandros Papadiamántis e Ilias Venézis.

Το Μονογραμμα

"Είναι νωρίς ακόμη μες στον κόσμο αυτόν, μ' ακούς"

ΟΔΥΣΣΕΑΣ ΕΛΥΤΗΣ

Θα πενθώ πάντα – μ' ακούς; – για σένα
μόνος, στον Παράδεισο

I

Θα γυρίσει αλλού τις χαρακιές
Της παλάμης, η Μοίρα, σαν κλειδούχος
Μια στιγμή θα συγκατατεθεί ο Καιρός

Πώς αλλιώς, αφού αγαπιούνται οι άνθρωποι

Θα παραστήσει ο ουρανός τα σωθικά μας
Και θα χτυπήσει τον κόσμο η αθωότητα
Με το δριμύ του μαύρου τού θανάτου.

II

Πενθώ τον ήλιο και πενθώ τα χρόνια που έρχονται
Χωρίς εμάς και τραγουδώ τ' άλλα που πέρασαν
Εάν είναι αλήθεια

Μιλημένα τα σώματα και οι βάρκες που έκρουσαν γλυκά
Οι κιθάρες που αναβόσβησαν κάτω από τα νερά
Τα «πίστεψέ με» και τα «μη»
Μια στον αέρα, μια στη μουσική

Τα δυο μικρά ζώα, τα χέρια μας
Που γύρευαν ν' ανέβουνε κρυφά το ένα στο άλλο
Η γλάστρα με το δροσαχί στις ανοιχτές αυλόπορτες
Και τα κομμάτια οι θάλασσες που ερχόντουσαν μαζί
Πάνω απ' τις ξερολιθιές, πίσω απ' τους φράχτες
Την ανεμώνα που κάθισε στο χέρι σου
Κι έτρεμε τρεις φορές το μωβ τρεις μέρες πάνω από
τους καταρράχτες

Εάν αυτά είναι αλήθεια τραγουδώ
Το ξύλινο δοκάρι και το τετράγωνο φαντό
Στον τοίχο, τη Γοργόνα με τα ξέπλεκα μαλλιά
Τη γάτα που μας κοίταξε μέσα στα σκοτεινά
Παιδί με το λιβάνι και με τον κόκκινο σταυρό
Την ώρα που βραδιάζει στων βράχων το απλησίαστο
Πενθώ το ρούχο που άγγιξα και μου ήρθε ο κόσμος.

III

Έτσι μιλώ για σένα και για μένα

Επειδή σ' αγαπώ και στην αγάπη ξέρω
Να μπαίνω σαν Πανσέληνος
Από παντού, για το μικρό το πόδι σου μες στ' αχανή σεντόνια
Να μαδάω γιασεμιά – κι έχω τη δύναμη
Αποκοιμισμένη, να φυσώ να σε πηγαίνω
Μέσ' από φεγγερά περάσματα και κρυφές της θάλασσας στοές
Υπνωτισμένα δέντρα με αράχνες που ασημίζουνε

Ακουστά σ' έχουν τα κύματα
Πώς χαϊδεύεις, πώς φιλάς
Πώς λες ψιθυριστά το «τι» και το «ε»
Τριγύρω στο λαιμό στον όρμο
Πάντα εμείς το φως κι η σκιά

Πάντα εσύ τ' αστεράκι και πάντα εγώ το σκοτεινό πλεούμενο
Πάντα εσύ το λιμάνι κι εγώ το φανάρι το δεξιά
Το βρεμένο μουράγιο και η λάμψη επάνω στα κουπιά
Ψηλά στο σπίτι με τις κληματίδες
Τα δετά τριαντάφυλλα, το νερό που κρυώνει
Πάντα εσύ το πέτρινο άγαλμα και πάντα εγώ η σκιά που μεγαλώνει
Το γερτό παντζούρι εσύ, ο αέρας που το ανοίγει εγώ
Επειδή σ' αγαπώ και σ' αγαπώ
Πάντα εσύ το νόμισμα κι εγώ η λατρεία που το εξαργυρώνει:

Τόσο η νύχτα, τόσο η βοή στον άνεμο
Τόσο η στάλα στον αέρα, τόσο η σιγαλιά
Τριγύρω η θάλασσα η δεσποτική
Καμάρα τ' ουρανού με τ' άστρα
Τόσο η ελάχιστή σου αναπνοή

Που πια δεν έχω τίποτε άλλο
Μες στους τέσσερις τοίχους, το ταβάνι, το πάτωμα
Να φωνάζω από σένα και να με χτυπά η φωνή μου
Να μυρίζω από σένα και ν' αγριεύουν οι άνθρωποι

Επειδή το αδοκίμαστο και το απ’ αλλού φερμένο
Δεν τ’ αντέχουν οι άνθρωποι κι είναι νωρίς, μ’ ακούς
Είναι νωρίς ακόμη μες στον κόσμο αυτόν αγάπη μου

Να μιλώ για σένα και για μένα.

IV

Είναι νωρίς ακόμη μες στον κόσμο αυτόν, μ' ακούς
Δεν έχουν εξημερωθεί τα τέρατα, μ' ακούς
Το χαμένο μου αίμα και το μυτερό, μ' ακούς
Μαχαίρι
Σαν κριάρι που τρέχει μες στους ουρανούς
Και των άστρων τους κλώνους τσακίζει, μ' ακούς
Είμ' εγώ, μ' ακούς
Σ' αγαπώ, μ' ακούς
Σε κρατώ και σε πάω και σου φορώ
Το λευκό νυφικό της Οφηλίας, μ' ακούς
Πού μ' αφήνεις, πού πας και ποιος, μ' ακούς

Σου κρατεί το χέρι πάνω απ' τους κατακλυσμούς

Οι πελώριες λιάνες και των ηφαιστείων οι λάβες
Θα 'ρθει μέρα, μ' ακούς
Να μας θάψουν, κι οι χιλιάδες ύστερα χρόνοι
Λαμπερά θα μας κάνουν πετρώματα, μ' ακούς
Να γυαλίσει επάνω τους η απονιά, μ' ακούς
Των ανθρώπων
Και χιλιάδες κομμάτια να μας ρίξει

Στα νερά ένα ένα, μ' ακούς
Τα πικρά μου βότσαλα μετρώ, μ' ακούς
Κι είναι ο χρόνος μια μεγάλη εκκλησία, μ' ακούς
Όπου κάποτε οι φιγούρες
Των Αγίων
Βγάζουν δάκρυ αληθινό, μ' ακούς
Οι καμπάνες ανοίγουν αψηλά, μ' ακούς
Ένα πέρασμα βαθύ να περάσω
Περιμένουν οι άγγελοι με κεριά και νεκρώσιμους ψαλμούς
Πουθενά δεν πάω, μ' ακούς
Ή κανείς ή κι οι δύο μαζί, μ' ακούς

Το λουλούδι αυτό της καταιγίδας και, μ' ακούς
Της αγάπης

Μια για πάντα το κόψαμε
Και δε γίνεται ν’ ανθίσει αλλιώς, μ’ ακούς
Σ’ άλλη γη, σ’ άλλο αστέρι, μ’ ακούς
Δεν υπάρχει το χώμα, δεν υπάρχει ο αέρας
Που αγγίξαμε, ο ίδιος, μ’ ακούς

Και κανείς κηπουρός δεν ευτύχησε σ’ άλλους καιρούς

Από τόσον χειμώνα κι από τόσους βοριάδες, μ' ακούς
Να τινάξει λουλούδι, μόνο εμείς, μ’ ακούς
Μες στη μέση της θάλασσας
Από μόνο το θέλημα της αγάπης, μ’ ακούς
Ανεβάσαμε ολόκληρο νησί, μ’ ακούς
Με σπηλιές και με κάβους κι ανθισμένους γκρεμούς
Άκου, άκου
Ποιος μιλεί στα νερά και ποιος κλαίει – ακούς;
Ποιος γυρεύει τον άλλο, ποιος φωνάζει – ακούς;
Είμ’ εγώ που φωνάζω κι είμ’ εγώ που κλαίω, μ’ ακούς
Σ’ αγαπώ, σ’ αγαπώ, μ’ ακούς.

V

Για σένα έχω μιλήσει σε καιρούς παλιούς
Με σοφές παραμάνες και μ’ αντάρτες απόμαχους
Από τι να ’ναι που έχεις τη θλίψη του αγριμιού
Την ανταύγεια στο πρόσωπο του νερού του τρεμάμενου
Και γιατί, λέει, να μέλλει κοντά σου να ρθω
Που δε θέλω αγάπη αλλά θέλω τον άνεμο
Αλλά θέλω της ξέσκεπης όρθιας θάλασσας τον καλπασμό

Και για σένα κανείς δεν είχε ακούσει
Για σένα ούτε το δίκταμο ούτε το μανιτάρι
Στα μέρη τ’ αψηλά της Κρήτης τίποτα
Για σένα μόνο δέχτηκε ο Θεός να μου οδηγεί το χέρι

Πιο δω, πιο κει, προσεχτικά σ’ όλο το γύρο
Του γιαλού του προσώπου, τους κόλπους, τα μαλλιά
Στο λόφο κυματίζοντας αριστερά

Το σώμα σου στη στάση του πεύκου του μοναχικού
Μάτια της περηφάνιας και του διάφανου
Βυθού, μέσα στο σπίτι με το σκρίνιο το παλιό
Τις κίτρινες νταντέλες και το κυπαρισσόξυλο
Μόνος να περιμένω πού θα πρωτοφανείς
Ψηλά στο δώμα ή πίσω στις πλάκες της αυλής
Με τ’ άλογο του Αγίου και το αυγό της Ανάστασης

Σαν από μια τοιχογραφία καταστραμμένη
Μεγάλη όσο σε θέλησε η μικρή ζωή
Να χωράς στο κεράκι τη στεντόρεια λάμψη την ηφαιστειακή
Που κανείς να μην έχει δει και ακούσει
Τίποτα μες στις ερημιές τα ερειπωμένα σπίτια
Ούτε ο θαμμένος πρόγονος άκρη άκρη στον αυλόγυρο
Για σένα ούτε η γερόντισσα μ’ όλα της τα βοτάνια

Για σένα μόνο εγώ, μπορεί και η μουσική
Που διώχνω μέσα μου αλλ’ αυτή γυρίζει δυνατότερη
Για σένα το ασχημάτιστο στήθος των δώδεκα χρονώ

Το στραμμένο στο μέλλον με τον κρατήρα κόκκινο
Για σένα σαν καρφίτσα η μυρωδιά η πικρή
Που βρίσκει μες στο σώμα και που τρυπάει τη θύμηση
Και να το χώμα, να τα περιστέρια, να η αρχαία μας γη.

VI

Έχω δει πολλά και η γη μέσ' απ' το νου μου φαίνεται ωραιότερη
Ωραιότερη μες στους χρυσούς ατμούς
Η πέτρα η κοφτερή, ωραιότερα
Τα μπλάβα των ισθμών και οι στέγες μες στα κύματα
Ωραιότερες οι αχτίδες όπου δίχως να πατείς περνάς
Αήττητη όπως η Θεά της Σαμοθράκης πάνω από τα βουνά
της θάλασσας

Έτσι σ' έχω κοιτάξει που μου αρκεί
Να 'χει ο χρόνος όλος αθωωθεί
Μες στο αυλάκι που το πέρασμά σου αφήνει
Σαν δελφίνι πρωτόπειρο ν' ακολουθεί

Και να παίζει με τ' άσπρο και το κυανό η ψυχή μου!

Νίκη, νίκη όπου έχω νικηθεί
Πριν από την αγάπη και μαζί
Για τη ρολογιά και για το γκιούλ μπρισίμι
Πήγαινε, πήγαινε και ας έχω εγώ χαθεί
Μόνος, και ας είναι ο ήλιος που κρατείς ένα παιδί νεογέννητο
Μόνος, και ας είμ' εγώ η πατρίδα που πενθεί
Ας είναι ο λόγος που έστειλα να σου κρατεί δαφνόφυλλο
Μόνος, ο αέρας δυνατός και μόνος τ' ολοστρόγγυλο
Βότσαλο στο βλεφάρισμα του σκοτεινού βυθού
Ο ψαράς που ανέβασε κι έριξε πάλι πίσω στους καιρούς
τον Παράδεισο!

VII

Στον Παράδεισο έχω σημαδέψει ένα νησί
Απαράλλαχτο εσύ κι ένα σπίτι στη θάλασσα

Με κρεβάτι μεγάλο και πόρτα μικρή
Έχω ρίξει μες στ' άπατα μιαν ηχώ
Να κοιτάζομαι κάθε πρωί που ξυπνώ

Να σε βλέπω μισή να περνάς στο νερό
Και μισή να σε κλαίω μες στον Παράδεισο.

O MONOGRAMA

"É cedo ainda neste mundo, estás me ouvindo"

ODYSSEAS ELÝTIS

Estarei sempre de luto – estás me ouvindo? – por ti,
sozinho, no Paraíso

I

O Destino virará para outro lado
As linhas da mão, como agulheiro no trilho
Uma hora o Tempo consentirá

Do contrário como, já que as pessoas se amam

O céu representará nossas entranhas
E a inocência golpeará o mundo
Com o cortante da negra morte.

II

Estou de luto pelo sol e estou de luto pelos anos que vêm
Sem nós e canto as outras coisas que passaram
Se são verdade,

Falados os corpos e os barcos que bateram docemente,
Os violões que acenderam e apagaram debaixo d' água.
Os "acredite em mim" e os "não"
Ora no ar, ora na música

Os dois bichinhos, nossas mãos
Que buscavam subir às escondidas uma na outra.
O vaso com os gerânios nas portas abertas do quintal
E os pedaços de mar que vinham juntos
Por cima dos muros de pedra, atrás das sebes
A anêmona que pousou em tua mão
E tremeu três vezes o roxo três dias sobre
as cachoeiras

Se isso é verdade eu canto
A viga de madeira e o pano urdido
Na parede, a Sereia com os cabelos desgrenhados
O gato que nos olhou em meio à escuridão
Menino com o incenso e com a cruz vermelha
No instante em que anoitece no inacessível dos rochedos
Estou de luto pela roupa que toquei e me veio o mundo.

III

Assim falo de ti e de mim

Porque te amo e no amor sei
Entrar como Plenilúnio
De toda parte, pelo teu pezinho em meio aos vastos lençóis
Desfolhar jasmins – e tenho o poder
Adormecido, de soprar e te levar
Através de vaus luminosos e galerias secretas do mar
Árvores hipnotizadas com aranhas que prateiam

As ondas já ouviram de ti,
Como afagas, como beijas
Como dizes sussurrando o "o que" e o "hem".
Em volta do pescoço na enseada
Sempre nós a luz e a sombra

Sempre tu a estrelinha e sempre eu a embarcação escura.
Sempre tu o porto e eu o farol à direita.
A amurada molhada e o brilho sobre os remos.
Lá em cima na casa com as clematites
As rosas atadas, a água que gela
Sempre tu a estátua de pedra e sempre eu a sombra que cresce.
A persiana semicerrada tu, o vento que a abre eu
Porque eu te amo e te amo
Sempre tu a moeda e eu a adoração que lhe confere valor:

Tanto a noite, tanto o grito no vento,
Tanto a gota no ar, tanto o silêncio.
Em volta o mar despótico,
Arco do céu com as estrelas
Tanto a tua menor respiração

Que já não tenho nada mais
Entre as quatro paredes, o teto, o piso
Para chamar de ti e minha voz me atingir
Para eu cheirar de ti e as pessoas se zangarem

Porque o não provado e o trazido de outros lugares
As pessoas não suportam e é cedo, estás me ouvindo
É cedo ainda neste mundo meu amor

Para eu falar de ti e de mim.

IV

É cedo ainda neste mundo, estás me ouvindo
Ainda não foram domados os monstros, estás me ouvindo
O meu sangue perdido e a pontiaguda, estás me ouvindo
Faca
Como carneiro que corre nos céus
E despedaça os ramos das estrelas, estás me ouvindo
Sou eu, estás me ouvindo
Eu te amo, estás me ouvindo
Eu te seguro e te levo e te visto
Com o vestido branco de Ofélia, estás me ouvindo
Onde me deixas, aonde vais e quem, estás me ouvindo

Segura tua mão sobre os dilúvios

Os enormes cipós e as lavas dos vulcões,
Chegará o dia, estás me ouvindo
Em que nos enterrarão, e os milhares de anos depois
Farão de nós rochas brilhantes, estás me ouvindo
Para luzir sobre elas a impiedade, estás me ouvindo
Das pessoas
E nos jogar em mil pedaços

Nas águas, um por um, estás me ouvindo
Conto meus amargos seixos, estás me ouvindo
E o tempo é uma grande igreja, estás me ouvindo
Onde às vezes as figuras
Dos Santos
Vertem lágrima de verdade, estás me ouvindo
Os sinos abrem no alto, estás me ouvindo
Uma passagem profunda para eu cruzar
Os anjos esperam com círios e salmos fúnebres
Não vou a lugar nenhum, estás me ouvindo
Ou ninguém ou os dois juntos, estás me ouvindo

Esta flor da tempestade e, estás me ouvindo
Do amor

Cortamos de uma vez por todas
E não tem como florescer de outro jeito, estás me ouvindo
Em outra terra, em outra estrela, estás me ouvindo
Não existe o solo, não existe o ar
Que tocamos, o mesmo, estás me ouvindo

E nenhum jardineiro sucedeu em outros tempos

De tanto inverno e tantos ventos do norte, estás me ouvindo
Fazer brotar uma flor, só nós, estás me ouvindo
No meio do mar
Só pela vontade do amor, estás me ouvindo
Emergimos uma ilha inteira, estás me ouvindo
Com cavernas e com cabos e despenhadeiros floridos
Ouve, ouve
Quem fala às águas e quem chora – estás ouvindo?
Quem busca o outro, quem grita – estás ouvindo?
Sou eu que grito e sou eu que choro, estás me ouvindo
Eu te amo, eu te amo, estás me ouvindo.

V

Já falei de ti em tempos antigos
Com sábias amas e com rebeldes veteranos
De onde será que tens a tristeza da fera selvagem
O reflexo no rosto da água que tremula
E por que é que estou fadado a ir junto de ti
Eu que não quero amor mas quero o vento
Mas quero o galope do mar ereto e descoberto

E de ti ninguém tinha ouvido falar
De ti nem o dictamno nem o cogumelo
Nas partes altas de Creta nada
Só Deus aceitou conduzir minha mão para ti

Mais aqui, mais ali, cuidadosamente em toda a volta
Da praia do rosto, os regaços, os cabelos
Na colina ondulando à esquerda

Teu corpo na posição do pinheiro solitário
Olhos do orgulho e do diáfano
Fundo, dentro da casa com o velho escrínio
As rendas amarelas e a madeira de cipreste
Sozinho eu a esperar onde surgirás pela primeira vez
Em cima no terraço ou atrás nas lajes do quintal
Com o cavalo do Santo e o ovo da Ressurreição

Como de um afresco destruído
Grande o quanto a pequena vida te quis
Para acomodares no pequeno círio o estentóreo brilho vulcânico
Que ninguém tenha visto ou escutado
Nada nos ermos nas casas em escombros
Nem o antepassado enterrado no cantinho do pátio
De ti nem a velha com todas as suas ervas.

De ti só eu, talvez também a música
Que afugento de dentro de mim mas ela retorna mais forte
De ti o peito informe dos doze anos

Que se volta ao futuro com a cratera vermelha.
De ti como alfinete o cheiro amargo
Que acerta o corpo que lanceta a lembrança
E eis o solo, eis os pombos, eis nossa terra antiga.

VI

Já vi muito e a terra através de minha mente se mostra mais bela
Mais bela em meio aos vapores dourados
A pedra cortante, mais belos
Os arroxeados dos istmos e as telhas entre as ondas
Mais belos os raios onde sem pisares passas
Invicta como a Deusa de Samotrácia sobre as montanhas
do mar.

Assim te olhei de modo que me basta
Que o tempo tenha sido inteiro inocentado
Que no sulco que tua passagem deixa
Como golfinho novato siga

E brinque com o branco e com o azul a minha alma!

Vitória, vitória em que fui vencido
Antes do amor e junto
Para a passiflora e para a árvore da seda
Vai, vai, ainda que eu tenha me perdido
Só, e que o sol que seguras seja um bebê recém-nascido
Só, e que seja eu a pátria de luto
Que a palavra que te enviei a segurar-te uma folha de louro
Seja só, o vento forte e só, o redondo
seixo no pestanejar das profundezas escuras
O pescador que içou e jogou novamente para trás nos tempos
o Paraíso!

VII

No Paraíso assinalei uma ilha
Idêntica a ti e uma casa no mar

Com cama grande e porta pequena
Joguei nas águas profundas um eco
Para eu me olhar toda manhã ao acordar,

Para te ver metade passando na água
E metade para eu te chorar no Paraíso.

Miscelâneas
Alexander Pope

O texto: Os poemas foram organizados a partir de "Miscellanies", um capítulo do livro *The poetical works of Alexander Pope*, quase todos praticamente esquecidos. A edição brasileira, *Poemas de Alexander Pope* (1994), tradução de Paulo Vizioli, reúne algumas obras, mas ainda é uma referência escassa diante da vasta obra do poeta. Esta miscelânea, como sugere o título, é composta por diversos epigramas, além de poesias que revelam conflitos criados por seus opositores, ou, muitas vezes, uma sensibilidade perante o gênio feminino.

Texto traduzido: Pope, Alexander. *The poetical works of Alexander Pope*. Vol. II. Notes by the Rev. George Gilfillan. Pennsylvania State University, 1856.

O autor: Alexander Pope (1688-1744) foi um dos maiores poetas britânicos do século XVIII, aclamado e odiado por sua personalidade crítica e satírica. Conhecido por sua tradução de Homero, escreveu também poemas didáticos e filosóficos, entre os quais *Essay on criticism* e *Essay on man*. Em algumas de suas obras, como *The rape of the lock*, um poema herói-cômico de roupagem épica, ridiculariza a futilidade da corte inglesa, enquanto que, com *Eloisa to Abelard*, revela um lado "romântico" inesperado.

A tradutora: Danielle Fardin Fernandes é graduada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Viçosa. Publicou o poema "Point G", em *La Syntaxe invisible*. É professora de inglês e português.

MISCELLANIES

"There hid in shades, and wasting day by day,
Inly he bleeds, and pants his soul away."

ALEXANDER POPE

ON A CERTAIN LADY AT COURT

I know the thing that 's most uncommon;
(Envy be silent and attend!)
I know a reasonable woman,
Handsome and witty, yet a friend.

Not warp'd by passion, awed by rumour;
Not grave through pride, or gay through folly;
An equal mixture of good humour
And sensible soft melancholy.

'Has she no faults then (Envy says), sir?'
Yes, she has one, I must aver:
When all the world conspires to praise her,
The woman's deaf, and does not hear.

THE TRANSLATOR

Ozell, at Sanger's call, invoked his Muse,
For who to sing for Sanger could refuse?
His numbers such as Sanger's self might use.
Reviving Perrault, murdering Boileau, he
Slander'd the ancients first, then Wycherley;
Which yet not much that old bard's anger raised,
Since those were slander'd most whom Ozell praised.
Nor had the gentle satire caused complaining,
Had not sage Rowe pronounced it entertaining;
How great must be the judgment of that writer,
Who The Plain Dealer damns, and prints The Biter!

A DIALOGUE

POPE.
Since my old friend is grown so great,
As to be Minister of State,
I 'm told, but 't is not true, I hope,
That Craggs will be ashamed of Pope.

CRAGGS.
Alas! if I am such a creature,
To grow the worse for growing greater,
Why, faith, in spite of all my brags,
'Tis Pope must be ashamed of Craggs.

EPIGRAM

ON ONE WHO MADE LONG EPITAPHS[1]

Friend, for your epitaphs I'm grieved,
Where still so much is said;
One half will never be believed,
The other never read.

[1] The person here meant was Dr. Robert Friend, head master of Westminster School.

A FRAGMENT

What are the falling rills, the pendant shades,
The morning bowers, the evening colonnades,
But soft recesses for th' uneasy mind
To sigh unheard in, to the passing wind!
So the struck deer, in some sequester'd part,
Lies down to die (the arrow in his heart);
There hid in shades, and wasting day by day,
Inly he bleeds, and pants his soul away.

PRAYER OF BRUTUS

FROM GEOFFREY OF MONMOUTH.

Goddess of woods, tremendous in the chase,
To mountain wolves and all the savage race,
Wide o’er th’ aerial vault extend thy sway,
And o’er th’ infernal regions void of day.
On thy third reign look down; disclose our fate,
In what new station shall we fix our seat?
When shall we next thy hallow’d altars raise,
And choirs of virgins celebrate thy praise?

MISCELÂNEAS

"Perdido nas sombras, corroído pelos dias,
Sopra a alma longe, se dissolve em sangrias."

ALEXANDER POPE

SOBRE CERTA DAMA DA CORTE

Sei de algo involuntariamente;
(Inveja silenciosa e apurada!)
Conheço uma mulher prudente,
Linda, espirituosa, e aliada.

Nem rota em paixão, consagrada por boatos,
Nem tesa de orgulho ou alegre de loucura,
Amalgama de humor grato,
E melancolia leve e pura.

Ela não carrega culpa, senhor? (A inveja fala)
Sim, há uma, devo confirmar:
Quando o mundo inteiro a regala,
Faz-se de surda, não quer escutar.

O TRADUTOR

Ozell, por pedido de Sanger à Musa invocou,
A qual cantar para Sanger já recusou?
Métrica como as próprias que Sanger usou.
Ressuscitando Perrault, matando Boileau, ele
Maldisse a tradição, Wycherley, aquele
O qual fúria amena alçou no trovador,
Que como Ozell acolhesse os difamados com louvor.
Nem a mais branda sátira causaria lamento,
Ainda menos o sábio Rowe traria alento;
O quão sóbrio deve ser o aval daquele escritor,
Quem os Francos enojam, e deixa do Dente o sabor!

O DIÁLOGO

POPE.
Quando meu velho amigo fez-se renomado,
Nas vestes de um Ministro de Estado,
Confesso, não é verdade, talvez crença,
Que Graggs sinta por Pope de fato indiferença.

GRAGGS.
Ai de mim! Que por vezes corrompa
Ao ser pior sendo alheio à pompa;
Ora, fé, contrariando meu vezo,
É Pope quem deveria ter por Graggs desprezo.

EPIGRAMA

A RESPEITO DAQUELES QUE PRODUZIRAM LONGOS EPITÁFIOS[1]

Amigo, seus epitáfios me apunhalam pelos lados,
São desnecessariamente construídos;
Metade: sempre desacreditados,
A outra: jamais serão lidos.

[1] Provavelmente, a pessoa aqui era o Dr. Robert Friend, diretor da escola Westminster. (n.e.)

UM FRAGMENTO

O que são os lustres, as cascatas,
Os jardins de inverno e as colunatas,
Senão a paz num pensamento inquieto
De uma saudade tesa, um correr incerto!
O cervo massacrado, só, isolado,
Dorme e morre (o coração flechado);
Perdido nas sombras, corroído pelos dias,
Sopra a alma longe, se dissolve em sangrias.

ORAÇÃO DE BRUTUS

DE GEOFFREY DE MONMOUTH

Deuses das florestas, mestres de caça,
Aos lobos e toda selvagem raça,
Pelo salto voraz expande o poderio,
Através das regiões infernais do vazio.
Nos ermos do reino, traçando nossa sorte,
Em quais estações fixaremos um norte?
Quando ergueremos seus altares em ruínas,
E o coro das virgens rezando tua sina?

Amarus
Pedro Granados

O texto: Publicado em 2015 pelo Instituto Vallejo sin Fronteras, no Peru, *Amarus* é o último livro do poeta Pedro Granados (1955). Reflete o mundo andino pela perspectiva do poeta, um sensível mundo oculto, através de um espanhol permeado pela sintaxe que se aproxima da oralidade dos falantes de quéchua, língua indígena predominante no Peru. Ao mesmo tempo, é uma reflexão poética do destino de ser latino-americano, uma aceitação que se supera.
Texto traduzido: Granados, Pedro. *Amarus*. Lima: Vasinfin, 2015.

O autor: Pedro Granados (1955) é Doutor em Língua e Literatura Hispânica pela Boston University. Além de poeta é novelista, ensaísta e professor. Promove também oficinas de criação literária em países como República Dominicana, Bolívia e Haiti. Atualmente reside em Lima, Peru.

O tradutor: Bruno Eliezer Melo Martins é graduando do curso de Letras – Artes e Mediação Cultural da UNILA. Já traduziu *Fozi Lady!*, do mesmo autor, e prepara a tradução de *La edad del Oro*, de José Martí.

AMARUS

“Somos nazcas o mochicas en nuestros movimientos.
Aún no estamos enterrados, continuemos.”

PEDRO GRANADOS

VISIÓN DE LIMA

La ciudad
Debajo de una serpiente herida
La ciudad mi ciudad
Hecha polvo
Mi madre mi padre
Mis hermanos ausentes
Y esta nube de tierra
Y esta serpiente de tierra
Sobre mi atónito
Y silencioso corazón

VISIÓN DE LA PAZ

Sobre los cuatro mil
metros de altura
te escribo. Sobre
las treinta mil
personas que he visto
en el camino.
Inhóspito el aire
para la poesía.
Enorme atalaya es ésta
para el control de
vidas y almas
y sexualidades.
Toda Bolivia se halla
en el ropero. También
el Perú. Y probablemente
el completo casco andino.
Encerrados en el ropero
de nuestros deseos
y de nuestra aplazada dignidad.
Un gigantesco amaru se ahoga
por la dura costra
que lo separa de la superficie.
Un flamante neumático
ahora mismo lo pisa.
Ver y correr y ser derrotado
enésimas veces.
En qué onda
pillar el aire.
A través de qué escondrijo
palpar finalmente tus piernas,
tu culo redondo,
tu espumosa vagina.
Todos somos salvos.
Todos somos inocentes
sobre tan rígido *ice cream* del mundo.
Ni todas las muecas del diablo pueden disimular

nuestros dientes de leche.
El mundo andino pasa todo
por un agudo periodo de refrigeración.

A TILSA TSUCHIYA

No hay color que no palpite
y no nos abra a la vida,
no hay rosa, no hay oficio conocido
o desconocido
que no nos diga de detrás, de siempre,
que no nos llame discretamente
en las sienes.
Hay rosas, hay sensaciones extrañas
como un collar radiante,
como un abrigo tibio,
como una precipitada cascada
que persigue a los peces más jóvenes
para acariciarlos.
No hay extremo, no hay orden
ni desorden ni aventura
ni recuerdos,
todo es un solo oficio,
todo es un solo puente,
todo es un solo brillo de sol en el agua,
en la lengua, en los dientes.
No hay partida, no hay retorno,
no hay lejanía.
Sólo una hermosa col
con sus hojas frescas y calladas.

HUACOS ERÓTICOS

I
Hagan una cerámica
de nuestros cuerpos
los nuevos habitantes
de este país.
Somos nazcas o mochicas
en nuestros movimientos.
Aún no estamos enterrados
continuemos.

II
Sus dientes blanquísimos y apretados
destilan saliva y atrapan
el más tenue rayo de luz.
Y no es como alta montaña,
sino como duna del desierto.
Así han de conservarla en la arcilla.

III
Yo jamás toqué su cabellera
a la hora del amor.
Había de conservar su cuerpo libre
en aquellas primeras algas
que salían brillantes del mar.

IV
Es cierto, sus piernas
son tan densas como el lodo
y su cintura tranquila.
Pero ella sabe excitar
desde sus ojos,
desde la pródiga manera
en que se desnuda.

V
Quizá deberían
ignorar su ternura,

la forma lenta y sabia
como dispone sus miembros
al amor,
la incandescencia en su piel.
Todo aquello será muy difícil
de plasmar.

[Un muro de cerca]

Un muro de cerca. Porosidad.
Textura. Muchedumbre. Avidez.
Lejos de mis muros, ahora.
Lejos de mi sexualidad de niño
y de adolescente. La delicadeza.
Lejos del consuelo profundo de
cierta promiscuidad con los muros.
Florecidos sentimientos de amor hacia mi madre.
Muros. Juegos con los muros.
Entre los muros.
La historia universal resuelta sobre un muro.
Sin libros.
La turbia locuacidad
de las paredes desnudísimas de mi
infancia. El incomprensible cariño
de los ecos mudos. Los antiecos.
Lucho no sale a jugar, está haciendo
sus tareas. Frente a la casa de Angélica
ni preguntar. Y yo jugando vanamente
con una pelota de jebe
contra los muros. Botes.
Todas las cosas lejanas y cercanas.
Todas las cosas entreveradas
simultáneamente.
Arena. Espinas. Altorrelieves.
Todas las cosas imantadas allí.
Caras. Olores. Nubes.
Todas las cosas delicadas allí.
Tiernamente adheridas. Labios.

CUADRO

Una curva amarillo-naranja
sobre la noche oscura.
Son nuestros los sentimientos.
Son nuestras estas texturas de amor,
estas manchas iridiscentes de delicadeza.
Son nuestros los recuerdos. Todos.
En gruesas pinceladas cerca de un vértice
está mi madre. Es viento y es tierra
y es agua mi madre.
Al centro del cuadro está mi padre
insinuado por un color evasivo. Es fuego mi padre.
Nuestros son los viajes, los adioses
y acaso la soledad.
Una curva amarillo-naranja. O más bien
una hendidura. Una materia apenas entreabierta.
Una reciente cicatriz
acaso.

[Y otra vez aquella visión]

Y otra vez aquella visión:
un jirón de cometa descolorido, abandonado,
sujeto a los cables de la calle de siempre.
Ayer hablé con tu madre – te llamé por amor –
pero me di al teléfono con tu madre.
Nunca he sentido tantísimo resentimiento en una sola voz.
Y entonces advertí que todo volvía a su lugar.
Como el invierno en Lima,
como el verano en Providence.
Ser peruano en cualquier parte del mundo es imposible.
Ser peruano huaco y católico, cachero y manatí. Ser peruano brujo.
Porque harto han andado la disuasión y el poder, por un lado;
y harto han andado la miseria y la pena, por el otro.
No hemos visto y olido y palpado
por gusto.
Un pedazo de noche huele como la tierra.
La realidad tiene el contorno de un talle
y es muy dulce la verdad.
Anochece en esta parte del mundo.
Anocheció.

NOTAS AL INCA GARCILASO

Soy viejísimo.
Realmente lo soy.
Mi madre hablaba en quechua
con mi tía Raquel
a la hora del lonche.
Me encantaba verlas alegres
en un lenguaje que no entendía,
que jamás entendí.
Con mi tío Epifanio mi madre también hablaba en quechua,
y aunque él andaba lejos
– inmerso en el trajín de su prole numerosa –
cuando ella murió, musitó:
"ahora sí que nos quedamos realmente solos".
El quechua es un idioma que nunca he entendido.
Pero que consideraba mío por derecho propio,
hablaban y cantaban con él mi madre y mi padre.
Cantaron alguna vez – ya muy mayores –
un hermoso yaraví que quebró de canto a canto
la pequeña vasija que era nuestra casa.
Mi padre y mi madre se amaron, pues, a su manera.
Y compartieron todavía – después de aquel inolvidable yaraví –
como unos veinte años más con nosotros.
Resulta increíble estar escribiendo
sobre estas cosas. Se nota que también
nos vamos a morir.
Y jamás habremos aprendido el quechua.
Aunque es la palabra íntima de nuestra madre,
y los ojos pequeños y desconcertados de nuestro padre,
y el fuelle oculto en el corazón
de nuestros queridísimos hermanos.
Lo único que sabemos es que en quechua
no se puede vivir. En este orden de cosas.
Comunicarte en esta lengua es literalmente suicidarte.
Te aprietan fuertísimo la garganta
y el corazón se te sale de una vez por los ojos.

[Otra vez esta situación]

Otra vez esta situación
De estampida. De infarto.
Como desde cuando era pequeño
y me llevaba la mano al sexo
para calmarme. La carpeta al sexo.
La pared.
Me da la impresión de estar siempre en el limbo,
Me confesó una colega muy simpática,
de ojos y labios muy serenos.
Me da la impresión de fuga, a mí más bien.
De refracción de todas las cosas. De yuxtaposición.
De desequilibrio.
Sólo las caricaturas son ciertas a esta hora.
La miedosa estudiante gringa, el chino mimético,
el latino estúpido.
Hago un break, me inyecto
un poco de buen recuerdo.
Las imágenes del desamor me persiguen,
las de mi propio desamor.
Una fuente de agua
pugna en mi cerebro.
Una grieta se calca
y va partiendo mi corazón.
Otra amiga me dice, que vea
a mi alrededor,
que el placer está en mi entorno
y deje la melancolía.
Ella es mayor que yo, pero tiene
el alma de una niña.
Yo soy del Perú,
de padres del interior
y con mis otros hermanos
somos los primeros
en haber nacido en Lima.
Pero nada de eso importa ya.

Ningún folklor me distancia,
más bien me acerca.
Hoja de papel que cae desde un edificio muy,
muy alto.
Las grietas ceden y se inunda todo,
y se va entreverando todo en medio de un gran ruido.
La calma aún no viene.

ALTURAS DE SAMAYPATA

I

Samaypata es un Machu Picchu en pequeño,
nos dicen. Y el vulgo acierta.
Hora y media cuesta dejar atrás
el calor de Santa Cruz de la Sierra.
E instalarse. Pasar
por entre el ojo de aguja de sus calles.
Sin tocar la piedra.
Sin poner las narices sobre la roca fría.
Saber que Samaypata nos espera.
Para morir. Para vivir
quizá aún más de esta manera.
Con su mansa arquitectura bajo nuestros pies,
eso nos dice.
Con su insondable pantalla de aire,
aquéllo nos ilustra.
Samaypata y el arte de morir,
de ir muriendo mientras caemos
en su profundo pozo.
Igual que en Macchu Picchu.
Aunque Samaypata es la muerte personal,
no comunitaria ni sideral. Individual nomás.
Un día fuimos allí
con nuestra india camba
de largos cabellos, fuertes y oscuros.
Un día allí fuimos, en Lima,
cuando éramos niños
y jugábamos en torno
a una de sus huacas polvorientas.
El gol era la muerte,
pero esto aún no lo sabíamos.
Y el alborozo,
la misma alegría de ahora. Oscura alegría.
Sin poner las manos sobre la roca dura
ni los ojos cerrados sobre la fría piedra.

II

Pertenecemos a una familia tan antigua
como la de los primeros hombres de la llanura.
Aunque en la montaña también encuentran
nuestras cenizas.
Hacer el amor sobre mi camba
es como penetrar dentro de un muro.
Como hacerle el amor a una rosa negra.
Samaypata es la hembra
escondida entre el follaje.
Piernas y caderas de mujer.
Y teticas de perra.
Así era aquella oscura muchacha.
Y la pinga se te vuelve de cuero.
Por continuar tumbado sobre la piedra.
Y los dientes te salen de más y los brazos
para mejor morderla y abrazarla.
Y las pantorrillas se te ponen de goma
para impulsarte
e ir conociendo el arte de morir en Samaypata.
Sin respirar la piedra ni lamer la roca dura
ni yacer de bruces al fondo del abismo.

III

El regreso desde Samaypata
me trajo aquí.
Que no es Samaypata, esto está claro.
Que no soy yo tampoco.
Que no es nadie, quizá. Sino sólo
cierto espejismo de luces y altos edificios
sobre la paciente hierba.

IV

Un manjar puede ser
cualquier bocado.
Por eso escribes a pesar
de tu sentimiento impuro.
No hay un lugar ni un tiempo
ideal. Por eso

aproximas tu cabeza
al abismo del papel.
Samaypata ha dejado
una larga estela de estrellas.
De aglomeradas estrellas de muerte.
Media hora menos dura
el camino de regreso al llano.
A la embestida del calor
de Santa Cruz de la Sierra.
Al asalto del frío de Boston.
Aunque por ahora vivas
dentro del avión de tus recuerdos.
Y el hecho próximo futuro
sea el de tu propia extinción.
Quizá en Samaypata.
Quizá tocando la loza misma
de aquellas espléndidas estrellas.
Con nuestra gota de sombra confundida
y feliz entre tantas otras sombras.
Pero esto no lo sabes todavía. Y por eso escribes
con tu soledad impura.
A medias sola. Acompañada
a medias
No hay un lugar ni un tiempo
ideal.

CARAL

En vez del cráneo de una calavera
acaricio una piedra que he traído a Lima
desde la cinco veces milenaria
ciudad de Caral.
Es un canto rodado grande,
perfectamente plano en su base,
que utilizo para tener en pie
algunos libros. Para tenerme en pie.
Ápice de alguna lengua.
La luna en cuarto menguante,
a manera de ejemplo.
Y junto con esta piedra
– de agigantadas papilas
y evidentes cicatrices –
les escribo.
Ella de cinco mil años;
la mía de cincuenta.
Irregulares, quiñadas,
y gozosas lenguas gustativas.
No menos sexuales, por cierto.
La libra de toto se mide por la vista
y se mide por la lengua.
Como lo saben muy bien
mis discursivos colegas dominicanos.
La luna en cuarto menguante,
a manera de ejemplo.

[Escribir luego de eyacular]

Escribir luego de eyacular
Ya no hay pretexto
Para imaginar que la poesía
Puede ser otra cosa
Mejor dicho un más allá mejor
Pero si todo se derrumbara
Y perdiera la compañera la
Propia vida
Y los recuerdos
Estoy seguro que ella
Me recogería
Nos recoge
Como los seres frágiles
Y desorientados que somos
Un solo sonido la alimenta
Una sola mirada
Es su recompensa
Y una caricia
Ni se diga
Que no se los dije
Que no se los advertí
Una leve seña le basta
Y sale a la pista
A bailar contigo
Hasta la muerte

CAMINO A PURUCHUCO

Dos tetas y un pene
a todo lo largo.
Una luz.
Un cometa
en la órbita precisa
de tu vagina.
Así percibo estas ruinas.
Restos del camino incaico
que iba de Pachacamac
a mi alma. A Puruchuco.
Sin más lenguaje
que un improvisado
trabalenguas.
Sin más trámite
que el amor de su mirada.
Mi hermano Germán.
Que no se bañaba
aunque el sol ardiera.
Y no dudaba del amor
pero ni un solo instante.
El eco de un gruñido
y una bala pensativa
que se incrusta
como Alicia
a través del ano.
Lugar privado y maloliente
pero de astros relampagueantes
y de boca en vilo:
por lo absorta y agradecida.
Las palabras son personas concretas.
Jamás metonimias de un sistema
inferido. Ni un sesudo pensamiento.
Diverso, fluyente, encrespado,
jadeante, testarudo
chasqui de pies y brazos
y rostro de bala.

Lívido.
Como mi corazón palpitante
y a la intemperie.

[Desde esa parte en la que no soy andino]

Desde esa parte en la que no soy andino
Sino del par de grapas entrecruzadas
Sobre un ángulo alto de mi papelógrafo
Gran poema el más distinguido
Con leve gusto a metal la lata
Jorobadas y aterciopeladas grapas
Con hijos sin hijos como dice el bonete
Sin bonete sin indio y sin camisa
Porque hace mucho calor
Desenchufado de mi origen
Globo aspa periódico escapado al viento
Una última y postrer señal sobre mi índice
Una impensada y final conmoción
Como encontrar un ratón bebé
Dentro del monedero
Como encontrar la felicidad
Escapándoseme a remo
Y entre los yuyos
Pero la he visto y sentido
Pero me ha visto y ha escapado
No soy indio no soy negro no soy blanco
Soy un desteñido más que no recibe el sol
Porque lo abruma y lo estresa
Le provoca herpes dolorosos
El sol que me canta sobre los párpados
El sol que hincha mis lágrimas
Y goloso las bebe
Ya voy a morir… yo, cualquiera?
Ya vamos… nosotros, ustedes?
Muramos de una buena vez de ser felices.

AMARUS

"Somos nazcas ou mochicas em nossos movimentos.
Ainda não estamos enterrados, continuemos."

PEDRO GRANADOS

VISÃO DE LIMA

A cidade
Debaixo de uma serpente ferida
A cidade minha cidade
Feita pó
Minha mãe meu pai
Meus irmãos ausentes
E esta nuvem de terra
E esta serpente de terra
Sobre meu atônito
E silencioso coração

VISÃO DE LA PAZ

Sobre os quatro mil
metros de altura
te escrevo. Sobre
As trinta mil
Pessoas que vi
pelo caminho.
O ar inóspito
Para a poesia.
Esta atalaia enorme é
para o controle de
vidas e almas
e sexualidades.
Toda Bolívia se encontra
no armário. Também
o Peru. E provavelmente
o completo casco andino.
Fechados no armário
de nossos desejos
e de nossa fracassada dignidade.
Um gigantesco amaru se afoga
pela dura crosta
que o separa da superfície.
um flamante pneu
agora mesmo o pisa.
Ver e correr e ser derrotado
infinitas vezes.
Em que onda
conseguir o ar.
Através de que esconderijo
apalpar finalmente tuas pernas,
teu cu redondo,
tua espumosa boceta.
Todos estão salvos.
Todos são inocentes
sobre tão rígido *ice cream* do mundo.
Nem todas as caretas do diabo podem dissimular

nossos dentes de leite.
No mundo andino tudo passa
por um agudo período de refrigeração.

A TILSA TSUCHIYA[1]

Não há cor que não palpite
e não nos abra à vida,
não há rosa, não há ofício conhecido
ou desconhecido
que não nos diga detrás, de sempre,
que nos chame discretamente
nas têmporas.
Há rosas, há sensações estranhas
como um colar radiante,
como um abrigo tíbio,
como uma precipitada cascata
que persegue os peixes mais jovens
para acariciá-los.
Não há extremo, não há ordem
nem desordem nem aventura
nem lembrança,
tudo é só um ofício,
tudo é só uma ponte,
tudo é só o brilho do sol na água,
na língua, nos dentes.
Não há partida, não há retorno,
Não há lonjura.
Só uma bela couve
com suas folhas frescas e caladas.

[1] Tilsa Tsuchiya (1928-1984), pintora e gravurista, considerada um dos expoentes da pintura peruana. (n.t.)

HUACOS ERÓTICOS

I
Façam uma cerâmica
de nossos corpos
os novos habitantes
deste país.
Somos nazcas ou mochicas
em nossos movimentos.
Ainda não estamos enterrados
continuemos.

II
Seus dentes branquíssimos e apertados
destilam saliva e capturam
o mais tênue raio de luz.
E não é como a alta montanha,
mas como a duna do deserto.
Assim vão conservá-la na argila.

III
Eu jamais toquei sua cabeleira
na hora do amor.
Havia de conservar seu corpo livre
naquelas primeiras algas
que saíam brilhantes do mar.

IV
É certo, suas pernas
são tão densas como o lodo
e sua cintura tranquila.
Porém ela sabe excitar
a partir de seus olhos,
e da pródiga maneira
com que se desnuda.

V
Talvez deveriam
ignorar sua ternura,

a forma lenta e sábia
como dispõe seus membros
no amor,
a incandescência de sua pele.
Tudo aquilo será muito difícil
de moldar.

[Um muro de perto]

Um muro de perto. Porosidade.
Textura. Multidão. Avidez.
Longe de meus muros, agora.
Longe de minha sexualidade de menino
e de adolescente. A delicadeza.
Longe do consolo profundo de
certa promiscuidade com os muros.
Florescidos sentimentos de amor por minha mãe.
Muros. Jogos com os muros.
Entre os muros.
A história universal resolvida sobre um muro.
Sem livros.
A turbidez loquaz
das paredes desnudadíssimas de minha
infância. O incompreensível carinho
dos ecos mudos. Os antiecos.
Lucho não sai para jogar, está fazendo
suas tarefas. Em frente à casa de Angélica
nem pergunta. E eu jogando inutilmente
com uma bola de borracha
contra os muros. Botes.
Todas as coisas distantes e próximas.
Todas as coisas alternadas
simultaneamente.
Areia. Espinhas. Altos-relevos.
Todas as coisas imantadas ali.
Caras. Odores. Nuvens.
Todas as coisas delicadas ali.
Ternamente aderidas. Lábios.

QUADRO

Uma curva amarelo-laranja
sobre a noite escura.
São nossos sentimentos.
Estas texturas de amor são nossas,
estas manchas iridescentes de delicadeza.
As lembranças são nossas. Todas.
Em grossas pinceladas próxima de um vértice
está minha mãe. É vento e é terra
e é água a minha mãe.
No centro do quadro está meu pai
insinuado por uma cor evasiva. Meu pai é fogo.
Nossas são as viagens, os adeuses
e acaso a solidão.
Uma curva amarelo-laranja. Ou melhor
uma fissura. Uma matéria somente entreaberta.
Uma recente cicatriz
acaso.

[E outra vez aquela visão]

E outra vez aquela visão:
uma cauda de cometa descolorido, abandonado,
sujeito aos cabos da rua de sempre.
Ontem falei com tua mãe – te chamei por amor –
mas me dei no telefone com tua mãe.
Nunca senti tantíssimo ressentimento em uma só voz.
E então adverti que tudo voltaria a seu lugar.
Como o inverno em Lima,
como o verão em Providence.
Ser peruano em qualquer parte do mundo é impossível.
Ser peruano *huaco* e católico, *cachero* e *manatí*. Ser peruano bruxo.
Por que muito andaram a dissuasão e o poder, por um lado;
e muito andou a miséria e a pena, por outro.
Não temos visto e cheirado e apalpado
por gosto.
Um pedaço de noite cheira como a terra.
A realidade tem o contorno de uma cintura
e é muito doce a verdade.
Anoitece nesta parte do mundo.
Anoiteceu.

NOTAS AO INCA GARCILASO

Sou velhíssimo.
Realmente o sou.
Minha mãe falava em quéchua
com minha tia Raquel
na hora do lanche.
Encantava-me vê-las alegres
numa linguagem que não entendia,
que jamais entendi.
Com meu tio Epifânio minha mãe também falava em quéchua,
e ainda que andasse distante
– imerso na lida de sua prole numerosa –
Quando ela morreu, sussurrou:
“agora sim que nós ficamos realmente sós”.
O quéchua é um idioma que nunca entendi.
Mas que considerava meu por próprio direito,
falavam e cantavam com ele minha mãe e meu pai.
Cantaram alguma vez – já muito velhos –
um belo *yaraví* que quebrou de canto a canto
a pequena vasilha que era nossa casa.
Meu pai e minha mãe se amaram, pois, à sua maneira.
E compartiram ainda – depois daquele inesquecível *yaraví* –
como uns vinte anos mais conosco.
Resulta incrível estar escrevendo
sobre estas coisas. Nota-se que também
nós vamos morrer.
E nunca teremos aprendido o quéchua.
Ainda é a palavra íntima de nossa mãe,
e os olhos pequenos e desconcertados de nosso pai,
e o fole oculto do coração
de nossos queridíssimos irmãos.
O único que sabemos é que em quéchua
não se pode viver. Nesta ordem de coisas.
Comunicar-se nessa língua é literalmente um suicídio.
Te apertam fortíssimo a garganta
e o coração te sai de uma vez pelos olhos.

[Outra vez esta situação]

Outra vez esta situação
De estampido. De infarto.
Como desde quando era pequeno
e levava a mão ao meu sexo
para me acalmar. A manta ao sexo.
A parede.
Me dá a impressão de estar sempre no limbo,
Me confessou uma colega muito simpática,
de olhos e lábios muito serenos.
A mim me dá mais a impressão de fuga.
De refração de todas as coisas. De justaposição.
De desequilíbrio.
Só as caricaturas são certas nesta hora.
A medrosa estudante gringa, o chinês mimético,
o latino estúpido.
Faço uma pausa, me injeto
um pouco de boas lembranças.
As imagens do desamor me perseguem,
as de meu próprio desamor.
Uma fonte de água
luta em meu cérebro.
Uma fenda se calca
e vai partindo meu coração.
Outra amiga me diz, que veja
ao meu redor,
que o prazer está no meu entorno
e deixe a melancolia.
Ela é maior que eu, porém, tem
a alma de uma menina.
Eu sou do Peru,
de pais do interior
e com meus outros irmãos
somos os primeiros
a nascer em Lima.
Porém nada disso já importa.

Nenhum folclore me distancia,
antes, me aproxima.
Folha de papel que cai de um edifício muito,
muito alto.
As gretas cedem e se inunda tudo,
e se vai mesclando tudo em meio a um grande ruído.
A calma ainda não veio.

ALTURAS DE SAMAYPATA

I

Samaypata é uma Machu Picchu em miniatura,
nos dizem. E o vulgo acerta.
Hora e meio custa deixar atrás
o calor de Santa Cruz de la Sierra.
E se instalar. Passar
pelo olho d'agulha de suas ruas.
Sem tocar a pedra.
Sem colocar os narizes sobre a rocha fria.
Saber que Samaypata nos espera.
Para morrer. Para viver
talvez, ainda mais, desta maneira.
Com sua mansa arquitetura sob nossos pés,
isso nos diz.
Com sua insondável tela de ar,
aquilo nos ilustra.
Samaypata e a arte de morrer,
de ir morrendo enquanto caímos
em seu profundo poço.
Como em Macchu Picchu.
Ainda que Samaypata seja a morte pessoal,
não comunitária, nem sideral. Individual e não mais.
Um dia fomos ali
com nossa índia *camba*
de longos cabelos, fortes e escuros.
Um dia ali fomos, em Lima,
quando éramos meninos
e jogávamos ao redor
de uma de suas *huacas* empoeiradas.
O gol era a morte,
mas isso ainda não sabíamos.
E o alvoroço,
a mesma alegria de agora. Escura alegria.
Sem colocar as mãos sobre a rocha dura
nem os olhos fechados sobre a fria pedra.

II
Pertencemos a uma família tão antiga
quanto a dos primeiros homens da planície.
Ainda que nas montanhas também encontrem
nossas cinzas.
O fazer amor sobre minha *camba*
é como penetrar dentro de um muro.
Como fazer amor a uma rosa negra.
Samaypata é a fêmea
escondida entre a folhagem.
Pernas e cadeiras de mulher.
E tetinhas de cadela.
Assim era aquela obscura garota.
E o pau se transforma em couro.
Para continuar tombado sobre a pedra.
E os dentes te saem muito e os braços
para mordê-la e abraçá-la melhor.
E as panturrilhas se transformam em elástico
para te impulsionar
e ir conhecendo a arte de morrer em Samaypata.
Sem respirar a pedra nem lamber a rocha dura
nem jazer de bruços no fundo do abismo.

III
O regresso de Samaypata
me trouxe aqui.
Que não é Samaypata, isso está claro.
Que tampouco sou eu.
Que não é ninguém, talvez. Mas apenas
certo espelhismo de luzes e altos edifícios
sobre a paciente erva.

IV
Um manjar pode ser
qualquer bocado.
Por isso escreves, apesar
do teu sentimento impuro.
Não há um lugar nem um tempo
ideal. Por isso

aproximas tua cabeça
ao abismo do papel.
Samaypata deixou
uma grande esteira de estrelas.
De aglomeradas estrelas de morte.
Meia-hora menos dura
o caminho de regresso ao plano.
A investida do calor
de Santa Cruz de la Sierra.
Ao assalto do frio de Boston.
Ainda que agora vivas
dentro do avião de tuas lembranças.
E o próximo futuro feito
seja o de tua própria extinção.
Talvez em Samaypata.
Talvez tocando a mesma louça
daquelas esplêndidas estrelas.
Com nossa gota de sombra confusa
e feliz entre tantas outras sombras.
Porém isso ainda não o sabes. E por isso escreves
com tua solidão impura.
Meio sozinha. Acompanhada
pela metade
Não há um lugar nem um tempo
ideal.

CARAL

Em vez do crânio de uma caveira
acaricio uma pedra que trouxe a Lima
da cinco vezes milenária
cidade de Caral.
É um grande canto rodado,
perfeitamente plano em sua base,
que utilizo para ter em pé
alguns livros. Para me ter de pé.
Ápice de alguma língua.
A lua em quarto minguante,
à guisa de exemplo.
E junto com essa pedra
– de agigantadas papilas
e evidentes cicatrizes –
lhes escrevo.
Ela com cinco mil anos;
a minha de cinquenta.
Irregulares, estilhaçadas,
e gozosas línguas gustativas.
Não menos sexuais, por certo.
A libra de *toto* se mede pela vista
e se mede pela língua.
Como o sabem muito bem
meus discursivos colegas dominicanos.
A lua em quarto minguante,
à guisa de exemplo.

[Escrever logo depois de ejacular]

Escrever logo após ejacular
Já não há pretexto
Para imaginar que a poesia
Possa ser outra coisa
Melhor dito um além melhor
Mas se tudo se colapsara
E perdera a companheira a
Própria vida
E as lembranças
Estou certo de que ela
Me recolheria
Nos recolhe
Como os seres frágeis
E desorientados que somos
Um só som a alimenta
Um só olhar
É sua recompensa
E uma carícia
Nem se diga
Que não lhes disse
Que não lhes adverti
Um leve gesto lhe basta
E sai à pista
A dançar contigo
Até a morte

CAMINHO A PURUCHUCO

Duas tetas e um pau
ao largo de tudo
Uma luz.
Um cometa
na órbita precisa
de sua boceta.
Assim percebo estas ruínas.
Restos do caminho incaico
que ia de Pachacamac
à minh'alma. A Puruchuco.
Sem mais linguagem
que um improvisado
trava-línguas.
Sem mais trâmite
que o amor de sua mirada.
Meu irmão Germán.
Que não se banhava
ainda que o sol ardesse.
E não duvidava do amor
nem mesmo um só instante.
O eco de um grunhido
e uma bala pensativa
que se incrusta
como Alicia
através do ânus.
Lugar privado e fétido
mas de astros relampejantes
e de boca inquieta:
assim absorta e agradecida.
As palavras são pessoas concretas.
Jamais metonímias de um sistema
inferido. Nem um sisudo pensamento.
Diverso, fluente, encrespado,
fatigante, teimoso
chasqui de pés e braços
e rosto de bala.

Lívido.
Como meu coração palpitante
e a intempérie.

[Dessa parte em que não sou andino]

Dessa parte que não sou andino
mas do par de grampos entrecruzados
Sobre um ângulo alto de meu cavalete
Grande poema o mais distinguido
Com leve gosto de metal a lata
Corcundas e aveludados grampos
Com filhos sem filho como disse o bonete
Sem bonete sem índio e sem camisa
Porque faz muito calor

Desconectado de minha origem
Globo lâmina jornal solto no vento
Um último e derradeiro sinal sobre meu índice
Uma impensada e final comoção
Como encontrar um ratinho
Dentro do porta-moedas
Como encontrar a felicidade
Escapando-me a remo
E entre os *yuyos*

Mas a tenho visto e sentido
Mas me viu e escapou
Não sou índio não sou negro não sou branco
Sou mais um desbotado que não recebe o sol
Porque o abruma e o estressa
Provoca-lhe herpes dolorosos
O sol que me canta sobre as pálpebras
O sol que inflama minhas lágrimas
E guloso as bebe

Já irei morrer... eu, qualquer um?
Já vamos... nós, vocês?
Morramos de uma boa vez de ser felizes.

prosa

(n.t.) | Patagônia

Eu te escrevo de um país distante

Henri Michaux

O texto: "Je vous écris d'un pays lointain" integra a coletânea *Lontain intérieur*. Michaux escreveu-o entre os anos 1938-1939. O texto em prosa é composto de 12 cartas enviadas por uma personagem feminina, habitante de país qualquer, a um destinatário que será, para o leitor, um desconhecido. O poema exprime, assim como boa parte das obras do autor, o homem a partir da ausência dele mesmo, imerso em um mundo onde não mais ele se reconhece, como se fosse um estrangeiro.
Texto traduzido: Michaux, Henri. *Oeuvres Complètes*. Bibliotheque de la Plêiade. Gallimard, 1988.

O autor: Henri Michaux (1899-1984), escritor, poeta e pintor belga de expressão francesa, obteve a nacionalidade francesa em 1955. Foi editor da revista *Hérmes*. Em 1937 montou sua primeira exposição de pintura, sendo reconhecido, como escritor, na década seguinte. Além de poesia, também compôs cadernos de viagens reais ou imaginárias. Escreveu *Um Bárbaro na Ásia* (1933), *Passagens* (1950), *Milagres Miseráveis* (1956), além de outras obras.

O tradutor: Jardel Dias Cavalcanti é graduado em História pela UFOP, mestre e doutor em História da Arte pela UNICAMP, com pós-doutorado em Histórica da Cultura pela UFRJ. É professor de História da Arte e Crítica de Arte na Universidade Estadual de Londrina.

Je vous écris d'un pays lointain

"Je vous écris du bout du monde.
Il faut que vous le sachiez."

HENRI MICHAUX

1

Nous n'avons ici, dit-elle, qu'un soleil par mois, e pour peu temps. On se frotte les yeux des jours à l'avance. Mais en vain. Temps inexorable. Soleil n'arrive qu'à son heure.

Ensuite on a un monde de choses à faire, tant qu'il y a de la clarté, si bien qu'on a à peine le temps de se regarder un peu.

La contrariété pour nous dans la nuit, c'est quand il faut travailler, et il le faut: il naît des nains continuellement.

2

Quand on marche dans la campagne, lui confie-t-elle encore, il arrive que l'on rencontre sur son chemin des masses considérables. Ce sont des montagnes et il faut tôt ou tard se mettre à plier les genoux. Rien ne sert de résister, on ne pourrait plus avancer, même en se faisant du mal.

Ce n'est pas pour blesser que je le dis. Je pourrais dire d'autres choses, si je voulais vraiment blesser.

3

L’aurore est grise ici, dit-elle encore. Il n’en fut pas toujours ainsi. Nous ne savons qui accuser.

Dans la nuit le bétail pousse de grands mugissements, longs et flûtés pour finir. On a de la compassion, mais que faire?

L’odeur des eucalyptus nous entoure: bienfait, sérénité, mais elle ne peut préserver de tout, ou bien pensez-vous qu’elle puisse réellement préserver de tout?

4

Je vous ajoute encore un mot, une question plutôt.

Est-ce que l’eau coule aussi dans votre pays? (je ne me souviens pas si vous me l’avez dit) et elle donne aussi des frisson, si c’est bien elle.

Est-ce que je l’aime? Je ne sais. On se sent si seule dedans quand elle est froide. C’est tout autre chose quand elle est chaude. Alors? Comment juger? Comment jugez-vous vous autres, dites-moi, quand vous parlez d’elle sans déguisement, à cœur ouvert?

5

Je vous écris du bout du monde. Il faut que vous le sachiez. Souvent les arbres tremblent. On recueille les feuilles. Elles ont un nombre fou de nervures. Mais à quoi bon? Plus rien entre elles et l’arbre, et nous nous dispersons gênées.

Est-ce que la vie sur terre ne pourrait pas se poursuivre sans vent? Ou faut-il que tout tremble, toujours, toujours?

Il y a aussi des remuements souterrains, et dans la maison comme des colères qui viendraient au-devant de vous, comme des êtres sévères qui voudraient arracher des confessions.

On ne voit rien, que ce qu’il import si peu de voir. Rien, et cependant on tremble. Pourquoi?

6

Nous vivons toute ici la gorge serrée. Savez vous que, quoique très jeune, autrefois j'étais plus jeune encore, et mes compagnes pareillement. Qu'est-ce que cela signifie? Il y a là sûrement quelque chose d'affreux.

Et autrefois quand, comme je vous l'ai déjà dit, nous étions encore plus jeunes, nous avions peur. On eût profité de notre confusion. On nous eût dit: "Voilà, on vous enterre. Le moment est arrivé". Nous pensions, c'est vrai, nous pourrions aussi bien être enterrées ce soir, s'il est avéré que c'est le moment.

Et nous n'osions pas trop courir: essoufflées, au bout d'une course, arriver devant une fosse toute prête, et pas les temps de dire mot, pas le soufflé.

Dites-moi, quel est donc le secret à ce propos?

7

Il y a constamment, lui dit-elle encore, des lions dans le village, qui se promènent sans gêne aucune. Moyennant qu'on ne fera pas attention à eux, ils ne font pas attention à nous.

Mais s'ils voient courir devant eux une jeune fille, ils ne veulent pas excuser son émoi. Non! Aussitôt ils la dévorent.

C'est pourquoi ils se promènent constamment dans le village où ils n'ont rien à faire, car ils bâilleraient aussi bien ailleurs, n'est-ce pas évident?

8

Depuis longtemps, longtemps, lui confie-t-elle, nous sommes en débat avec la mer.

De très rares fois, bleue, douce, on la croirait content. Mais cela ne saurait durer. Son odeur du reste le dit, une odeur de pourri (si ce n'était son amertume).

Ici je devrais expliquer l'affaire des vagues. C'est follement compliqué, et la mer... Je vous prie, ayez confiance en moi. Est-ce que je voudrais vous tromper? Elle n'est pas qu'un mot. Elle n'est pas qu'une peur. Elle existe, je vous le jure; on la voit constamment.

Qui? Mais nous, nous la voyons. Elle vient de très loin pour nous chicaner et nous effrayer.

Quand vous viendrez, vous la verrez vous-même, vous serez tout étonné. "Tiens!" direz-vous, car elle stupéfie.

Nous la regarderons ensemble. Je suis sûre que je n'aurai plus peur. Dites-moi, cela n'arrivera-t-il jamais?

9

Je ne peux pas vous laisser sur un doute, continue-t-elle, sur un manque de confiance. Je voudrais vous reparler de la mer. Mais il reste l'embarras. Les ruisseaux avancent; mais elle, non. Ecoutez, ne vous fâchez pas, je vous le jure, je ne songe pas à vous le jure, je ne songe pas à vous tromper. Elle est comme ça. Pour fort qu'elle s'agite, elle s'arrête devant un peu de sable. C'est une grande embarrassée. Elle voudrait sûrement avancer, mais le fait est là.

Plus tard peut-être, un jour elle avancera.

10

"Nous sommes plus que jamais entourées de fourmis", dit sa lettre. Inquiètes, ventre à terre elles poussent des poussières. Elles ne s'intéressent pas à nous.

Pas une ne lève la tête.

C'est la société la plus fermée qui soit, quoiqu'elles se répandent constamment au dehors. N'importe, leurs projets à réaliser, leurs préoccupations... elles sont entre elles... partout.

Et jusqu'à présent pas une n'a levé la tête sur nous. Elle se ferait plutôt écraser.

11

Elle lui écrit encore:

"Vous n'imaginez pas tout ce qu'il y a dans le ciel, il faut l'avoir vu pour le croire. Ainsi, tenez, les... mais je ne vais pas vous dire leur nom tout de suite."

Malgré des airs de peser très lourd et d'occuper presque tout le ciel, ils ne pèsent pas, tout grandes qu'ils sont, autant qu'un enfant nouveau-né.

Nous les appelons des nuages.

Il est vrai qu'il en sort de l'eau, mais pas en les comprimant, ni en les triturant. Ce serait inutile, tant ils en ont peu.

Mais, à condition d'occuper des longueurs et des longueurs, des largeurs e des largeurs, des profondeurs aussi et des profondeurs et de faire les enflés, ils arrivent à la longue à laisser tomber quelques gouttelettes d'eau, oui, d'eau. Et on est bel et bien mouillé. On s'enfuit, furieuses d'avoir été attrapées; car personne ne sait le moment où ils vont lâcher leur gouttes; parfois ils restent des jours sans le lâcher. Et on resterait en vain chez soi à attendre.

12

L'éducation des frissons n'est pas bien faite dans ce pays. Nous ignorons les varies règles et quand l'événement apparait, nous sommes prises au dépourvu.

C'est le Temps, bien sûr. (Est-il pareil chez vous?) Il faudrait arriver plus tôt que lui; vous voyez, ce que je veux dire, rien qu'un tout petit peu avant. Vous connaissez l'histoire de la puce dans le tiroir? Oui, bien sûr. Et comme c'est vrai, n'est-ce pas! Je ne sais plus que dire. Quand allons-nous nous voir enfin?

EU TE ESCREVO DE UM PAÍS DISTANTE

"Escrevo-lhe do fim do mundo.
É preciso que você saiba."

HENRI MICHAUX

1

Só temos aqui, diz ela, nada mais que um sol por mês, e por pouco tempo. De antemão já se esfregam os olhos. Mas em vão. Tempo inexorável. O sol aparece só quando quer.

Depois há um mundo de coisas a fazer, enquanto há claridade, e de tal forma que sobra pouco tempo para que reparemos.

O que nos incomoda é ter de trabalhar à noite, e trabalhamos: há sempre os pequenos a nascer.

2

Quando andamos pelo campo, ela ainda lhe confia, é possível encontrar pelo caminho massas consideráveis. São montanhas, e cedo ou tarde faz-se necessário ficar de joelhos. Não adianta resistir, não se poderia avançar mais, mesmo nos fazendo mal.

Não é para machucar que o digo. Eu poderia falar de outras coisas, se eu quisesse ferir de verdade.

3

A aurora aqui é cinza, ela ainda lhe diz. Mas nem sempre foi assim. Não sabemos a quem culpar.

De noite o gado emite fortes mugidos, que terminam como um som de flauta. Sentimos compaixão, mas fazer o quê?

O cheiro do eucalipto nos envolve: bondade, serenidade, mas não se pode preservar tudo, ou você acha que ela realmente pode se preservar de tudo?

4

Ainda acrescento uma palavra para você, ou melhor, uma questão.

A água também escoa no seu país? (Não me lembro se você me disse alguma vez) e me causa arrepio, se for mesmo água.

E eu a amo? Eu não sei. Sentimo-nos tão sós quando ela está fria. Mas quando está quente é outra coisa. E então? Como julgar? Como vocês a julgam, quando falam dela sem artifícios, de coração aberto?

5

Escrevo-lhe do fim do mundo. É preciso que você saiba. Algumas vezes as árvores estão balançando. Recolhem-se as folhas. É uma loucura o tanto de nervuras que elas têm. Mas qual o sentido? Não tendo mais nenhuma relação com a árvore, as dispensamos envergonhados.

A vida na terra não poderia prosseguir sem vento? Ou tudo tem, sempre, que tremer, tremer?

Não vemos nada, do que importa tão pouco para se ver. Nada e, no entanto, trememos. Por quê?

6

Vivemos aqui todos com um nó na garganta. Você sabe que, apesar de muito jovem, em outros tempos, fui mais jovem ainda, o mesmo digo de minhas companheiras. O que significa isso? Há certamente qualquer coisa de horrível.

E outrora, como eu lhe disse, quando ainda éramos mais jovens, sentíamos medo. Houve quem se aproveitasse de nossa confusão. E nos dissesse: “Pronto, vamos enterrá-los. Chegou a hora”. Nós pensamos, é verdade, podemos ser enterrados nessa noite, se for certo que chegou o momento.

E não ousávamos correr muito: sôfregos, no fim de uma corrida, chegamos ao pé da cova pronta, e nem tínhamos tempo para uma palavra, sem fôlego.

Me diga: qual é, então, o segredo a esse respeito?

7

Há constantemente, ela ainda lhe diz, leões na aldeia, que passeiam por aí sem incomodar. Não há quem repare neles, e eles também não reparam em nós.

Mas é só ver uma menina correndo na frente deles, e nada lhes desculpa a emoção que sentem. Não! Logo eles a devoram.

Por isso, passeiam sem parar pela aldeia, onde não têm nada para fazer; porque bocejar, poderiam bocejar em qualquer lugar, não é mesmo?

8

Há muito, muito tempo, ela diz para ele, nós estamos em discussão com o mar.

Raramente, azul, doce, ele nos parece contente. Mas isso não é algo que poderia durar.

Seu odor, de resto, lhe diz, um odor de apodrecido (sem falar de sua amargura).

Agora eu devia explicar o caso das ondas. É incrivelmente complicado, e o mar...

Eu lhe peço, tenha confiança em mim. Alguma vez eu desejei lhe enganar? O mar não passa de uma palavra. Ele não é mais que um medo. Ele existe, eu lhe juro; constantemente o vemos.

Quem? Nós, evidentemente, o vemos. Vem de muito longe para nos incomodar e nos assustar.

Quando você vier, verá também, e ficará espantado. “Olhe!”, você dirá, pois ele assombra.

Nós o veremos juntos. Tenho certeza que não terei mais medo. Ou queres dizer que isso jamais acontecerá?

9

Eu não posso deixá-lo com dúvidas, ela continua, com falta de confiança. Gostaria de lhe falar novamente sobre o mar. Mas o embaraço continua. Os ribeiros avançam; mas ele, não. Ouça, não fique bravo, eu lhe juro, não tenho em mente deixá-lo iludido. É assim, o mar. Por mais agitado que esteja, acaba parando diante de um pouco de areia. É um grande indeciso. Ele gostaria de avançar, mas é o que não faz.

Mais tarde até pode ser, um dia ele avançará.

10

“Nós estamos mais do que nunca cercados de formigas”, diz sua carta. Inquietas, de ventre no chão, arrastam poeiras. Elas não se interessam por nós.

Nenhuma levanta a cabeça.

É a sociedade mais fechada que existe, ainda que se alastrem constantemente lá fora. Pouco importam seus projetos a realizar, suas preocupações... estão entre elas... em qualquer lugar.

E até o momento nenhuma olhou para nós. Ela correria o risco de ser esmagada.

11

Ela ainda lhe escreve:

“Você nem imagina tudo o que há no céu, que só vendo se acredita. Veja, por exemplo, os... mas não vou lhe falar o nome agora.”

Embora pareçam pesadas e ocupem todo o céu, elas não pesam, apesar de tão grandes, tanto quanto um recém-nascido.

Nós as chamamos de nuvens.

É verdade que jorram água, mas se não as apertarmos ou triturarmos. Seria inútil, tão pouca têm.

Mas, à condição de ocupar lonjuras e mais lonjuras, larguras e mais larguras, funduras e mais funduras, e de se incharem, elas chegam, com o tempo, a deixar cair algumas gotículas d'água, sim, d'água. E ficamos bem molhadas. E fugimos, furiosas por terem nos alcançado; pois ninguém sabe onde deixarão cair suas gotas; às vezes são dias sem cair. E seria em vão esperarmos em casa.

12

A educação dos arrepios não é bem trabalhada nesse país. Ignoramos as verdadeiras regras, e quando algo acontece, somos pegos de surpresa.

É o Tempo, seja dito. (É como acontece com vocês?) É necessário chegar antes dele; você entende o que quero dizer, só um pouquinho antes. Você conhece a história da pulga dentro da gaveta? Sim, deve conhecer. E como é verdadeira, não é? Não sei mais o que dizer. Quando vamos, finalmente, nos encontrar?

TERRA DOS SONHOS - UM EPISÓDIO
GEORG TRAKL

O TEXTO: *Traumland* marca em 1906 a primeira publicação de um texto em prosa de Trakl e uma de suas primeiras publicações, em geral. Com acento marcadamente romântico, este breve escrito antecipa uma série de motivos que o autor desenvolverá em sua obra lírica posterior: a noite e o sonho, a solidão e a melancolia; mas, sobretudo, a sensibilidade para o sofrimento humano, que aqui se concentra na paixão/compaixão pela menina doente, Maria. Escrito sob a forma de uma reminiscência do narrador, este texto revela a experiência de uma iniciação ou perda da inocência, que persistirá em toda a sua obra.
Texto traduzido: Trakl, Georg. *Traumland. Eine Episode*. In. *Georg Trakl – Das Dichterische Werk auf Grund der historisch-kritischen Ausgabe von Walther Killy und Hans Szklenar*. München: Deutscher Taschenbuch, 1987.

O AUTOR: Nascido em Salzburgo, Áustria, em 1887, Georg Trakl é considerado um dos maiores poetas líricos de língua alemã do século XX. Foi militar e farmacêutico, o que favoreceu seu vício em drogas alucinógenas, cujos efeitos se refletiram em sua lírica. Expressionista de sensibilidade romântica, Trakl deu voz a um profundo desencanto com o mundo moderno, uma religiosidade desesperançada e uma aguda percepção do sofrimento humano. Durante serviço ativo na primeira Guerra, morreu vitimado por overdose de cocaína em um provável suicídio, após ter – desassistido e com poucos suprimentos – sido responsável por dar cuidados, por dois dias e noites, a cerca de noventa soldados feridos na batalha de Grodeck, em 1914.

A TRADUTORA: Laura de Borba Moosburger é bacharel e mestre em Filosofia pela UFPR. A dissertação de mestrado “A origem da obra de arte de Martin Heidegger: tradução, comentário e notas” foi seu primeiro trabalho em tradução. Atualmente realiza doutorado pela USP, dedicando-se ao estudo da poesia de Trakl e Rilke, incluindo a tradução de seus poemas.

TRAUMLAND – EINE EPISODE

"Hier empfing meine Knabenseele zum erstenmale den Eindruck eines großen Erlebens."

GEORG TRAKL

Manchmal muß ich wieder jener stillen Tage gedenken, die mir sind wie ein wundersames, glücklich verbrachtes Leben, das ich fraglos genießen konnte, gleich einem Geschenk aus gütigen, unbekannten Händen. Und jene kleine Stadt im Talesgrund ersteht da wieder in meiner Erinnerung mit ihrer breiten Hauptstraße, durch die sich eine lange Allee prachtvoller Lindenbäume hinzieht, mit ihren winkeligen Seitengassen, die erfüllt sind von heimlich schaffendem Leben kleiner Kaufleute und Handwerker – und mit dem alten Stadtbrunnen mitten auf dem Platze, der im Sonnenschein so verträumt plätschert, und wo am Abend zum Rauschen des Wassers Liebesgeflüster klingt. Die Stadt aber scheint von vergangenem Leben zu träumen.

Und sanft geschwungene Hügel, über die sich feierliche, schweigsame Tannenwälder ausdehnen, schließen das Tal von der Außenwelt ab. Die Kuppen schmiegen sich weich an den fernen, lichten Himmel, und in dieser Berührung von Himmel und Erde scheint einem der Weltraum ein Teil der Heimat zu sein. Menschengestalten kommen mir auf einmal in den Sinn, und vor mir lebt wieder das Leben ihrer Vergangenheit auf, mit all' seinen kleinen Leiden und Freuden, die diese Menschen ohne Scheu einander anvertrauen durften.

Acht Wochen habe ich in dieser Entlegenheit verlebt; diese acht Wochen sind mir wie ein losgelöster, eigener Teil meines Lebens – ein Leben für sich – voll eines unsäglichen, jungen Glückes, voll einer starken Sehnsucht nach

fernen, schönen Dingen. Hier empfing meine Knabenseele zum erstenmale den Eindruck eines großen Erlebens.

Ich sehe mich wieder als Schulbube in dem kleinen Haus mit einem kleinen Garten davor, das, etwas abgelegen von der Stadt, von Bäumen und Gesträuch beinahe ganz versteckt liegt. Dort bewohnte ich eine kleine Dachstube, die mit wunderlichen alten, verblaßten Bildern ausgeschmückt war, und manchen Abend habe ich hier verträumt in der Stille, und die Stille hat meine himmelhohen, närrisch-glücklichen Knabenträume liebevoll in sich aufgenommen und bewahrt und hat sie mir später noch oft genug wiedergebracht – in einsamen Dämmerstunden. Oft auch ging ich am Abend zu meinem alten Onkel hinunter, der beinahe den ganzen Tag bei seiner kranken Tochter Maria verbrachte. Dann saßen wir drei stundenlang schweigend beisammen. Der laue Abendwind wehte zum Fenster herein und trug allerlei verworrenes Geräusch an unser Ohr, das einem unbestimmte Traumbilder vorgaukelte. Und die Luft war voll von dem starken, berauschenden Duft der Rosen, die am Gartenzaune blühten. Langsam schlich die Nacht ins Zimmer und dann stand ich auf, sagte »Gute Nacht« und begab mich in meine Stube hinauf, um dort noch eine Stunde am Fenster in die Nacht hinaus zu träumen.

Anfangs fühlte ich in der Nähe der kleinen Kranken etwas wie eine angstvolle Beklemmung, die sich später in eine heilige, ehrfurchtsvolle Scheu vor diesem stummen, seltsam ergreifenden Leiden wandelte. Wenn ich sie sah, stieg in mir ein dunkles Gefühl auf, daß sie sterben werde müssen. Und dann fürchtete ich sie anzusehen.

Wenn ich tagsüber in den Wäldern herumstreifte, mich in der Einsamkeit und Stille so froh fühlte, wenn ich mich müde dann ins Moos streckte, und stundenlang in den lichten, flimmernden Himmel blickte, in den man so weit hineinsehen konnte, wenn ein seltsam tiefes Glücksgefühl mich dann berauschte, da kam mir plötzlich der Gedanke an die kranke Maria – und ich stand auf und irrte, von unerklärlichen Gedanken überwältigt, ziellos umher und fühlte in Kopf und Herz einen dumpfen Druck, daß ich weinen hätte mögen.

Und wenn ich am Abend manchmal durch die staubige Hauptstraße ging, die erfüllt war vom Dufte der blühenden Linden, und im Schatten der Bäume flüsternde Paare stehen sah; wenn ich sah, wie beim leise plätschernden Brunnen im Mondenschein zwei Menschen enge aneinander geschmiegt langsam dahinwandelten, als wären sie ein Wesen, und mich da ein ahnungsvoller heißer Schauer überlief, da kam die kranke Maria mir in den

Sinn; dann überfiel mich eine leise Sehnsucht nach irgend etwas Unerklärlichem, und plötzlich sah ich mich mit ihr Arm in Arm die Straße hinab im Schatten der duftenden Linden lustwandeln. Und in Marias großen, dunklen Augen leuchtete ein seltsamer Schimmer, und der Mond ließ ihr schmales Gesichtchen noch blasser und durchsichtiger erscheinen. Dann flüchtete ich mich in meine Dachstube hinauf, lehnte mich ans Fenster, sah in den tiefdunklen Himmel hinauf, in dem die Sterne zu erlöschen schienen und hing stundenlang wirren, sinnverwirrenden Träumen nach, bis der Schlaf mich übermannte.

Und doch – und doch habe ich mit der kranken Maria keine zehn Worte gewechselt. Sie sprach nie. Nur stundenlang an ihrer Seite bin ich gesessen und habe in ihr krankes, leidendes Gesicht geblickt und immer wieder gefühlt, daß sie sterben müsse.

Im Garten habe ich im Gras gelegen und habe den Duft von tausend Blumen eingeatmet; mein Auge berauschte sich an den leuchtenden Farben der Blüten, über die das Sonnenlicht hinflutete, und auf die Stille in den Lüften habe ich gehorcht, die nur bisweilen unterbrochen wurde durch den Lockruf eines Vogels. Ich vernahm das Gären der fruchtbaren, schwülen Erde, dieses geheimnisvolle Geräusch des ewig schaffenden Lebens. Damals fühlte ich dunkel die Größe und Schönheit des Lebens. Damals auch war mir, als gehörte das Leben mir. Da aber fiel mein Blick auf das Erkerfenster des Hauses. Dort sah ich die kranke Maria sitzen – still und unbeweglich, mit geschlossenen Augen. Und all' mein Sinnen wurde wieder angezogen von dem Leiden dieses einen Wesens, verblieb dort – ward zu einer schmerzlichen, nur scheu eingestandenen Sehnsucht, die mich rätselhaft und verwirrend dünkte. Und scheu, still verließ ich den Garten, als hätte ich kein Recht, in diesem Tempel zu verweilen.

Sooft ich da am Zaun vorüberkam, brach ich wie in Gedanken eine von den großen, leuchtendroten, duftschweren Rosen. Leise wollte ich dann am Fenster vorüberhuschen, als ich den zitternden, zarten Schatten von Marias Gestalt sich vom Kiesweg abheben sah. Und mein Schatten berührte den ihrigen wie in einer Umarmung. Da nun trat ich, wie von einem flüchtigen Gedanken erfaßt, zum Fenster und legte die Rose, die ich eben erst gebrochen, in Marias Schoß. Dann schlich ich lautlos davon, als fürchtete ich, ertappt zu werden.

Wie oft hat dieser kleine, mich so bedeutsam dünkende Vorgang sich wiederholt! Ich weiß es nicht. Mir ist es, als hätte ich der kranken Maria tausend Rosen in den Schoß gelegt, als hätten unsere Schatten sich unzählige

Male umarmt. Nie hat Maria dieser Episode Erwähnung getan; aber gefühlt habe ich aus dem Schimmer ihrer großen leuchtenden Augen, daß sie darüber glücklich war.

Vielleicht waren diese Stunden, da wir zwei beisammen saßen und schweigend ein großes, ruhiges, tiefes Glück genossen, so schön, daß ich mir keine schöneren zu wünschen brauchte. Mein alter Onkel ließ uns still gewähren. Eines Tages aber, da ich mit ihm im Garten saß, inmitten all' der leuchtenden Blumen, über die verträumt große gelbe Schmetterlinge schwebten, sagte er zu mir mit einer leisen, gedankenvollen Stimme: »Deine Seele geht nach dem Leiden, mein Junge.« Und dabei legte er seine Hand auf mein Haupt und schien noch etwas sagen zu wollen. Aber er schwieg. Vielleicht wußte er auch nicht, was er dadurch in mir geweckt hatte und was seither mächtig in mir auflebte.

Eines Tages, da ich wiederum zum Fenster trat, an dem Maria wie gewöhnlich saß, sah ich, daß ihr Gesicht im Tode erbleicht und erstarrt war. Sonnenstrahlen huschten über ihre lichte, zarte Gestalt hin; ihr gelöstes Goldhaar flatterte im Wind, mir war, als hätte sie keine Krankheit dahingerafft, als wäre sie gestorben ohne sichtbare Ursache – ein Rätsel. Die letzte Rose habe ich ihr in die Hand gelegt, sie hat sie ins Grab genommen.

Bald nach dem Tode Marias reiste ich ab in die Großstadt. Aber die Erinnerung an jene stillen Tage voll Sonnenschein sind in mir lebendig geblieben, lebendiger vielleicht als die geräuschvolle Gegenwart. Die kleine Stadt im Talesgrund werde ich nie mehr wiedersehen – ja, ich trage Scheu, sie wieder aufzusuchen. Ich glaube, ich könnte es nicht, wenn mich auch manchmal eine starke Sehnsucht nach jenen ewig jungen Dingen der Vergangenheit überfällt. Denn ich weiß, ich würde nur vergeblich nach dem suchen, was spurlos dahingegangen ist; ich würde dort das nicht mehr finden, was nur in meiner Erinnernug noch lebendig ist – wie das Heute – und das wäre mir wohl nur eine unnütze Qual.

TERRA DOS SONHOS – UM EPISÓDIO

"Aqui a minha alma de menino recebeu pela primeira vez as impressões de uma grande experiência."

GEORG TRAKL

Às vezes me vejo pensando novamente naqueles dias silenciosos, que são para mim como uma vida fantástica e maravilhosamente vivida, que eu podia desfrutar sem hesitação como um presente recebido de mãos benevolentes e desconhecidas. E aquela pequena cidade ao fundo do vale surge novamente em minha memória com sua larga rua principal, por onde se estende uma longa alameda de esplêndidas tílias; com suas ruelas angulosas, plenas de uma vida secretamente laboriosa de pequenos comerciantes e artesãos – e com a antiga fonte da cidade no meio da praça, respingando ao sol como em um sonho, e onde à noitinha sussurros de amor se misturam ao murmúrio da água. Mas a cidade parece sonhar com uma vida passada.

E colinas levemente curvadas, cobertas por solenes e taciturnas florestas de abetos, isolam o vale do mundo exterior. Os cimos repousam suavemente contra o céu distante e luminoso, e nesse contato de céu e terra o torrão natal parece abrigar todo o universo. De um só golpe figuras humanas me vêm à memória, e diante de mim vive novamente a vida de seu passado, com todos os seus pequenos sofrimentos e alegrias, que essas pessoas podiam confiar sem medo umas às outras.

Oito semanas vivi nesse afastamento, e essas oito semanas são para mim como uma parte separada e autônoma da minha vida – uma vida por si – cheia de uma felicidade indescritível, juvenil, cheia de um intenso desejo por coisas belas e distantes. Aqui a minha alma de menino recebeu pela primeira vez as impressões de uma grande experiência.

Vejo-me novamente como um jovem estudante na pequena casa com seu pequeno jardim à frente, que, um tanto afastada da cidade, ficava quase completamente encoberta por árvores e arbustos. Lá eu habitava um pequeno sótão, decorado com maravilhosas pinturas antigas e desbotadas, onde tantas tardes passei sonhando no silêncio meus devaneios aéreos, tolamente felizes de menino, devaneios que o silêncio amorosamente acolhia e resguardava em si, para por vezes trazê-los de volta a mim mais tarde – nas horas solitárias do crepúsculo. Frequentemente eu também descia à tardinha para ver meu velho tio, que passava o dia quase todo com sua filha doente, Maria. Então sentávamos juntos os três calados por horas. O vento morno do anoitecer soprava pela janela trazendo toda sorte de barulhos confusos aos nossos ouvidos, simulando uma vaga imagem de sonho. E o vento era pleno do aroma forte e inebriante das rosas que floresciam junto à cerca do jardim. Lentamente a noite penetrava o cômodo, e então eu levantava, dizia "boa noite" e subia novamente para o meu quarto no sótão, para sonhar à janela por mais uma hora noite adentro.

No começo eu sentia uma espécie de angústia opressa em presença da pequena doente, que posteriormente se transformou em uma timidez sagrada e respeitosa diante desse sofrimento mudo, estranhamente comovente. Ao vê-la, invadia-me o sentimento obscuro de que logo ela teria de morrer. E então eu temia olhar para ela.

Quando eu vagava pelas florestas durante o dia, sentindo-me tão alegre na solidão e quietude, quando cansado me esticava sobre o musgo e por horas mirava o céu claro e cintilante, em cujas distâncias se podia olhar tão profundamente, e quando então um sentimento estranho e profundo de bem-aventurança me arrebatava, nesse instante subitamente me assaltava o pensamento de Maria doente – então eu me levantava e, tomado por pensamentos inexplicáveis, vagava sem rumo, sentindo na cabeça e coração um peso aterrador que me fazia querer chorar.

E quando às vezes ao entardecer eu ia andar pela poeirenta rua principal, que emanava o perfume das tílias em flor, e via casais sussurrando à sombra das árvores; quando via duas pessoas estreitamente aconchegadas uma à outra e embaladas pelo suave rumorejo da fonte lentamente fundirem-se ao luar como se fossem um só ser, e então um caloroso arrepio cheio de pressentimentos me perpassava, nesse momento me vinha à consciência Maria doente. Uma saudade silenciosa de algo indefinido se abatia sobre mim, e de repente eu me via de braços dados com ela, descendo a rua prazerosamente à sombra das tílias perfumadas. E nos grandes olhos escuros de Maria despertava um brilho estranho, e a lua fazia seu rostinho fino parecer ainda mais

pálido e translúcido. Então eu voltava a refugiar-me em meu sótão, reclinava-me à janela, contemplava o profundo céu escuro, no qual as estrelas pareciam se extinguir, e por horas me entregava a turvos sonhos entorpecentes até que o sono me dominasse.

E no entanto – no entanto não cheguei a trocar dez palavras com a doente Maria. Ela não falava nunca. Apenas sentei-me ao seu lado por horas, e olhei em seu rosto doente, sofredor, sentindo toda vez que ela tinha de morrer.

No jardim, eu me deitava na grama e aspirava o perfume de mil flores; meus olhos se embriagavam com as cores vibrantes das inflorescências inundadas pela luz do sol, e eu ouvia a quietude do ar, só ocasionalmente interrompida pelo chamado de um pássaro. Sentia o fermentar da terra úmida e fecunda, esse som misterioso da vida eternamente criadora. Nesses momentos eu percebia a obscura grandeza e beleza da vida. Nesses momentos eu também sentia como se a vida me pertencesse. Mas então meu olhar pousava sobre a janela da sacada. E lá eu via a doente Maria sentada, quieta e imóvel, de olhos fechados. E toda a minha consciência era novamente absorvida pelo sofrimento desse único ser, e lá permanecia, tornando-se uma nostalgia dolorosa, apenas timidamente admitida, que se me afigurava incompreensível e desconcertante. Quieto e envergonhado, eu deixava o jardim, como se não tivesse nenhum direito de permanecer nesse santuário.

Sempre que eu passava ali pela cerca, perdido em pensamentos colhia uma daquelas grandes rosas de um vermelho luminoso, pejadas de perfume. E quando estava para passar silenciosamente pela janela, eu via a sombra suave e oscilante da figura de Maria no caminho de cascalho. E minha sombra tocava a sua como em um abraço. Naquele instante, como que tomado por um pensamento impetuoso, eu entrava pela janela e depositava sobre o colo de Maria a rosa que acabara de colher. E então me esgueirava silenciosamente para fora, com medo de ser surpreendido.

Quantas vezes esse pequeno acontecimento que me parecia tão significativo não se repetiu! Não sei. Para mim, é como se eu tivesse depositado mil rosas sobre o colo da doente Maria, como se nossas sombras tivessem se abraçado incontáveis vezes. Maria nunca fez menção a esse episódio; mas eu sentia, pelo brilho de seus grandes olhos iluminados, que ela se alegrava com isso.

Talvez essas horas em que nós dois sentávamos juntos e fruíamos calados uma grande, quieta e profunda felicidade fossem tão bonitas, que eu não precisava desejar nada mais belo. Meu velho tio consentia com esse nosso silêncio. Mas certa vez, quando me sentava com ele no jardim, em meio a todas

aquelas flores luminosas sobre as quais grandes borboletas amarelas pairavam oniricamente, ele me disse com uma voz branda e pensativa: “Sua alma vai atrás do sofrimento, meu jovem”. E ao dizê-lo pôs sua mão em minha cabeça e parecia querer dizer mais alguma coisa. Mas se calou. Talvez ele também não soubesse o que havia despertado em mim e com que poder isso viria a me habitar desde então.

Um dia, quando novamente fui à janela à qual Maria estava sentada como de costume, vi que seu rosto estava pálido e petrificado na morte. Raios de sol deslizavam por sua figura brilhante e delicada; seus cabelos dourados esvoaçando soltos ao vento, para mim era como se nenhuma doença a tivesse levado, como se tivesse morrido sem causa visível – um enigma. A última rosa, depositei em sua mão, e ela a levou para o túmulo.

Logo após a morte de Maria eu parti para a cidade grande. Mas a lembrança daqueles dias quietos cheios de luz solar permaneceu viva em mim, talvez mais viva do que o tumultuoso presente. Nunca mais verei a pequena cidade ao fundo do vale – sim, tenho medo de voltar a procurá-la. Creio que não poderia fazê-lo, ainda que tantas vezes me sobrevenha uma forte saudade daquelas coisas eternamente jovens do passado. Pois sei que procuraria apenas em vão por aquilo que se foi sem deixar rastros; não encontraria mais lá o que só ainda em minha memória vive – como o presente – e isso provavelmente me seria apenas uma tortura inútil.

sátira

(n.t.) | Patagônia

Diálogo

Dionýsios Solomós

O texto: Composto em ca. 1824, o *Diálogo* sobre a língua de Solomós, baseado nos argumentos do iluminismo, configura-se como uma apaixonada defesa da língua demótica, e rechaço da *katharevoussa* como artificial e desnecessária, tanto ao povo quanto à literatura, posição herética para a época. A questão linguística grega, longe ainda de ser resolvida, renderia mais tarde batalhas campais com mortos e feridos nas ruas de Atenas.

Texto traduzido: Σολωμοσ, Δ. *Άπαντα, τόμος β': Πεζά και Ιταλικά*. Επιμέλια: Λίνος Πολίτης. Αθήνα: Ίκαρος, 1955.

O autor: Sem publicar quase nada em vida, e com a maior parte de sua obra inacabada e fragmentada, Dionýsios Solomós (1798-1857) é considerado o poeta nacional da Grécia, tendo sido um dos primeiros a trabalhar sistematicamente com a língua popular, ou demótica. Poeta bilíngue, escreveu poemas em grego e italiano, e por vezes em uma peculiar mistura dos dois idiomas.

O tradutor: Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu, de Solomós, *A mulher de Zaquintos*, além de Rufinos, Kaváfis, Ritsos, Forugh Farrokhzad, Sacher-Masoch e Haris Vlavianos.

Contato: mikhsulis@gmail.com

ΔΙΑΛΟΓΟΣ

"Ὑποτάξου πρῶτα στὴ γλῶσσα τοῦ λαοῦ, καί,
ἂν εἶσαι ἀρκετός, κυρίεψέ την."

ΔΙΟΝΥΣΙΟΣ ΣΟΛΩΜΟΣ

A voce piu ch᾽al ver drizzan li volti,
e cosi ferman sua opinione,
prima ch᾽arte o ragion per lor s᾽ascolti.

Dante Purg. XXVI, 121-123

ΠΡΟΣΩΠΑ:

ΠΟΙΗΤΗΣ
ΦΙΛΟΣ
ΣΟΦΟΛΟΓΙΩΤΑΤΟΣ

ΦΙΛ. Ἔπειτα ἀπὸ τόσες ὁμιλίες, ἐξέχασες κοιτάζοντας κατὰ τὸ Μοριά.

ΠΟΙΗΤ. Ἀλλὰ πρέπει νὰ ἐξέχασες καὶ σύ, γιατὶ δὲν μοῦ ὁμιλοῦσες παντελῶς· εἶναι πιθανὸ νὰ ἐστοχαζόμασθε τὰ ἴδια πράγματα καὶ οἱ δύο· ἠμπορεῖ νὰ ἐπέρασαν τρεῖς ὧρες ἀφοῦ ὁ ἥλιος ἐμεσουράνησε, θέλουν ἀκόμη τέσσερες γιὰ νὰ θολώσουν τὰ νερά, καί, ἂν θέλεις, ἠμποροῦμε νὰ καθίσουμε εἰς τούτη τὴν πέτρα, καὶ νὰ ξαναρχινήσουμε.

ΦΙΛ. Ἂς καθίσουμε· γλυκειὰ ἡ μυρωδιὰ τοῦ πελάγου, γλυκὸς ὁ ἀέρας, καὶ ὁ οὐρανὸς ἀσυγνέφιαστος.

ΠΟΙΗΤ. Τὸ πέλαγο εἶναι ὅλο στρωτό, καὶ ὁ ἀέρας λεπτότατος, καὶ ὅποιος ἤθελε νὰ κινήσῃ γιὰ τὸ Μοριά, δὲν ἠμποροῦσε νὰ κάμῃ ταξείδι χωρὶς νὰ δουλέψουν ἀκατάπαυστα τὰ κουπιά.

ΦΙΛ. Τὶ σοῦ ἀρέσει περισσότερο, ἡ ἡσυχία τῆς θαλάσσας, ἢ ἡ ταραχή;

ΠΟΙΗΤ. Νὰ σοῦ πῶ τὴν ἀλήθεια, μοῦ ἄρεσε πάντα ἡ γαλήνη, ὁποῦ ἁπλώνεται καθαρώτατη· τὴν ἐθεωροῦσα σὰν τὴν εἰκόνα τοῦ ἀνθρώπου, ὁποῦ ἀπομακραίνει ἀπὸ τὲς ἀνησυχίες τοῦ κόσμου, καὶ μὲ εἰλικρίνεια φανερώνει ὅσα ἔχει μέσα του. Ἀλλ᾽ ἀφοῦ ἐπέρασαν τὰ καράβια μας γιὰ νὰ πᾶνε στο Μεσολόγγι, μ᾽ ἀρέσει περισσότερο ἡ ταραχή· ἐφαίνονταν δύο δύο, τρία τρία, καὶ ἐξάνοιγες λευκὰ τὰ κατάρτια ἀπὸ τὰ φουσκωμένα πανιά, λευκὰ ἀπὸ τοὺς διασκορπισμένους ἀφροὺς τὰ κύματα, τὰ ὁποῖα μὲ μία βουή, ὁποῦ λὲς καὶ ἦταν χαρᾶς, ἀναγάλλιαζαν εἰς τὸ πέλαγο τοῦ Ἰονίου, καὶ ἐσυντρίβονταν εἰς τὸ γιαλὸ τῆς Ζακύνθου.

ΦΙΛ. Τὸ θυμοῦμαι καλά· καὶ τόσος ἦταν ὁ κρότος, καὶ τόση ἡ ἀνακάτωσι τοῦ πελάγου, ὁποῦ σὲ ἐπαραμέρισα, γιὰ ν᾽ ἀποφύγουμε τὸ ῥάντισμα, ὁποῦ ἀποπάνου μας ῾σταλοβολοῦσε ἡ θάλασσα.

ΠΟΙΗΤ. Φαίνεται ὅτι ἐκεῖ πέρα οἱ δικοί μας δὲν ἔχουν τόση δυσκολιὰ νὰ βρέχονται μὲ τὸ αἷμα τους, ὅσην ἔχουμε ἐμεῖς νὰ νοτισθοῦμε ἀπὸ ὀλίγες σταλαγματιὲς θαλασσινές.

ΦΙΛ. Ἐτοιμάζεσαι πάλι νὰ ξανακοιτάξῃς κατὰ τὸ Μοριά, καὶ νὰ ξανασωπάσῃς... ἀγκαλὰ ἐγὼ ἔχω τὸν τρόπο νὰ σὲ κάμω νὰ ὁμιλῇς ὅποτε θέλω.

ΠΟΙΗΤ. Ἐκατάλαβα· θέλεις νὰ ὁμιλήσουμε γιὰ τὴ γλῶσσα· μήγαρις ἔχω ἄλλο στο νοῦ μου, πάρεξ ἐλευθερία καὶ γλῶσσα; Ἐκείνη ἄρχισε νὰ πατῇ τὰ κεφάλια τὰ τούρκικα, τούτη θέλει πατήσῃ ὀγλήγορα τὰ σοφολογιωτατίστικα, καὶ ἔπειτα ἀγκαλιασμένες καὶ οἱ δύο θέλει προχωρήσουν εἰς τὸ δρόμο τῆς δόξας, χωρὶς ποτὲ νὰ γυρίσουν ὀπίσω, ἂν κανένας Σοφολογιώτατος κρώζῃ ἢ κανένας Τοῦρκος βαβίζῃ· γιατὶ γιὰ ῾μὲ εἶναι ὅμοιοι καὶ οἱ δύο.

ΦΙΛ. Βέβαια εἶναι ἐχθροί μας καὶ οἱ δύο· μὲ κανεὶς νὰ θυμηθῶ τὰ λόγια τοῦ Λόκ· — Ἡ γλῶσσα εἶναι ἕνα μεγάλο ποτάμι, εἰς τὸ ὁποῖον ἔχουν ἀνταπόκρισι τὰ ὅσα γνωρίζει ὁ ἄνθρωπος, καὶ ὅποιος δὲν τὴν μεταχειρίζεται καθὼς πρέπει,

κάνει ὅ,τι τοῦ βολέσῃ, γιὰ νὰ κόψῃ ἢ νὰ ἐμποδίσῃ τοὺς δρόμους, μὲ τὸ μέσον τῶν ὁποίων τρέχει ἡ πολυμάθεια. Ὅποιος κάνει λοιπὸν αὐτὸ μὲ ἀπόφασι θεληματική, πρέπει οἱ ἄλλοι νὰ τὸν στοχάζωνται ἐχθρὸν τῆς ἀληθείας καὶ τῆς πολυμαθείας.

ΠΟΙΗΤ. Τὶ λές; ὡς πότε θὰ πηγαίνῃ ὀμπρὸς αὐτὴ ἡ ὑπόθεσι; ἕνας λαὸς ἀπὸ τὸ ἕνα μέρος νὰ ὁμιλῇ σ᾽ ἕναν τρόπο, ὀλίγοι ἄνθρωποι ἀπὸ τὸ ἄλλο νὰ ἐλπίζουν νὰ κάμουν τὸν λαὸν νὰ ὁμιλῇ μίαν γλῶσσαν ῾δικήν τους!

ΦΙΛ. Γιὰ κάποιο καιρὸ ἡ ὑπόθεσι θέλει ἀκολουθήσῃ· ἡ ἀλήθεια εἶναι καλὴ θεά, ἀλλὰ τὰ πάθη τοῦ ἀνθρώπου συχνότατα τὴν νομίζουν ἐχθρήν. Κάποιοι γνωρίζουν τὴν ἀλήθεια, ἀλλ᾽ ἐπειδὴ γράφοντας εἰς ἐκεῖνον τὸν τρόπον τὸν σκοτεινὸν ἀπόχτησαν κάποια φήμη σοφίας, τὸν ἀκολουθοῦν, καὶ ἂς εἶναι σφαλερός.

ΠΟΙΗΤ. Λοιπὸν εἶναι ἀξιοπαρόμοιαστοι μὲ τοὺς ἀνθρώπους, οἱ ὁποῖοι γιὰ νὰ ζήσουν πουλοῦν φαρμάκι.

ΦΙΛ. Περιγράφει τὸ ἐργαστήρι ἑνὸς ἀπ᾽ αὐτοὺς ὁ Σέϊκσπηρ ἐξαίρετα καὶ θέλω νὰ σοῦ ξαναθυμίσω τὰ λόγια του, γιατί, τῇ ἀληθείᾳ, μοῦ ξαναθυμοῦν τὸν τρόπον, εἰς τὸν ὁποῖον εἶναι γραμμένα τὰ βιβλία τῶν Σοφολογιώτατων. — Ἐκρέμονταν ἀπὸ τὸ πατερὸ τοῦ φτωχότατου ἐργαστηρίου μία ξεροχελῶνα, ἕνας κροκόδειλος ἀχερωμένος, καὶ ἄλλα δερμάτια ἀσχήμων ψαριῶν· ἦταν τριγύρου πολλὰ συρτάρια ἀδειανὰ μὲ ἐπιγραφές, ἀγγεῖα ἀπὸ χοντρόπηλο πράσινο, ἦταν φοῦσκες, ἦταν βρωμόχορτα παλῃωμένα, κακομοιριασμένα δεμάτια βοῦρλα, παλῃὰ κομμάτια ἀπὸ διαφόρων λογιῶν ἰατρικά, ἀρῃὰ σπαρμένα ἐδῶ κ᾽ ἐκεῖ, γιὰ νὰ προσκαλέσουν τὸν ἀγοραστή.

ΠΟΙΗΤ. Βλέπω ἀπὸ μακρυὰ ἕναν Σοφολογιώτατον· ἐπιθυμῶ γιὰ τὴν ἡσυχία μου καὶ γιὰ τὴ ῾δική σου, καὶ γιὰ τὴ ῾δική του, νὰ μὴν ἔλθῃ κοντὰ μας.

ΦΙΛ. Τὸ ἐπιθυμῶ πολύ· ἐσὺ θυμώνεις πάρα πολύ.

ΠΟΙΗΤ. Θυμώνω γιατὶ εἶμαι στενεμένος νὰ ξαναπῶ τὰ πράγματα, ὁποῦ εἶπαν τόσες φορὲς τὰ ἄλλα ἔθνη, καὶ δίχως ὠφέλεια νὰ τὰ ξαναπῶ. Οἱ Γάλλοι ἔλαβαν φιλονικεία γιὰ τὴ γλῶσσα, καὶ ἐτελείωσε εἰς τὴν ἐποχὴν τοῦ Δαλαμβέρτ· τὴν ἔλαβαν οἱ Γερμανοί, καὶ ὁ Ὄπιτς ἔδωσε τὸ παράδειγμα τῆς

ἀλήθειας· τὴν ἔλαβαν οἱ Ἰταλοί, καὶ μὲ τόσο πεῖσμα, ὁποῦ μήτε τὸ παράδειγμα τοῦ Ὑψηλότατου Ποιητῆ εἶχε φθάσει γιὰ τότε νὰ τοὺς καταπείσῃ. Ἡσύχασαν τέλος πάντων, γράφοντας τὴ γλῶσσα τοῦ λαοῦ τους, τὰ σοφὰ Ἔθνη, καὶ ἀντὶ ἐκεῖνες οἱ ἐλεεινὲς ἀνησυχίες νὰ μᾶς εἶναι παράδειγμα γιὰ νὰ τὲς ἀποφύγουμε, ἐπέσαμε εἰς χειρότερα σφάλματα. Τέλος πάντων οἱ Σοφολογιώτατοι ἐκείνων τῶν ἐθνῶν ἤθελαν νὰ γράφεται μία γλῶσσα, ὁποῦ ἦταν μία φορὰ ζωντανὴ εἰς τὰ χείλη τῶν ἀνθρώπων· κακὸ πρᾶγμα βέβαια, καὶ ἂν ἦταν ἀληθινὰ δυνατόν· γιατὶ δυσκολεύει τὴν ἐξαπλωσι τῆς σοφίας· ἀλλ᾿ οἱ δικοί μας θέλουν νὰ γράφουμε μία γλῶσσα, ἡ ὁποία μήτε ὁμιλιέται, μήτε ἄλλες φορὲς ὡμιλήθηκε, μήτε θέλει ποτὲ ὁμιληθῇ.

ΦΙΛ. Ὁ Σοφολογιώτατος ἔρχεται κατὰ ῾μᾶς.

ΠΟΙΗΤ. Καλῶς τὰ ῾δέχθηκες μὲ τὴν ὑπομονή σου! ἐγὼ δὲν θέλω λόγια μ᾿ αὐτόν. Κοίτα πῶς τρέχει! Τὸ πηγούνι του σηκώνει τὴν ἄκρη, ὡσὰν νὰ ἤθελε νὰ ἑνωθῇ μὲ τὴ μύτη. Ὢ νὰ ἐγένονταν ἡ ἕνωσι, καὶ τόσο σφιχτή, ῾πού νὰ μὴν μπορῇ πλέον ν᾿ ἀνοίξῃ τὸ στόμα του, γιὰ νὰ φωτίσῃ τὸ γένος!

ΣΟΦ. Ἔφαγα τὸν κόσμο, φίλτατε, γιὰ νὰ σ᾿ εὕρῳ· ἔτρεχα, ὅπως εἶναι τὸ χρέος ἑνὸς καλοῦ πατριώτη νὰ τρέχει, ὅταν εἶναι εἰς κίνδυνον ἡ δόξα τοῦ γένους· ἕνα βιβλίο θέλει τυπωθῇ ῾γλήγορα, γραμμένο εἰς τὴ γλῶσσα τοῦ λαοῦ τῆς Ἑλλάδας, ὁποῦ λέγει κακὸ γιὰ ῾μᾶς τοὺς σοφούς, καὶ μοῦ κακοφαίνεται.

ΦΙΛ. Γιατὶ σοῦ κακοφαίνεται;

ΣΟΦ. Γιατὶ πολλὰ μυαλὰ εἶναι σωστά, καὶ πολλὰ ὄχι· καὶ ὅσα δὲν εἶναι σωστά, ἠμπορεῖ νὰ ἀπατηθοῦν. Εἶναι τόσοι χρόνοι ὁποῦ σπουδάζω γιὰ τὸ κοινὸν ὄφελος τῆς πατρίδας μου, καὶ δὲν ἐπιθυμοῦσα νὰ ἔβγουν ἄλλοι νὰ μοῦ τυφλώσουν τοὺς ἀνθρώπους. Ἦλθα σ᾿ ἐσέ, ὁποῦ εἶσαι σοφὸς καὶ σύ, γιὰ νὰ ἑνωθοῦμε μὲ ὅσους συλλογίζονται καλά, καὶ νὰ καταπλακώσουμε αὐτὸν τὸν βάρβαρον συγγραφέα.

ΦΙΛ. Καὶ ποῖος εἶναι ὁ συγγραφέας;

ΣΟΦ. Δὲν μοῦ εἶπαν τ᾿ ὄνομά του· μοῦ εἶπαν ῾πὼς εἶναι ἕνας νέος, ὁ ὁποῖος γιὰ τὴν κοινὴ γλῶσσα βαστάει πάντα τὸ σπαθὶ στο χέρι, καί, ἀπὸ τὴ μάνητα τὴ μεγάλη, ἠμποροῦμε νὰ ῾ποῦμε ῾πὼς ἐκαταστήθηκε ἄλλος Αἴας μαστιγοφόρος.

ΠΟΙΗΤ. Λοιπὸν πάρε τὰ μέτρα σου, μὴ λάχῃ καὶ στον θυμό του σκοτώσῃ πρόβατα καὶ αὐτός, καὶ ἐντροπιασθῇ.

ΣΟΦ. Ἂς ἐντροπιασθῇ· γι᾽ αὐτὸν δὲν μὲ μέλει· μὲ μέλει γιὰ τὸ κοινὸν ὄφελος.

ΠΟΙΗΤ. Καὶ τὶ ὄφελος;

ΣΟΦ. Ἡ γλῶσσα σοῦ φαίνεται ῾λίγη ὠφέλεια; μὲ τὴ γλῶσσα θὰ διδάξῃς τὸ κάθε πρᾶγμα· λοιπὸν πρέπει νὰ διδάξῃς πρῶτα τὲς ὀρθὲς λέξες.

ΠΟΙΗΤ. Σοφολογιώτατε, τὲς λέξες ὁ συγγραφέας δὲν τὲς διδάσκει, μάλιστα τὲς μαθαίνει ἀπὸ τοῦ λαοῦ τὸ στόμα· αὐτὸ τὸ ῾ξέρουν καὶ τὰ παιδιά.

ΣΟΦ. (Μὲ μεγάλη φωνή). Γνωρίζεις τὰ Ἑλληνικά, Κύριε; τὰ γνωρίζεις, τὰ ἐσπούδαξες ἀπὸ μικρός;

ΠΟΙΗΤ. (Μὲ μεγαλύτερη). Γνωρίζεις τοὺς Ἕλληνας, Κύριε; τοὺς γνωρίζεις, τοὺς ἐσπούδαξες ἀπὸ μικρός;

ΦΙΛ. Ἀδέλφια, μὴν ἀρχινᾶτε νὰ φωνάζετε, γιατὶ βρισκόμασθε εἰς τὸ δρόμο, καὶ ἡ ἀληθινὴ σοφία λέει τὸ δίκαιόν της μὲ μεγαλοπρέπεια, καὶ χωρὶς θυμούς.

ΣΟΦ. (Χαμηλώνοντας τὴ φωνὴ καὶ προσπαθώντας νὰ φανῇ μεγαλόπρεπος). Ἀλήθεια, φίλε· ἔτσι ἔκανε καὶ ὁ Σωκράτης.

ΠΟΙΗΤ. Ἀπαράλλαχτα! Θυμήσου τὸ ὄνομα, γιατὶ ἠμπορεῖ νὰ χρειασθῇ. Ὡστόσο σοῦ ξαναλέγω ὅτι ὁ διδάσκαλος τῶν λέξεων εἶναι ὁ λαός.

ΣΟΦ. Τοῦτο μοῦ φαίνεται πολὺ παράξενο· ἕνας ἀπὸ τοὺς σοφώτερους τοῦ ἔθνους μας ἔγραψε ὅτι, γιὰ νὰ γράφουμε μὲ τὰ λόγια τοῦ λαοῦ, πρέπει καὶ μὲ τοὺς στοχασμοὺς τοῦ λαοῦ νὰ συλλογιζώμασθε.

ΠΟΙΗΤ. Αὐτὰ εἶναι τέκνα στραβόκορμα ἑνὸς πατέρα εὐμορφότατου. Ὁ Κονδιλλιὰκ εἶχε ῾πεῖ ῾πὼς ἡ λέξι εἶναι τὸ σημεῖο τῆς ἰδέας· δὲν ἐφαντάσθηκε ὅμως ποτὲ ῾πὼς ὅσοι ἔχουν τὲς ἴδιες λέξες ἔχουν τοὺς ἴδιους στοχασμούς· τὰ νομίσματα εἰς τὸν τόπον, εἰς τὸν ὁποῖον ζῇς, ἔχουν τὴν ἴδια τιμή· μ᾽ ὅλον τοῦτο

εἰς τὰ χέρια μου δὲν ἀξίζουν, γιατὶ δὲν ἠξέρω νὰ τὰ ξοδιάζω, εἰς τὰ χέρια σου ἀξίζουν ὀλίγον περισσότερο, γιατὶ ἠξέρεις καὶ τὰ οἰκονομεῖς, καὶ εἰς τὰ χέρια ἑνὸς τρίτου εἰς ὀλίγον καιρὸ πληθαίνουν. Ἂν ἦταν αὐτὸ ἀληθινό, ὅλοι οἱ ἄνθρωποι ἑνὸς τόπου ἔπρεπε νὰ ἔχουν τοὺς ἴδιους στοχασμούς· διαφέρουν ὅμως εἰς αὐτούς, ὅπως διαφέρουν εἰς τὲς φυσιογνωμίες· καὶ ἂν κατὰ δυστυχίαν τοῦ γένους κανένας Σοφολογιώτατος ἐτρελλαινότουν, εἶναι πιθανὸ νὰ ἐξεθύμαινε τὴν τρέλλα του μὲ τὰ ἴδια λόγια, ὁποῦ ἦτο συνειθισμένος νὰ λαλῇ· καὶ γιὰ τοῦτο εἶναι σωστὸ πρᾶγμα νὰ ῾πῶ, ὅτι συλλογίζεται ὡσὰν κ᾽ ἐσένα;

ΣΟΦ. Σ᾽ τοῦτο τὸ στερνό, φρόνιμα ὡμίλησες· τὲς λέξες ὅμως τοῦ λαοῦ νὰ μεταχειριζόμασθε εἶναι ἄγνωστο πρᾶγμα.

ΠΟΙΗΤ. Τὸ ἐνάντιο εἶναι ἄγνωστο. Εἰς τὶ περίστασες βρισκόμασθε, εἰς τὶ περίστασες βρίσκεται ἡ γλῶσσα μας; Ἐβγῆκε ἀκόμα κανένας μεγάλος συγγραφέας νὰ μᾶς εἶναι παράδειγμα, ὁ ὁποῖος νὰ εὐγένισε ἀληθινὰ τὰ λόγια της, ζωγραφίζοντας μὲ αὐτὰ εἰκόνες καὶ πάθη;

ΣΟΦ. ... ῾σὰν τὸν Ὅμηρο, ὄχι βέβαια..

ΠΟΙΗΤ. Πολὺ ῾ψηλὰ ἐπήδησες, φίλε. ῾Πές μου λοιπὸν πῶς πρέπει νὰ πορευθοῦμε;

ΣΟΦ. Πρέπει νὰ τρέξουμε εἰς τὲς μορφὲς τῶν ἑλληνικῶν λέξεων, καὶ νὰ πάρουμε ὅσες ἠμποροῦμε, καὶ κάποιες ἀπὸ τὲς δικές μας, ὁποῦ δὲν εἶχαν οἱ Παλαιοί, νὰ τὲς σύρουμε στην παλαιὰ μορφή.

ΠΟΙΗΤ. Γιατί;

ΣΟΦ. Γιατὶ αὐτὲς οἱ λέξες εἶναι εὐγενικότερες.

ΠΟΙΗΤ. ῾Πες τὴν ἀλήθεια, εἶναι ἄβλαβη ἡ συνείδησί σου, ἐνῷ μοῦ λὲς τέτοια;

ΣΟΦ. Ἄβλαβη, μὰ τὴν ἀγάπη τοῦ Ἑλικῶνος!

ΠΟΙΗΤ. Φριχτότατος ὅρκος! καὶ βεβαιώσου ῾πὼς μοῦ ταράζει τὰ σωθικά. Ἐγὼ σοῦ λέγω ὡστόσο, ῾πὼς ἔχεις πλακωμένην τὴν κρίσιν ἀπὸ τὸν κόπον, ὁποῦ

ἔκαμες, γιὰ νὰ τὲς μάθῃς, καὶ ἐπειδὴ παρατηρῶ ῾πὼς ἐσεῖς ὅλοι ἐλπίζετε νὰ φωτίστε τὸ γένος μὲ τὸ ἀλφαβητάρι στὸ χέρι, σ᾽ ἐρωτῶ ποῖο ἀλφαβητάρι εἶναι εὐγενικώτερο τὸ ῾δικό μας, ἢ τὸ ἰταλικό;

ΣΟΦ. Ὅσο γιὰ τοῦτο... τὰ γράμματα κάθε ἀλφαβηταριοῦ ἔχουν τὴν ἴδιαν εὐγένεια.

ΠΟΙΗΤ. Ἤγουν δὲν ἔχουν καμμίαν ἀφ᾽ ἑαυτοῦ τους. Ὅταν εἶναι σκόρπια καὶ ἀνακατωμένα, τί δηλοῦν; ἔρχεται ὁ τυπογράφος, τὰ διαλέει, τὰ βάνει εἰς τάξι, καὶ τὸ μάτι διαβάζει· Οὐρανός, Μᾶρκος Μπότσαρις, Σοφολογιώτατος. Εἰς τὴν πρώτη λέξι, σκύφτω τὸ κεφάλι μου, ἀναδακρύζω στὴ δεύτερη, καὶ εἰς τὴν τρίτη, γελῶ γιὰ χρόνους. τὸ ἴδιο ῾πὲς γιὰ τὲς λέξες· ἡ εὐγένειά τους κρέμεται ἀπὸ τὴν τέχνη, μὲ τὴν ὁποίαν τὲς μεταχειρίζεσαι.

ΣΟΦ. Ὁποιαν τέχνην καὶ ἂν μεταχειρισθῇς, οἱ λέξες τῆς τωρινῆς Ἑλλάδας εἶναι διεφθαρμένες... Τὶ μὲ κοιτάζεις χωρὶς νὰ ὁμιλῇς;

ΠΟΙΗΤ. Κοιτάζω τὲς ἄσπρες τρίχες τῆς κεφαλῆς σου.

ΣΟΦ. Ἀμμὴ τί ἔχουν νὰ κάμουν μὲ τὲς λέξες;

ΠΟΙΗΤ. Ἔχουν νὰ κάμουν μὲ τὸν καιρό. Ὁ καιρός, ὁποῦ ἄρχισε νὰ σοῦ κάνῃ σεβάσμια τὰ μαλλιά, διαφθείρει ὅλα τὰ πράγματα τοῦ κόσμου, καὶ τὲς γλῶσσες ἀκόμα, καὶ ἡσύχασε.

ΣΟΦ. Τὶ εὐγένεια ἠμποροῦν νὰ ἔξουν οἱ λέξες μας, ἂν εἶναι διεφθαρμένες;

ΠΟΙΗΤ. Τὴν εὐγένειαν, ὁποῦ εἶχαν οἱ ἀγγλικές, πρὶν γράψῃ ὁ Σέϊκσπηρ, ὁποῦ εἶχαν οἱ γαλλικές, πρὶν γράψῃ ὁ Ῥασίν, ὁποῦ εἶχαν οἱ ἑλληνικές, πρὶν γράψῃ ὁ Ὅμηρος, καὶ ὅλοι τους ἔγραψαν τὲς λέξες τοῦ καιροῦ τους. Κάθε γλῶσσα πρέπει ἐξ ἀνάγκης νὰ ἔχῃ λέξες ἀπὸ ἄλλες γλῶσσες· καὶ ἡ εὐγένεια τῶν γλωσσῶν εἶναι ὡσὰν τὴν εὐγένεια τῶν ἀνθρώπων· εὐγενὴς ἐσύ, εὐγενὴς ὁ πατέρας σου, ὁ πάππος σου εὐγενής, ἀλλὰ πηγαίνοντας ἐμπρὸς βρίσκεις βέβαια τὸν ἄνθρωπον, ὁποῦ ἔπαιζε τὴ φλογέρα βόσκοντας πρόβατα.

ΣΟΦ. Ἐγὼ δὲν λέγω νὰ γράφουμε καθαυτὸ ἑλληνικά, ἀγκαλὰ ἔπρεπε νὰ κάνουμε χίλιες εὐχὲς γιὰ νὰ ξαναζήσουν ἐκεῖνα τὰ λόγια.

ΠΟΙΗΤ. Ἐγὼ δὲν κάνω καμμία, γιὰ νὰ μὴν χάνω καιρό· καὶ τὴ ζωὴ τοῦ Ματουσάλα νὰ ἤμουν βέβαιος ῾πῶς θὰ ζήσω, δὲν ἄνοιγα στόμα γιὰ τέτοιες εὐχές, οἱ ὁποῖες φέρνουν τὸ ἴδιο ὄφελος, ὁποῦ φέρνουν τὰ κλάϊματα στὰ σώματα τῶν νεκρῶν. Οἱ εὐχές, ὁποῦ κάνω εἶναι γιὰ νὰ ξαναζήσῃ ἡ σοφία, καὶ ἡ σοφία δὲν θέλει ξαναζήσῃ ποτέ, ὅσο γραφεται μὲ τὸν τρόπον τὸν ἐδικόν σας. Ἔλαβα πάντα τὴ δυστυχία νὰ στοχάζωμαι μὲ τὸν Σωκράτη τὲς λέξες ὡσὰν τὲς σφυριές· τὸ αὐτί σου Πυθαγορίζει στὲς παλαιές, τὸ δικό μου καὶ τοῦ γένους στὲς τωρινές.

ΣΟΦ. Καὶ ποῖος ἠμπορεῖ νὰ μοῦ ἐμποδίσῃ νὰ διορθώσω, καθὼς θέλει ὁ Κοραῆς, τὲς λέξες μας μὲ τὰ σχήματα τῆς παλαιᾶς;

ΠΟΙΗΤ. Γιὰ ποῖο δίκαιο θέλεις νὰ κάμῃς τέτοια διόρθωσι;

ΣΟΦ. Γιατὶ ἡ διόρθωσι μιᾶς γλώσσας νέας πρέπει νὰ γείνῃ μὲ τὴν ὁδηγία τῆς μητρός της· ὅλη ἡ Ἑλλάδα λέγει μάτι, ἐμεῖς πρέπει νὰ διορθώσουμε, καὶ νὰ ῾ποῦμε ὀμμάτιον· λέγει κρεββάτι, πρέπει νὰ ῾ποῦμε κρεββάτιον.

ΠΟΙΗΤ. Ἡ πρόταση αὕτη ὁμοιάζει τὴν τρέλλαν κάποιων ἀνθρώπων, ὁποῦ ἔχουν τὰ φαινόμενα τῆς φρονιμάδας.

ΣΟΦ. Τὶ ἐννοεῖς νὰ ῾πῇς;

ΠΟΙΗΤ. Ἐννοῶ νὰ εἰπῶ, ὅτι μ᾽ ὅλον ῾ποὺ ἡ πρότασι φαίνεται ῾πὼς περιέχει κάποιο δικαίωμα, ἂν τὴν ῾ξετάξῃς καλά, δὲν περιέχει κανένα, καὶ εἶναι ἐνάντια εἰς τὰ παραδείγματα τῶν ἄλλων ἐθνῶν.

ΣΟΦ. Τοῦτο ἐπιθυμῶ νὰ μοῦ ἀποδείξῃς.

ΠΟΙΗΤ. Μετὰ χαρᾶς· καὶ τόσο προθυμότερα σοῦ τὸ ἀποδείχνω, ὅσο συλλογίζομαι ῾πὼς τοῦτο εἶναι τὸ πρῶτο θεμέλιο, εἰς τὸ ὁποῖο ὑψώνεται τὸ μεγάλο χτίριο τῆς γλώσσας σας, ἡ ὁποία, μὲ τὸ θέλημά σου, εἶναι βαρβαρώτατη, ὅπως θέλει σοῦ τὸ ἀποδείξω εἰς τὸ ἑξῆς. Ἡ διαφθορὰ τῆς μορφῆς τῶν λέξεων, λέγει ὁ Γιβελέν, εἶναι τριῶν λογιῶν· ἢ ἀλλάχνουν τὰ φωνήεντα, ἢ ἀλλάχνουν τὰ σύμφωνα, ἢ ἀλλάχνουν τοποθεσία τὰ ψηφία, ὁποῦ συνθέτουν μίαν λέξι. Τοῦτο γίνεται εἰς κάθε γλῶσσα, ὁποῦ γεννιέται ἀπὸ ἄλλην. Παρατήρησε τὴ γλῶσσα

τῶν Λατίνων, τὴ γλῶσσα τῶν Ἰσπανῶν, τὴ γλῶσσα τῶν Γάλλων, τὴ γλῶσσα τῶν Ἰταλῶν. Σύγκρινέ τες μὲ τὴ γλῶσσα ῾ποὺ τὲς ἐγέννησε, καὶ θέλει ἰδῇς φανερώτατην τὴν ἀλήθειαν, ὁποῦ σοῦ λέγω. Τώρα ἂς πάρουμε τὸν πρῶτο στίχο τοῦ Δάντη, καὶ ἂς τὸν διορθώσουμε κατὰ τὸν τρόπο, ὁποῦ σεῖς ἀποφασίσετε νὰ μεταχειρισθῆτε· Nel mezzo del cammin i nostra vita. Ἡ ἰταλικὴ γλῶσσα δὲν εἶναι καθαυτὸ θυγατέρα τῆς Λατινικῆς, εἶναι ἐγγονή της· ἂς κάμουμε τὴ διόρθωσι μὲ τὴν ἰδίαν ἐπιδεξιότητα, μὲ τὴν ὁποία τὴν κάνετε ἐσεῖς εἰς τὴ γλῶσσα σας· Nel, εἶναι βάρβαρο, πρέπει νὰ ῾πούμε in, - mezzo, ῾κεῖνα τὰ δύο zz εἶναι βάρβαρα, πρέπει νὰ ῾ποῦμε medio. - Del, τίποτες. - Cammin, κάθου γύρευε πόθεν ἔρχεται· ἀλλὰ θέλει μεγαλοψυχία· ἂς τὸ λατινίσουμε· Cammini. - nostra, πρέπει νὰ ῾ποῦμε nostrae. - vita, πρέπει νὰ ῾ποῦμε vitae. νά, διορθωμένος ὁ στίχος καὶ φωτισμένο τὸ γένος! In medio cammini nostrae vitae.

ΣΟΦ. Τοῦτο εἶναι γελοῖον.

ΠΟΙΗΤ. Καὶ τὰ ῾δικά σας τάχα ἀλλοιώτικα εἶναι; Εἶναι ἀπαράλλαχτα τὰ ἴδια. Καὶ τόσον ἀνόητος ἦταν ὁ Δάντης νὰ μὴν ἠξεύρῃ καὶ αὐτὸς κατ᾽ ἀναλογία νὰ κάμῃ στὴ γλῶσσα του τέτοια διόρθωσι; Οἱ στίχοι του οἱ λατινικοὶ δὲν εἶναι βέβαια εὔμορφοι, ὅπως μὲ τὸν Βιργίλιο, ὁποῦ ὅλον τὸν εἶχε στο νοῦ του, δὲν ἤθελε πολὺ τέτοιες διόρθωσες νὰ τὲς κάμῃ. Γιατὶ δὲν τὲς ἔκαμαν οἱ Γάλλοι; γιατὶ δὲν τὲς ἔκαμαν οἱ Λατῖνοι; Καὶ πῶς ἠμπορούσαν νὰ τὲς κάμουν; Ἂς πάρουμε τὴν ὕστερη λέξι, καὶ ἂς ἰδοῦμε ἂν ἠμπορῇ ποτὲ νὰ ξεβαρβαρωθῇ. Εἴπαμε vitae, ἀντὶ γιὰ vita· ἀλλὰ ἐξεβαρβαρώθηκε εἰς τέτοιον τρόπο; Ὄχι, Σοφολογιώτατε· ἡ μορφὴ τῆς λέξης ἔπεσε ἀπὸ μίαν βαρβαρότητα εἰς ἄλλην· τὸ vitae εἶναι διεφθαρμένο καὶ αὐτὸ ἀπὸ τὸ θαυμαστό σου τὸ βίος, τὸ ἑλληνικό· τὸ βίος λοιπὸν εἶναι ἡ πρωτότυπη μορφή, Καὶ ἡ ἀληθινὰ εὐγενική; Ποῖος τὸ εἶπε; Ποῖος ξεύρει νὰ σοῦ τὸ ῾πῇ; τὸ ὄφις, τὸ ὁποῖο βέβαια τὸ στοχάζεσαι εὐγενικώτερο ἀπὸ τὸ φίδι, τὸ ὄφις λέγω, μὲ τόσες ἄλλες λέξες, δὲν εἶναι μήτε ἑλληνικό, γιατὶ τὸ οφ εἶναι ξένο, καὶ μοναχὰ ἡ κατάληξί του εἶναι ἑλληνική· Καὶ ἔτσι καθὼς βλέπεις, Σοφολογιότατε, ἀγάλια, ἀγάλια, ἐγὼ σὲ στενεύω νὰ ὁμιλήσῃς τοῦ Ἀδὰμ τὴ γλῶσσα, καὶ ἠμπορῇς νὰ μοῦ ψάλῃς μὲ τὸν Δάντη: La lingua ch᾽io parlai fu tutta spenta· γιατὶ ἐγὼ σοῦ ἀποκραίνομαι: ὁμίλειε μὲ τὰ νοήματα, γιὰ νὰ μὴ βαρβαρίζῃς!

ΣΟΦ. ...λοιπόν;

ΠΟΙΗΤ. Λοιπὸν τοῦ λαοῦ τῆς Ἑλλάδας ὅλες τὲς λέξες...

ΣΟΦ. (κοκκινίζοντας). Πάντα τὸν λαὸ μοῦ βγάνεις ἔξω γιὰ διδάσκαλο! ποῖος τὸ εἶπε ποτέ!

ΠΟΙΗΤ. Πολλοὶ τὸ εἶπαν, πολλοί. Ὁ Βάκων λέγει, δὲν θυμοῦμαι εἰς τὶ μέρος, ὅτι εἶναι κάποιοι ἄνθρωποι, οἱ ὁποῖοι στοχάζονται ʽπῶς τὰ πράγματα εἰπώθηκαν ὅλα, καὶ ἐσὺ στοχάζεσαι ʽπῶς δὲν εἰπώθηκε τίποτε.

ΣΟΦ. Σὲ παρακαλῶ νὰ μοῦ ʽπῇς ποῖος τὸ εἶπε;

ΠΟΙΗΤ. Ἄκουε, Σοφολογιώτατε, Καὶ τρόμαξε· Is qui omnium eruditorum testimonio totiusque iudicio Graeciae cum prudentia et acumine et venustate et subtilitate tum vero eloquentiae (ἄκους Σοφολογιώτατε; eloquentiae), varietate, copia, quam se cumque in partem dedisset omnium fuit facile princeps.

ΣΟΦ. Ποῖος; ʽπές μου ποῖος, νὰ ἡσυχάσουμε.

ΠΟΙΗΤ. Θυμήσου τὸ ὄνομα, ὁποῦ ἐμελέτησες προτήτερα, γιατὶ τώρα χρειάζεται.

ΣΟΦ. Ποῖος, ὁ Σωκράτης;

ΠΟΙΗΤ. Ὁ ἴδιος· καὶ ἐπειδὴ σὲ βλέπω καὶ ἀχνίζεις εἰς τ᾽ ὄνομά του, νὰ σὲ θερίσω καὶ μὲ τὰ λόγια του·

«Ἀλκ. Οἶμαι ἔγωγε· ἀλλὰ γοῦν πολλὰ οἷοί τ᾽ εἰσὶν (οἱ πολλοὶ) διδάσκειν σπουδαιότερα τοῦ πεττεύειν. - Σωκ. Ποῖα ταῦτα; - Ἀλκ. Οἷον καὶ τὸ ἑλληνίζειν παρὰ τούτων ἔγωγε ἔμαθον· καὶ οὐκ ἂν ἔχοιμι ἐμαυτοῦ εἰπεῖν διδάσκαλον, ἀλλ᾽ εἰς αὐτοὺς ἀναφέρω, οὓς σὺ φῂς οὐ σπουδαίους εἶναι διδασκάλους. - Σωκ. Ἀλλ᾽ ὦ γενναῖε, τούτου μὲν ἀγαθοὶ διδάσκαλοι οἱ πολλοί, καὶ δικαίως ἐπαινοῖντ᾽ ἂν αὐτῶν εἰς διδασκαλίαν. - Ἀλκ. Τί δή; - Σωκ. Ὅτι ἔχουσι περὶ αὐτά, ἃ χρὴ τοὺς ἀγαθοὺς διδασκάλους ἔχειν.»

ΣΟΦ. ...Μὴ λάχῃ καὶ ἐννοεῖ τίποτε ἄλλο;

ΠΟΙΗΤ. Ἐσύ, ὁποῦ εἶσαι ἑλληνιστής, μοῦ κανεὶς ἐμὲ τέτοια ἐρωτήματα; εἶναι δουλειὰ ῾δική σου.

ΣΟΦ. Δὲν σοῦ λέγω τὸ ἐναντίο... Εὐμορφότατα λόγια!

ΠΟΙΗΤ. Εὐμορφότατο νόημα! Ναί, εὐμορφότατο νόημα: Ἀμμὴ τί ἤθελες; νὰ γράφῃ τὲς λέξες τῆς κεφαλῆς του καθένας; μὲ ποῖο δικαίωμα; μὲ τὸ δικαίωμα, ῾που δίνει τὸ πνεῦμα καὶ ἡ μάθησι; Καλό, λοιπόν· ἕνας, ὁποῦ ἔχει πνεῦμα καὶ μάθησι, φτειάνει μορφὲς λέξεων καθὼς θελήσῃ, ἕνας ἄλλος κάνει, τὸ ἴδιο, ἕνας τρίτος κάνει χειρότερα, καὶ εἰς ὀλίγον καιρὸ δὲν ἔχουμε παρὰ σκοτάδια πυκνότατα. Γιὰ τοῦτο ἡ φύσι τῶν πραγμάτων ἠθέλησε νὰ γεννιοῦνται τὰ λόγια ἀπὸ τὸ στόμα ὄχι δύο καὶ τριῶν ἀνθρώπων, ἀλλὰ ἀπὸ τοῦ λαοῦ τὸ στόμα· καὶ ἡ φιλοσοφία ἀγροίκησε αὐτὴν τὴν θέλησί της, καὶ τὴν ἐκήρυξε στους ἀνθρώπους. Ὅσο μὲν γι᾿ αὐτό, ὁποῦ ὑποπτεύεσαι, ῾πὼς νὰ εἶναι ἄλλο τι ἀπ᾿ ὅ,τι σημαίνουν τὰ λόγια, γιὰ ν᾿ ἀφήσῃς κάθε ἀμφιβολία νὰ σοῦ ῾πῶ πόσοι Κλασικοὶ ἐξαναεῖπαν τὸ ἴδιο πρᾶγμα.

ΣΟΦ. Ὄχι, ὄχι, μὴ μελετήσῃς κανέναν, γιατὶ ὁ Πλάτων ἀξίζει γιὰ ὅλους τους, καὶ γιὰ ὅσους θὰ γεννηθοῦν.

ΠΟΙΗΤ. Δικαία κρίσι· ἀλλὰ ἡ προφητεία τὴν ὑπερβαίνει.

ΣΟΦ. Ἐγὼ πιστεύω τοῦ Πλάτωνος, περσότερο ἀπὸ ὅσα δικαιωματα ἠμπορεῖ κανεὶς νὰ προβάλῃ παρὰ νὰ ἀμφιβάλλω στὰ λόγια του, κάλλιο νὰ τρελλαθῶ, καὶ ἤθελε τῳόντι τρελλαθῶ, ἂν ἀμφίβαλλα. Ἀγκαλά... τέτοιο πρᾶγμα μοῦ κάνει μεγάλην ἀγανάχτησι στὴν ψυχή μου... Εἶσαι γενναῖος;

ΠΟΙΗΤ. Καὶ ἂν δὲν εἶμαι, — ἀκολουθῶντας τὰ παραδείγματα τόσων ἄλλων, προσπαθῶ νὰ φαίνωμαι τέτοιος.

ΣΟΦ. Ὢ! εἶσαι τέτοιος βέβαια, εἶσαι τέτοιος!

ΠΟΙΗΤ. Εὐχαριστῶ, καὶ ἂς εἶναι ἡ πρώτη φορὰ ῾ποὺ μὲ βλέπεις.

ΣΟΦ. (ὁμιλώντας ἀγαλινά). Πιστεύεις ῾πὼς ὁ Πλάτων (Θεέ μου, συγχώρεσέ με!) ὁ Πλάτων, λέγω, ὁ ἴδιος, ὁποῦ τὸ εἶπε, πιστεύεις ῾πὼς ἔγραφε καθὼς ὁμιλεῖ ὁ λαός;

ΠΟΙΗΤ. Δὲν τὸ πιστεύω· καὶ ποῖος τὸ πιστεύει;

ΣΟΦ. Τὸ πιστεύουν ὅσοι εἶναι τῆς χυδαϊκῆς φατρίας.

ΠΟΙΗΤ. Στρεβλὸ πρᾶγμα.

ΣΟΦ. Τὶ ἔλεγες ἕως τώρα σὺ ὁ ἴδιος;

ΠΟΙΗΤ. Τίποτε ἀπὸ αὐτά. Ἐμεῖς δὲν εἴπαμεν ἀκόμη πὼς πρέπει νὰ γράφουμε τὴ γλῶσσα· ἕως τώρα, εἶπα, καὶ σοῦ ἀπόδειξα, ῾πὼς οἱ μορφὲς τῶν λέξεων, ὅταν εἶναι κοινές, δὲν εἶναι ὑποκείμενες νὰ ἀλλάζωνται ἀπὸ κανέναν, μὲ πρόφασι διόρθωσης· καὶ τίποτε ἄλλο.

ΣΟΦ. Καὶ τὰ λόγια τοῦ Πλάτωνος γιατί μοῦ τὰ ἀνέφερες;

ΠΟΙΗΤ. Γιὰ νὰ καταπεισθῆς ῾πὼς τὴ σημασία τῶν λέξεων ὁ λαὸς τὴν διδάσκει τοῦ συγγραφέα.

ΣΟΦ. Τὸ σύγγραμμα λοιπὸν θὰ εἶναι κάθε ἄλλο πρᾶγμα ἀπὸ τοῦ λαοῦ τὴν ὁμιλία.

ΠΟΙΗΤ. Ὄχι κάθε ἄλλο πρᾶγμα· ἐκεῖνο, ὁποῦ λέγει ὁ Βάκων γιὰ τὴ φύσι, δηλαδή, ῾πὼς ὁ φιλόσοφος, γιὰ νὰ τὴν κυριέψη, πρέπει πρῶτα νὰ τῆς ὑποταχθῆ, ἠμπορεῖ κανεὶς νὰ τὸ ῾πῆ γιὰ τὴ γλῶσσα· ὑποτάξου πρῶτα στὴ γλῶσσα τοῦ λαοῦ, καί, ἂν εἶσαι ἀρκετός, κυρίεψέ την.

ΣΟΦ. Αὐτὸ δὲν τὸ καταλαβαίνω πῶς γίνεται.

ΠΟΙΗΤ. Νά, πῶς γίνεται. Ἀπὸ τὰ παραδείγματα, ποὺ θέλει σοῦ ἀναφέρω, θέλει φανερωθῆ πὼς ὁ συγγραφέας πότε στὲς φράσες του ἀκολουθάει τὸν λαό, πότε ὄχι· πὼς ἡ μορφὴ τῶν λέξεων, ὁποῦ μεταχειρίζεται ὁ λαός, δὲν ἀλλά-

ζεται ἀπὸ τὸν συγγραφέα· πὼς κάθε λέξι γιὰ νὰ λάβη εὐγένεια, δὲν χρειάζεται ἄλλο παρὰ ἡ τέχνη τοῦ συγγραφέα· ἂν παίρνω τὰ παραδείγματα ἀπὸ τοὺς ξένους, μὴ μὲ ἐλέγχῃς· γιατὶ τὸ φταίξιμο δὲν εἶναι δικό μου· Quando fui desto innanzi la dimane, pianger senti᾽ fra ῾l sonno i miei figliuoli ch᾽eran con meco, e dimandar del pane. Παρατήρησε, σὲ παρακαλῶ· — τὸ θυμᾶσαι ὅλο ἐκεῖνο τὸ μεγάλο θαῦμα τῆς Τέχνης, τὸν Οὐγολῖνο; τοῦτα τὰ λόγια σου ἐγγίζουν τὴν ψυχή;

ΣΟΦ. Μάλιστα.

ΠΟΙΗΤ. Ἐδῶ δὲν εἶναι μεταφορὰ καμμία, ἐδῶ δὲν εἶναι καμμία φράσι δεινή, καὶ εἰς τούτους τοὺς τρεῖς στίχους ὁ Ποιητὴς ἀκολουθησε τὸν λαό· μάλιστα εἶναι καλὸ νὰ παρατηρήσουμε ῾πὼς ἐκεῖνο τὸ con meco, ὁποῦ οἱ Ἰταλοὶ τὸ βρίσκουν σωστότατο, δὲν ἠμπορεῖ νὰ προέρχεται παρὰ ἀπὸ τὸν κοινὸ λαό, γιατὶ ὁ συγγραφέας ἀφ᾽ ἑαυτοῦ του δὲν τολμάει νὰ κάμῃ καὶ ὡς πρὸς τοῦτο, θυμήσου τὸ δῶ τοῦ Ὁμήρου, τὸ ca᾽ τοῦ Δάντη, καὶ ἄλλα τέτοια πλῆθος, καί, γιὰ νὰ πληροφορηθῇς ῾πὼς ὁ συγγραφέας δὲν εἶναι ἐκεῖνος ὁποῦ τὰ πλάττει, βάλε καὶ ἐσύ, κατὰ μίμησιν, ἀντὶ γιὰ ψωμί, ψῶ, νὰ ἰδοῦμε τί ἀπόκρισι λαβαίνεις ἀπὸ τοὺς ἄλλους.

ΣΟΦ. Εἰς ποῖες περίστασες ὁ ποιητὴς δὲν ἀκολουθάει στὲς φράσες του τὸν λαό;

ΠΟΙΗΤ. Εἰς πολλές· ὅμως καὶ εἰς αὐτὲς πρέπει οἱ φράσες του νὰ ἔχουν καποίαν ἀναλογία μὲ τὲς ἄλλες, ὁποῦ ὑπάρχουν· ed essa e l'altre mossero a sua danza, e quasi velocissime faville, mi si velar di subita distanza. — Στοὺς πρώτους δύο στίχους, οἱ φράσες τοῦ ποιητῆ εἶναι φράσες τοῦ λαοῦ, στὸν τρίτον ὄχι, καὶ ἔχει τέχνην καλὴν ἡ μορφὴ τῶν λεξεων, μ᾽ ὅλον τοῦτο εἶναι πάντοτε ἡ ἴδια — Io venni in loco d᾽ ogni luce muto - αὐτὴ ἡ φράσι δὲν εἶναι τοῦ λαοῦ, τὰ λόγια ὅμως τὰ καταλαβαίνει, γιατὶ εἶναι ῾δικά του.

ΣΟΦ. Δός μου κανένα παράδειγμα, γιὰ νὰ καταλάβω εἰς τί τρόπον οἱ λέξες, ὁποῦ φαίνονται χυδαϊκές, ἠμποροῦν νὰ εὐγενισθοῦν.

ΠΟΙΗΤ. Εὐθύς· ὄχι ποτὲ ἀλλάζοντας μορφή. Ἀλλὰ ῾πές μου ἐσὺ πρῶτα, - sollevo, peccator, capo, pasto, forbendo, capelli, αὐτὰ τὰ λόγια σοῦ φαίνονται εὐγενικά;

ΣΟΦ. Τὰ τρία τὰ στερνὰ μοῦ φαίνονται πολὺ χυδαῖα.

ΠΟΙΗΤ. La bocca sollevo dal fiero pasto - quel peccator, forbendola a᾽ capelli - del capo ch'elli avea di retro guasto. Τώρα ἐκεῖνο τὸ forbendo, ἐκεῖνο τὸ pasto σοῦ φέρνουν φρίκη ἢ ὄχι;

ΣΟΦ. —

ΠΟΙΗΤ. Νά, λοιπόν, ἂν ἔχης ψυχή, αἰσθάνεσαι ῾πὼς ἔτσι μεταχειρισμένα τὰ λόγια δὲν εἶναι χυδαϊκά· ἂν δὲν ἔχῃς, μήτε τὰ φαντάσματα τῆς ποιήσεως βλέπεις, μήτε τὰ πάθη αἰσθάνεσαι, καὶ μὲ τὴν πρόληψι, ῾ποὺ ἔχεις, τὰ λόγια σοῦ φαίνονται χυδαϊκά.

ΣΟΦ. Ἡ βάσι λοιπόν, εἰς τὴν ὁποίαν πρέπει νὰ καλλωπίσουμε τὴ γλῶσσα μας, ἀντὶ νὰ εἶναι ἡ ἑλληνική, θέλεις νὰ εἶναι ἡ τωρινή;

ΠΟΙΗΤ. Ἐξ ἀποφάσεως.

ΣΟΦ. Καὶ πῶς ἠμπορεῖ νὰ γείνη αὐτό; Εἶναι τόσες διάλεκτοι στην Ἑλλάδα καὶ δὲν ἀκουόμασθε ἀνάμεσώ μας.

ΠΟΙΗΤ. Πόσες διάλεκτοι; Πόσες; Κύττα καλά, μὴ σὲ ἀπατήσῃ ἡ διαφορὰ τῆς προφορᾶς, ἐνῶ κρίνεις τὲς διαλέκτους τῆς Ἐλλάδας· δέκα λόγια, ὁποῦ ἐμεῖς ἔχουμε ἀλλοιώτικα ἀπὸ ῾κεῖνα, ὁποῦ ἔχουν εἰς τὸ Μοριά, τί πειράζουν; Ἔπειτα, ποῖες εἶναι τοῦτες οἱ μεγάλες διαφορές; Ἐμεῖς λέμε πατερό, καὶ ἄλλοι λένε πάτερο, ἐμεῖς λέμε ματία, καὶ ἀλλοῦ λένε ματιά, ἐμεῖς λέμε ἀέρας, καὶ ἀλλοῦ λένε ἀγέρας, ἐμεῖς ἠμποροῦνε, καὶ ἀλλοῦ λένε ἠμποροῦν· τὶ διαφορὲς εἶναι τοῦτες; δὲν ἀκουόμασθε ἀναμεσώ μας; ἄφησε νὰ τὸ λέγουν οἱ Ἰταλοί, οἱ ὁποῖοι ἀληθινὰ δὲν ἀκούονται. Ἔλαβες ξένον δοῦλον ποτέ;

ΣΟΦ. Τοὺς δούλους μου βγάνεις ἔξω;

ΠΟΙΗΤ. Ἀποκρίσου, γιατὶ δὲν ἠξέρεις ποῦ ἀποβλέπει ἡ ἐρώτησί μου.

ΣΟΦ. Ἔλαβα.

ΠΟΙΗΤ. Ὅταν ὡμιλοῦσαν τοὺς ἐκαταλάβαινες;

ΣΟΦ. —

ΠΟΙΗΤ. Ἀποκρίνομαι ἐγώ· ἐγὼ ἔλαβα δούλους ξένους, ἕναν ἀπὸ τὴ Μάνη, καὶ τὸν ἐκαταλάβαινα ἐξαίρετα· ἕναν ἀπὸ τὸ Γαστούνι, ἕναν ἀπὸ τὸν Ὄλυμπο, ἕναν ἀπὸ τὴ Χιό, ἕναν ἀπὸ τὴ Φιλιππούπολι, καὶ τοὺς ἐκαταλάβαινα ἐξαίρετα· ἄκουσα νὰ ὁμιλοῦν ἀνθρώπους ἀπὸ τὸ Μεσολόγγι, ἀπὸ τὴν Κωνσταντινούπολη καὶ τὰ λοιπά, καὶ τοὺς ἐκαταλάβαινα τόσο, ὁποῦ σχεδὸν ἔλεγα ὅπως εἶναι ἀπὸ τὸν τόπο μου.

ΣΟΦ. Ἀμμὴ αὐτοὶ ἦταν ἀμαθέστατοι ὅλοι.

ΠΟΙΗΤ. Ἦταν· καὶ ὁ Χριστόπουλος, ὁποῦ εἶναι κάθε ἄλλο παρὰ ἀμαθέστατος, γράφει μὲ τὲς λέξες αὐτῶν.

ΣΟΦ. Καὶ αὐτὲς οἱ λέξες...

ΠΟΙΗΤ. Καὶ αὐτὲς οἱ λέξες εἶναι οἱ ἴδιες, μὲ τὲς ὁποῖες βρίσκεις γραμμένη τὴ Βοσκοπούλα, ποίημα, ὁποῦ δὲν εἶναι γυναῖκα νὰ μὴ γνωρίζω, καὶ ἔχει στῆ ῥάχη του χρόνους διακοσίους. Εἴδαμε τὰ Κλέφτικα τυπωμένα, καὶ γνωρίζουμε καὶ ἄλλα ἀπ᾽ αὐτά, καὶ ἐπαρατηρήσαμε ῾πὼς δὲν ἔχουν μία λέξι, ῾ποὺ νὰ μὴ σῴζεται στὴ Ζάκυνθο.

ΣΟΦ. Καὶ ἡ φτώχεια τῆς γλώσσας δὲν σοῦ φέρνει σύγχυσι καμμία;

ΠΟΙΗΤ. Πρῶτον μέν, δὲν ἄκουσα ποτὲ ῾πὼς ἡ φτώχεια μιᾶς γλώσσας εἶναι ἀρκετὸ δικαιολόγημα, γιὰ νὰ τὴν ἀλλάξουν οἱ σπουδαῖοι· δεύτερον δέ, ποῖος ἀποφάσισε ῾πὼς εἶναι φτωχή;

ΣΟΦ. Ὅλοι οἱ σοφοὶ τοῦ ἔθνους.

ΠΟΙΗΤ. Σοφοί; ἂς εἶναι· καὶ οἱ σοφοὶ δὲν σοῦ φαίνονται ῾πὼς ἠμποροῦν νὰ κάνουν λάθος;

ΣΟΦ. Εἶναι εὐκολώτερο νὰ λανθάνεσθε ἐσεῖς.

ΠΟΙΗΤ. Νὰ ἦταν τοῦτο ζήτημα σκοτεινὸ καὶ καινούριο, ἴσως· ἀλλὰ εἶναι καινούριο; εἰς τὴν ἐποχὴ τοῦ Δάντη δὲν ἐκινήθηκε κάτι παρόμοιο; ὅλοι οἱ σοφοί, καθὼς τοὺς κράζεις ἐσύ, ἐκείνου τοῦ καιροῦ, δὲν ἐκατάτρεξαν τὸν Δάντη; δὲν τοῦ ἔλεγαν ῾πὼς ἡ γλῶσσα εἶναι διεφθαρμένη, δυστυχισμένη, φτωχή, καὶ ῾πὼς δὲν εἶναι ἀξία νὰ τὴ γράψῃ ἀνθρωπος, ὁποῦ ἔχει σοφία; δὲν αὐθάδιασαν νὰ τὸν φωνάξουν ῾πὼς ἤπρεπε νὰ διπλώσουν μὲ τὰ συγγράμματά του τὸ πιπέρι; Τί λοιπὸν μοῦ φέρνεις ἔξω τοὺς σοφούς, γιὰ νὰ μὲ τρομάξῃς; δὲν εἶχαν εἰς τοῦτο περισσότερη γνῶσι ἀπὸ τοὺς φιλοσόφους οἱ χυδαῖοι ἄνθρωποι, οἱ ὁποῖοι ἐτραγουδοῦσαν στους δρόμους τοὺς στίχους του; Εἶναι τώρα ἕνας στην Ιταλία ῾ποὺ νὰ μὴ σπουδάζῃ, γιὰ νὰ μάθῃ τὴ γλῶσσα τοῦ Δάντη;

* * *

ΣΟΦ. Ἐγὼ σὲ βεβαιώνω ὅτι πολεμῶ γιὰ τὴν ἀλήθεια, καὶ ὄχι γιὰ τίποτε ἄλλο.

ΠΟΙΗΤ. (Πιάνοντας φιλικὰ τὸ χέρι τοῦ Σοφ.) Τίμια λόγια σοῦ ἐβγῆκαν ἀπὸ τὸ στόμα· καὶ ἐγὼ καὶ ἐσὺ πολεμοῦμε γιὰ τὴν ἀλήθεια· ἀλλὰ συλλογίσου καλά, μήπως κυνηγώντας τὴν ἀλήθειαν εἰς ἐκεῖνον τὸν τρόπο, ἀπατηθῇς, σφίγγοντας εἰς τὸν κόρφο σου τὸ φάντασμά της. Ἔλα στὸ νοῦ σου, στοχάσου πόσο κακὸ κάνει ἡ γλῶσσα ῾ποὺ γράφετε· ὡς πότε θὰ ἀκολουθοῦν νὰ μᾶς κλαίγουν οἱ ξένοι, καὶ νὰ μᾶς ξαναθυμοῦν τὲς δόξες τῶν παλαιῶν μας, γιὰ νὰ μας αὐξήσουν τὴν ἐντροπή; «Ἡ δάφνη κατεμαράνθη», ἐφώναξε ὁ γενναῖος, πικρότατα καὶ ἀληθινὰ λογια! Ναί! ἀλοίμονον! ἡ δάφνη κατεμαράνθη! Ἔρχεται ὁ ξένος καὶ βρίσκει ἀκόμη ζωντανὲς πολλὲς συνήθειες τῆς Ἰλιάδος· ἀκόμη οἱ γυναῖκες λέγουν τὰ μυρολόγια εἰς τὰ λείψανα, καὶ τὰ φιλοῦν· ἀκόμη ὁ γέρος στὴ δυστυχιά του χτυπάει τὸ μέτωπό του μὲ τὰ δυό του χέρια, καὶ τὰ σηκώνει στον οὐρανό, ῾σὰν νὰ ἤθελε νὰ τὸν ἐρωτήσῃ, γιατὶ ἔπεσε τέτοια συμφορὰ στο κεφάλι του· ἀκόμη γυμνώνει τὸ βυζί της ἡ μάνα καὶ ξαναθυμάει τοῦ παιδιοῦ της τὸ γάλα, ῾ποὺ τοῦ ἔδωσε· ἀκόμη ὁ δοῦλος κάνει ὅρκον εἰς τὸ ψωμί, ῾ποὺ τὸν ἔθρεψε. Ὅμως ὁ ξένος δὲν ἔχει ἄλλα ῾δικά μας νὰ μουρμουρίσει στὰ χείλια του παρὰ «Μῆνιν ἄοιδε θεά», γιατὶ ἡ δάφνη κατεμαράνθη. Καὶ τώρα, ῾ποὺ ξαναγίνεται νίκη στὸ Μαραθῶνα, δὲν σῴζεται φωνὴ ἀνθρώπου νὰ ξανακάμῃ στῇ γλῶσσα μας ὅρκον, «Μὰ τὲς ψυχές, ῾πού ἐχάθηκαν πολεμώντας!» γιατὶ ἡ δάφνη κατεμαράνθη (ὁ ποιητὴς κλαίει).

ΣΟΦ. (γελάει) Σὲ παρακαλῶ νὰ θυμηθῇς τὰ λόγια τὰ πικρὰ ῾ποὺ μοῦ εἶπες.

ΠΟΙΗΤ. Συγχώρεσέ με· ἔχω εὔκολο τὸ χεῖλο καὶ δὲν ἔχω κακὴ τὴν καρδία· συγχώρεσέ με, σοῦ λέγω.

ΣΟΦ. ῾Πὲς ῾πὼς τὰ ξαστόχησα ὅλα.

ΠΟΙΗΤ. Ὄχι ὅλα, ἀδελφὲ ἀγαπημένε, μὰ τὴ μνήμη τοῦ Μπότσαρι, μὴ τὰ ξαστοχήσῃς ὅλα! Τόσοι πατέρες ἔχουν εἰς τὴ διδασκαλία σου τὰ παιδιά τους, καὶ ἐλπίζουν νὰ τὰ κάμῃς ἀσπίδες τῆς πατρίδας, καὶ μὴν θέλῃς νὰ πάρῃς τὸ κρῖμα στο λαιμό σου. Δὲν εἶναι ἐντροπὴ νὰ φανερώσῃ ἄλλος ἄνθρωπος ῾πὼς ἔσφαλε, μάλιστα θέλῃ σ᾽ ἐπαινέσῃ κάθε γενναῖος, καὶ ἐγὼ σοῦ δίνῳ στο μέτωπο τὸ φιλὶ τῆς εἰρήνης.

ΣΟΦ. Ἐμεῖς, ἐμεῖς θέλει σηκώσουμε τοὺς στύλους τῆς γλώσσας, τώρα ῾ποὺ ἡ ἐλευθερία...

ΠΟΙΗΤ. Δὲν ὑποφέρεσαι πλέον! Ἐσεῖς, ἐσεῖς θέλει σηκώσετε τοὺς ἰδίους στύλους, ὁποῦ ἔστησε περνώντας ἀπὸ τὴν Παλαιστίνην ὁ Σέσωστρις! δὲν ὑποφέρεσαι πλέον! Ἐσὺ ὁμιλεῖς γιὰ ἐλευθερία; Ἐσύ, ὁποῦ ἔχεις ἁλυσωμένον τὸν νοῦν σου ἀπὸ ὅσες περισπωμένες ἐγράφθηκαν ἀπὸ τὴν ἐφεύρεσι τῆς ὀρθογραφίας ἕως τώρα, ἐσὺ ὁμιλεῖς γιὰ ἐλευθερία; Εἴδαμε τὸ ὄφελος, ὁποῦ ἐκάμετε μὲ τὰ φῶτα σας εἰς τὴν ἐπανάστασι τῆς Ἑλλάδας· ἀκούσαμε ποιητάδες ἀνοήτους, ῾που ἤθελαν νὰ ἀθανατίσουν τοὺς Ἥρωες καὶ οἱ ῾παινεμένοι Ἥρωες δὲν ἐκαταλάβαιναν λέξι· ἀκούσαμε πεζοὺς σκοτεινόμυαλους, οἱ ὁποῖοι ἐπροσπαθοῦσαν νὰ ἀνάψουν φλόγα πολέμου εἰς τὸν λαό, καὶ ἀρχινοῦσαν μὲ τὴ λέξῃ Προτροπή. Καὶ πῶς; ὁ λαὸς τῆς Ῥώμης ἔτρεχε ν᾽ ἀκούσῃ τὸν Κικέρωνα, γιατὶ δὲν ἐκαταλάβαινε τίποτε; γιατὶ δὲν ἐκαταλάβαινε τίποτε, ἐδιώρθωνε ὁ λαὸς τὸν Δημοσθένη, ὁ ὁποῖος ἔπαιξε ἐπιταυτοῦ μὲ τὴ λέξι σφαλμένη; γιατὶ δὲν ἐκαταλάβαινε τίποτε ἐθαύμασε, ὅταν ἐδιάβασε τὴν Ἱστορία του ὁ Ηρόδοτος, κ᾽ ἔκλαιγε ὡστόσο ἀκούγοντάς την ὁ Θουκυδίδης, ὁποῦ ἦταν δεκατριῶν χρόνων; καὶ γιατὶ δὲν ἐκαταλάβαιναν τίποτε, ἐκφωνοῦσαν οἱ Σπαρτιάτες, τρέχοντας εἰς τὴν μάχη, τὰ πολεμικὰ τραγούδια τοῦ Τυρταίου, καὶ αἰσθάνονταν τραγουδώντας καὶ ἄλλην ψυχὴ μὲς στὰ στήθια τους; Ὢ νέοι συμμαθητάδες μου, πῶς ἠμπορεῖτε νὰ λάβετε ποτὲ ἐλπίδα νὰ τραγουδήσουν καὶ τὰ ῾δικά σας, ἐὰν σᾶς τρυποῦν τ᾽ αὐτιὰ οἱ διδάσκαλοί σας μὲ βρώματα, μὲ θούριον, καὶ μὲ παρόμοια; Ὢ Σοφολογιώτατοι! αὐτὰ εἶναι τὰ μαθήματα, ὁποῦ τοὺς δίνετε, καὶ θέλετε νὰ τοὺς φωτίσετε! τόσο κάνει νὰ τοὺς φωτίσετε μὲ μία φούχτα στάχτη στὰ μάτια! Σᾶς δίνω ὅμως τὴν εἴδηση ὅτι ἐτέλειωσε τὸ βασίλειόν σας εἰς τὴν Ἑλλάδα μὲ τῶν Τούρκων τὸ βασίλειο. Ἐτέλειωσε, καὶ ἴσως ἀναθεματίστε τὴν ὥρα τῆς Ἐπαναστάσεως· ὄχι, ὄχι, ἡ

Εὐρώπη, ὁποῦ ἔχει προσηλωμένα εἰς ἐμᾶς τὰ μάτια της, γιὰ νὰ ἴδῃ τὶ κάνουμε τώρα, ὁποῦ συντρίβουμε τὲς ἅλυσες τῆς σκλαβιᾶς δὲν θέλει μας ἰδῇ ποτὲ νὰ ὑποταχθοῦμε εἰς τριάντα τυράννους ξυλίνους!

ΦΙΛ. Σώπα γιατὶ μαζώνεται ὁ λαός.

ΠΟΙΗΤ. Δὲν μὲ μέλει, ἂς μαζωχθῇ· μάλιστα ἂς μαζωχθῇ ὁ λαὸς τῆς Ἑλλάδας ὅλης, γιὰ νὰ τὸν ἀκούσῃ ὁ Σοφολογιώτατος πῶς ὁμιλεῖ· ἂς μαζωχθῇ, γιὰ νὰ τὸν φωνάξω ὅσο δύναμαι δυνατώτερα, πόσο εἶναι ἀδικημένος εἰς τὸ σκῆπτρο τῆς γλώσσας, τὸ ὁποῖον τοῦ ἔδωκε ἡ φύσι. Ἐγνώρισε τὴ δύναμι αὐτοῦ τοῦ σκήπτρου ὁ Σωκράτης, τὴν ἐγνώρισε ὁ Κικέρων, τὴν ἐγνώρισε ὁ Σπερόνης, τὴν ἐγνώρισαν ὅλοι οἱ σοφοὶ κάθε ἔθνους, καὶ κάθε καιροῦ, καὶ τοῦτος θέλει νὰ τὸ ἀδράξῃ ἀπὸ τὰ χέρια του, νὰ τὸ τσακίσῃ καὶ νὰ τοῦ δώσῃ ἄλλο βρυκολακίστικο!

ΣΟΦ. Ἀλλά, Κύριε...

ΠΟΙΗΤ. Ἀλλά, Κύριε, δὲν θέλει τὸ τσακίσετε ποτέ· οἱ ἀνδρεῖοι θέλει τὸ μεταχειρισθοῦν εἰς τὴν πλάτη σας, καθὼς ὁ Ὀδυσσέας ἐμεταχειρίσθηκε τὸ δικό του εἰς τὴν πλάτη τοῦ Θερσίτη.

ΣΟΦ. Ἀλλά, Κύριε...

ΠΟΙΗΤ. Ἀλλά, Κύριε, δὲν ἠξέρεις τι συλλογίζεσαι. Νὰ ἀλλάξῃς τὴ γλῶσσα ἑνὸς λαοῦ! Σῦρε, λοιπόν, τριγύρισε τὴν Ἑλλάδα, σῦρε ναὔρῃς τὴν κόρη, καὶ ῾πές της μὲ τι λόγια πρέπει νὰ λέγῃ ὅτι ἡ εὐμορφότερη εὐμορφία τοῦ κορμιοῦ της εἶναι ἡ τιμή· ἄμε ναὔρῃς τοὺς πολεμάρχους, ψηλάφησέ τους τὲς λαβωματιές, καὶ πές τους ὅτι πρέπει νὰ τὲς λὲν τραύματα· ἄμε ναὔρῃς τὸν ἀσπρομάλλη, ὁ ὁποῖος θυμᾶται πόσον αἷμα μᾶς ἐρούφηξεν ὁ Ἀλῆς, καὶ ῾πές του μὲ τὶ λόγια πρέπει νὰ παρασταίνῃ βρέφη, παρθένες, γέροντες ἀδικοσκοτωμένους ἑξήντα χιλιάδες· ἄμε ναὔρῃς τοὺς δυστυχέστατους Χιῶτες, οἱ ὁποῖοι παραδέρνουν ἐδῶ κ᾽ ἐκεῖ, καὶ ὅταν κουρασθοῦν κάθονται, ἴσως, εἰς κανένα ἔρημο ἀκρογιάλι καὶ ψάλλουν μὲ λόγια ῾δικά τους, «ἐπὶ τὸν ποταμὸν Βαβυλῶνος ἐκεῖ ἐκαθίσαμε καὶ ἐκλαύσαμε».

ΣΟΦ. Ἀλλά, Κύριε...

ΠΟΙΗΤ. Ἀλλά, Κύριε, δὲν σ᾽ ἀφίνω νὰ ὁμιλῆς πλέον. Ἄλλην ἔγνοια, δὲν ἔχετε παρὰ νὰ διακονεύετε λέξες μὲ τὰ κεφάλια σας· καὶ τὰ κεφάλια σας εἶναι ἄλαλα καὶ ξερά, ὡσὰν τὰ κρανία, ʽποὺ κοιμοῦνται στὰ χώματα. Θέλει ἄλλο παρὰ λέξες διακονεμένες γιὰ νὰ ὠφελήσης ἕναν λαό, ὁ ὁποῖος πολεμάει γιὰ τὴν ἐλευθερία, ὁποῦ ἔχασε ἀπὸ αἰῶνες, καὶ κάνει τέρατα! Εἶναι δύο φλόγες, διδάσκαλε, μία στο νοῦ, ἄλλη στὴν καρδία, ἀναμμένες ἀπὸ τὴ φύσι εἰς κάποιους ἀνθρώπους οἱ ὁποῖοι εἰς διάφορες ἐποχὲς διαφορετικὰ μέσα μεταχειρίζονται γιὰ ν᾽ ἀπολαύσουν τὰ ἴδια ἀποτελέσματα· καὶ ἀπὸ τὴ γῆ πετιοῦνται στον οὐρανό, καὶ ἀπὸ τὸν οὐρανὸ πετιοῦνται στον Ἅδη, καὶ ζωγραφίζουν εἰκόνες καὶ πάθη, παρόμοια μ᾽ ἐκεῖνα, ὁποῦ εἶναι σπαρμένα ἀπὸ τὴ φύσι στον κόσμο· καὶ ἀγαποῦν καὶ σέβονται, καὶ λατρεύουν τὴν τέχνη τους, ὡσὰν τὸ πλέον ἀκριβὸ πρᾶγμα τῆς ζωῆς, καὶ ὁμοιώνονται μὲ τὰ συμβεβηκότα, ʽποὺ περιγράφουν, καὶ κάνουν τοὺς ἄλλους καὶ γελοῦν, καὶ κλαίουν, καὶ ἐλπίζουν, καὶ φοβοῦνται, καὶ δειλιάζουν, καὶ ἀνατριχιάζουν, καὶ δὲν ἀφίνουν ἀναίσθητες παρὰ τὲς πέτρες καὶ σέ.

ΣΟΦ. (Ὁμιλώντας ʽγλήγορα). Καλά, καλά, ἀλλὰ ʽλίγοι γνωρίζουν τὴν παλαιὰν ὀρθογραφία.

ΠΟΙΗΤ. Χαίρετε, λοιπῶν, θεῖοι τόνοι, ὀξεῖες, βαρεῖες, περισπωμένες! χαίρετε ψιλές, δασεῖες, στιγμές, μεσοστιγμές, ἐρωτηματικές, χαίρετε! Ὁ κόσμος τρέμει τὴ δύναμί σας, καὶ οὐδὲ ποιητής, οὐδὲ λογογράφος ἠμπορεῖ νὰ γράψῃ λέξι, χωρὶς πρῶτα νὰ σᾶς ὑποταχθῇ. Ἐσεῖς ἐμπνεύσετε, πρὶν γεννηθῆτε, τὸν Ὅμηρο, ὅταν ἐτραγουδοῦσε τὴν Ἰλιάδα, τὴν Ὀδύσσεια, τοὺς Ὕμνους, καὶ ὁ λαὸς τῆς Ἑλλάδας τὸν ἐπερικύκλωνε καὶ τὸν ἐκαταλάβαινε· ἐσεῖς τὸν ἐμπνεύσετε, ὅταν περιγράφῃ τὸν ἀποχαιρετισμὸ τοῦ Ἕκτορος εἰς τὴν Ἀνδρομάχη, καὶ τὸ τέκνο του τὸν φοβᾶται καὶ κρύβεται· ἐσεῖς τὸν ἐμπνεύσετε, ὅταν περιγράφῃ τὸν δυστυχισμένον βασιλέα τῆς Τρωάδας, ʽπου παγαίνει στον Ἀχιλλέα, καὶ πέφτει στὰ πόδια του, καὶ τοῦ φιλεῖ τὰ χέρια, ὁποῦ τοῦ εἶχαν ὀλίγο πρωτύτερα σκοτώσει τὸ ἀκριβώτερό του παιδί· ἐσεῖς ἐμπνεύσετε τὸν Δάντη, ὅταν ἐτραγουδοῦσε τὸν Οὐγολίνο μὲ μίαν δύναμι, ʽποὺ δὲν βρίσκω παρομοίαν εἰς ὅλη τὴν ποίησι τῶν παλαιῶν· ἐσεῖς τὸν Σεΐκσπηρ, ὅταν ἐπαράσταινε τὸν Λέαρ, τὸν Ἅμλετ, τὸν Ὀτέλλο, τὸν Μάκβεθ, καὶ ἀνατρίχιαζεν ὅλος ὁ κόσμος τῆς Ἀγγλίας· ἐσεῖς τὸν Ῥασίν, ἐσεῖς τὸν Γοέθ, ἐσεῖς τὸν Πίνδαρο, ὁποῦ ἦταν στενοχωρημένος ἀπὸ τοὺς σοφολογιώτατους τοῦ καιροῦ του νὰ τοὺς κράζῃ κοράκους. Κοράκοι, ὅλοι κοράκοι ἀληθινοί, καὶ χειρότεροι ἀπὸ τὸν κόρακα, ὁποῦ ἐβγῆκε ἀπὸ τὴν Κιβωτό, καὶ ἐθρεφότουν ἀπὸ τὰ λείψανα, ὁποῦ εἶχε ἀφήσει ὁ κατακλυσμὸς τοῦ Κόσμου.

ΣΟΦ. (κοιτάζει στὰ μάτια τὸν ποιητὴ καὶ φεύγει).

ΦΙΛ. Εἶμαι βέβαιος ὅτι τοῦ φαίνεται ῾πὼς σ᾽ ἐχαιρέτησε, τόσο εἶναι καταζαλισμένος! δὲν ἠξέρει τὶ ν᾽ ἀποκριθῇ, ὅμως δὲν τὸν ἐκατάπεισες. Τρέχει νὰ ξαναπῇ ἀλλοῦ τὶ εἶναι γλῶσσα διεφθαρμένη.

ΠΟΙΗΤ. (Κυττάζοντας κατὰ τὸ Μοριά). Ὁ ἥλιος ἔχει συναγμένες τὲς ὑστερινές του ἀχτίνες ἐκεῖ.

ΦΙΛ. Θυμήσου τὰ λόγια τῆς Θείας Γραφῆς· νὰ μὴ σ᾽ εὕρῃ θυμωμένον ὁ ἥλιος ὁποῦ πέφτει.

ΠΟΙΗΤ. Ἁγιώτατα λόγια! καὶ προσπαθῶ, στὴ ζωή μου, νὰ τὰ θυμοῦμαι, ὅσον δυνατὸν περισσότερο· ἀλλὰ κάθε φορά, ῾ποὺ φιλονεικήσω μὲ τοὺς Σοφολογιώτατους, οἱ ὁποῖοι προσπαθοῦν νὰ τυφλώσουν τὸ γένος, τέτοια λόγια μοῦ βγαίνουν ὁλότελα ἀπὸ τὸ νοῦ.

ΦΙΛ. Ἔχεις προσηλωμένα τὰ μάτια σου ἐκεῖ, καὶ τόσο ἀναμμένος εἶσαι στὸ πρόσωπο, καὶ τόσο σοῦ τρέμουν τὰ μέλη, ὁποῦ φαίνεται ῾πὼς ἑτοιμάζεσαι νὰ πᾶς ἐκεῖ πέρα νὰ πολεμήσῃς.

ΠΟΙΗΤ. Μοῦ πονεῖ ἡ ψυχή μου· οἱ δικοί μας χύνουν τὸ αἷμα τους ἀποκάτου ἀπὸ τὸ Σταυρό, γιὰ νὰ μᾶς κάμουν ἐλεύθερους, καὶ τοῦτος, καὶ ὅσοι τοῦ ὁμοιάζουν, πολεμοῦν, γι᾽ ἀνταμοιβή, νὰ τοὺς σηκώσουν τὴ γλῶσσα.

DIÁLOGO

"Submete-te primeiro à língua do povo,
e, se fores adequado, domina-a."

DIONÝSIOS SOLOMÓS

A voce piu ch᾽al ver drizzan li volti,
e cosi ferman sua opinione,
prima ch᾽arte o ragion per lor s᾽ascolti.

Dante Purg. XXVI, 121-123[1]

Personagens:

POETA

AMIGO

SABIOERUDITÍSSIMO

AM. Após tanta conversa te distraíste olhando em direção à Moreia[2].

POE. Tu também te distraíste, pois não me dizias nada; é possível que pensássemos as mesmas coisas, nós dois; pode muito bem haver passado três horas pois o sol está no meio do céu, ainda mais umas quatro horas até que as águas se turvem, e, se quiseres, podemos ficar nesta pedra, e recomeçar.

AM. Sentemos; doce o aroma do pélago, doce o ar, e o céu inube.

---

[1] "Pelo rumor verdade desprezaram,/E, como arte e razão desconheceram,/Sem fundamento opinião formaram". Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. (n.t.)
[2] Peloponeso. (n.t.)

POE. O pélago está todo liso, e o ar delicadíssimo, e quem quisesse partir para a Moreia, não poderia fazer a viagem sem trabalhar incessantemente os remos.

AM. Que te agrada mais, a tranquilidade do mar, ou a agitação?

POE. Para dizer a verdade, sempre me agradou a serenidade do mar, quando se espraia limpíssimo; considerava-o como a imagem do homem que se distancia das inquietudes do mundo e, com sinceridade, revela tudo o que tem dentro de si. Mas desde que passaram nossos barcos rumo a Messolongui, mais me agrada a agitação; apareciam de dois em dois, três em três, e distinguias brancos os mastros com as velas infladas, brancas das espumas dispersas, as ondas, as quais com um ruído, como se fosse de alegria, deleitavam-se no pélago Jônio, e colapsavam na praia de Záquintos.

AM. Lembro-me bem; e tal era o barulho, e tal o embrulho do pélago, que te conduzi ao lado, para evitarmos a aspersão que sobre nós borrifava o mar.

POE. Parece que por lá os nossos não têm tanta dificuldade em banhar-se com seu sangue, como a temos nós em molharmo-nos com poucas miúdas gotas marítimas.

AM. Novamente te preparas para olhar outra vez em direção à Moreia, e calar outra vez... se bem que eu tenho a maneira de fazer-te falar quando quero.

POE. Entendi; queres que falemos sobre a língua; por acaso tenho outra coisa em minha mente, além de liberdade e língua? Aquela começou a pisar as cabeças turcas, esta rapidamente pisará as sabioeruditíssimas, e depois, abraçadas as duas, prosseguirão ao caminho da glória, sem nunca se voltarem para atrás, se algum Sabioeruditíssimo crocitar ou algum turco ladrar; pois para mim são semelhantes os dois.

AM. De certo são nossos inimigos os dois; fazes com que me lembre das palavras de Locke; – A língua é um grande rio, no qual tem resposta tudo o que o homem conhece, e quem não a utiliza como deve faz o que quer que lhe seja útil para cortar ou impedir os caminhos por meio dos quais corre a

sabedoria. Quem fizer isto, portanto, com decisão voluntária, deve ser considerado como inimigo da verdade e da sabedoria.

POE. Que dizes? Até quando irá em frente essa hipótese? Um povo por um lado falando de um jeito, poucos homens de outro esperando fazer o povo falar uma língua própria deles!

AM. Por algum tempo a hipótese prosseguirá; a verdade é boa deusa, mas as paixões do homem mui frequentemente a creem inimiga. Alguns conhecem a verdade, mas já que escrevendo daquela maneira obscura conseguiram alguma fama de sabedoria, assim seguem, embora seja equivocado.

POE. Então são dignos de comparar-se aos homens que para viver vendem veneno.

AM. Shakespeare descreve muito bem a oficina de um deles e quero recordar-te suas palavras, pois, em verdade, recordam-me a maneira na qual são escritos os livros dos Sabioeruditíssimos. – Pendida via-se uma tartaruga em sua pobre loja, um crocodilo morto e empalhado, e muitas outras peles de peixes desconformes; pelas sujas prateleiras, uns montes miseráveis de caixinhas vazias, potes verdes, bexigas e sementes bolorentas, restos de fios, velhos pães de rosas, magramente espalhados para efeito[3].

POE. Vejo de longe um sabioeruditíssimo; desejo para minha tranquilidade, para a tua e para a dele que não se aproxime de nós.

AM. Muito desejo; tu te irritas demais.

POE. Irrito-me, pois sou obrigado a dizer outra vez as coisas que disseram tantas vezes as outras nações, e sem serventia repetir. Os franceses lutaram pela língua, e terminou na época de d'Alembert; os alemães, e Opitz deu o exemplo da verdade; os italianos, e com tanta teimosia, que nem o exemplo do Altíssimo Poeta bastara para então os convencer. Tranquilizaram-se afinal, escrevendo a língua de seu povo, as nações sábias, e em vez daquelas preocupações deploráveis nos servirem de exemplo para evitá-las, caímos em erros piores. Enfim, os sabioeruditíssimos daquelas nações queriam que fosse

---

[3] Romeu e Julieta, V.i. 42-43. (n.t.)

escrita uma língua, que foi outrora viva nos lábios dos homens; decerto boa coisa não é, mesmo se fosse verdadeiramente possível, pois dificulta a propagação da sabedoria; mas os nossos querem que escrevamos uma língua que nem é falada, nem foi falada outrora, nem será falada jamais.

AM. O Sabioeruditíssimo vem em nossa direção.

POE. Bem o aceitas com tua paciência! Eu não quero palavras com ele. Olha como corre! O queixo levanta ao extremo, como se quisesse unir-se com o nariz. Oh que houvesse a união, e tão apertada que não pudesse mais abrir sua boca para iluminar a nação!

SAB. Devorei o mundo, amicíssimo, para te encontrar; corri, como é o dever de um bom patriota correr, quando está em perigo a glória da nação; será impresso em breve um livro, escrito na língua do povo da Grécia, que fala mal de nós, sábios, e isso me parece mal.

AM. Por que te parece mal?

SAB. Porque muitas cabeças estão boas, e muitas não; e todas as que não estão muito boas podem ser enganadas. São tantos anos que estudo pelo bem comum de minha pátria, que não gostaria que saíssem outros a cegarem-me os homens. Vim a ti, que também és sábio, para unirmo-nos com os que pensam bem, e esmagarmos este escritor bárbaro.

AM. E quem é o escritor?

SAB. Não me disseram seu nome; disseram-me que é um jovem, que pela língua comum sempre empunha a espada em mão, e, que pela grande ira, poderíamos dizer que resultou um novo Ájax lategóforo.

POE. Então toma tuas medidas, vai que em seu ódio ele também mate cordeiros, e se envergonhe.

SAB. Que se envergonhe; por ele não me importo; importo-me pelo bem comum.

POE. E que bem?

SAB. A língua te parece um bem menor? Com a língua ensinarás cada coisa; então deves primeiramente ensinar as palavras corretas.

POE. Sabioeruditíssimo, as palavras o escritor não as ensina, ao contrário, aprende-as da boca do povo; isso até as crianças sabem.

SAB. (Em alta voz). Conheces o Grego, Senhor? Conheces, estudaste-o desde pequeno?

POE. (Em voz mais alta). Conheces os gregos, senhor? Conheces, estudaste-os desde pequeno?

AM. Irmãos, não comecem a gritar, pois nos encontramos na rua, e a verdadeira sabedoria diz sua justiça com majestade, e sem irritações.

SAB. (Baixando a voz e tentando parecer majestoso). Verdade, amigo; assim também fazia Sócrates.

POE. Invariavelmente! Lembra-te do nome, pois podes precisá-lo. Contudo, digo-te outra vez que o professor das palavras é o povo.

SAB. Isso me parece muito estranho; um dos mais sábios de nossa nação escreveu que, para escrevermos com as palavras do povo, devemos pensar também com os pensamentos do povo.

POE. Isso são filhos tortos de um pai belíssimo. Condillac havia dito que a palavra é a marca da ideia; contudo, jamais imaginou que todos os que têm as mesmas palavras têm também os mesmos pensamentos; as moedas no lugar onde vives têm o mesmo preço; contudo, em minhas mãos não valem, pois não as sei gastar, em tuas mãos valem um pouco mais, pois sabes e as economizas, e nas mãos de um terceiro em pouco tempo abundam. Se isso fosse verdade, todos os homens de um local deveriam ter os mesmos pensamentos; diferem, contudo, neles, como diferem nas fisionomias; e se por infelicidade da nação algum sabioeruditíssimo enlouquecesse, é provável que desafogasse

sua loucura com as mesmas palavras com as quais estava habituado a falar; e é correto, por isso, eu dizer que pensa como tu?

SAB. Neste último ponto, falaste sabiamente; contudo, utilizarmos as palavras do povo é coisa desconhecida.

POE. O contrário é desconhecido. Em que circunstâncias nos encontramos, em que circunstâncias se encontra a nossa língua? Já saiu algum grande escritor para ser o nosso exemplo, um que enobreça verdadeiramente suas palavras, pintando com elas imagens e paixões?

SAB. ... Como Homero, não certamente...

POE. Foste muito longe, amigo. Diga-me então como devemos prosseguir?

SAB. Devemos correr às formas das palavras gregas, e tomar quantas pudermos, e algumas das nossas que não tinham os Antigos, arrastá-las à forma antiga.

POE. Por quê?

SAB. Porque estas palavras são mais nobres.

POE. Diz a verdade, está ilesa tua consciência, enquanto me dizes tais coisas?

SAB. Ilesa, pelo amor do Helicon!

POE. Terribilíssima jura! E assegura-te de que me agita as entranhas. Digo-te, contudo, que tens o juízo esmagado pelo esforço que fizeste para aprender, e, pois que percebo que vós todos esperais iluminar a nação com o abecedário em mãos, pergunto-te qual abecedário é mais nobre, o nosso, ou o italiano?

SAB. Quanto a isto... as letras de cada abecedário têm a mesma nobreza.

POE. Portanto não tem nenhuma por si só. Quando estão espalhadas e misturadas, que demonstram? Vem o tipógrafo, escolhe-as, põe-nas em ordem, e o olho lê; Urano[4], Markos Bótsaris, Sabioeruditíssimo. À primeira palavra abaixo minha cabeça, choro com a segunda, e com terceira, rio por anos. O mesmo vale para as palavras; sua nobreza depende da arte com a qual as utilizas.

SAB. Qualquer arte que utilizares, as palavras da Grécia atual estão corrompidas... Que me olhas sem falar?

POE. Olho os cabelos brancos de tua cabeça.

SAB. Amém, que têm a ver com as palavras?

POE. Têm a ver com o tempo. O tempo, que começou a tornar respeitáveis teus cabelos, corrompe todas as coisas do mundo, até mesmo as línguas, e aquieta-te.

SAB. Que nobreza podem ter nossas palavras se estiverem corrompidas?

POE. A nobreza que tinham as inglesas, antes de Shakespeare escrever, a que tinham as francesas, antes de Racine escrever, a que tinham as gregas antes de Homero escrever, e todos escreveram as palavras de seu tempo. Cada língua deve por necessidade ter palavras de outras línguas; e a nobreza das línguas é como a nobreza dos homens; nobre tu, nobre teu pai, teu avô nobre, mas indo em frente certamente encontras o homem que tocava flauta pastando cordeiros.

SAB. Não digo para escrevermos grego propriamente, se bem devêssemos fazer mil preces para reviverem aquelas palavras.

POE. Eu não faço nenhuma, para não perder tempo; e se estivesse certo de que viveria a vida de Matusalém, não abriria a boca para tais preces, as quais trazem o mesmo bem que trazem os prantos sobre os corpos dos mortos. As preces que faço são para reviver a sabedoria, e a sabedoria não reviverá nunca

---

[4] Céu. (n.t.)

enquanto for escrita com vosso jeito especial. Sempre tive a infelicidade de pensar com Sócrates as palavras como os assovios; teu ouvido Pitagoriza com as antigas, o meu e o da nação com as de agora.

SAB. E quem pode me impedir de corrigir, como quer Koraís, nossas palavras com as formas das antigas?

POE. Por qual razão queres fazer tal correção?

SAB. Porque a correção de uma língua nova deve ocorrer com a guia de sua mãe; toda a Grécia diz *μάτι*[5], nós devemos corrigir, e dizer *ὀμμάτιον*; diz *κρεββάτι*[6], devemos dizer *κρεββάτιον*.

POE. Essa proposta parece a loucura de alguns homens que têm a aparência de sensatez.

SAB. Que queres dizer?

POE. Quero dizer que apesar de a proposta parecer conter alguma justiça, se examinares bem, não contém nenhuma, e é contrária aos exemplos das outras nações.

SAB. Isso eu desejo que me comproves.

POE. Com prazer; e de tão bom grado te comprovo, quanto penso que este é o primeiro alicerce sobre o qual se eleva o grande edifício de vossa língua, a qual, com teu consentimento, é barbaríssima, como te comprovarei no seguinte. A corrupção da forma das palavras, diz Gébelin, é de três espécies; ou mudam as vogais, ou mudam as consoantes, ou mudam de lugar os caracteres que compõem uma palavra. Isso ocorre em cada língua que nasce de outra. Observe a língua dos Latinos, a língua dos Espanhóis, a língua dos Franceses, a língua dos Italianos. Compara-as com a língua que as pariu e verás claríssima a verdade que te digo. Agora tomemos o primeiro verso de Dante, e corrijamo-lo segundo a forma que vós decidis utilizar; *Nel mezzo del cammin*

[5] Olho. (n.t.)
[6] Cama. (n.t.)

di nostra vita[7]. A língua italiana não é realmente filha da Latina, é sua neta; façamos a correção com a mesma habilidade com a qual fazeis em vossa língua; *Nel*, é bárbaro, devemos dizer *In*, *-mezzo*, aqueles dois *zz* são bárbaros, devemos dizer *medio*. *-del*, nada. *-cammin*, senta-te a pensar de onde vem, mas requer magnanimidade; latinizemo-lo; *cammini*. *-nostra*, devemos dizer *nostrae*. *-vita*, devemos dizer *vitae*. Eis o verso corrigido e iluminada a nação! *In medio cammini nostrae vitae*.

SAB. Isso é ridículo.

POE. E vossas coisas por acaso são de outra forma? São invariavelmente as mesmas. E tão idiota era Dante de não saber também ele fazer proporcionalmente em sua língua tal correção? Seus versos latinos não são certamente belos como os de Virgílio, que tinha tudo em sua mente e não necessitava fazer muitas tais correções. Por que não as fizeram os Franceses? Por que não as fizeram os Latinos? E como poderiam fazê-las? Tomemos a última palavra, e vejamos se pode ser desbarbarizada. Dissemos *vitae*, em vez de *vita*; mas foi desbarbarizada dessa forma? Não, Sabioeruditíssimo; a forma da palavra caiu de um barbarismo ao outro; *vitae* é corrompida, também ela, por este teu admirável *βίος*, grego; *βίος*, portanto é a forma prototípica e a verdadeiramente nobre? Quem disse? Quem sabe te dizer? O *όφις*[8] que certamente pensas ser mais nobre do que o *φίδι*, o *όφις* eu digo, junto com tantas outras palavras, não é nem ao menos grego, pois *οφ* é estrangeiro, e somente sua terminação é grega. E assim como vês, Sabioeruditíssimo, calma e lentamente, eu te restrinjo a falar a língua de Adão, e podes entoar para mim com Dante: *La lingua ch' io parlai fu tutta spenta*[9], pois eu te respondo: fala com os sentidos, para não barbarizar!

SAB. ... Então?

POE. Então todas as palavras do povo da Grécia...

SAB. (Ruborizando-se). Sempre me tiras o povo como professor! Quem jamais o disse!

---

[7] Dante, Inf. I, 1. "Da nossa vida, em meio da jornada". (n.t.)
[8] Cobra. (n.t.)
[9] Par. XXVI, 124. "A língua, que falei, se achava extinta". (n.t.)

POE. Muitos disseram, muitos. Bacon diz, não me lembro em que parte, que há certas pessoas que pensam que todas as coisas foram ditas, e tu pensas que nada foi dito.

SAB. Por favor, diz-me quem o disse?

POE. Ouve, Sábioeruditíssimo, e aterroriza-te; *Is qui omnium eruditorum testimonio totiusque iudicio Graeciae cum prudentia et acumine et venustate et subtilitate tum vero eloquentiae* (estás ouvindo Sábioeruditíssimo? *eloquentiae*), *varietate, copia, quam se cumque in partem dedisset omnium fuit facile princeps*[10].

SAB. Quem? Diz-me quem para nos acalmarmos.

POE. Lembra-te do nome que consideraste previamente, pois agora é necessário.

SAB. Quem, Sócrates?

POE. O próprio; e pois que te vejo suspirando com seu nome, que eu te ceife com suas palavras.

«Ἀλκ. *Οἶμαι ἔγωγε· ἀλλὰ γοῦν πολλὰ οἷοί τ᾽ εἰσὶν (οἱ πολλοὶ) διδάσκειν σπουδαιότερα τοῦ πεττεύειν.* – Σωκ. *Ποῖα ταῦτα;* – Ἀλκ. *Οἷον καὶ τὸ ἑλληνίζειν παρὰ τούτων ἔγωγε ἔμαθον· καὶ οὐκ ἂν ἔχοιμι ἐμαυτοῦ εἰπεῖν διδάσκαλον, ἀλλ᾽ εἰς αὐτοὺς ἀναφέρω, οὓς σὺ φῂς οὐ σπουδαίους εἶναι διδασκάλους.* – Σωκ. *Ἀλλ᾽ ὦ γενναῖε, τούτου μὲν ἀγαθοὶ διδάσκαλοι οἱ πολλοί, καὶ δικαίως ἐπαινοῖντ᾽ ἂν αὐτῶν εἰς διδασκαλίαν.* – Ἀλκ. *Τί δή;* -Σωκ. *Ὅτι ἔχουσι περὶ αὐτά, ἃ χρὴ τοὺς ἀγαθοὺς διδασκάλους ἔχειν.*»[11]

SAB. ...Não será que quer dizer outra coisa?

---

[10] Cícero. De oratore III 59, sobre Sócrates. “De acordo com o testemunho unívoco dos eruditos e o juízo de toda a Grécia, graças a sua astúcia, sagacidade, graça e fineza mas também sua eloquência, variedade e plenitude, facilmente se destacava sobre todos os outros onde quer que virasse sua atenção.” (n.t.)

[11] Platão. Alcibíades I, 110e-111a. “ALC. *Assim creio; são contudo capazes de ensinar muitas coisas mais importantes do que o jogo dos caídos*. SOC. *Quais são*? ALC. *Digamos, eu aprendi deles o grego; e não poderia mencionar um meu professor específico, mas digo que isto se refere a eles a quem dizes que não são professores importantes*. SOC. *Mas meu nobre, muitos são bons professores deste objeto e justamente são elogiados pelo seu ensino*. ALC. *Ou seja*? SOC. *Que possuem quanto a isto o que devem ter os bons professores*.” (n.t.)

POE. Tu, que és helenista, a mim me fazes tais perguntas? É trabalho teu.

SAB. Não te digo o contrário... Belíssimas palavras!

POE. Belíssimo sentido! Sim, belíssimo sentido: mas o que querias? Que cada um escrevesse as palavras de sua cabeça? Com que direito? Com o direito que lhe dá o espírito e o estudo? Então tudo bem, alguém que tenha espírito e estudo fabrica formas de palavras como bem quiser, um outro faz a mesma coisa, um terceiro faz pior, e em pouco tempo não temos nada além de trevas densíssimas. Por isso a natureza das coisas quis que nascessem as palavras da boca não de duas ou três pessoas, mas da boca do povo; e a filosofia escutou essa sua vontade, e a anunciou às pessoas. E quanto a isto que suspeitas, como ser outra coisa além do que significam as palavras, para que deixes cada dúvida te digo quantos clássicos repetiram a mesma coisa.

SAB. Não, não, não estudes a nenhum, pois Platão vale por todos, e por todos que hão de nascer.

POE. Justo julgamento; mas a profecia o supera.

SAB. Eu creio em Platão, mais do que todas as prerrogativas que alguém possa acentuar, é melhor que eu enlouqueça antes de duvidar de suas palavras, e realmente enlouqueceria se duvidasse. Se bem... tal coisa me produz grande indignação na alma... És bravo?

POE. E se não sou, – seguindo os exemplos de tantos outros, tento parecer tal.

SAB. Oh! És tal, certamente, és tal!

POE. Obrigado, e isso que é a primeira vez que me vês.

SAB. (falando calmamente). Crês que Platão (meu Deus, me perdoa!) Platão, digo, o próprio, que falou, crês que escrevia conforme o povo fala?

POE. Não creio; e quem o crê?

SAB. Creem todos os que são da facção vulgar.

POE. Coisa distorcida.

SAB. Que dizias até agora tu mesmo?

POE. Nada disto. Não dissemos ainda como devemos escrever a língua; até agora, disse, e te provei, que as formas das palavras, quando são comuns, não estão sujeitas a serem mudadas por ninguém, com o pretexto da correção; e nada mais.

SAB. E as palavras de Platão, por que as mencionaste a mim?

POE. Para que te convenças de que a importância das palavras é o povo que ensina ao escritor.

SAB. O escrito, portanto, será qualquer coisa menos a fala do povo.

POE. Não qualquer coisa; aquilo que diz Bacon sobre a natureza, ou seja, que o filósofo, para dominá-la, deve primeiro a ela submeter-se, pode-se dizer sobre a língua; submete-te primeiro à língua do povo, e, se fores adequado, domina-a.

SAB. Não entendo como isso ocorre.

POE. Eis como ocorre. Dos exemplos que te mencionarei, aparecerá que o escritor em suas frases ora segue o povo e ora não; que a forma das palavras que o povo utiliza não é mudada pelo escritor; que cada palavra, para tomar nobreza, não necessita nada além da arte do escritor; se tomo os exemplos dos estrangeiros, não me repreendas, pois a culpa não é minha; *Quando fui desto innanzi la dimane, pianger senti' fra 'l sonno i miei figliuoli ch' eran con meco, e dimandar del pane*[12]. Observa, por favor; - lembra-te de todo aquele grande milagre da Arte, Ugolino? Estas palavras te tocam a alma?

[12] Dante. Inf. XXXIII, 37-39. "Desperto ao primo alvor; dos meus queridos/Filhos que eram comigo, choro soa:/Pedem pão, stando ainda adormecidos". (n.t.)

SAB. Claro.

POE. Aqui não há nenhuma metáfora, aqui não há nenhuma frase formidável, e nestes três versos o Poeta seguiu o povo; claro, é bom que reparemos que aquele *con meco*, que os Italianos acham corretíssimo, não pode vir a não ser do povo comum, pois o escritor por si só não ousa fazê-lo, e, quanto a isto, lembra-te do *δῶ*[13] de Homero, do *ca'* de Dante e de outros tais um sem número, e, para estares informado de que o escritor não é aquele que os cria, põe tu, por mimese, em vez de *ψωμί*[14], *ψω*, para vermos que reação recebes dos outros.

SAB. Em quais circunstâncias o poeta não segue ao povo em suas frases?

POE. Em muitas; mas também nestas devem suas frases ter alguma analogia com as outras que existem; *ed essa e l'altre mossero a sua danza, e quasi velocissime faville mi si velar di subita distanza*[15]. – Nos primeiros dois versos as frases do poeta são frases do povo, no terceiro não, e a forma das palavras tem boa arte, contudo é sempre a mesma – *Io venni in loco d' ogne luce muto*,[16] – esta frase não, as palavras, contudo, o povo entende, pois são suas.

SAB. Dá-me algum exemplo para que entenda de que maneira as palavras que parecem vulgares podem nobilitar-se.

POE. De pronto; nunca mudando a forma. Mas, diz-me tu primeiro, *sollevò*, *peccator*, *capo*, *pasto*, *forbendo*, *capelli*, estas palavras te parecem nobres?

SAB. As três últimas me parecem muito vulgares.

POE. *La bocca sollevò dal fiero pasto quel peccator, forbendola a' capelli del capo ch'elli avea di retro guasto*[17]. Agora aquele *forbendo*, aquele *pasto*, inspiram-te terror ou não?

---

[13] Forma contraída de δῶμα, casa, morada. (n.t.)
[14] Pão. (n.t.)
[15] Dante. Par. VII, 7-9. "Tornam todas à dança jubilosa,/E súbito da vista se apartaram/Velozes, como flama fulgurosa". (n.t.)
[16] Inf. V, 28. "Em lugar de luz mudo tenho entrado". (n.t.)
[17] Inf. XXXIII, 1-3. "Do fero cevo os lábios desprendendo,/Na coma o pecador os enxugava/Desse crânio, a que estava atrás roendo". (n.t.)

SAB. –

POE. Eis, então, se tens alma, sentes que assim utilizadas as palavras não são vulgares; se não tens, nem vês os fantasmas da poesia, nem sentes as paixões, e com o preconceito que tens, as palavras te parecem vulgares.

SAB. A base, portanto, sobre a qual devemos adornar nossa língua, ao invés de ser a grega queres que seja a atual?

POE. Decididamente.

SAB. E como pode ocorrer isto? São tantos dialetos na Grécia e não nos entendemos entre nós.

POE. Quantos dialetos? Quantos? Olha bem, não te engane a diferença da pronúncia enquanto julgas os dialetos da Grécia; dez palavras, que nós temos diferentes daquelas que têm na Moreia, o que importam? Depois, quais são essas grandes diferenças? Nós dizemos *πατερό*[18], e outros dizem *πάτερο*, nós dizemos *ματία*[19], e alhures dizem *ματιά,* nós dizemos *αέρας*[20], e alhures dizem *αγέρας*, nós *ημπορούνε*[21], e alhures dizem *ημπορούν*; que diferenças são estas? Não nos entendemos entre nós? Deixa que o digam os Italianos, os quais realmente não se entendem. Já tiveste um servo de fora?

SAB. E agora de onde me tiras os meus servos?

POE. Responde, pois não sabes o objetivo de minha pergunta.

SAB. Tive.

POE. Quando falavam entendias?

SAB. –

[18] Caibro. (n.t.)
[19] Olhada. (n.t.)
[20] Ar. (n.t.)
[21] Podem. (n.t.)

POE. Respondo eu; eu tive servos de fora, um de Máni e entendia-o perfeitamente; um de Gastúni, um do Olimpo, um de Quios, um de Filipúpoli, e entendia-os perfeitamente; ouvi falarem pessoas de Messolongui, de Constantinopla etc., e entendia-os tão bem que quase achava que eram de minha terra.

SAB. Oh eram todos ignorantíssimos.

POE. Eram; e Christópulos, que é qualquer outra coisa menos ignorantíssimo, escreve com as palavras deles.

SAB. E estas palavras...

POE. E estas palavras são as mesmas com as quais encontras escrita a *Βοσκοπούλα*[22], que não há mulher que desconheça, e tem em suas costas duzentos anos. Vimos as canções *cléfticas*[23] impressas, e conhecemos outras destas, e percebemos que não têm uma palavra que não se mantenha em Záquintos.

SAB. E a pobreza da língua não te traz nenhuma confusão?

POE. Primeiramente nunca ouvi que a pobreza de uma língua é justificativa o suficiente para que a mudem os importantes; e segundo, quem decidiu que é pobre?

SAB. Todos os sábios da nação.

POE. Sábios? Que seja; e não te parece que os sábios possam cometer erros?

SAB. É mais fácil que vós erreis.

POE. Se fosse esta questão obscura e nova, talvez; mas é nova? Na época de Dante não se começou algo similar? Todos os sábios, como os chamas tu, daquele tempo não perseguiram a Dante? Não lhe disseram que a língua está

[22] Pastorzinha. (n.t.)
[23] Canções épicas de guerrilha. (n.t.)

corrompida, desafortunada, pobre, e que não é digno que a escreva um homem que tem sabedoria? Não lhe ousaram gritar que deviam embrulhar com seus escritos a pimenta? Por que então me tiras os sábios para me amedrontar? Quanto a isto, os homens vulgares, que cantavam nas ruas os seus versos, não tinham mais conhecimento do que os filósofos? Há agora na Itália um que não estude para aprender a língua de Dante?

[* * *][24]

SAB. Eu te asseguro que luto pela verdade, e por nada mais.

POE. (Tomando gentilmente a mão do SAB.) Honradas palavras te saíram da boca; tanto eu como tu lutamos pela verdade; mas pensa bem, talvez caçando a verdade daquela maneira, estás te enganando, apertando em teu seio o seu fantasma. Vem a si, pensa quanto mal faz a língua que escreveis; por quanto ainda seguirão lamentando-nos os estrangeiros, e relembrando-nos as glórias de nossos antigos, para aumentar nossa vergonha? "O louro murchou" gritou o bravo, palavras amaríssimas e verdadeiras! Sim! Ai de mim! O louro murchou! Chega o estrangeiro e encontra ainda vivos muitos costumes da Ilíada; as mulheres ainda entoam seus lamentos sobre as relíquias e as beijam; o velho em seu infortúnio ainda bate em sua fronte com as duas mãos e as levanta ao céu, como se quisesse perguntar por que caiu tal desgraça sobre sua cabeça; ainda desnuda o seu peito a mãe e relembra ao seu filho o leite que lhe deu, o servo ainda faz um juramento ao pão que o alimentou. Con-tudo o estrangeiro não tem outras coisas nossas para murmurar em seus lábios além de «Μῆνιν ἄειδε θεά»[25], pois o louro murchou. E agora que nova-mente ocorre uma vitória em Maratona, não resta voz humana para fazer de novo em nossa língua o juramento, "Mas as almas, que se perderam lutando!" pois o louro murchou (o poeta chora).

SAB. (Ri) Por favor, lembra-te das palavras amargas que me disseste.

POE. Perdoa-me; tenho o lábio fácil e não tenho mau coração; perdoa-me, digo-te.

---

[24] Aqui termina o terceiro caderno, faltam o quarto e talvez o quinto, o que segue é o último. (n.t.)
[25] Homero. Ilíada I. "Canta a ira, deusa". (n.t.)

SAB. Diz como falhei em tudo.

POE. Não tudo, irmão amado, pela memória de Bótsaris, não falhas em tudo! Tantos pais têm seus filhos em teu ensino, e esperam que faças deles escudos da pátria, e não queiras tomar a culpa sob teu pescoço. Não é vergonha que um homem demonstre que errou, aliás, isso requer o elogio de cada bravo, e eu te dou na fronte o beijo da paz.

SAB. Nós, nós devemos erguer as colunas da língua, agora que a liberdade...

POE. Não sofras mais! Vós, vós deveis levantar as mesmas colunas que levantou Sésostris passando pela Palestina! Não sofras mais! Tu falas sobre liberdade? Tu que tens tua mente acorrentada pelo número de circunflexos que foram escritos desde a invenção da ortografia até agora, tu falas sobre liberdade? Vimos o bem que fizestes com vossas luzes à revolução da Grécia; ouvimos poetas idiotas que quiseram imortalizar os heróis e os heróis elogiados não entendiam nenhuma palavra; ouvimos prosadores de mente obscura, que tentavam acender a chama da guerra no povo, e começavam com a palavra *Exortação*. E como? O povo de Roma corria para ouvir Cícero por que não entendia nada? Por que não entendia nada o povo corrigiu a Demóstenes, que jogava de propósito com a palavra errada? Porque não entendia nada Tucídides admirava quando Heródoto lia sua história, e mesmo chorava ouvindo-a quando tinha treze anos? E porque não entendiam nada gritavam os espartanos, correndo à batalha, as canções de guerra de Tirteu e sentiam, cantando, outra alma em seus peitos? Oh meus jovens colegas, como podeis jamais ter esperança de cantar as vossas, se vossos professores vos furam as orelhas com imundícies, com cantos de guerra e tais? Oh Sabioeruditíssimos! Essas são as aulas que lhes dais e quereis iluminá-los! Tanto faz que os ilumineis com um punhado de cinzas nos olhos! Porém vos entrego a notícia de que terminou vosso reinado na Grécia juntamente com o reino dos turcos. Terminou e quiçá amaldiçoeis a hora da revolução; não, não, a Europa, que tem os olhos atentos em nós para ver o que fazemos agora que rompemos as correntes da escravidão, jamais nos deverá ver submissos a trinta tiranos de madeira!

AM. Cala-te que está juntando povo.

POE. Não me importa, que se junte; aliás que se junte o povo de toda a Grécia para ouvir como fala o Sabioeruditíssimo; que se junte para que eu lhe grite o mais forte que puder como é injusto no cetro da língua que lhe foi dado pela natureza. Sócrates conheceu a força deste cetro, Cícero a conheceu, Sperone a conheceu, todos os sábios de cada nação a conheceram, de todos os tempos, e este aqui quer tomá-lo de suas mãos, rompê-lo e dar-lhes outro vampirístico!

SAB. Mas, senhor...

POE. Mas, senhor, nunca o rompereis; os bravos o utilizarão às vossas costas, como Odisseu utilizou o seu às costas de Tersites.

SAB. Mas, senhor...

POE. Mas, senhor, não sabes o que pensas. Mudar a língua de um povo! Anda, então, percorre a Grécia, anda a encontrar a filha, e diz-lhe com que palavras deve dizer que a mais bela beleza de seu corpo é a honra; se encontrares os guerreiros, tateia suas feridas e diz-lhes que devem chamá-las de traumas; se encontrares o de cabelos brancos que se lembra quanto sangue nos chupou Ali Paxá, diz-lhe com que palavras deve descrever bebês, virgens, velhos injustamente mortos, sessenta mil; se encontrares os infelizes quiotas que vagueiam aqui e acolá e quando se cansam sentam-se, quiçá, em uma praia deserta e cantam com suas próprias palavras "*ἐπὶ τῶν ποταμῶν Βαβυλῶνος ἐκεῖ ἐκαθίσαμεν καὶ ἐκλαύσαμεν*"[26].

SAB. Mas, senhor...

POE. Mas, senhor, não te deixo mais falar. Não tendes outra preocupação do que mendigar palavras com vossas cabeças; e vossas cabeças são mudas e secas como as caveiras que dormem na terra. É preciso qualquer coisa menos palavras mendigadas para beneficiares a um povo que luta pela liberdade que perdeu há séculos e produz monstros! Há duas chamas, professor, uma na mente, outra no coração, acesas pela natureza a alguns homens que em diferentes épocas de diferentes meios se utilizam para gozarem dos mesmos resultados; e da terra voam ao céu, e do céu voam ao hades, e pintam imagens

[26] Salmo 137, 1. "Junto aos rios da Babilônia, lá nos sentamos e choramos". (n.t.)

e paixões, tais como as que são semeadas pela natureza no mundo; e amam e respeitam-se e adoram sua arte como a coisa mais cara da vida e assemelham-se aos acontecimentos que descrevem, e provocam riso nos outros, e choro, e espera, e temor, e covardia, e arrepio, e não deixam ninguém insensível a não ser as pedras e a ti.

SAB. (Falando rápido). Bem, bem, mas poucos conhecem a ortografia antiga.

POE. Salve, então, ó divinos acentos, agudos, graves, circunflexos! Salve, brandos, ásperos, pontos, meios-pontos, interrogativos, salve! O mundo treme ante vossa força, e nem poeta nem escritor podem escrever palavra sem primeiro se submeter a vós. Vós inspirastes, antes de nascerdes, a Homero quando cantou a Ilíada, a Odisseia, os Hinos, e o povo da Grécia o circundava e o entendia; vós o inspirastes quando descreveu a despedida de Heitor a Andrômaca, e seu filho o teme e se esconde; vós o inspirastes quando descreveu o infeliz rei de Tróia que vai a Aquiles e cai aos seus pés e beija-lhe as mãos que haviam pouco antes matado seu mais caro filho; vós inspirastes a Dante quando cantou a Ugolino com uma força que não encontro semelhante em toda a poesia dos antigos; vós a Shakespeare quando representou a Lear, Hamlet, Otello, Macbeth, e arrepiava-se todo o povo da Inglaterra; vós a Racine, vós a Goethe, vós a Píndaro, que estava preocupado com os sabioeruditíssimos de seu tempo e os chamava de corvos. Corvos, todos verdadeiros corvos e piores do que o corvo que saiu da arca e se alimentava das relíquias que havia deixado o dilúvio do mundo.

SAB. (Olha o poeta nos olhos e vai embora).

AM. Estou seguro de que lhe parece que se despediu de ti, tão aturdido está! Não sabe o que responder, mas não o convenceste. Vai para dizer alhures o que é língua corrompida.

POE. (Olhando em direção à Moreia). O sol tem concentrados seus últimos raios lá.

AM. Lembra-te das palavras da santa escritura; que não te encontre zangado o sol que cai.

POE. Santíssimas palavras! E tento lembrar-me delas em minha vida o quanto for possível; mas cada vez que discuto com os sabioeruditíssimos, que tentam cegar a nação, tais palavras me fogem completamente da mente.

AM. Tens os teus olhos atentos lá e estás tão aceso no rosto, e tanto tremem teus membros, que parece que te preparas para ir lá e lutar.

POE. Dói-me minha alma; os nossos derramam seu sangue sob a cruz para que nos tornemos livres, e aquele, e todos os que lhe parecem, lutam, por recompensa, para que lhes elevem a língua.

contos

(n.t.) | Patagônia

TREZE
ISTVÁN ÖRKÉNY

O TEXTO: No conto "Treze" (*Tizenhárom*), escrito em 1945, Örkény narra os acontecimentos relacionados à execução de um grupo de condenados. Como o objetivo de um texto irônico é ser compreendido, o autor usa todos os recursos necessários, deixando sinais claros para o leitor, ora descrevendo detalhes sobre a personalidade dos senhores da vila, ora transformando Mikó, seu anti-herói, no mais astuto entre todos. Por trás do véu da ironia, o que Örkény faz é crítica social. Cabe ao leitor levantar esse véu.
Texto traduzido: Örkény, I. Tizenhárom. In: *Válogátott Novellák* (*Contos Escolhidos*). Budapest: Palatinus, 2004.

O AUTOR: István Örkény (1912-1979) renovou o conto húngaro e é considerado o mestre do grotesco da Europa Central. Seus contos e peças de teatro, conhecidos internacionalmente, exerceram uma influência significativa na literatura húngara contemporânea. Sua obra não é muito extensa. Quando lhe perguntaram por que não havia produzido mais, Örkény respondeu com franqueza: "Só escrevo quando tenho uma ideia".

O TRADUTOR: Paulo Chagas de Souza é professor de linguística na Universidade de São Paulo. Faz pesquisa nas áreas de fonologia e morfologia. Já teve três traduções de romances publicadas: uma do islandês, uma do estoniano e outra do sueco.

TIZENHÁROM

"Rekkenő hőség ült Komáromon.
A Duna felszíne izzott és füstölt."

ISTVÁN ÖRKÉNY

Rekkenő hőség ült Komáromon. A Duna felszíne izzott és füstölt, s a város utcáin a meleg levegő úgy ragadt a falakhoz, mint a kenyértészta a teknőbe. Az urak izzadtak, imbolyogtak, s irigyen pislogtak a homokos part felé, ahol két cigánykölyök hűsölt a bivalyok között. A deák, aki előttük járt, egy ház előtt végre megállt.

– Itt lakik – mondta.

A palánk kapuja kenetlenül nyikorgott, néhány tányérica állt az udvaron, fejét hűdésesen lelógatva, mozdulatlanul. Egy szederfa is, szomjas kutyaként lihegve, a kút mögött; de az árnyéka nem volt nagyobb, mint a tenyerem. Mikor az urak a szobába léptek, megkönnyebbültek. Nyitott szájjal szedték a levegőt, akár a csukák. Az ágyon felült a beteg.

– Jó napot, nagyságos uraim... – szólt tisztelettudóan, és a füle mögé seperte a haját. Magas, sovány ember volt, himlő marta bőrű, csontos. Ő volt a rücskös Sebő, a városi bakó.

A kopasz úr a szemét dörgölte: viszketett a melegtől.

– Beteg vagy még, Sebő? – kérdezte a másik, Móri Márton, a fehér szakállas. A kalapját nem vette le. Mért venné? Hét hajója úszik a Dunán; tavalyelőtt, a tűzvész után, a császár írt neki levelet. Pergamenlevelet, karmazsin pecséttel, néggyel...

– Beteg – nyögte a bakó. – Már három hete.

– Azazhogy pontosan huszonöt napja.

– Igenis.

– A szíved?

– Igenis. És a vesém.

– Pedig a munka már meggyűlt nagyon…

– Hányan vannak?

– Tizenketten.

A bakó hümmögött. Mit csináljon, ha beteg.

– Hanem bennünket nógat a tanács, Sebő. Hogy mi lesz, mi lesz?… Tele a siralomház, és az költséges mulatság. Lábra állsz-e hamarosan?

– Én? Én már soha. Nagyságos uraim, én meghalok.

Az urak összenéztek.

– Meghalsz, azt mondod?

– Meg. Igen, hamarosan.

No még ilyet. Az ember azt hinné, a hóhérnak pecsétes alkuja van a halállal. Hogy nem bántják egymást.

– Honnan veszed?

– Érzem, uram.

Móri Márton a homlokát ráncolta. Töprengett, aztán levette fejéről a kalapot. Mégis.

– Hát ha ennyire vagy, mit tehetünk akkor? – dünnyögte jóakarattal. – Mihelyt érzed, hogy itt az idő, szalajtsd el hozzám a gyereket. Én meg küldöm át a papot… Nem akarom, hogy úgy pusztulj, mint a farkasok. Jó lesz?

– Nagyon – örvendezett Szabó. – És köszönöm a hozzám való jóságát.

Mikor kívül voltak a küszöbön, mintha lángok közé léptek volna.

– Most mi lesz? – kérdezte a deák.

Az urak tűnődtek. Az lesz, hogy áthozatják Sztrhacseket.

– Az ki? – állt meg Móri Márton.

– Az esztergomi bakó.

– És te, fiam – szólt a deákra a kopasz –, megírod neki szépen a levelet.

– Igen.

– Ma csütörtök. Péntek, szombat, vasárnap… Vasárnap virradóra átmegy érte egy szekér. Délre itt lehet.

– Itt.

– Aztán kialkuszod vele, érted? Segédet ne hozzon magával. A Sebő legénye ellátja a dolgot.

– El – bólintott erre a másik kettő.

A komáromi tanács híres volt a takarékosságáról. Úgy mesélték a megyében, hogy holdfényes éjszakákon az éjjeliőrnek el kell fújnia a lámpásokat az utcán; de a komáromiak röstellték a dolgot, és azt mondták, hogy a lámpást nem az őr fújja el, hanem a szél... Senki se hitte el nekik, pedig színigazság volt. Annál inkább, mert Komáromban egyáltalán nem volt éjjeliőr. A magisztrátus sajnálta rá a pénzt.

Azt remélte mindenki, hogy fordul az idő. De a hőség csak nőtt. Péntekre, szombatra még melegebb lett, vasárnap már a homokban főtt meg a tojás, felpukkadtak a fán a szilvák, a lovak lázasan rángatták a kötőféket, és a Kispolgár utcában hasba rúgták a mézesbábos feleségét. Mégis, a benei vesztőhelyen, a Kis-Duna partján összegyűlt vagy ötszáz bámészkodó; teljes létszámban jelent meg a városi tanács, ott volt a főbíró, az ügyész és Ciprián, a bencés apát. Aztán felvonult az őrség, és elővezette a hátrakötözött kezű és kiborotvált tarkójú rabokat, szám szerint tizenkettőt. A tömeg, a sűrű gyülevész, kéjesen számolgatta: tizenkettő, tizenhárom... Dehogy! Csak tizenkettő! De különben számolja őket a sátán ebben a cudar kánikulában... És sehol egy csepp víz!

Sehol egy csepp víz, és sehol egy csepp árnyék, akkora sem, mint egy mogyoró. Hol a Krisztus kínjában kujtorog az a Sztrhacsek? Mért nem jön már? Délre mondta, most három óra. Egy atrhozatott egy lajt vizet. A vizet egykettőre megitták, a rabok végképp nem kaptak belőle. Minek az nekik? Egy félóra, egy óra – egyszer mégiscsak megjön az a nyavalyás bakó, és akkor úgyis leüti a fejüket.

Szedlák azonban, a nagypofájú Szedlák, hangosan méltatlankodott. Megölte az apját, megfojtotta a feleségét, pucér kölykeire rágyújtotta a házat – ez igaz. Hogy ezért fejét veszik, hagyján. De mért nem adnak vizet?

– Nem jutott – magyarázta Stéhammer, a kövér patkolókovács. Szelíd ember volt, egy szúnyogot se nyomott volna agyon, nemhogy emberre emelné a kezét. A szelíd Stéhammer húszforintos aranyakat vert – finom ötvösrézből –, az Úristen se fogta volna rá, hogy nem arany. De Lipót császár orrát egy kissé piszére verte Stéhammer, s az emberek tüstént észrevették, és mondták: “A császár orra nem ilyen...” Ez juttatta ide Stéhammert, de a kovács még akkor is türelmes volt, mikor a többiek már fennhangon zúgolódtak. Persze, Szedlák vitte a hangot, de az a vörös tót se

maradt szégyenben, aki valami pörös ügyben ágyékon rúgta a füleki várnagyot.

– Mi lesz már? – kiáltozott a tót. – Jön a hóhér, vagy nem jön?

Erre aztán a többi is nekibogárzott, zajongott, lökdösődött, mondván, ez a hőség rosszabb a halálnál, és velük ne járassa a bolondját senki, hanem hozzák azt a hóhért, kerítsék elő a föld alól is, és gyerünk! A lárma fokozódott, úgyhogy a főbíró elunta, és intett az őrség kapitányának:

– Pápai, csinálj rendet!

De Pápai se tudott rendet teremteni, mert a rabok már egészen odáig voltak a melegtől, s nyugtalanságuk a nézőkre is átragadt. Az ilyen csürhének nem kell sok. Elkezdték ordítani, hogy ez gyalázat, azoknak az embereknek igenis joguk van hozzá, hogy kivégezzék őket, és szennyes nevekkel illették a magisztrátust. Az urak idegesek lettek, összedugták a fejüket, és azon tanakodtak, hogyan lehetne egy szakasz svalizsért feltűnés nélkül kihozatni, de szerencsére nem volt rá szükség, mert Péter, a pribék, egyszerre elkiáltotta magát:

– Békesség, emberek! Itt jön Sztrhacsek!

Mindenki megkönnyebbülten sóhajtott, és Szedlák, könyökével törölve arca verejtékét, megnyugodva mormolta: “Na, hála Istennek!” És mindenki Újfalu felé tekintett, és leste a hóhért, és örült.

Újfalu felől a komp lassan úszott által a Dunán, a kompon a kordé, a kordén a bakó; s a bakó vállán a bárd, melyen időnként vakító fénnyel villant meg a nap, amitől az ember hátán a hideg futkározott. Aztán kikötött a komp, s a kordé lépésben húzott a felparton fölfelé, lágyan és libegőn, a meleg levegő hullámain úszva.

Így érkezett meg Sztrhacsek, egy kövér, zömök ember, akinek már a hangja is elárulta, hogy egy dolgot szeret csak a világon: a sört. A főbíró elé járult s meghajolt; a bíró pedig egy hosszú iratot olvasott fel, előbb latinul, aztán magyarul, és kimondta, hogy a tizenkét bűnösön hajtsák végre az ítéletet. Ezután felvonultak a rabok, elsőnek Szedlák, aztán Stéhammer, utána a vörös tót, majd Pintér, Gál, Fodor meg a többi. Sztrhacsek megszámolta őket, azután a tőkébe ejtette a bárdot, és kijelentette, hogy ez nem tizenkettő, hanem tizenhárom, eggyel több, mint amennyit a levélben kialkudtak. Ő pedig, mondta Sztrhacsek, nem bolond.

Erre előlépett a főbíró újra, és leszámolta a rabokat. Egy, kettő, három és így tovább, aztán megjegyezte, hogy ez kerek egy tucat, Sztrhacsek talán Pétert is beleszámította, de azt, lévén ő a pribék, fölösleges lefejezni, sőt.

Erre Sztrhacsek sorba állította a rabokat, és leszámolta őket olyképpen, hogy minden embert oldalba bökött a bárd fokával. Egy, kettő, három, négy... Kérem, ez tizenhárom ember, nem számolva a pribéket, a vak is látja, hogy eggyel több. Nem érti az urakat, miért akarják csúffá tenni őt, aki nem vétett senkinek. És megesküdött a Szeplőtlen Szűzre, hogy nem dolgozik többre, mint amennyire aláírta a nevét. Álljon belé a döglés.

Mit volt mit tenni, az ügyész elővette a névsort, és felolvasta. Így került meg a többlet, a tizenharmadik, akit rögtön félreállítottak. Kiderült, hogy egy bizonyos Mikó, Ürgepusztáról szökött jobbágy, aki tévedésből került ide, s voltaképp csak ötven botütés járt neki meg négy aranypénz bírság; ennélfogva Péter ülepen rúgta és ráförmedt, hogy kotródjon a fenébe. Aztán a tőkéhez igazgatta Szedlákot, Ciprián apát felemelte a feszületet, és Sztrhacsek kezében fütyülve lendült meg a bárd.

Mikó elsomfordált, és oldalvást megállt. Nézte a bakót, mily gyorsan, biztosan és ütemesen dolgozik; istenáldotta keze van neki. Mikor Fodor volt soron, közelebb lopózott és figyelt. Egy kicsit szégyellte, hogy elkergették, egy kicsit bánta is. Úgy érezte, hozzájuk tartozik; hetek óta ült velük a fogdában, velük szenvedett ott, és velük aszalódott a napon itt... Mi várt rá? Ötven bot, a bírságpénz, úrdolga, tized, kilenced. Örömtelen napok után, küszködés és nyomorúság után megdöglik egy napon így is, úgy is. És ez a Sztrhacsek jól végzi a dolgát. Most Stéhammer volt soron, a kilencedik; a tizedik a vörös hajú tót, tizenegyedik Pintér és az utolsó Gál... Odalépett a nyomába.

A hóhér keze csak járt, mint a cséphadaró; nem gyanakodott, és nem gyanakodtak a nézők se, a sűrű csürhe odaát; de az urak látták, és kedvtelve mosolyogtak a bajuszuk alatt. Talán még Mikó is mosolygott, látván az urak ravaszságát, ahogy most kibabrálnak a bakóval. Nézd a marhát – gondolta –, még lépre megy! És szívből örült, hogy ilyen olcsón szabadul.

1945

Treze

“Um calor abrasador perdurava em Komárom.
A superfície do Danúbio reluzia e fumegava.”

ISTVÁN ÖRKÉNY

Um calor abrasador perdurava em Komárom. A superfície do Danúbio reluzia e fumegava, e nas ruas da cidade o ar quente grudava nas paredes como massa de pão na artesa. Os senhores suavam, cambaleavam, e com inveja apertavam os olhos na direção da margem arenosa, onde duas crianças ciganas descansavam na sombra entre os búfalos. O escrivão, que ia andando diante deles, finalmente parou em frente a uma casa.

– Ele mora aqui – disse.

Sem lubrificação, o portão da paliçada rangeu, havia alguns girassóis no pátio, com a cabeça pendendo estática, imóvel. Uma amoreira também, ofegando como um cachorro sedento, atrás do poço; mas a sombra dela não era maior que a palma da minha mão. Quando os senhores entraram na sala, ficaram aliviados. Inspiraram o ar de boca aberta, como lúcios. O doente estava sentado na cama.

– Boa tarde, digníssimos senhores... – disse respeitosamente, colocando o cabelo atrás das orelhas. Era um homem alto e magro, com a pele marcada pela varíola, ossudo. Ele era Sebő, o bexiguento carrasco da cidade.

O senhor careca esfregou os olhos: estavam coçando por causa do calor.

– Você ainda está doente, Sebő? – perguntou o outro, Móri Márton, o de barba branca. Não tirou o chapéu da cabeça. Por que haveria de tirar? Sete navios seus navegavam no Danúbio; dois anos atrás, depois do incêndio, o imperador escreveu a ele uma carta. Em pergaminho, com lacre carmesim, quatro...

– Ainda – gemeu o carrasco. – Já faz três semanas.

– Na verdade, faz exatamente vinte e cinco dias.

– Isso mesmo.

– Do coração?

– Sim. E dos rins.

– Mas já ficou muito trabalho acumulado...

– Quantos são?

– Treze.

O carrasco titubeou. O que devia fazer, já que estava doente?

– Mas o conselho está nos pressionando, Sebő. E agora? E agora?... O corredor da morte está cheio, e essa é uma diversão dispendiosa. Você vai poder ficar de pé logo?

– Eu? Nunca mais. Eu vou morrer, digníssimos senhores.

Os senhores se entreolharam.

– Você está dizendo que vai morrer?

– Isso. E vai ser logo.

Ainda mais essa. Era de crer que o algoz tivesse um pacto selado com a morte. Que um não fizesse mal ao outro.

– De onde veio essa ideia?

– Eu sinto isso, senhor.

Móri Márton franziu a testa. Ponderou, em seguida tirou o chapéu da cabeça. Afinal de contas...

– Pois se você está nesse ponto, o que nós podemos fazer? – murmurou com benevolência. – Assim que você sentir que está na hora, mande o menino ir correndo me avisar. Eu mando o padre... Não quero que seu fim seja como o de um lobo. Está bem?

– Ótimo – alegrou-se Szabó. – Agradeço sua bondade comigo.

Quando saíram da casa, foi como se estivessem andando em meio a chamas.

– E agora? – perguntou o escrivão.

Os senhores ficaram refletindo. O que iam fazer era mandar buscar Sztrhacsek.

– Quem é esse? – se deteve Móri Márton.

– O carrasco de Esztergom.

– E você, filho – disse o careca para o escrivão –, vai escrever uma carta bem escrita para ele.

– Sim.

– Hoje é quinta-feira. Sexta, sábado, domingo... Domingo ao amanhecer irá uma charrete buscá-lo. Ao meio-dia ele estará aqui.

– Isso.

– Depois combine o preço com ele, está entendendo? Não é para ele trazer nenhum ajudante com ele. O ajudante de Sebő fará o serviço.

– Vá – acenaram com a cabeça os outros dois.

O conselho de Komárom era famoso por sua parcimônia. Diziam no distrito que em noites enluaradas o guarda noturno tinha que apagar as luzes da rua; mas os habitantes de Komárom ficavam constrangidos, e diziam que não era o guarda que apagava as luzes, mas o vento... Ninguém acreditava neles, mas era a pura verdade. Ainda mais que em Komárom não havia nenhum guarda noturno. O conselho municipal quis economizar o dinheiro.

Todo mundo esperava que o tempo mudasse. Mas o calor só aumentava. Sexta, sábado ficou mais quente ainda, domingo se fritava ovo na areia, rebentaram as ameixas na árvore, os cavalos sacudiam febrilmente o cabresto, e na rua Kispolgár chutaram a barriga da esposa do vendedor de bolos de mel. Mesmo assim, no cadafalso de Bene, na margem do Pequeno Danúbio se reuniam uns quinhentos basbaques; o conselho da cidade compareceu com seu efetivo completo, lá estava o juiz-mor, o promotor e Ciprián, o abade beneditino. Em seguida desfilou a guarda, conduzindo os prisioneiros com as mãos amarradas para trás e a nuca raspada, em número de doze. A multidão, a ralé amontoada ficava contando lascivamente: doze, treze... De jeito nenhum! Só doze! Mas o satanás os conta separadamente nessa canícula infame... E nem uma gota d'água em lugar nenhum!

Nem uma gota d'água em lugar nenhum, nenhuma gota de sombra em lugar nenhum, nem do tamanho de uma avelã. Pelas chagas de Cristo! Onde andava aquele Sztrhacsek? Por que não vinha logo? Ele disse meio-dia, e já eram três horas. Uma senhora desfaleceu. Os conselheiros praguejavam, e o juiz-mor enviou um rapaz para a cidade, e mandou trazer um carro-pipa. Beberam toda a água de imediato, os condenados acabaram não recebendo nada dela. Mas para quê? Meia hora, uma hora – porém mais cedo ou mais tarde vai chegar o miserável do carrasco, e aí de qualquer forma vai decepar a cabeça deles.

Szedlák, no entanto, aquele fanfarrão, indignava-se em voz alta. Matou o pai, estrangulou a mulher, ateou fogo na casa de seus meninos nus – isso era verdade. Que cortassem sua cabeça, por isso, ainda ia. Mas por que não lhe davam água?

– Não foi suficiente – explicou Stéhammer, o ferreiro gordo. Era um homem manso, não mataria nem um mosquito, nem ergueria a mão para ninguém. O manso Stéhammer cunhou moedas de ouro de vinte florins – de fino cobre de ferreiro –, nem o Senhor Deus o acusaria por elas não serem de ouro. Mas Stéhammer fez o nariz do imperador Leopoldo um pouco arrebitado, e as pessoas imediatamente percebiam, e diziam: "O nariz do imperador não é assim..." Foi isso que trouxe Stéhammer ali, mas o ferreiro ainda tinha paciência, mesmo quando os outros já resmungavam em voz alta. Claro que Szedlák elevava a voz, mas aquele eslovaco ruivo nem ficava com vergonha por ter, durante um processo, dado um chute no meio das pernas do castelão de Fülek.

– Como vai ser? – exclamou o eslovaco. – O carrasco vem ou não vem?

Diante disso, os outros iam para um lado e para o outro, ruidosamente, se acotovelando, falando, e o calor pior que a morte, que ninguém viesse tentar fazê-los de bobos, que trouxessem o carrasco, mesmo que o trouxessem de debaixo da terra, vamos! O alvoroço se intensificou, de modo que o juiz-mor se aborreceu, e acenou para o capitão da guarda dizendo:

– Pápai, ponha ordem nisso!

Mas Pápai não conseguia estabelecer a ordem porque os prisioneiros já não aguentavam de calor, e a inquietude deles também contagiava os espectadores. Para uma ralé como essa não precisa muito. Começaram a gritar que aquilo era um ultraje, que aqueles homens tinham direito de ser executados, sim, e xingavam o conselho municipal com palavras de baixo calão. Os senhores ficaram nervosos, aproximaram as cabeças, e ficaram discutindo como se poderia convocar um pelotão de cavalaria ligeira sem dar na vista, mas por sorte isso não foi necessário, porque Péter, o assistente do carrasco, de repente exclamou:

– Calma, pessoal! Aí vem Sztrhacsek!

Todos suspiraram aliviados, e Szedlák, enxugando o suor do rosto com o cotovelo, murmurou tranquilizado: "Ah, graças a Deus!" E todo mundo olhou na direção de Újfalu, e avistou o carrasco, e se alegrou.

Da direção de Újfalu a balsa atravessava lentamente o Danúbio, na balsa a charrete, na charrete o carrasco; e no ombro do carrasco, o machado, no qual de quando em quando o sol cintilava com uma luz ofuscante, o que fazia as

pessoas sentirem um frio na espinha. Então, a balsa atracou, e a charrete vagarosamente subiu pela margem do rio, suavemente, pairando, flutuando nas ondas do ar quente.

Foi assim que chegou Sztrhacsek, um homem gordo, parrudo, cuja voz bastava para denunciar que ele só amava uma coisa no mundo: a cerveja. Foi na direção do juiz-mor e fez uma reverência se curvando; logo, o juiz leu um documento em voz alta, primeiro em latim, depois em húngaro, e anunciou que executariam a sentença dos doze. Então, desfilaram os condenados, primeiro Szedlák, despois Stéhammer, depois dele o eslovaco ruivo, depois Pintér, Gál, Fodor e os demais. Sztrhacsek os contou e largando o machado enfiado no cepo, declarou que não eram doze, mas treze, um a mais do que tinham combinado na carta. Mas ele, disse Sztrhacsek, não era bobo.

Então, o juiz-mor novamente deu um passo à frente, e contou os prisioneiros. Um, dois, três, e assim por diante, e comentou que era exatamente uma dúzia, e que Sztrhacsek talvez tivesse contado Péter também, mas esse, já que ele era o assistente do carrasco, era até mesmo desnecessário decapitar. Então, Sztrhacsek fez os prisioneiros ficarem enfileirados, e os contou, encostando o dorso do machado em cada um. Um, dois, três, quatro... Façam-me o favor, são treze homens, sem contar o assistente do carrasco, até um cego vê que há um a mais. Não entendia os senhores, por que queriam enganá-lo, já que ele não fazia mal a ninguém. E jurou pela Virgem Imaculada que não faria nada além do que aquilo que tinha assinado. “Que eu caia duro e teso”, praguejou.

O que se havia de fazer? O promotor pegou a lista com os nomes e a leu em voz alta. Assim surgiu aquele que estava sobrando, o décimo terceiro, que imediatamente foi posto de lado. Descobriu-se que era um tal de Mikó, um servo fugido de Ürgepuszta, que por engano tinha ido parar lá, e na realidade apenas lhe cabiam cinquenta chibatadas e uma multa de quatro moedas de prata; portanto, Péter deu-lhe um pontapé no traseiro e avançou na direção dele esbravejando que fosse para o inferno. Então, encaminhou Szedlák para o cepo, o abade Ciprián ergueu o crucifixo, e na mão de Sztrhacsek assobiando oscilou o machado.

Mikó foi se esgueirando e ficou do lado, parado. Olhou o carrasco, como trabalhava rápido, com segurança e cadenciadamente; tinha uma mão abençoada. Quando era a vez de Fodor, aproximou-se esgueirando-se e observou. Ficou um pouco envergonhado por ter sido enxotado, até lamentou um pouco. Sentia como se fosse um deles; ficou semanas com eles no cárcere, sofreu lá com eles, ficou torrando com eles aqui ao sol... O que o aguardava?

Cinquenta chibatadas, uma multa em dinheiro, corveia, a décima, a nona. Ao fim de dias sem alegria, de trabalho duro e tristeza um dia vai morrer de qualquer forma. E esse Sztrhacsek faz bem seu trabalho. Agora era a vez de Stéhammer, o nono; o décimo foi o eslovaco ruivo, o décimo primeiro Pintér e o último, Gál... voltou para a fila se esgueirando.

A mão do carrasco só subia e descia, como um mangual; não desconfiou e nem desconfiaram os espectadores, a densa ralé que lá estava; mas os senhores perceberam, e se deleitando sorriram por trás dos bigodes. Talvez até Mikó também estivesse sorrindo, vendo a astúcia dos senhores, como agora ludibriavam o carrasco. Veja o idiota – pensou ele –, ainda vai cair na minha! E se orgulhou de si mesmo por ter se libertado de sua triste sina.

1945

O relógio da torre

Oscar Lemnaru

O texto: "O relógio da torre", considerado "inspirado e de estranhas tonalidades" pelo crítico romeno Zigu Ornea, é um dos contos que compõem o único livro de Oscar Lemnaru, intitulado *Omul şi Umbra* (O homem e a sombra). Coleção de prosa curta publicada em 1946, não chamou a atenção de seus contemporâneos e só pôde ser reeditada em 1975, com um estudo introdutório assinado por Mircea Braga, durante um momento de certa abertura do regime comunista, que no período stalinista repudiava a literatura fantástica. A obra voltou a ser reeditada na Romênia no ano 2000.

Texto traduzido: Lemnaru, O. *Omul şi Umbra*. Cluj-Napoca: Dacia, 1975.

O autor: Oscar Lemnaru (1907-1968), cujo nome verdadeiro era Oscar Holtzman, foi jornalista, prosador e tradutor romeno. A exemplo de outros grandes escritores romenos de origem judaica, romenizou seu sobrenome a fim de eludir o antissemitismo que dominava o espírito da época. Realizou reportagens para importantes revistas da capital romena, nas quais publicou ensaios sobre literatura, arte e filosofia, além de aforismos. Embora hoje praticamente esquecido, foi um ativo e eloquente participante da vida literária dos cafés bucarestinos, tendo sido amigo de figuras importantes da literatura romena. Em seus últimos anos de vida, afastou-se da atividade literária autoral, dedicando-se sobretudo à estilização de traduções para o romeno de autores russos obscuros e à tradução de obras de Émile Zola, Romain Rolland e Robert Merle.

O tradutor: Fernando Klabin, paulistano, morou 16 anos em Bucareste, onde se formou em Ciência Política e desenvolveu, entre outras, atividades no campo turístico. Além de já ter traduzido e publicado para o português textos do alemão e do inglês, tem procurado difundir no Brasil a boa literatura escrita em romeno. Nesse contexto, já traduziu para a (n.t.) Max Blecher, Eugen Ionescu, George Bacovia, Urmuz, Ciprian Vălcan e Paul Celan. Viu, ademais, publicadas em livro, suas traduções de *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo*, de Constantin Noica, *Senhorita Christina*, de Mircea Eliade, *Acontecimentos na Irrealidade Imediata*, de Max Blecher, *Nos cumes do desespero*, de Emil Cioran, e *A Barca de Caronte*, de Lucian Blaga.

Ceasornicul din turn

"Cîndva, acele ziduri, ridicate orgolios deasupra lumii noastre, fuseseră martore la o viață care astăzi zace biruită şi fără răsuflare sub pămînt."

OSCAR LEMNARU

– E rîndul dumitale! spuse gazda, uitîndu-se drept în ochii aceluia care tăcuse toată seara ascultînd atîtea întîmplări cu oameni ciudați, povestite de prietenii săi.

– Da! ştiu; vedeam cum amenințarea se apropie de mine şi mă gîndeam cu părere de rău că sînt atît de bătrîn, încît vioiciunea să nu mă mai poată ajuta ca să vă țin atenți şi, în afară de asta, eu nu ştiu decît o singură istorie vrednică să fie spusă, dar n-am destăinuit-o nimănui vreodată de teamă că n-aş fi fost crezut.

– Cu atît mai bine! răspunseră deodată cîteva glasuri.

Se aşternuse tăcerea şi cei aproape zece oameni care făceau roată în jurul focului din vatră îşi luară poziții hotărîte pe scaune şi pe pat, ca pentru a făgădui astfel povestitorului că nu-l vor intrerupe nici chiar cu o mişcare.

Afară, viscolul, ca o fiară scăpată din lanțuri, se năpustise asupra pădurii care se tînguia amar. Urletul lupilor, împletit cu şuieratul vîntului, aducea celor din cabană o încordare, ca o pantă nevăzută pe care se rostogoliseră toate întîmplările cu spaime şi strigoi povestite în această noapte. Bătrînul, care stătuse într-un colț pînă acum, se apropie de foc; luminile văpăii jucau pe figura cea mai obosită, dar încet, încet, ochii i se deschiseră, trasăturile căpătară viață; amintirile îi erau 1egate cu fire şubrede pe care el le trăgea cu băgare de seamă de parcă s-ar fi temut să nu le rupă. Cînd i se păru că a strîns în minte destule lucruri pentru a-şi porni povestirea, spuse:

– Oraşul ăsta, care începe acolo unde se isprăveşte pădurea, avea pe vremuri altă înfățisare; casele erau mici şi întunecoase, străzile cotite, iar de la ceasurile

şase se furişa seara. Oamenii îşi făceau treburile cu mişcări mai încete decît astăzi, şi legile, cu asprimea lor, nu ajunseseră încă la porţile de fier ferecate în lanţuri ale acestui oraş. Singura urmă a lucrurilor trecute este ruptura aceea de turn, pe care o cunoaşteţi aşa cum o cunoasteţi. Cîndva, acele ziduri, ridicate orgolios deasupra lumii noastre, fuseseră martore la o viaţă care astăzi zace biruită şi fără răsuflare sub pămînt. În înverşunarea lui, turnul despre care v-am pomenit a văzut prăbuşindu-se toate casele din jurul său, a văzut murind miile de oameni care l-au privit, a văzut cum dispare biserica străveche de lîngă el; bătăile inimii sale au încetat pentru totdeauna cînd a încremenit uriaşul său orologiu, care vouă vi se pare firesc, dar care mie îmi arată un rînjet de mort.

Ceasornicul acesta era pe vremuri stăpînul oraşului nostru. Fusese adus şi aşezat înainte cu cincizeci de ani de naşterea mea. Cînd eram copil, m-am frămîntat multe nopţi cu legenda mecanismului său. Un meşter neîntrecut îi făurise cu propriile sale mîini toate roţile, şuruburile, arcurile, îi făcuse toate cheile şi, într-o zi, îi dărui şi duhul vieţii, al unei vieţi neînţelese de nimeni. Acest ceasornic are o taină în construcţia sa, o taină pe care născocitorul a tîrît-o cu sine în cealaltă lume. Ciudata-i maşină suna într-un anumit chip dis-de-dimineaţă ca să trezească din amorţeală oraşul, apoi indica printr-un sunet mai aspru orele din timpul zilei, iar de la şase seara încolo arunca deasupra cetăţii noastre obosite, din oră în oră, melodia unui cîntec ce devenea din ce în ce mai liniştit, iar noaptea se oprea ca pentru a căpăta putere pentru a doua zi. Nu pot să vă spun cît însemnau pentru existenţa noastră pulsaţiile acestei uriaşe inimi de fier. Un îngrijitor bătrîn se urca în fiecare zi pe o schelă interioară pentru a alimenta într-un fel viaţa, pe care nimeni nu o credea artificială, a acestui ceasornic şi pentru a se asigura – destul de superficial, dealtminteri – că totul se petrece firesc, că toate sînt la locul lor. Dar acest om bătrîn, care locuia cu un nepot al său în vecinătatea orologiului, nu mai ştia nimic în afară de ceea ce se obişnuise să facă: de dimineaţa pînă-n noapte, privea cadranul şi acele şi se urca pe schelă ca să asculte de aproape tictacurile a căror regularitate îi dădea şi lui liniştea lăuntrică. Cum să vă spun ca să înţelegeţi – pentru că numai cei bătrîni simt acest lucru – în ce fel se leagă viaţa unui om chiar de o piatră dacă o vede sau trebuie să calce pe ea în fiecare zi? Trebuie să credeţi – pentru că poate altfel nu e cu putinţă să înţelegeţi mare lucru din această întîmplare – că bătrînul, care trăia atît de singuratic, îşi legase viaţa şi destinul de existenţa acelui mecanism. Pe nesimţite – ca printr-un drum întors –, viaţa acestui om se lipea mai tare de tainica învîrtire a roţilor de metal. Mi se pare de prisos să adaug că bătrînul n-ar mai fi putut trăi fără bătăile inimii sale – aş zice pe nedrept – artificiale.

Povestitorul se opri puţin, făcu un semn uşor cu mîna pentru a opri pe cineva ca printr-o vorbă să taie firul întîmplării. Viscolul se potolise ca o fiară care trage

să moară, în timp ce plasa nopții se destrăma fir cu fir. După ce gazda atîță din nou focul, bătrînul reîncepu:

– Douăzeci de ani sau poate chiar mai mult trecuseră de cînd sunetele ceasornicului înfigeau mereu săgeți ascuțite în inima vremii. Maşina aceasta nu fusese bolnavă niciodată şi, dacă lucrurile ar fi mers la fel, bătrînul ar fi căpătat, desigur, vîrsta lumii şi ar fi trăit nesfîrşite vieți. Într-o dimineață, moşneagul aşteptă zadarnic bătaia sonoră a orologiului, al cărui minutar se mai mişca totuşi; atunci, printr-o supremă încordare, se repezi în turn, urcînd schela cu o iuțeală pe care numai spaima o poate da, răsuci cu violență cît se putea cheia corespunzătoare mecanismului de sunete, lipi deznădăjduit urechea de metalul clopotului, care începu să bată, dar cu un ecou mai stins decît altădată; bătrînul numără cu panică şase bătăi, cele întîrziate, şi după ce ele se sfîrşiră, tictacurile începură şi ele să-şi domolească puterea. Atunci, îngrijitorul răsuci cealaltă cheie, dar roțile maşinii blestemate se urneau din ce în ce mai greu. Bătrînul, îngrozit, încercă să clintească cu propria sa mînă dinții care, se vede, obosiseră împreună cu toate roțile să gonească timpul ce voia să se oprescă-n loc. Cu mare cazná, răsuci totuşi o roată care mişcă pe celelalte; trecuse o oră în această frămîntare şi clopotul bătu de şapte ori. Omul nu mai voia să se clintească de lîngă propria sa viață, pe care o întreținea cu panica morții! Pînă în seară, paznicul propriei sale existențe ținu viu angrenajul; pe la douăsprezece de noapte – şi nu zic ,,miezul nopții", de vreme ce pentru bătrîn totul era *numărul* bătăilor –, băiatul acela, văzînd că bunicul lui nu vine să se culce, î1 căută, se furişă pe schelă şi îl găsi în turn. Moşneagul, cum îl zări, îl trase pe băiat aproape de el şi în şoapte – ca să nu tulbure muribundele bătăi ale ceasornicului – îi spuse întîmplarea, îl sili să jure că n-o va destăinui nimănui şi îl învăță cum să clintească roțile şi să mişte angrenajul. Băiatul rămînea în fiecare noapte şi, pe întuneric, din dragoste pentru bătrînul său bunic, o dragoste care nu-i cerea nici măcar să înțeleagă ce se petrece, urnea roțile pînă-n ziuă, cînd venea celălalt, şi el se culca pentru ca noaptea să reînceapă cazna. Aşa a trecut aproape un an. Nimeni din oraşul acela nici n-a bănuit – dar ce spun? –, nici n-a putut bănui drama neînchipuită a bătrînului care nu voia să moară şi a băiatului care-i întreținea viața în timpul somnului. Îngrijitorul venea în fiecare dimineață la ceasul şase ca să dezlege pe celălalt de răspundere.

O singură dată, într-o noapte, după unsprezece luni de trudă, în care timp v-am spus că nimeni n-a putut ghici taina orologiului, băiatul adormi, după ce multe ceasuri încercă îndîrjit să se împotrivească somnului. În toată vremea cît a durat lupta, ceasornicul mergea mai anevoie şi, în şovăiala lor, roțile scăpau cîte o jumătate de secundă, adică nu aveau o pulsație întreagă. Cînd se deşteptă, îşi dădu seama cu groază de ceea ce s-a întîmplat, vru să răsucească roțile, dar nu mai putu. După ce văzu că zadarnic îşi strînge toate puterile, coborî schelele în

grabă ca să-l trezească pe bătrîn; se opri, însă, înspăimîntat lîngă trupul neînsuflețit al aceluia pe care-l ucisese ceasornicul. Desigur că moşneagul încercînd să urce schelele în vreme ce băiatul se lupta cu somnul, roțile începură a şovăi. Este greu de ştiut dacă bătrînul a căzut din pricina oboselii provocate de încetineala roților sau dacă, surprins, cînd urca, de oprirea mecanismului, s-a prăbuşit fulgerat la pămînt.

Viața celor două făpturi, omul şi ceasornicul, erau în aşa chip legate, încît una devenise condiția celeilalte. Paznicul şi orologiul căpătaseră, pasă-mi-te, un singur ritm, o singură pulsație, o unitate indecompozabilă.

O RELÓGIO DA TORRE

"Outrora, aqueles soberbos muros erguidos
sobre o nosso mundo foram testemunhas de uma vida
que jaz hoje vencida e inerte debaixo da terra."

OSCAR LEMNARU

– É sua vez!, disse o anfitrião, fitando direto nos olhos daquele que permanecera a noite toda calado, ouvindo tantas histórias de personagens estranhos, contadas por seus amigos.

– Sim, eu sei!; estava vendo como a ameaça se aproximava de mim e já estava pensando, amargurado, que sou tão velho que o vigor não será mais capaz de me ajudar a prender a atenção de vocês e, além disso, só conheço uma história digna de ser contada, embora eu jamais a tenha revelado a ninguém, com medo de que não acreditassem em mim.

– Melhor ainda!, responderam em seguida algumas vozes.

Fez-se silêncio e as quase dez pessoas, em círculo ao redor da lareira acesa assumiram uma posição decidida nas cadeiras e na cama, garantindo, assim, ao narrador, que não haveriam de interrompê-lo nem mesmo com um gesto.

Do lado de fora, a tempestade de neve, como uma fera desembestada, se arremessara sobre a floresta, que emitia amargos lamentos. O uivo dos lobos, mesclado ao sibilo do vento, gerava suspense entre os que se encontravam na cabana, como uma ladeira invisível pela qual rolavam todas as histórias contadas naquela noite, recheadas de medo e vampiros. O velho, que até então permanecera em um canto, aproximou-se do fogo; as luzes das labaredas se refletiram em sua expressão exausta, mas, pouco a pouco, seus olhos se abriram e seus traços ganharam vida; suas recordações se dependuravam em frágeis barbantes que ele puxava com cuidado, como se temesse rompê-los.

Quando considerou ter reunido na cabeça elementos suficientes para começar a história, ele disse:

– Esta cidade, que começa lá onde finda a floresta, tempos atrás tinha outro aspecto; as casas eram escuras e miúdas, as ruas eram sinuosas e, às seis horas, a noite se insinuava. As pessoas trabalhavam com movimentos mais lentos que hoje, e as leis, com sua severidade, ainda não haviam chegado até os portões de ferro desta cidade, trancafiados com correntes. O único vestígio do passado era aquela torre brusca, que vocês conhecem tal como é. Outrora, aqueles soberbos muros erguidos sobre o nosso mundo foram testemunhas de uma vida que jaz hoje vencida e inerte debaixo da terra. Com sua pertinácia, a torre que evoquei viu desabar todas as casas ao seu redor, viu morrer milhares de homens que a contemplaram, viu desaparecer a antiquíssima igreja que a flanqueava; as batidas de seu coração cessaram para sempre quando deixou de funcionar seu imenso relógio, que pode lhes parecer normal, mas que para mim ostenta o arreganho de um morto.

Esse relógio era, outrora, o senhor da nossa cidade. Fora trazido e instalado cinquenta anos antes de eu nascer. Quando criança, torturei-me noites a fio com a lenda do seu mecanismo. Um mestre inexcedível fabricou com suas próprias mãos todas as engrenagens, todos os parafusos, todas as molas, todas as chaves e, certo dia, deu-lhe o sopro de vida, uma vida que ninguém compreendeu. Esse relógio tem um segredo de fabricação, segredo que seu inventor levou consigo para o outro mundo. Sua estranha maquinaria soava de uma determinada maneira cedinho pela manhã para desamortecer a cidade; depois, indicava, com um som mais áspero, as horas do dia e, a partir das seis da tarde, atirava sobre a nossa localidade exangue, de hora em hora, a melodia de uma canção que se tornava cada vez mais tranquila, até cessar à noite, como se quisesse repor a energia para o dia seguinte. Não posso lhes dizer o quanto significavam para a nossa existência aquelas pulsações do imenso coração de ferro. Um velho zelador subia todo dia por um andaime interior para, de certo modo, alimentar a vida, que ninguém considerava artificial, daquele relógio e para garantir – muito superficialmente, aliás – que tudo ocorresse de maneira normal, que tudo estivesse em seu devido lugar. Mas esse velho, que morava com o neto nas vizinhanças do relógio, não sabia nada além daquilo que estava acostumado a fazer: de manhã até a noite, fitava o mostrador e os ponteiros e subia pelo andaime para ouvir de perto o tique-taque cuja regularidade lhe dava um sossego interior. Como é que eu faço para lhes explicar – pois só os velhos sentem isso – como a vida de uma pessoa se relaciona até mesmo com uma pedra, caso ela tenha que vê-la e pisar nela todo dia? Vocês têm que acreditar – pois senão talvez não seja

possível compreender grande coisa desta história – que o velho, que vivia tão só, amarrara sua vida e seu destino à existência daquele mecanismo. Imperceptivelmente – como em um mesmo caminho que se faz de volta –, a vida daquele homem aderia cada vez mais ao segredoso giro da engrenagem de metal. Parece-me desnecessário acrescentar que o velho não podia mais viver sem as batidas – que eu injustamente chamaria de artificiais – daquele seu coração.

O narrador se deteve um pouco, fez um leve gesto com a mão para deter alguém que estava para interromper, com uma palavra, a sequência dos acontecimentos. A tempestade de neve diminuíra de intensidade como uma fera agonizante, enquanto a teia da noite se desfazia fio por fio. Depois de o anfitrião atiçar de novo o fogo, o velho retomou:

– Haviam-se passado vinte anos ou mais desde que os sons do relógio fincavam, sem parar, flechas pontiagudas no coração do tempo. Aquela máquina jamais adoeceu e, se tudo houvesse continuado assim, o velho decerto teria atingido a idade do universo e teria vivido vidas infindas. Certa manhã, o ancião esperou em vão pela sonora badalada do relógio, cujo ponteiro dos minutos, contudo, ainda se movia; então, em uma suprema tensão, ele se precipitou para a torre, subindo o andaime com uma rapidez que só podia ser movida pelo pavor; girou com violência, o máximo possível, a chave correspondente ao mecanismo das badaladas, e grudou desesperançado o ouvido ao metal do sino que se pôs a bater, mas com um eco mais fraco do que antes; o velho em pânico contou as seis badaladas atrasadas e, após o término delas, o tique-taque pôs-se a diminuir. Então, o zelador girou a outra chave, mas as engrenagens do maldito maquinário se moviam com dificuldade cada vez maior. O velho, horrorizado, tentou deslocar com as próprias mãos os dentes que haviam visivelmente se cansado, junto com todas as rodas, de apressar o tempo que ora queria parar. Com grande esforço, porém, ele conseguiu girar uma engrenagem que movia as outras; depois de uma hora nesse suplício, o sino deu sete badaladas. Ele não queria mais sair do lado de sua própria vida, da qual ele cuidava com o pânico da morte! Até o anoitecer, o guardião da própria existência manteve viva a engrenagem; às doze da noite – e não digo "meia-noite", pois para o velho tudo se reduzia ao *número* das badaladas – o garoto, vendo que o avô não ia se deitar, procurou-o, insinuou-se pelo andaime e o encontrou na torre. O ancião, ao vê-lo, puxou o garoto para próximo de si e, aos sussurros – a fim de não perturbar as moribundas batidas do relógio – contou-lhe o que estava acontecendo, obrigou-o a jurar que não revelaria a ninguém e ensinou-lhe como deslocar as rodas e mover a engrenagem. O garoto passou a ficar toda madrugada e, na escuridão, por

amor ao seu velho avô, um amor que nem exigia a compreensão do que estava acontecendo, ele movimentava as rodas até o raiar do dia, quando chegava o outro, e ele ia se deitar para que, de madrugada, retomasse a labuta. Decorreu assim quase um ano. Ninguém da cidade suspeitara – mas o que estou dizendo? – ninguém era capaz de supor o inimaginável drama do velho que não queria morrer e do garoto que mantinha a vida dele durante o sono. O zelador chegava toda manhã às seis horas para assumir a responsabilidade do outro.

Uma única vez, certa noite, depois de onze meses de trabalho, durante os quais, como já disse, ninguém foi capaz de adivinhar o segredo do relógio, o garoto adormeceu após lutar impávido por muitas horas contra o sono. Durante a batalha, o relógio funcionou com crescente dificuldade e, hesitantes, as engrenagens fizeram escapar meio segundo, sem cumprir, assim, uma pulsação completa. Ao despertar, horrorizado, ele notou o que havia acontecido e quis girar as rodas, mas não era mais possível. Percebendo que concentrava em vão todas as suas forças, ele se precipitou andaime abaixo para acordar o velho; deteve-se, porém, assombrado diante do corpo inanimado daquele que o relógio matara. O ancião certamente tinha tentado subir o andaime enquanto o garoto lutava contra o sono e as rodas começaram a vacilar. É difícil dizer se o velho caiu por causa do cansaço provocado pela lentidão das engrenagens ou se, surpreendido, enquanto subia, pela interrupção do mecanismo, tombou fulminado no chão.

As vidas daquelas duas criaturas, o homem e o relógio, eram de tal modo correlatas, que uma se tornara condição da outra. O guardião e o relógio assumiram, ao que parece, um único ritmo, uma única pulsação, uma unidade indivisível.

O Egito
Augusto D'Halmar

O texto: Escrito em 1918, em Paris, e publicado pela primeira vez em 1924, *La sombra del humo en el espejo*, de Augusto D'Halmar, se assemelha, pela estrutura, a um diário de viagens, mas com elementos de romance. Do livro se traduzem aqui o prólogo e as cinco partes iniciais do relato intitulado "O Egito", que aborda o fascínio secular do viajante pelo antigo Egito, a cidade do Cairo e as pirâmides de Gizé.
Texto traduzido: D'Halmar, Augusto. *La sombra del humo en el espejo*. Madrid/Berlín/Buenos Aires: Editora Internacional, 1924, pp. 9-28.

O autor: Augusto D'Halmar (1882-1950), chileno, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura no Chile, em 1942. Fez parte da tendência literária chamada *imagismo* que surgiu como alternativa ao *criollismo* chileno, integrando a geração de 1900. Em 1904, com outros intelectuais e escritores, fundou a "Colônia tolstoiana", que defendia o contato com a natureza e o trabalho na terra. Escreveu desde romances (*Juana Lucero*, 1902; *Pasión y muerte del cura Deusto*, 1924; *Capitanes sin barco*, 1934), poesia (*Palabras para canciones*, 1942, ensaios (*La Mancha de don Quijote*, 1934) a livros de memórias (*Rubén Darío y los americanos en París*, 1941).

A tradutora: Mary Anne Warken Soares Sobottka é Bacharel em Letras Espanhol. Atualmente cursa mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), Universidade Federal de Santa Catarina.

EL EGIPTO

"¡Egipto! ¿Cuándo: la prestigiosa palabra
suena para nosotros por primera vez?"

AUGUSTO D'HALMAR

PRÓLOGO

(de *La sombra del humo en el espejo*)

Fué en ese bar subterráneo que yo emprendí mis primeros viajes.

Era en el Valparaíso de la gente del mar, cerca de una plaza donde se convocaban los marinos sin contrata y donde venían a enrolarles los enganchadores, y Peter Petersen mismo era un antiguo marino noruego, en cuyo establecimiento se daban cita los capitanes retirados de la Marina mercante.

Yo tenía entonces quince años, y creo haber sido el más joven de los parroquianos, algo así como el grumete de a bordo. Frau Petersen que con las mejillas doradas como sus cacerolas, por el fuego de hornillo, echaba de cuando en cuando un vistazo a la sala, desde su cocina de la trastienda, había expresado la opinión que era triste ver un niño frecuentar esos sitios; pero el patrón, un tanto irónico, no desdeñaba servirme en persona la gran chope de cerveza negra y me dejaba para ir saborear su pipa en su mecedora, junto a las ventanas.

Esas ventanas estaban colocadas casi a ras de la acera, porque para entrar al bar desde la calle se bajaba algunos tramos, y alzando las cortinillas encarrujadas no se veía sino el asfalto reluciente por el sol o por la lluvia y apenas las piernas de los transeúntes. Por eso master Petersen se había acostumbrado a distinguirlos por el calzado, y no era raro oírle decir a su

mujer: «Las botas de agua acaban de pasar con las botinas de charol», o « Los zapatos claveteados vuelven ya del bajo puerto». Yo pienso que esas clasificaciones de zapatería le bastaban al fumador sedentario y que no sentía la necesidad de prestarles cuerpo ni cabeza a los pies, que a grandes o pequeños pasos, recorrían delante de él el camino de la suerte.

Sí, yo era un niño entonces y nadie podía suponer de qué tristeza de suerte, de qué incertidumbre de porvenir me escapaba las tardes de domingos para refugiarme en la taberna subterránea, ni qué viajes acometía en esa cueva dulcemente iluminada por una eterna penumbra. Con la cerveza amarga y obscura yo paladeaba la brisa de todos los mares; sangre salobre de marinos bullía en la frente que se apoyaba en mi mano, y ojos prematuramente nostálgicos abarcaban el recinto, desde la pesada mesa cargada de diarios escritos en caracteres góticos, hasta la lámpara del techo, que al pasar el desmesurado Peter Petersen rozaba cada vez con la frente y cuya cadena seguía tintineando como impulsada por el balance de un barco, y hasta las oleografías que ornaban los muros y que cada una abría un horizonte a mi fantasía.

Había, lo recuerdo bien, la Familia Real de Dinamarca, con el viejo Cristián a la cabeza; había un bosque de pinos con trineo, y había, sobre todo, frente al sitio que yo ocupaba, una inimaginable caza de focas en una paisaje polar, con esquimales vestidos de pieles y armados de arpones, y con una aurora boreal que me recordaba no sé ni cuándo. Después, en el curso de tantas expediciones, yo debía asistir a cacerías vivas de focas; pero ninguna me ha parecido tan real como la del cuadro de mi infancia.

Así divagaba yo delante de mi gran bock de cerveza negra, sintiendo casi, no sé si por humo picante que hacía la pipa del antiguo marino y que nos envolvía en neblina, un descorazonamiento de viajero, algo como mareo y como una sensación anticipada de destierro. Y yo lo he sentido después, el destierro descorazonador de esa cosa inútil y cautivadora que se llama recorrer la tierra. A veces, otro viejo lobo del mar bajaba sacudiéndose, como se hubiese temporal arriba, y entonces, entre la cocina y los fumadores, se establecía una conversación en lengua escandinava, mientras yo me esforzaba por pasar inadvertido en mi rincón. Alguno de esos marinos consideraba con severidad, o me examinaba con simpatía, y uno, una vez, me levantó la cabeza y me escruto atentamente.

– Tiene ojos de marino – dijo, volviéndose hacia los demás.

Detrás de nosotros, la voz de frau Petersen, que entreabría la puerta de la cocina, pareció enviarnos una bocanada de aire caliente.

– ¿En qué reconoce usted, capitán, los ojos de los marinos?

– En que son pequeños y, sin embargo ven grande – repuso el capitán yendo a sentarse con sus partenarios.

Yo salía de allí muchas veces cuando el Sol ya se había puesto, y volvía lentamente por los malecones. Experimentaba exactamente la impresión que después he sentido cuando recién se desembarca: la cabeza atontada y oprimido el pecho; y los hombres de todas las flotas y las razas, que se acodaban al parapeto, contemplando vagamente el mar, me parecía reconocerlos, como si acabara de hacer con ellos una larga navegación...

EL EGIPTO

(Primera parte)

I

¡Egipto! ¿Cuándo: la prestigiosa palabra suena para nosotros por primera vez? Antes de conocerlo, ella me evocaba un hombre en traje de talar, cubierto de una alta tiara, teniendo en su bastón enroscada una serpiente. ¿Tal vez es en la Historia Sagrada donde la aprendemos? Después de haberlo conocido, sigo viéndolo bajo la forma de un esbelto muchacho que esgrime en la mano un látigo. Y éste es mi criado de allá: mi mejor amigo. Los años han pasado, las rojas siestas africanas se han ido amortiguando en mi memoria. La silueta de Zahir-Shaik también ya no es sino una de esas sombras chinescas que nos fingen recuerdos. Y ahora que veo por mis ventanas descargadores del Sena, ahora que suaviza mi mano mis cabellos encanecidos, me parece otra vez tan lejos como un sueño ese Egipto que yo soñaba cuando niño; tan irreal como si no hubiese existido nunca para mí, como si no existiese en ninguna parte.

II

Fué una mañana del imperceptible invierno egipcio cuando, al desembarcar en Alejandría, las autoridades turcas me interrogaron por la primera vez en mi vida sobre mi religión. En cualquier parte se inquiere sobre nuestra patria; pero allí, en la de los Creyentes, se averiguaba mi fe. Y después de una pausa de embarazo, sorprendido yo mismo de mi respuesta, yo confirmé mi bautismo cristiano.

Pero Alejandría y sus semilleros de niños en los suburbios, devorados por los mosquitos, no era sino la puerta, el puerto del inmenso arcano cuyo sésamo está en Giseh, frente a las Pirámides, y apenas si recuerdo mi travesía en tren a través del Desierto, dejando tan pronto a la derecha, tan pronto a la izquierda, el sinuoso río exhausto, que se convierte en verano en el todo-fertilizador. Apenas los gourbis en los oasis, una que otra mezquita bajo una palmera, como un horno de cal sobre el azul espejeante, algún cementerio árabe anegado en los arenales. Un niño jugaba en la arena, como en las playas del Océano. Y el viento la rizaba en olas y la respirábamos candente, como el vaho de espuma de ese muerto Mar-sin-Agua.

III

Masr-el-Kaira[1] Cook, como Atenas sin aticismo y sin atenienses y como Roma garibaldina, había sido para mí una decepción íntima. Hospedado frente al Shepheard's Hotel, que es su centro y casi; su razón de ser de hoy, había percibido desde mis ventanas la vergonzosa feria servida a domicilio a los turistas por ese pueblo milenario: los entierros Árabes, que hacen un rodeo para exhibirse con sus carros de lloronas frente a los curiosos que se desayunan en las mesitas del jardín o que leen en las mecedoras las gacetas internacionales; los camellos y sus conductores que esperan el buen placer de las caravanas en casco de corcho y velos verdes; los cantores que cantan y las bailarinas que bailan por una moneda mercenaria. La ciudad dominadora del tiempo vivía ahora para ese caravanserrallo cosmopolita, y eran las gentes advenedizas del Occidente las que contemplaban con un bostezo, entre el humo de sus cigarros, cuarenta siglos de silencio convertidos en una mascarada, turbados y ahuyentados por el son hambriento de los pífanos, por el choque desquijarado de los crótalos, por el como grito de auxilio de los cantos estridentes.

Hospedado frente a frente, mi hotelero francés, a1 recibirme, no había tratado de disimular la inanición en que su establecimiento había ido cayendo, y a1 abrir las ventanas para airear mi cuarto, había echado una dolorosa mirada a ese rival enorme que arruinaba todas las pequeñas industrias privadas y monopolizaba sin competencia la actividad entera del Cairo.

– Hoy día – me dijo – tienen mil quinientos huéspedes, entre los cuales cinco príncipes, mientras usted es por ahora el único viajero que me haya escogido. ¿No ha visto usted en el vestíbulo mi dragomán y mis criados, que dormitan? Y, sin embargo – concluyó –, hubo un tiempo en que esto era floreciente, porque yo estaba aquí antes que «ellos» edificaran.

Y como quien espera una cita, no creyendo que quedara nada que ver en el Cairo profanado, renunciando a ver nada antes de verla a Ella, yo aguardé en la penumbra, con las celosías cerradas, la hora amarilla en que podría ir hasta Esfinge. Me parecía mentira que sólo un trayecto me separase de su audiencia; que al recibir de las manos del *groom* mi sombrero comprado en Londres y mis guantes traídos de París, era para ir a verla que me preparaba; a Ella, que había presidido el curso de las edades y que, ya entre crepúsculo naciente de mi infancia, o antes todavía, entre la difusa noche de mis reminiscencias ancestrales, me había sonreído como la muerte, me había llamado

[1] Nombre árabe de El Cairo.

y había concluido por atraerme desde la extremidad del Mundo. «Todas las cosas le obedecen al Tiempo, pero él le teme a la Esfinge» me repetía yo con el proverbio inmemorial. Ella es la madre y la hija, esclava y señora del Enigma. En ella tal vez la clave. Y ese «tal vez» era la más palpitante incertidumbre y la más adolorida ansia que jamás se haya planteado nuestra ralea humana.

IV

Yo conservo entre mis reliquias un papelucho rosado que dice «Geriseh-Giseh, first class» y debajo «daraga oulak» en arabesco. Es el *ticket* para ir hasta las Pirámides; porque hoy se baja por Sharia-Kame1 y Sharia-Abdin hasta Abdin-Meidan, y allí, frente al palacio del Kedive, se toma el tranvía eléctrico que por Sharia-el-Boustan y Sharia el-Koubri, nos lleva hasta el desierto de Sahara.

Una interminable avenida de palmeras, de esas altas palmeras africanas parecidas a esos abanicos de plumas multicolores que, en largas pértigas, pasean los árabes en sus funerales, y el tranvía se desliza sin otro ruido que el de su campana, acarreando los nuevos peregrinos. ¡Ah! Estos no van a sacrificar a la Esfinge gallos negros, agitando velos y teas; no vamos siquiera a encenderle lamparillas votivas de coco. Hablan en francés, o en inglés sobre todo, y miran a través de lentes ahumados la reverberación del poniente, donde se divisan a lo lejos las pirámides de Menfis.

Stop! Un galpón entre dos grandes hoteles: el de la Esfinge y el de Giseh, y un tanto sonámbulo me encuentro con el pie en las márgenes de ese desierto de Lybia, que toca de un lado el Sudán negro, Bled-el-Ateuch, el País de la Sed, y del otro, el Sahara, cuyo solo nombre dilata las fauces en un bostezo de león; todo eso que no se expresa sino por la palabra desiertos, desierto de los desiertos, el Desierto, y que es el continente africano profundo e insondable.

V

Una nube de guías se ha abatido sobre nosotros como si quisieran arrebatarnos en una *razzia*; con sus túnicas azules, estrechas como fundas, y sus tocas como solideos, tienen todos el mismo aspecto flaco y sin juventud de los camellos. Gesticulan y vociferan como poseídos; se disputan entre sí con

palabras que parecen pedradas; muestran los puños y los bastones, y después, en una risa que descubre todos sus dientes, vuelven a solicitar al viajero con un tono a la vez insinuante como el de una almea y veladamente amenazador como el de un Alí-Babá.

Sólo uno habíase quedado atrás dejando pasar el grueso de los turistas y se había reservado para hacer en mí. Con una sonrisa muda, desconcertadora, como lo es siempre en las viejas razas, se me había colocado a1 lado y ajustaba su paso al mío como si debiéramos recorrer juntos el camino de la vida. Yo marchaba imperturbable, divertido y fastidiado por su insistencia, y detallaba de reojo a ese árabe, parecido a primera vista a todos sus compañeros.

No era como los otros, porque era más fresco y más esbelto. Flexible de talle un felino, tenía ese bronceado indefinido en que parecen confundirse la raza semítica con la negra y con la ariana. Sus rasgos eran nobles como la línea de sus formas, casi transparentadas por la túnica; pero lo que constituía su hermosura era la nariz vibrante, la admirable boca infantil y grave y los ojos entoldados, cambiantes y profundos, como deben ser los de aquellos que en la quietud persiguen la ronda de los espejismos. Me parecía haber encontrado en alguna parte esa mirada, tal vez en un presentimiento, y casi a pesar mío le dije, parándome bruscamente, mi horror por cicerones y guías.

– Está bien, Sidi – me repuso deteniéndose a su vez –; no temas que te importune; y que Allah te acompañe. Hablaba un francés gutural; pero la voz conservaba su amplitud armoniosa. Agitó en signo de despedida la fusta que llevaba en la mano; y, entre aliviado y pesaroso, yo proseguí solo mi camino hacia la pirámide de Cheops que veía destacarse entre las otras.

O EGITO

"Egito! Quando a prestigiosa palavra
soa para nós pela primeira vez?"

AUGUSTO D'HALMAR

PRÓLOGO

(de *La sombra del humo en el espejo*)

Foi nesse bar subterrâneo que eu comecei minhas primeiras viagens. Era em Valparaíso da gente do mar, perto de uma praça onde os marinheiros sem contrato eram convocados e enrolados pelos embarcadores, e o próprio Peter Petersen era um antigo marinheiro norueguês, a cujo estabelecimento acudiam os capitães retirados da Marinha Mercante.

Eu tinha, então, quinze anos, e acredito ter sido o mais jovem dos paroquianos, algo como o grumete de bordo. Frau Petersen, que com suas bochechas douradas como suas caçarolas, pelo fogo do pequeno forno, espiava de vez em quando a sala, desde os bastidores de sua cozinha, expressara a opinião de que era triste ver um menino frequentar esses lugares; mas o patrão, um tanto irônico, não se negava a servir-me, em pessoa, o grande copo de cerveja preta, além de me deixar saborear seu cachimbo em sua cadeira de balanço, perto das janelas.

Essas janelas estavam quase ao mesmo nível da calçada, pois, para se entrar no bar desde a rua, desciam-se alguns lances, e ao se levantar as cortininhas retorcidas, não se via senão o asfalto reluzente pelo sol e pela chuva, e apenas as pernas dos pedestres. Por isso, *master* Petersen tinha se acostumado a diferenciá-los pelo calçado, e não era raro ouvi-lo dizer para sua mulher: "As botas de água acabam de passar com as botinhas de verniz",

ou, “os sapatos cravejados já voltam do baixo porto”. Eu acredito que essas classificações de sapataria bastavam ao fumador sedentário e que ele não sentia necessidade de colocar corpo nem cabeça aos pés, os quais, com grandes ou pequenos passos, recorriam diante dele o caminho da sorte.

Sim, eu era um menino então, e ninguém poderia adivinhar que triste sorte, e que incerteza de porvir, se escapavam de mim nas tardes de domingo para refugiar-me na taberna subterrânea, nem que viagens empreendia nessa caverna docemente iluminada por uma eterna penumbra. Com a cerveja amarga e escura eu provava a brisa de todos os mares, o sangue salobro dos marinheiros fervia na testa que a minha mão se apoiava, e olhos prematuramente nostálgicos preenchiam o recinto, desde a pesada mesa cheia de jornais escritos com caracteres góticos, até a lâmpada do teto, que o insolente Peter Petersen, ao passar, roçava toda vez com a cabeça e cuja corrente seguia tintinando, como se tivesse sido provocada pelo balanço de um barco, e até as oleografias que enfeitavam as paredes, cada uma, abriam um horizonte para a minha fantasia.

Havia, lembro bem, a Família Real da Dinamarca, com o velho Cristián à frente; havia um bosque de pinos com trenó, e havia, sobretudo na frente do lugar que eu estava, uma inimaginável caçada de focas em uma paisagem polar, com esquimós vestidos de peles e armados de arpões, e com uma aurora boreal que me lembrava não sei o quê nem quando. Depois de passar por tantas expedições, eu assistiria a caçadas de focas reais, mas nenhuma tinha me parecido tão real como a do quadro da minha infância.

Assim eu divagava diante do meu grande *bock* de cerveja negra, sentindo quase, não sei se pela fumaça ardida que emanava do cachimbo do antigo marinheiro e que nos envolvia em neblina, uma covardia de viajante, algo como um mal-estar e uma sensação antecipada de desterro. E eu o senti depois, o desterro covarde dessa coisa inútil e cativante que se chama percorrer a terra. Às vezes, outro velho lobo do mar descia sacudindo-se, como se houvesse temporal acima, e então, entre a cozinha e os fumadores se estabelecia uma conversa em língua escandinava, enquanto eu me esforçava para passar inadvertido no meu canto. Alguns desses marinheiros me tratavam com severidade, ou me examinavam com simpatia, e um, uma vez, me levantou a cabeça, examinando-me atentamente.

– Tem olhos de marinheiro – disse, dirigindo-se aos demais. Atrás de nós, a voz de Frau Petersen, que entreabria a porta da cozinha, pareceu enviar-nos um sopro de ar quente.

– Por que olhos de marinheiro, capitão?

– Por serem pequenos e, apesar disso, por poder verem além – disse o capitão, indo sentar-se com seus colegas.

Eu saía dali muitas vezes quando o sol já havia se posto, e voltava lentamente pelos muros de contenção.

Experimentava exatamente a impressão que depois senti quando recém se desembarca: a cabeça zonza e uma pressão no peito; e os homens de todas as frotas e raças, que se apoiavam ao parapeito, admirando lentamente o mar, supunha reconhecê-los, como se tivesse feito com eles uma longa navegação...

O EGITO

(Primeira parte)

I

Egito! Quando a prestigiosa palavra soa para nós pela primeira vez? Antes de conhecê-lo, ela me evocava um homem vestido com uma túnica, um turbante e um cajado com uma serpente enroscada nele. Será que aprendemos isso na história sagrada? Depois de tê-lo conhecido, continuo a vê-lo na forma de um menino esbelto que porta na mão um chicote. E esse é meu empregado de lá: meu melhor amigo. Os anos passaram, as sestas africanas vermelhas se esmoreceram em minha memória. A silhueta de Zahir-Shaik também já não é senão uma dessas sombras chinesas que nos fingem as lembranças. E agora que vejo na minha janela os descarregadores do Sena, agora que suaviza a minha mão os meus cabelos grisalhos, parece-me outra vez tão longe quanto um sonho esse Egito que eu sonhava desde criança; tão irreal como se não houvesse existido nunca para mim, como se não existisse em nenhuma parte.

II

Foi em uma manhã do imperceptível inverno egípcio quando, ao desembarcar em Alexandria, as autoridades turcas me interrogaram pela primeira vez na minha vida sobre minha religião. Em qualquer parte se interroga sobre nossa pátria, mas ali, na dos Crentes, se averiguava minha fé. E após uma pausa de constrangimento, surpreso com a minha resposta, confirmei meu batismo cristão.

Mas Alexandria e seus sementeiros de crianças nos subúrbios, devorados pelos mosquitos, não era senão a porta, o porto do imenso mistério cujo enigma central está em Gizé, em frente às Pirâmides, e mal me lembro de minha travessia em trem pelo Deserto, deixando, logo à direita, logo à esquerda, o sinuoso rio exausto, que se converte no verão no todo-fertilizador. Apenas os *gourbis* nos oásis, uma que outra mesquita sob uma palmeira, como um forno de cal sobre o azul espelhado, algum cemitério árabe clandestino nos areais. Um menino brincava na areia, como nas praias do oceano. E nela o vento formava redemoinhos, e a respirávamos ardente, como vapor de espuma desse morto Mar-Sem-Água.

III

Masr-el-Kaira[1] Cook, como Atenas sem aticismo e sem atenienses, e como Roma garibaldina, fora para mim uma decepção íntima. Hospedado na frente do Shepheard's Hotel, que é seu centro e quase sua razão de ser hoje, havia percebido desde minhas janelas a vergonhosa feira servida a domicílio aos turistas por esse povo milenário: os enterros Árabes, que fazem um rodeio para se exibirem com seus carros de choronas diante dos curiosos que tomam seu café da manhã nas mesinhas do jardim, ou que leem os jornais internacionais nas cadeiras de balanço; os camelos e seus condutores que esperam o conforto das caravanas com chapéus de cortiça e véus esverdeados; os cantores que cantam e as bailarinas que bailam por uma moeda mercenária. A cidade dominadora do tempo vivia agora para esse caravançará cosmopolita, e eram as pessoas vindas do Ocidente as que contemplavam com um bocejo, entre a fumaça de seus cigarros, quarenta séculos de silêncio convertidos em uma mascarada, aturdidos e afugentados pelo som faminto dos flautistas, pelo choque escancarado dos crótalos, pela espécie de grito de socorro dos cantos estridentes.

Hospedado frente a frente, meu hoteleiro francês, ao receber-me, não tratou de dissimular a inanição na qual seu estabelecimento estava caindo, e ao abrir as janelas para arejar o meu quarto, olhou dolorosamente aquele enorme rival que arruinava todas as pequenas indústrias privadas e monopolizava, sem concorrência, toda a atividade do Cairo.

– Hoje mesmo – me disse – tem mil e quinhentos hóspedes, dos quais cinco são príncipes, enquanto você, por enquanto, é o único viajante que me escolheu. Você não viu na recepção meu dragomano e meus criados, que dormem? E, no entanto – concluiu –, houve um tempo em que isso era algo promissor, porque eu estava aqui antes que "eles" construíssem.

E como quem espera um encontro, acreditando que não restasse nada para ver no Cairo profanado, renunciando ver a tudo antes Dela, com gelosias fechadas, a hora amarela em que poderia ir até a Esfinge. Parecia-me mentira que só um trajeto me separava de sua audiência; que ao receber das mãos do *groom* meu chapéu comprado em Londres e minhas luvas de Paris, era para vê-la que me preparava; a Ela, que havia presidido o curso das idades e que, já entre o crepúsculo nascente da minha infância, ou antes ainda, entre a difusa noite das minhas reminiscências ancestrais, sorrira como a morte, e acabara por me atrair desde a extremidade do Mundo. "Todas as coisas obe-

[1] Nome árabe do Cairo. (n.a.)

decem ao Tempo, mas ele teme a Esfinge", repetia-me como o provérbio imemorial. Ela é a mãe e a filha, escrava e senhora do Enigma. Nela talvez estivesse a chave. E esse "talvez" era a mais latente incerteza e a mais dolorida ânsia que nossa espécie humana jamais propôs.

IV

Eu conservo entre minhas relíquias um papelzinho rosado que diz "Geriseh-Giseh, first class", e embaixo, "daraga oulak", em arabesco. É o *ticket* para ir até as Pirâmides; porque hoje se desce por Sharia-Kamel e Sharia-Abdin até Abdin-Meidan, e ali, em frente ao palácio do Quediva, toma-se o bonde elétrico que nos leva por Sharia-el-Boustan e Sharia el-Koubri até o deserto do Saara.

Uma interminável avenida de palmeiras, dessas palmeiras africanas altas, parecidas a esses leques de plumas coloridas que, com hastes compridas, os árabes usam em seus funerais, enquanto o bonde desliza sem outro ruído que o de sua buzina, transportando os novos peregrinos. Ah! Estes não sacrificarão galos pretos à Esfinge, agitando véus e lanternas; não vamos sequer fazer-lhe votos acendendo velas de coco. Falam em francês, ou inglês na maioria, e olham através de lentes esfumadas a reverberação do poente, onde se divisam, ao longe, as pirâmides de Mênfis.

Stop! Um galpão entre dois grandes hotéis: o da Esfinge e o de Gizé, e um tanto sonâmbulo, encontro-me com os pés nas margens desse deserto da Líbia, que tocam, de um lado, o Sudão negro, Bled-el-Ateuch, o País da Sede, e do outro, o Saara, cujo simples nome dilata a garganta em um bocejo de leão; tudo isso que não se expressa salvo pela palavra desertos, deserto dos desertos, o Deserto, e que é o continente africano profundo e insondável.

V

Uma nuvem de guias pairou sobre nós como se quisessem arrebatar-nos em uma *razia*; com suas túnicas azuis, estreitas como fundas, e suas toucas como solidéus, todos têm o mesmo aspecto magro e sem juventude dos camelos. Gesticulam e vociferam como possuídos; concorrem entre si com palavras que parecem pedradas; mostram os punhos e os bastões, e depois, em uma risada que lhes revela todos os dentes, voltam a solicitar o viajante,

com um tom, ao mesmo tempo, insinuante como o de uma almeia, e cuidadosamente ameaçador, como de um Ali-Babá.

Apenas um havia ficado atrás para deixar passar o grosso dos turistas, reservando-se a estabelecer contato comigo. Com um sorriso mudo, desconcertante, como ocorre com as velhas raças, ficou do meu lado, ajustando o seu passo ao meu como se devêssemos percorrer juntos o caminho da vida. Eu caminhava imperturbável, divertido e chateado por sua insistência, e observava de relance esse árabe, que parecia, à primeira vista, aos seus companheiros.

Não era como os outros, porque era mais fresco e mais esbelto. Flexível de tamanho como um felino, tinha esse bronzeado indefinido no qual parecem se confundir a raça semítica com a negra e a ariana. Seus traços eram nobres como a linha de suas formas, quase vistas através da túnica; mas o que constituía sua formosura eram o nariz vibrante, a admirável boca infantil e grave e os olhos nublados, cambiantes e profundos, como devem ser os daqueles que na quietude perseguem a ronda das miragens. Parecia-me ter encontrado em alguma parte esse olhar, talvez em um pressentimento, e quase, para o meu pesar, lhe falhei, ficando de pé bruscamente, de meu horror por cicerones e guias.

– Está bem, Sidi – me respondeu, detendo-se –; não temas que te importune; e que Alá te acompanhe. Falava um francês gutural; mas a voz conservava sua amplidão harmoniosa. Acenou o lenço que levava na mão como um sinal de despedida; e, entre aliviado e decepcionado, prossegui sozinho o meu caminho até a pirâmide de Quéops que eu via destacar-se entre as outras.

Inverno em Abruzzo

Natalia Ginzburg

O texto: Escrito em 1944, este ensaio de Natalia Ginzburg, de cunho autobiográfico, retrata o cotidiano da família da autora, forçada, pelo regime fascista, a viver em um vilarejo no interior da Itália. Com uma linguagem ao mesmo tempo coloquial e poética, o texto mistura ficção e memória, aproximando-se da crônica. Foi publicado em 1962 no livro *Le piccole virtù*, uma coletânea de ensaios produzidos ao longo de dezoito anos.

Texto traduzido: Ginzburg, Natalia. "Inverno in Abruzzo". In. *Le piccole virtù*. Torino: Giulio Einaudi, 1962.

A autora: Natalia Ginzburg (1916-1991) é considerada uma das principais representantes da literatura italiana do pós-guerra. Escritora amplamente traduzida, publicou romances, contos, ensaios e poemas, e foi também crítica literária, ativista política, deputada e tradutora. Sua vida, marcada pelo drama das perseguições políticas, deixou marcas também em sua escrita, em que são comuns os temas da família, da memória e da perda.

A tradutora: Renata Silveira Lopes é formanda do Curso de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Letras da UFF. Atualmente realiza estudos na área de Tradução Literária e desenvolve uma análise comparativa de diferentes traduções do livro *Le piccole virtù*.

INVERNO IN ABRUZZO

"Le nostre esistenze si svolgono secondo leggi antiche ed immutabili, secondo una loro cadenza uniforme ed antica."

NATALIA GINZBURG

Deus nobis haec otia fecit.

In Abruzzo non c'è che due stagioni: l'estate e l'inverno. La primavera è nevosa e ventosa come l'inverno e l'autunno è caldo e limpido come l'estate. L'estate comincia in giugno e finisce in novembre. I lunghi giorni soleggiati sulle colline basse e riarse, la gialla polvere della strada e la dissenteria dei bambini, finiscono e comincia l'inverno. La gente allora cessa di vivere per le strade: i ragazzi scalzi scompaiono dalle scalinate della chiesa. Nel paese di cui parlo, quasi tutti gli uomini scomparivano dopo gli ultimi raccolti: andavano a lavorare a Terni, a Sulmona, a Roma. Quello era un paese di muratori: e alcune case erano costruite con grazia, avevano terrazze e colonnine come piccole ville, e stupiva di trovarci, all'entrare, grandi cucine buie coi prosciutti appesi e vaste camere squallide e vuote. Nelle cucine il fuoco era acceso e c'erano varie specie di fuochi, c'erano grandi fuochi con ceppi di quercia, fuochi di frasche e foglie, fuochi di sterpi raccattati ad uno ad uno per via. Era facile individuare i poveri e i ricchi, guardando il fuoco acceso, meglio di quel che si potesse fare guardando le case e la gente, i vestiti e le scarpe, che in tutti su per giú erano uguali.

Quando venni al paese di cui parlo, nei primi tempi tutti i volti mi parevano uguali, tutte le donne si rassomigliavano, ricche e povere, giovani e vecchie. Quasi tutte avevano la bocca sdentata: laggiù le donne perdono i denti a trent'anni, per le fatiche e il nutrimento cattivo, per gli strapazzi dei parti e degli allattamenti che si susseguono senza tregua. Ma poi a poco a

poco cominciai a distinguere Vincenzina da Secondina, Annunziata da Addolorata, e cominciai a entrare in ogni casa e a scaldarmi a quei loro fuochi diversi.

Quando la prima neve cominciava a cadere, una lenta tristezza s'impadroniva di noi. Era un esilio il nostro: la nostra città era lontana e lontani erano i libri, gli amici, le vicende varie e mutevoli di una vera esistenza. Accendevamo la nostra stufa verde, col lungo tubo che attraversava il soffitto: ci si riuniva tutti nella stanza dove c'era la stufa, e lì si cucinava e si mangiava, mio marito scriveva al grande tavolo ovale, i bambini cospargevano di giocattoli il pavimento. Sul soffitto della stanza era dipinta un'aquila: e io guardavo l'aquila e pensavo che quello era l'esilio. L'esilio era l'aquila, era la stufa verde che ronzava, era la vasta e silenziosa campagna e l'immobile neve. Alle cinque suonavano le campane della chiesa di Santa Maria, e le donne andavano alla benedizione, coi loro scialli neri e il viso rosso. Tutte le sere mio marito ed io facevamo una passeggiata: tutte le sere camminavamo a braccetto, immergendo i piedi nella neve. Le case che costeggiavano la strada erano abitate da gente cognita e amica: e tutti uscivano sulla porta e ci dicevano: «Con una buona salute». Qualcuno a volte domandava: «Ma quando ci ritornate alle case vostre?» Mio marito diceva: «Quando sarà finita la guerra». «E quando finirà questa guerra? Te che sai tutto e sei un professore, quando finirà?» Mio marito lo chiamavano «il professore» non sapendo pronunciare il suo nome, e venivano da lontano a consultarlo sulle cose più varie, sulla stagione migliore per togliersi i denti, sui sussidi che dava il municipio e sulle tasse e le imposte.

D'inverno qualche vecchio se ne andava con una polmonite, le campane di Santa Maria suonavano a morto, e Domenico Orecchia, il falegname, fabbricava la cassa. Una donna impazzì e la portarono al manicomio di Collemaggio, e il paese ne parlò per un pezzo. Era una donna giovane e pulita, la più pulita di tutto il paese: dissero che le era successo per la gran pulizia. A Gigetto di Calcedonio nacquero due gemelle, con due gemelli maschi che aveva già in casa, e fece una chiassata in municipio perché non volevano dargli il sussidio, dato che aveva tante coppe di terra e un orto grande come sette città. A Rosa, la bidella della scuola, una vicina gli sputò dentro l'occhio, e lei girava con l'occhio bendato perché le pagassero l'indennità. «L'occhio è delicato, lo sputo è salato», spiegava. E anche di questo si parlò per un pezzo, finché non ci fu più niente da dire.

La nostalgia cresceva in noi ogni giorno. Qualche volta era perfino piacevole, come una compagnia tenera e leggermente inebriante. Arrivavano lettere dalla nostra città, con notizie di nozze e di morti dalle quali eravamo

esclusi. A volte la nostalgia si faceva acuta ed amara, e diventava odio: noi odiavamo allora Domenico Orecchia, Gigetto di Calcedonio, Annunziatina, le campane di Santa Maria. Ma era un odio che tenevamo celato, riconoscendolo ingiusto: e la nostra casa era sempre piena di gente, chi veniva a chieder favori e chi veniva a offrirne. A volte la sartoretta veniva a farci le sagnoccole. Si cingeva uno strofinaccio alla vita e sbatteva le uova, e mandava Crocetta in giro per il paese a cercare chi potesse prestarci un paiolo ben grande. Il suo viso rosso era assorto e i suoi occhi splendevano di una volontà imperiosa. Avrebbe messo a fuoco la casa perché le sue sagnoccole riuscissero bene. Il suo vestito e i capelli si facevano bianchi di farina, e sul tavolo ovale dove mio marito scriveva, venivano adagiate le sagnoccole.

Crocetta era la nostra donna di servizio. Veramente non era una donna perché aveva quattordici anni. Era stata la sartoretta a trovarcela. La sartoretta divideva il mondo in due squadre: quelli che si pettinano e quelli che non si pettinano. Da quelli che non si pettinano bisogna guardarsi, perché naturalmente hanno i pidocchi. Crocetta si pettinava: e perciò venne da noi a servizio, e raccontava ai bambini delle lunghe storie di morti e di cimiteri. C'era una volta un bambino che gli morì la madre. Suo padre si pigliò un'altra moglie e la matrigna non amava il bambino. Perciò lo uccise mentre il padre era ai campi e ci fece il bollito. Il padre torna a casa e mangia, ma dopo che ha mangiato le ossa rimaste nel piatto si mettono a cantare:

E la mia trista matrea
Mi ci ha cotto in caldarea
E lo mio padre ghiottò
Mi ci ha fatto 'nu bravo boccò.

Allora il padre uccide la moglie con la falce, e l'appende a un chiodo davanti alla porta. A volte mi sorprendo a mormorare le parole di questa canzone, e allora tutto il paese mi ritorna davanti, insieme al particolare sapore di quelle stagioni, insieme al soffio gelato del vento e al suono delle campane.

Ogni mattina uscivo con i miei bambini e la gente si stupiva e disapprovava che io li esponessi al freddo e alla neve. «Che peccato hanno fatto queste creature?» dicevano. «Non è tempo di passeggiare, signò. Torna a casa». Camminavamo a lungo per la campagna bianca e deserta, e le rare persone che incontravo guardavano i bambini con pietà. «Che peccato hanno fatto?» mi dicevano. Laggiù se nasce un bambino nell'inverno, non lo por-

tano fuori dalla stanza fino a quando non sia venuta l'estate. A mezzogiorno mio marito mi raggiungeva con la posta, e tornavamo tutti insieme a casa.

Io parlavo ai bambini della nostra città. Erano molto piccoli quando l'avevamo lasciata, e non ne avevano nessun ricordo. Io dicevo loro che là le case avevano molti piani, c'erano tante case e tante strade, e tanti bei negozi. «Ma anche qui c'è Girò», dicevano i bambini.

La bottega di Girò era proprio davanti a casa nostra. Girò se ne stava sulla porta come un vecchio gufo, e i suoi occhi rotondi e indifferenti fissavano la strada. Vendeva un po' di tutto: generi alimentari e candele, cartoline, scarpe e aranci. Quando arrivava la roba e Girò scaricava le casse, i ragazzi correvano a mangiare gli aranci marci che buttava via. A Natale arrivava anche il torrone, i liquori, le caramelle. Ma lui non cedeva un soldo sul prezzo. «Quanto sei cattivo, Girò», gli dicevan le donne. Rispondeva: «Chi è buono se lo mangiano i cani». A Natale tornavano gli uomini da Terni, da Sulmona, da Roma, stavano alcuni giorni e ripartivano, dopo aver scannato i maiali. Per alcuni giorni non si mangiava che sfrizzoli, salsicce pazze e non si faceva che bere: poi le grida dei nuovi maialetti riempivano la strada.

In febbraio l'aria si faceva umida e molle. Nuvole grige e cariche vagavano per il cielo. Ci fu un anno che durante lo sgelo si ruppero le grondaie. Allora cominciò a piovere in casa e le stanze erano dei veri pantani. Ma fu così per tutto il paese: non una sola casa restò asciutta. Le donne vuotavano i secchi dalle finestre e scopavano via l'acqua dalla porta. C'era chi andava a letto con l'ombrello aperto. Domenico Orecchia diceva che era il castigo di qualche peccato. Questo durò più d'una settimana: poi finalmente ogni traccia di neve scomparve dai tetti, e Aristide aggiustò le grondaie.

La fine dell'inverno svegliava in noi come un'irrequietudine. Forse qualcuno sarebbe venuto a trovarci: forse sarebbe finalmente accaduto qualcosa. Il nostro esilio doveva pur avere una fine. Le vie che ci dividevano dal mondo parevano più brevi: la posta arrivava più spesso. Tutti i nostri geloni guarivano lentamente.

C'è una certa monotona uniformità nei destini degli uomini. Le nostre esistenze si svolgono secondo leggi antiche ed immutabili, secondo una loro cadenza uniforme ed antica. I sogni non si avverano mai e non appena li vediamo spezzati, comprendiamo a un tratto che le gioie maggiori della nostra vita sono fuori della realtà. Non appena li vediamo spezzati, ci struggiamo di nostalgia per il tempo che fervevano in noi. La nostra sorte trascorre in questa vicenda di speranze e di nostalgie.

Mio marito morì a Roma nelle carceri di Regina Coeli, pochi mesi dopo che avevamo lasciato il paese. Davanti all'orrore della sua morte solitaria, davanti alle angosciose alternative che precedettero la sua morte, io mi chiedo se questo è accaduto a noi, a noi che compravamo gli aranci da Girò e andavamo a passeggio nella neve. Allora io avevo fede in un avvenire facile e lieto, ricco di desideri appagati, di esperienze e di comuni imprese. Ma era quello il tempo migliore della mia vita e solo adesso che m'è sfuggito per sempre, solo adesso lo so.

Inverno em Abruzzo

"A nossa existência se desenvolve segundo leis antigas e imutáveis, segundo uma cadência uniforme e antiga."

NATALIA GINZBURG

Deus nobis haec otia fecit.

Em Abruzzo só existem duas estações: o verão e o inverno. A primavera é cheia de neve e vento como o inverno e o outono é quente e límpido como o verão. O verão começa em junho e termina em novembro. Os longos dias ensolarados sobre as colinas baixas e áridas, a poeira amarelada da rua e a disenteria das crianças terminam e o inverno começa. As pessoas, então, param de viver nas ruas: os meninos descalços desaparecem das escadarias da igreja. Falo de um vilarejo em que quase todos os homens desapareciam depois da última colheita: iam trabalhar em Terni, em Sulmona, em Roma. Aquele era um vilarejo de pedreiros e algumas casas eram construídas com graça, tinham terraços e balaústres como pequenas mansões, e espantava encontrar ali, ao entrar, grandes cozinhas escuras com presuntos pendurados e amplos quartos imundos e vazios. Nas cozinhas, o fogo era aceso e havia vários tipos de fogo: o fogo grande com cepos de carvalho, o fogo de ramos e folhas, o fogo de galhos secos recolhidos um a um pelo caminho. Era fácil distinguir os pobres e os ricos olhando o fogo aceso, melhor do que se podia fazer olhando as casas e as pessoas, os vestidos e os sapatos, que para todos eram mais ou menos iguais.

Quando cheguei naquele vilarejo, a princípio todos os rostos me pareciam iguais, todas as mulheres se assemelhavam, ricas e pobres, jovens e velhas. Quase todas tinham a boca desdentada: lá as mulheres perdem os dentes aos trinta anos, por causa da fadiga e da má alimentação, dos maus tratos dos

partos e dos aleitamentos que ocorrem sem trégua. Mas depois, pouco a pouco, comecei a distinguir Vincenzina de Secondina, Annunziata de Addolorata, e comecei a entrar em cada casa e a me aquecer em cada fogo.

Quando a primeira neve começava a cair, uma lenta tristeza apoderava-se de nós. Era um exílio, o nosso: a nossa cidade estava longe e longe estavam os livros, os amigos, os vários e mutáveis acontecimentos de uma verdadeira existência. Acendíamos nosso aquecedor verde, com o longo cano que atravessava o teto: nos reuníamos todos no cômodo onde estava o aquecedor e ali se cozinhava e se comia, meu marido escrevia sobre a grande mesa oval, as crianças salpicavam o chão de brinquedos. No teto do cômodo havia a pintura de uma águia, e eu a olhava e pensava que aquilo era o exílio. O exílio era a águia, era o aquecedor verde que zunia, era o vasto e silencioso campo e a imóvel neve. Às cinco soavam os sinos da igreja de Santa Maria e as mulheres iam se benzer com seus lenços pretos e o rosto vermelho. Todas as tardes meu marido e eu fazíamos um passeio: todas as tardes caminhávamos de braços dados, afundando os pés na neve. As casas que ladeavam a rua eram de conhecidos e amigos: e todos saíam à porta e nos diziam “Passar bem”. Alguém às vezes perguntava: “Mas quando vocês voltam pra casa?” Meu marido dizia: “Quando acabar a guerra”. “E quando essa guerra vai acabar? Você que sabe de tudo e é professor, quando será que vai acabar?” Meu marido era chamado de “professor”, pois não sabiam pronunciar seu nome, e vinham de longe para consultá-lo sobre as coisas mais variadas, sobre a melhor época para arrancar os dentes, sobre os auxílios que a prefeitura dava e sobre taxas e impostos.

No inverno algum velho partia com pneumonia, os sinos de Santa Maria badalavam pelo morto e Domenico Orecchia, o carpinteiro, fabricava o caixão. Uma mulher enlouqueceu e a levaram para o manicômio de Collemaggio, e o vilarejo falou um bocado disso. Era uma mulher jovem e limpa, a mais limpa de todo o vilarejo: disseram que isso aconteceu de tanta limpeza. Gigetto di Calcedonio teve duas gêmeas, além dos dois meninos gêmeos que já tinha em casa, e fez um estardalhaço na prefeitura porque não queriam lhe dar o auxílio, já que possuía alguns alqueires de terra e uma horta grande como sete cidades. Rosa, a inspetora da escola, levou uma cusparada da vizinha no olho, e circulava com um curativo para que lhe pagassem a indenização. “O olho é delicado, o cuspe é salgado”, explicava. E também disso se falou um bocado, até que não houve nada mais a dizer.

A saudade crescia dentro de nós a cada dia. Algumas vezes era até agradável, como uma companhia tenra e ligeiramente inebriante. Chegavam cartas da nossa cidade, com notícias de núpcias e de mortes das quais éramos

excluídos. Às vezes, a saudade se fazia aguda e amarga e se transformava em ódio: então, nós odiávamos o Domenico Orecchia, o Gigetto di Calcedonio, a Annunziatina, os sinos de Santa Maria. Mas era um ódio que mantínhamos velado, reconhecendo-o injusto: e a nossa casa estava sempre cheia de gente que vinha pedir favores e que vinha oferecê-los. Às vezes, a costureira vinha nos fazer um *sagnoccole*[1]. Amarrava um trapo na cintura e batia os ovos e mandava Crocetta rodar pelo vilarejo procurando alguém que nos pudesse emprestar um caldeirão bem grande. Seu rosto vermelho ficava concentrado e seus olhos brilhavam com uma vontade imperiosa. Teria posto fogo na casa para que seu *sagnoccole* saísse bom. Seu vestido e seus cabelos faziam-se brancos de farinha, e sobre a mesa oval onde meu marido escrevia, servia-se cuidadosamente o *sagnoccole*.

Crocetta era a mulher que limpava a nossa casa. Na verdade, não era bem uma mulher, já que tinha quatorze anos. Foi a costureira que a arranjou para nós. A costureira dividia o mundo em dois grupos: aqueles que se penteiam e aqueles que não se penteiam. Daqueles que não se penteiam é preciso se resguardar, porque naturalmente têm piolhos. Crocetta se penteava: e por isso veio trabalhar conosco, e contava às crianças longas histórias de mortos e de cemitérios. Era uma vez um menino que perdeu a mãe. Seu pai arrumou outra mulher e a madrasta não gostava do garoto. Por isso, ela o matou enquanto o pai estava no campo e fez dele um cozido. O pai voltou para casa e comeu, mas, depois de ter acabado, os ossos que sobraram no prato se puseram a cantar:

Minha madrasta cruel
Me cozeu num fogaréu
Meu caro pai que glutão
Me traçou cum enorme bocão.

Então, o pai matou a mulher com uma foice e a pendurou em um prego em frente à porta. Às vezes, surpreendo-me ao murmurar as palavras dessa canção, e logo todo o vilarejo retorna diante de mim, junto com o sabor particular daquelas estações, junto com o sopro gelado do vento e com o badalar dos sinos.

Toda manhã eu saía com meus filhos e as pessoas se espantavam e desaprovavam que eu os expusesse ao frio e à neve. "Que pecado cometeram

[1] Prato tradicional da região de Abruzzo, espécie de massa preparada a partir da semente de *robiglio*, um legume típico de áreas montanhosas. (n.t.)

essas criaturas?", diziam. "Não é época de passear, Dona. Volta pra casa". Ca-minhávamos longamente pelo campo branco e deserto e as poucas pessoas que eu encontrava olhavam as crianças com pena. "Que pecado cometeram?", me diziam. Lá, se uma criança nasce no inverno, não a levam para fora do quarto até a chegada do verão. Ao meio-dia meu marido me encontrava com a correspondência, e voltávamos todos juntos para casa.

Eu falava com as crianças sobre a nossa cidade. Eram muito pequenos quando a havíamos deixado e não tinham dela nenhuma lembrança. Eu lhes dizia que lá as casas tinham muitos andares, havia tantas casas e tantas ruas, e tantas lojas boas. "Mas aqui também tem o Girò", diziam as crianças.

A loja do Girò era bem em frente à nossa casa. Girò ficava parado na porta igual a um mocho velho, e seus olhos redondos e indiferentes fixavam a rua. Vendia um pouco de tudo: gêneros alimentícios e velas, cartões-postais, sapatos e laranjas. Quando chegavam as mercadorias e Girò abria as caixas, os meninos corriam para comer as laranjas estragadas que ele jogava fora. No Natal chegava até torrone, licores e caramelos. Mas ele não cedia um centavo no preço. "Como você é mal, Girò", lhe diziam as mulheres. Respondia: "Por bem fazer, mal haver". No Natal os homens retornavam de Terni, de Sulmona, de Roma, ficavam alguns dias e partiam novamente após terem matado os porcos. Por alguns dias não se comia senão torresmo, linguiça, e não se fazia nada além de beber: depois os gritos dos porquinhos tomavam conta da rua.

Em fevereiro o ar se fazia úmido e suave. Nuvens acinzentadas e carregadas vagavam pelo céu. Houve um ano em que durante o desgelo se romperam as calhas. Então, começou a chover dentro de casa e os cômodos viraram verdadeiros pântanos. Mas foi assim por todo o vilarejo: não restou seca uma casa sequer. As mulheres esvaziavam os baldes pelas janelas e varriam a água pela porta. Havia quem fosse para cama com o guarda-chuva aberto. Domenico Orecchia dizia que era castigo por algum pecado. Isso durou mais de uma semana: depois finalmente qualquer traço de neve sumiu dos telhados e Aristide consertou as calhas.

O fim do inverno despertava em nós uma certa inquietação. Talvez alguém viesse nos visitar: talvez alguma coisa finalmente acontecesse. O nosso exílio também deveria ter um fim. As ruas que nos separavam do mundo pareciam mais curtas: o correio chegava mais frequentemente. Todas as nossas frieiras saravam lentamente.

Há uma certa uniformidade monótona nos destinos dos homens. A nossa existência se desenvolve segundo leis antigas e imutáveis, segundo uma ca-

dência uniforme e antiga. Os sonhos jamais se tornam realidade e, mal os vemos despedaçados, compreendemos imediatamente que as maiores alegrias da nossa vida estão fora da realidade. Mal os vemos despedaçados, nos torturamos com saudade do tempo em que ferviam dentro de nós. A nossa sorte transcorre nessa alternância entre esperanças e saudade.

Meu marido morreu em Roma no presídio Regina Coeli, poucos meses depois de deixarmos o vilarejo. Diante do horror de sua morte solitária, diante das angustiantes alternativas que precederam sua morte, eu me pergunto se isso aconteceu conosco, nós que comprávamos laranjas do Girò e passeávamos na neve. Naquela época eu tinha fé em um amanhã fácil e alegre, rico de desejos realizados, de experiências e de tarefas comuns. Mas aqueles foram os melhores dias da minha vida e só agora me fugiram para sempre, só agora eu sei.

Mársias em Flandres
Vernon Lee

O texto: "Marsyas in Flanders" foi publicado, pela primeira vez, em 1900, e republicado em 1927, na coletânea *For Maurice: Five Unlikely Stories*. O conto mistura elementos de mitologia clássica a temas cristãos, chegando a uma conclusão surpreendente.
Texto traduzido: Lee, Vernon. "Marsyas in Flanders". In. *For Maurice: Five Unlikely Stories*. S/l: John Lane, The Bodley Head, 1927, pp. 69-92.

A autora: Vernon Lee, pseudônimo de Violet Page (1856-1935), nasceu na França, em 14 de outubro. A autora tornou-se conhecida por seus contos de caráter sobrenatural, mas também escreveu ensaios, sobretudo em inglês, sobre arte, música e viagens, além de um interessante estudo estético intitulado *Beauty and Ugliness and Other Studies in Psychological Aesthetics*, coescrito com Clementina Anstruther-Thomson. Vernon Lee foi a responsável pela introdução do conceito "*Einfühlung*" (Empatia) nos estudos de estética em língua inglesa.

A tradutora: Ana Resende é bacharel em filosofia (UFRJ) e mestre em filosofia (PUC/Rio). É tradutora de literatura infanto-juvenil e ficção especulativa em geral, e especialista em contos de fadas. É colaboradora do Märchen-Stiftung Walter Kahn, entre outras instituições. Para a (n.t.), traduziu Shirley Jackson e Charles Beaumont.

MARSYAS IN FLANDERS

"O wonder! with the cross, broken in three pieces, lying on the steps of its chapel."

VERNON LEE

I

"You are right. This is not the original crucifix at all. Another one has been put instead. *Il y a eu substitution*," and the little old Antiquary of Dunes nodded mysteriously, fixing his ghostseer's eyes upon mine.

He said it in a scarce audible whisper. For it happened to be the vigil of the Feast of the Crucifix, and the once famous church was full of semi-clerical persons decorating it for the morrow, and of old ladies in strange caps, clattering about with pails and brooms. The Antiquary had brought me there the very moment of my arrival, lest the crowd of faithful should prevent his showing me everything next morning.

The famous crucifix was exhibited behind rows and rows of unlit candles and surrounded by strings of paper flowers and coloured muslin and garlands of sweet resinous maritime pine; and two lighted chandeliers illumined it.

"There has been an exchange," he repeated, looking round that no one might hear him. "*Il y a eu substitution*."

For I had remarked, as anyone would have done, at the first glance, that the crucifix had every appearance of French work of the thirteenth century, boldly realistic, whereas the crucifix of the legend, which was a work of St. Luke, which had hung for centuries in the Holy Sepulchre at Jerusalem and been miraculously cast ashore at Dunes in 1195, would surely have been a

more or less Byzantine image, like its miraculous companion of Lucca.

"But why should there have been a substitution?" I inquired innocently.

"Hush, hush," answered the Antiquary, frowning, "not here – later, later –"

He took me all over the church, once so famous for pilgrimages; but from which, even like the sea which has left it in a salt marsh beneath the cliffs, the tide of devotion has receded for centuries. It is a very dignified little church, of charmingly restrained and shapely Gothic, built of a delicate pale stone, which the sea damp has picked out, in bases and capitals and carved foliation, with stains of a lovely bright green. The Antiquary showed me where the transept and belfry had been left unfinished when the miracles had diminished in the fourteenth century. And he took me up to the curious warder's chamber, a large room up some steps in the triforium; with a fireplace and stone seats for the men who guarded the precious crucifix day and night. There had even been beehives in the window, he told me, and he remembered seeing them still as a child.

"Was it usual, here in Flanders, to have a guardroom in churches containing important relics?" I asked, for I could not remember having seen anything similar before.

"By no means," he answered, looking round to make sure we were alone, "but it was necessary here. You have never heard in what the chief miracles of this church consisted?"

"No," I whispered back, gradually infected by his mysteriousness, "unless you allude to the legend that the figure of the Saviour broke all the crosses until the right one was cast up by the sea?"

He shook his head but did not answer, and descended the steep stairs into the nave, while I lingered a moment looking down into it from the warder's chamber. I have never had so curious an impression of a church. The chandeliers on either side of the crucifix swirled slowly round, making great pools of light which were broken by the shadows of the clustered columns, and among the pews of the nave moved the flicker of the sacristan's lamp. The place was full of the scent of resinous pine branches, evoking dunes and mountainsides; and from the busy groups below rose a subdued chatter of women's voices, and a splash of water and clatter of pattens. It vaguely suggested preparations for a witches' sabbath.

"What sort of miracles did they have in this church?" I asked, when we had passed into the dusky square, "and what did you mean about their having exchanged the crucifix – about a substitution?"

It seemed quite dark outside. The church rose black, a vague lopsided mass of buttresses and high-pitched roofs, against the watery, moonlit sky; the big trees of the churchyard behind wavering about in the seawind; and the windows shone yellow, like flaming portals, in the darkness.

"Please remark the bold effect of the gargoyles," said the Antiquary pointing upwards.

They jutted out, vague wild beasts, from the roof-line; and, what was positively frightening, you saw the moonlight, yellow and blue through the open jaws of some of them. A gust swept through the trees, making the weathercock clatter and groan.

"Why, those gargoyle wolves seem positively to howl," I exclaimed.

The old Antiquary chuckled. "Aha," he answered, "did I not tell you that this church has witnessed things like no other church in Christendom? And it still remembers them! There – have you ever known such a wild, savage church before?"

And as he spoke there suddenly mingled with the sough of the wind and the groans of the weather-vane, a shrill quavering sound as of pipers inside.

"The organist trying his *vox humana* for tomorrow," remarked the Antiquary.

II

Next day I bought one of the printed histories of the miraculous crucifix which they were hawking all round the church; and next day also, my friend the Antiquary was good enough to tell me all that he knew of the matter. Between my two informants, the following may be said to be the true story.

In the autumn of 1195, after a night of frightful storm, a boat was found cast upon the shore of Dunes, which was at that time a fishing village at the mouth of the Nys, and exactly opposite a terrible sunken reef.

The boat was broken and upset; and close to it, on the sand and bent grass, lay a stone figure of the crucified Saviour, without its cross and, as seems probable, also without its arms, which had been made of separate blocks. A variety of persons immediately came forward to claim it; the little church of Dunes, on whose glebe it was found; the Barons of Croy, who had the right of jetsam on that coast, and also the great Abbey of St. Loup of Arras, as possessing the spiritual overlordship of the place. But a holy man who lived close by in the cliffs, had a vision which settled the dispute. St.

Luke in person appeared and told him that he was the original maker of the figure; that it had been one of three which had hung round the Holy Sepulchre of Jerusalem; that three knights, a Norman, a Tuscan, and a man of Arras, had with the permission of Heaven stolen them from the Infidels and placed them on unmanned boats, that one of the images had been cast upon the Norman coast near Salenelles; that the second had run aground not far from the city of Lucca, in Italy, and that this third was the one which had been embarked by the knight from Artois. As regarded its final resting place, the hermit, on the authority of St. Luke, recommended that the statue should be left to decide the matter itself. Accordingly the crucified figure was solemnly cast back into the sea. The very next day it was found once more in the same spot, among the sand and bent grass at the mouth of the Nys. It was therefore deposited in the little church of Dunes; and very soon indeed the flocks of pious persons who brought it offerings from all parts made it necessary and possible to rebuild the church thus sanctified by its presence.

The Holy Effigy of Dunes – *Sacra Dunarum Effigies* as it was called – did not work the ordinary sort of miracles. But its fame spread far and wide by the unexampled wonders which became the constant accompaniment of its existence. The Effigy, as above mentioned, had been discovered without the cross to which it had evidently been fastened, nor had any researches or any subsequent storms brought the missing blocks to light, despite the many prayers which were offered for the purpose. After some time therefore, and a deal of discussion, it was decided that a new cross should be provided for the effigy to hang upon. And certain skilful stonemasons of Arras were called to Dunes for this purpose. But behold! the very day after the cross had been solemnly erected in the church, an unheard of and terrifying fact was discovered. The Effigy, which had been hanging perfectly straight the previous evening, had shifted its position, and was bent violently to the right, as if in an effort to break loose.

This was attested not merely by hundreds of laymen, but by the priests of the place, who notified the fact in a document, existing in the episcopal archives of Arras until 1790, to the Abbot of St. Loup their spiritual overlord.

This was the beginning of a series of mysterious occurrences which spread the fame of the marvellous crucifix all over Christendom. The Effigy did not remain in the position into which it had miraculously worked itself: it was found, at intervals of time, shifted in some other manner upon its cross, and always as if it had gone through violent contortions. And one day,

about ten years after it had been cast up by the sea, the priests of the church and the burghers of Dunes discovered the Effigy hanging in its original outstretched, symmetrical attitude, but O wonder! with the cross, broken in three pieces, lying on the steps of its chapel.

Certain persons, who lived in the end of the town nearest the church, reported to have been roused in the middle of the night by what they had taken for a violent clap of thunder, but which was doubtless the crash of the Cross falling down, or perhaps, who knows? the noise with which the terrible Effigy had broken loose and spurned the alien cross from it. For that was the secret: the Effigy, made by a saint and come to Dunes by miracle, had evidently found some trace of unholiness in the stone to which it had been fastened. Such was the ready explanation afforded by the Prior of the church, in answer to an angry summons of the Abbot of St. Loup, who expressed his disapproval of such unusual miracles. Indeed, it was discovered that the piece of marble had not been cleaned from sinful human touch with the necessary rites before the figure was fastened on; a most grave, though excusable oversight. So a new cross was ordered, although it was noticed that much time was lost about it; and the consecration took place only some years later.

Meanwhile the Prior had built the warder's chamber, with the fireplace and recess, and obtained permission from the Pope himself that a clerk in orders should watch day and night, on the score that so wonderful a relic might be stolen. For the relic had by this time entirely cut out all similar crucifixes, and the village of Dunes, through the concourse of pilgrims, had rapidly grown into a town, the property of the now fabulously wealthy Priory of the Holy Cross.

The Abbots of St. Loup, however, looked upon the matter with an unfavourable eye. Although nominally remaining their vassals, the Priors of Dunes had contrived to obtain gradually from the Pope privileges which rendered them virtually independent, and in particular, immunities which sent to the treasury of St. Loup only a small proportion of the tribute money brought by the pilgrims. Abbot Walterius in particular, showed himself actively hostile. He accused the Prior of Dunes of having employed his warders to trump up stories of strange movements and sounds on the part of the still crossless Effigy, and of suggesting, to the ignorant, changes in its attitude which were more credulously believed in now that there was no longer the straight line of the cross by which to verify. So finally the new cross was made, and consecrated, and on Holy Cross Day of the year, the Effigy was fastened to it in the presence of an immense concourse of clergy

and laity. The Effigy, it was now supposed, would be satisfied, and no unusual occurrences would increase or perhaps fatally compromise its reputation for sanctity.

These expectations were violently dispelled. In November, 1293, after a year of strange rumours concerning the Effigy, the figure was again discovered to have moved, and continued moving, or rather (judging from the position on the cross) writhing; and on Christmas Eve of the same year, the cross was a second time thrown down and dashed in pieces. The priest on duty was, at the same time, found, it was thought, dead, in his warder's chamber. Another cross was made and this time privately consecrated and put in place, and a hole in the roof made a pretext to close the church for a while, and to perform the rites of purification necessary after its pollution by workmen. Indeed, it was remarked that on this occasion the Prior of Dunes took as much trouble to diminish and if possible to hide away the miracles, as his predecessor had done his best to blazon the preceding ones abroad. The priest who had been on duty on the eventful Christmas Eve disappeared mysteriously, and it was thought by many persons that he had gone mad and was confined in the Prior's prison, for fear of the revelations he might make. For by this time, and not without some encouragement from the Abbots at Arras, extraordinary stories had begun to circulate about the goings-on in the church of Dunes. This church, be it remembered, stood a little above the town, isolated and surrounded by big trees. It was surrounded by the precincts of the Priory and, save on the water side, by high walls. Nevertheless, persons there were who affirmed that, the wind having been in that direction, they had heard strange noises come from the church of nights. During storms, particularly, sounds had been heard which were variously described as howls, groans, and the music of rustic dancing. A master mariner affirmed that one Halloween, as his boat approached the mouth of the Nys, he had seen the church of Dunes brilliantly lit up, its immense windows flaming. But he was suspected of being drunk and of having exaggerated the effect of the small light shining from the warder's chamber. The interest of the townsfolk of Dunes coincided with that of the Priory, since they prospered greatly by the pilgrimages, so these tales were promptly hushed up. Yet they undoubtedly reached the ear of the Abbot of St. Loup. And at last there came an event which brought them all back to the surface.

For, on the Vigil of All Saints, 1299, the church was struck by lightning. The new warder was found dead in the middle of the nave, the cross broken in two; and oh, horror! the Effigy was missing. The indescribable fear which

overcame everyone was merely increased by the discovery of the Effigy lying behind the high altar, in an attitude of frightful convulsion, and, it was whispered, blackened by lightning.

This was the end of the strange doings at Dunes.

An ecclesiastical council was held at Arras, and the church shut once more for nearly a year. It was opened this time and re-consecrated by the Abbot of St. Loup, whom the Prior-of Holy Cross served humbly at mass. A new chapel had been built, and in it the miraculous crucifix was displayed, dressed in more splendid brocade and gems than usual, and its head nearly hidden by one of the most gorgeous crowns ever seen before; a gift, it was said, of the Duke of Burgundy.

All this new splendour, and the presence of the great Abbot himself was presently explained to the faithful, when the Prior came forward to announce that a last and greatest miracle had now taken place. The original cross, on which the figure had hung in the Church of the Holy Sepulchre, and for which the Effigy had spurned all others made by less holy hands, had been cast on the shore of Dunes, on the very spot where, a hundred years before, the figure of the Saviour had been discovered in the sands. "This," said the Prior, "was the explanation of the terrible occurrences which had filled all hearts with anguish. The Holy Effigy was now satisfied, it would rest in peace and its miraculous powers would be engaged only in granting the prayers of the faithful." One half of the forecast came true: from that day forward the Effigy never shifted its position, but from that day forward also, no considerable miracle was ever registered; the devotion of Dunes diminished, other relics threw the Sacred Effigy into the shade; and the pilgrimages dwindling to mere local gatherings, the church was never brought to completion.

What had happened? No one ever knew, guessed, or perhaps even asked. But, when in 1790 the Archiepiscopal palace of Arras was sacked, a certain notary of the neighbourhood bought a large portion of the archives at the price of waste paper, either from historical curiosity, or expecting to obtain thereby facts which might gratify his aversion to the clergy. These documents lay unexamined for many years, till my friend the Antiquary bought them. Among them taken helter skelter from the Archbishop's palace, were sundry papers referring to the suppressed Abbey of St. Loup of Arras, and among these latter, a series of notes concerning the affairs of the church of Dunes; they were, so far as their fragmentary nature explained, the minutes of an inquest made in 1309, and contained the deposition of sundry wit-

nesses. To understand their meaning it is necessary to remember that this was the time when witch trials had begun, and when the proceedings against the Templars had set the fashion of inquests which could help the finances of the country while furthering the interests of religion.

What appears to have happened is that after the catastrophe of the Vigil of All Saints, October, 1299, the Prior, Urbain de Luc, found himself suddenly threatened with a charge of sacrilege and witchcraft, of obtaining miracles of the Effigy by devilish means, and of converting his church into a chapel of the Evil One.

Instead of appealing to high ecclesiastical tribunals, as the privileges obtained from the Holy See would have warranted, Prior Urbain guessed that this charge came originally from the wrathful Abbot of St. Loup, and, dropping all his pretensions in order to save himself, he threw himself upon the mercy of the Abbot whom he had hitherto flouted. The Abbot appears to have been satisfied by his submission, and the matter to have dropped after a few legal preliminaries, of which the notes found among the archiepiscopal archives of Arras represented a portion. Some of these notes my friend the Antiquary kindly allowed me to translate from the Latin, and I give them here, leaving the reader to make what he can of them.

"Item. The Abbot expresses himself satisfied that His Reverence the Prior has had no personal knowledge of or dealings with the Evil One (*Diabolus*). Nevertheless, the gravity of the charge requires ..." – here the page is torn.

"Hugues Jacquot, Simon le Couvreur, Pierre Denis, burghers of Dunes, being interrogated, witness:

"That the noises from the Church of the Holy Cross always happened on nights of bad storms, and foreboded shipwrecks on the coast; and were very various, such as terrible rattling, groans, howls as of wolves, and occasional flute playing. A certain Jehan, who has twice been branded and flogged for lighting fires on the coast and otherwise causing ships to wreck at the mouth of the Nys, being promised immunity, after two or three slight pulls on the rack, witnesses as follows: That the band of wreckers to which he belongs always knew when a dangerous storm was brewing, on account of the noises which issued from the church of Dunes. Witness has often climbed the walls and prowled round in the churchyard, waiting to hear such noises. He was not unfamiliar with the howlings and roarings mentioned by the previous witnesses. He has heard tell by a countryman who passed in the night that

the howling was such that the countryman thought himself pursued by a pack of wolves, although it is well known that no wolf has been seen in these parts for thirty years. But the witness himself is of the opinion that the most singular of all the noises, and the one which always accompanied or foretold the worst storms, was a noise of flutes and pipes (*quod vulgo dicuntur flustes et musettes*) so sweet that the King of France could not have sweeter at his Court. Being interrogated whether he had ever seen anything? the witness answers: 'That he has seen the church brightly lit up from the sands; but on approaching found all dark, save the light from the warder's chamber. That once, by moonlight, the piping and fluting and howling being uncommonly loud, he thought he had seen wolves, and a human figure on the roof, but that he ran away from fear, and cannot be sure."

"Item. His Lordship the Abbot desires the Right Reverend Prior to answer truly, placing his hand on the Gospels, whether or not he had himself heard such noises.

"The Right Reverend Prior denies ever having heard anything similar. But, being threatened with further proceedings (the rack?) acknowledges that he had frequently been told of these noises by the Warder on duty.

"Query: Whether the Right Reverend Prior was ever told anything else by the Warder?

"Answer: Yes; but under the seal of confession. The last Warder, moreover, the one killed by lightning, had been a reprobate priest, having committed the greatest crimes and obliged to take asylum, whom the Prior had kept there on account of the difficulty of finding a man sufficiently courageous for the office.

"Query: Whether the Prior has ever questioned previous Warders?

"Answer: That the Warders were bound to reveal only in confession whatever they had heard, that the Prior's predecessors had kept the seal of confession inviolate, and that though unworthy, the Prior himself desired to do alike.

"Query: What had become of the Warder who had been found in a swoon after the occurrences of Halloween?

"Answer: That the Prior does not know. The Warder was crazy. The Prior believes he was secluded for that reason."

A disagreeable surprise had been, apparently, arranged for Prior Urbain de Luc. For the next entry states that:

“Item. By order of His Magnificence the Lord Abbot, certain servants of the Lord Abbot aforesaid introduce Robert Baudouin priest, once Warder in the Church of the Holy Cross, who has been kept ten years in prison by His Reverence the Prior, as being of unsound mind. Witness manifests great terror on finding himself in the presence of their Lordships, and particularly of His Reverence the Prior. And refuses to speak, hiding his face in his hands and uttering shrieks. Being comforted with kind words by those present, nay even most graciously by My Lord the Abbot himself, *etiam* threatened with the rack if he continue obdurate, this witness deposes as follows, not without much lamentation, shrieking and senseless jabber after the manner of mad men.

“Query: Can he remember what happened on the Vigil of All Saints, in the church of Dunes, before he swooned on the floor of the church?

“Answer: He cannot. It would be sin to speak of such things before great spiritual Lords. Moreover he is but an ignorant man, and also mad. Moreover his hunger is great.

“Being given white bread from the Lord Abbot’s own table, witness is again cross-questioned.

“Query: What can he remember of the events of the Vigil of All Saints?

“Answer: Thinks he was not always mad. Thinks he has not always been in prison. Thinks he once went in a boat on sea, etc.

“Query: Does witness think he has ever been in the church of Dunes?

“Answer: Cannot remember. But is sure that he was not always in prison.

“Query: Has witness ever heard anything like that? (My Lord the Abbot having secretly ordered that a certain fool in his service, an excellent musician, should suddenly play the pipes behind the Arras.)

“At which sound witness began to tremble and sob and fall on his knees, and catch hold of the robe even of My Lord the Abbot, hiding his head therein.

“Query: Wherefore does he feel such terror, being in the fatherly presence of so clement a prince as the Lord Abbot?

“Answer: That witness cannot stand that piping any longer. That it freezes his blood. That he has told the Prior many times that he will not remain any longer in the warder’s chamber. That he is afraid for his life. That he dare not make the sign of the Cross nor say his prayers for fear of the Great Wild Man. That the Great Wild Man took the Cross and broke it in two and played at quoits with it in the nave. That all the wolves trooped

down from the roof howling, and danced on their hind legs while the Great Wild man played the pipes on the high altar. That witness had surrounded himself with a hedge of little crosses, made of broken rye straw, to keep off the Great Wild Man from the warder's chamber. Ah – ah – ah! He is piping again! The wolves are howling! He is raising the tempest.

"Item: That no further information can be extracted from witness who falls on the floor like one possessed and has to be removed from the presence of His Lordship the Abbot and His Reverence the Prior."

III

Here the minutes of the inquest break off. Did those great spiritual dignitaries ever get to learn more about the terrible doings in the church of Dunes? Did they ever guess at their cause?

"For there was a cause," said the Antiquary, folding his spectacles after reading me these notes, "or more strictly the cause still exists. And you will understand, though those learned priests of six centuries ago could not."

And rising, he fetched a key from a shelf and preceded me into the yard of his house, situated on the Nys, a mile below Dunes.

Between the low steadings one saw the salt marsh, lilac with sea lavender, the Island of Birds, a great sandbank at the mouth of the Nys, where every kind of sea fowl gathers; and beyond, the angry white-crested sea under an angry orange afterglow. On the other side, inland, and appearing above the farm roofs, stood the church of Dunes, its pointed belfry and jagged outlines of gables and buttresses and gargoyles and wind-warped pines black against the easterly sky of ominous livid red.

"I told you," said the Antiquary, stopping with the key in the lock of a big outhouse, "that there had been a substitution; that the crucifix at present at Dunes is not the one miraculously cast up by the storm of 1195. I believe the present one may be identified as a life-size statue, for which a receipt exists in the archives of Arras, furnished to the Abbot of St. Loup by Estienne Le Mas and Guillaume Pernel, stonemasons, in the year 1299, that is to say the year of the inquest and of the cessation of all supernatural occurrences at Dunes. As to the original effigy, you shall see it and understand everything."

The Antiquary opened the door of a sloping, vaulted passage, lit a lantern and led the way. It was evidently the cellar of some mediaeval building, and a

scent of wine, of damp wood, and of fir branches from innumerable stacked up faggots, filled the darkness among thickset columns.

"Here," said the Antiquary, raising his lantern, "he was buried beneath this vault and they had run an iron stake through his middle, like a vampire, to prevent his rising."

The Effigy was erect against the dark wall, surrounded by brushwood. It was more than life-size, nude, the arms broken off at the shoulders, the head, with stubbly beard and clotted hair, drawn up with an effort, the face contracted with agony; the muscles dragged as of one hanging crucified, the feet bound together with a rope. The figure was familiar to me in various galleries. I came forward to examine the ear: it was leaf-shaped.

"Ah, you have understood the whole mystery," said the Antiquary.

"I have understood," I answered, not knowing how far his thought really went, "that this supposed statue of Christ is an antique satyr, a Marsyas awaiting his punishment."

The Antiquary nodded. "Exactly," he said drily, "that is the whole explanation. Only I think the Abbot and the Prior were not so wrong to drive the iron stake through him when they removed him from the church."

(End.)

MÁRSIAS EM FLANDRES

"Oh, maravilha!, com a cruz partida em três pedaços e caída nos degraus de sua capela."

VERNON LEE

I

– O senhor tem razão. Este não é, de modo algum, o crucifixo original. Outro foi colocado em seu lugar. *Il y a eu substitution*. E o antiquário, idoso e baixinho de Dunes, assentiu misteriosamente, fixando os olhos de vidente em mim.

Ele falou em um murmúrio que mal se podia ouvir, pois era a vigília da Exaltação da Santa Cruz, e a outrora famosa igreja estava repleta de clérigos, que a decoravam para a manhã, e de senhoras idosas, com chapéus estranhos, fazendo barulho por ali com baldes e vassouras. O antiquário tinha me levado ao local justo no momento de minha chegada, temendo que a multidão de fiéis o impedisse de me mostrar tudo na manhã seguinte.

O famoso crucifixo era exibido atrás de fileiras de velas apagadas, cercado por cordões de flores de papel, musselina colorida e guirlandas de pinheiro-bravo, doce e resinoso; dois candelabros acesos o iluminavam.

– Houve uma troca – repetiu ele, olhando ao redor para que ninguém pudesse ouvi-lo. – *Il y a eu substitution*.

Eu havia observado (como qualquer outra pessoa), à primeira vista, que o crucifixo assemelhava-se à arte francesa do século XIII, muito realista, enquanto o crucifixo da lenda (obra de São Lucas), que pendera durante séculos no Santo Sepulcro em Jerusalém e aparecera miraculosamente na praia de

Dunes, no ano de 1195, certamente teria sido mais ou menos uma imagem bizantina, tal como seu miraculoso análogo de Lucca.

– Mas por que haveria uma substituição? – perguntei inocentemente.

– Shhh, shhh – retrucou o Antiquário, franzindo a testa. – Aqui não... Mais tarde, mais tarde...

Ele me conduziu por toda a igreja, outrora muito famosa pelas peregrinações, mas da qual, assim como o mar a deixou em um brejo debaixo dos penhascos, a onda de devoção retirara-se há séculos. É uma igrejinha muito digna, de estilo gótico de belas formas e encantadoramente discreta, construída com delicada pedra pálida, que a umidade marítima distinguiu, em bases, capitéis e foliação entalhada, com manchas de uma agradável tonalidade verde clara. O antiquário me mostrou onde o transepto e o campanário foram deixados inconclusos quando os milagres diminuíram no século XIV. E me conduziu até a curiosa câmara do sentinela, um grande cômodo alguns degraus acima, no trifório, com uma lareira e bancos de pedra para os homens que guardavam, dia e noite, o precioso crucifixo. Havia até colmeias na janela, contou-me ele, que ainda se recordava de vê-las na infância.

– Era comum, aqui em Flandres, ter uma sala da guarda nas igrejas que continham relíquias importantes? – perguntei, pois não conseguia me recordar de já ter visto algo semelhante.

– De modo algum – respondeu ele, olhando ao redor para ter certeza de que estávamos a sós –, mas aqui era necessário. Você nunca ouviu falar no que consistiam os principais milagres desta igreja?

– Não – murmurei em resposta, infectado aos poucos pelo mistério –, a menos que o senhor se refira à lenda de que a imagem do Salvador quebrou todas as cruzes até que a correta fosse lançada na praia pelo mar.

Ele balançou a cabeça, mas não respondeu, e desceu os degraus íngremes até a nave, enquanto eu ficava ali um momento e baixava o olhar para a câmara do sentinela. Eu nunca havia tido uma impressão tão curiosa de uma igreja. Os candelabros, de cada lado do crucifixo, giravam lentamente, criando grandes poças de luz que eram interrompidas pelas sombras das colunas agrupadas, e entre os bancos da nave movia-se a centelha da lamparina do sacristão. O local fora tomado pelo odor de galhos resinosos de pinheiro, que evocavam dunas e encostas de montanhas; e, dos grupos ocupados, abaixo se erguia o falatório tímido de vozes femininas, um borrifo de água e o estrépito de tamancos. Isso vagamente sugeria os preparativos para um sabá das bruxas.

– Que tipo de milagres eles tinham nesta igreja? – perguntei quando entramos na praça sombria. – E o que o senhor quis dizer com eles trocarem o crucifixo... com uma substituição?

Parecia bastante escuro do lado de fora. A igreja erguia-se, negra; uma massa vaga e desproporcional de pilares e telhados inclinados contra o céu pálido, iluminado pela luz da lua; as grandes árvores do pátio na parte de trás ondulavam com a brisa marinha, e as janelas brilhavam, amareladas, na escuridão, como portais em chamas.

– Observe, por favor, o efeito ousado das gárgulas – falou o antiquário, apontando para cima.

As gárgulas se projetavam no telhado, vagamente parecidas a animais selvagens; era positivamente assustador quando se via a lua, amarela e azul, através das bocas abertas de algumas delas. Uma lufada varreu as árvores, fazendo com que o cata-vento chocalhasse e rangesse.

– Ora, essas gárgulas de lobos parecem verdadeiramente uivar – exclamei.

O antiquário idoso deu uma risadinha.

– Arrá – respondeu ele –, eu não lhe contei que esta igreja testemunhou coisas que nenhuma outra igreja na Cristandade testemunhou? E ainda se recorda delas! Olhe! O senhor já conheceu uma igreja tão selvagem e pouco civilizada?

E enquanto ele falava, subitamente misturou-se ao murmúrio do vento e aos rangidos do cata-vento um som trêmulo e agudo, como se fossem de pífaros, no interior.

– O organista ensaiando sua *vox humana* para amanhã – observou o antiquário.

II

No dia seguinte eu comprei uma das histórias impressas do crucifixo milagroso que eles distribuíam por toda a igreja; no dia seguinte, meu amigo, o antiquário, foi gentil o suficiente para me contar tudo o que sabia sobre o assunto. Com base em meus dois informantes, a história a seguir pode ser considerada a verdadeira.

No outono de 1195, após uma noite de terrível tempestade, um barco foi encontrado na costa de Dunes, à época, uma aldeia de pescadores na foz do Nys que se encontrava exatamente oposta a um terrível recife submerso.

O barco estava quebrado e revirado, e, perto dele, sobre a areia e a grama, encontrava-se uma imagem de pedra do Salvador crucificado, sem sua cruz e, o que parece provável, também sem os braços, feitos de blocos separados. Diversas pessoas imediatamente se apresentaram para reclamá-lo: a pequena igreja de Dunes, em cuja gleba ele fora encontrado; os barões de Croy, que tinham direito sobre a mercadoria alijada naquela costa, e também o grande abade de St. Loup de Arras, senhorio espiritual do local. Mas um homem santo, que vivia próximo dos penhascos, teve uma visão que encerrou a disputa. São Lucas apareceu-lhe pessoalmente e se apresentou como o criador original da imagem, dizendo que ela fora uma das três que pendiam ao redor do Santo Sepulcro de Jerusalém; que três cavaleiros: um normando, um toscano e um homem de Arras, tinham, com a permissão dos céus, roubado-as dos infiéis e colocado em barcos sem tripulação, que uma das imagens apareceu na costa da Normandia perto de Salenelles; que a segunda tinha alcançado a costa não muito longe da cidade de Lucca, na Itália, e que a terceira fora embarcada pelos cavaleiros de Artois. Quanto ao local de descanso final, o eremita, com a autoridade concedida por São Lucas, recomendou que a imagem decidisse o assunto por si mesma. Para tal, a imagem crucificada foi solenemente lançada de volta ao mar. No dia seguinte, foi encontrada mais uma vez no mesmo local, entre a areia e a relva na foz do Nys. Portanto, foi depositada na pequena igreja de Dunes, e, pouco tempo depois, com efeito, multidões de fiéis que traziam oferendas de todas as partes tornaram necessário (e possível) reconstruir o edifício, agora santificado pela presença da imagem.

A Sagrada Efígie de Dunes – *Sacra Dunarum Effigies*, como a chamavam – não realizava o tipo comum de milagres. Mas sua fama se espalhou ao longe pelas maravilhas sem precedentes, que se tornaram companhia constante de sua existência. A efígie, como foi mencionado, foi descoberta sem a cruz à qual evidentemente fora pregada, e as buscas ou as tempestades subsequentes não trouxeram pedaços perdidos à luz, apesar das muitas orações oferecidas para esse fim. Portanto, após algum tempo e muitas conversas, ficou decidido que uma nova cruz seria providenciada para a efígie, e alguns artesãos habilidosos de Arras foram chamados a Dunes com esta finalidade. Mas, atenção!, no dia seguinte, depois que a cruz fora erigida solenemente na igreja, um fato terrível e inédito foi descoberto. A efígie, que pendera perfeitamente reta na noite anterior, havia mudado de posição e estava violentamente curvada para a direita, como se fizesse força para se libertar.

Isso foi atestado não apenas por centenas de leigos, mas também pelos sacerdotes do local, que notificaram o fato em um documento, existente nos arquivos de Arras até 1790, ao abade de St. Loup, seu senhorio espiritual.

Esse foi o começo de uma série de ocorrências misteriosas que espalharam a fama do maravilhoso crucifixo por toda a Cristandade. A efígie não permaneceu na posição na qual havia sido colocada miraculosamente: era encontrada, a intervalos, deslocada, de alguma outra maneira, sobre sua cruz, e sempre como se tivesse sofrido contorções violentas. E um dia, cerca de dez anos após ter sido trazida pelo mar, os padres da igreja e os habitantes de Dunes encontraram-na pendendo em sua posição original, de braços abertos, simétrica, mas Oh, maravilha!, com a cruz partida em três pedaços e caída nos degraus de sua capela.

Algumas pessoas, que viviam no extremo da cidade mais próximo da igreja, contaram que foram acordadas no meio da noite pelo que imaginaram ser um violento ribombar de trovão, mas que foi, sem dúvida, a pancada da Cruz no chão, ou, quem sabe?, o barulho da terrível efígie ao se libertar e repelir a cruz estranha. Pois esse era o segredo: a efígie, que fora feita por um santo e chegara a Dunes por milagre, havia encontrado evidentemente algum traço de pecado na pedra à qual fora pregada. Tal foi a explicação imediata fornecida pelo prior da igreja, em resposta às mensagens raivosas do abade de St. Loup, que expressou sua desaprovação por tais milagres incomuns. De fato, descobriu-se que o pedaço de mármore não havia sido purificado com os ritos necessários do pecaminoso toque humano antes que a imagem fosse pregada. Um esquecimento muito grave; no entanto, perdoável. Então, uma nova cruz foi ordenada, embora se soubesse que muito tempo havia sido perdido com ela e que a consagração tivesse ocorrido somente alguns anos depois.

Nesse meio-tempo, o prior havia construído a câmara do sentinela, com a lareira e o recesso, e obteve permissão do próprio papa para que um clérigo vigiasse dia e noite, pois uma relíquia tão maravilhosa poderia ser roubada. A relíquia, àquela altura, havia destruído completamente dois crucifixos semelhantes, e a aldeia de Dunes, graças ao concurso de peregrinos, havia crescido rapidamente, transformando-se em uma cidade, propriedade do agora fabulosamente rico Priorado da Santa Cruz.

Os abades de St. Loup, no entanto, examinavam o assunto com olhos desfavoráveis. Embora permanecessem teoricamente seus vassalos, os priores de Dunes se esforçavam para obter gradualmente do papa privilégios que os tornassem virtualmente independentes, e, em particular, imunidades para enviar ao tesouro de St. Loup somente uma pequena proporção dos tributos trazidos pelos peregrinos. O abade Walterius, em particular, mostrou-se ativamente hostil. Ele acusou o prior de Dunes de ter utilizado seus sentinelas para inventar histórias de estranhos movimentos e ruídos por parte da efígie

ainda sem cruz, e de sugerir aos ignorantes mudanças de posição que eram mais verossímeis agora que não havia a linha reta da cruz com a qual se verificar. Então, finalmente a nova cruz foi feita e consagrada, e, no Dia da Exaltação da Santa Cruz, a efígie foi pregada a ela, na presença de uma imensa multidão de clérigos e leigos. Supunha-se que agora a efígie ficaria satisfeita e que nenhuma ocorrência incomum aumentaria (ou talvez) comprometeria fatalmente sua santidade.

Essas expectativas foram violentamente desfeitas. Em novembro de 1293, após um ano de estranhos rumores envolvendo a efígie, descobriu-se, mais uma vez, que a imagem havia se movido e que continuava a se mover, ou antes (a julgar pela posição da cruz) a se contorcer; e, na véspera de Natal do mesmo ano, a cruz foi, pela segunda vez, jogada no chão e feita em pedaços. O sacerdote de serviço foi encontrado, conforme se pensou, no mesmo instante, morto na câmara do sentinela. Outra cruz foi feita e, dessa vez, consagrada em particular e colocada no lugar, sendo que um buraco no telhado criou o pretexto para que a igreja fosse fechada durante algum tempo e para que os rituais de purificação necessários fossem realizados após a contaminação com os trabalhadores.

Com efeito, observou-se que, nessa ocasião, o prior de Dunes se esforçou para diminuir e, quando possível, esconder os milagres, da mesma forma que seu predecessor fizera o máximo para promover os milagres anteriores em terras estrangeiras. O sacerdote que esteve de serviço na agitada véspera de Natal desapareceu misteriosamente, e muitas pessoas pensaram que ele havia enlouquecido e sido confinado na prisão do prior, por temor das revelações que poderia fazer. Pois, nesse momento (e não sem algum encorajamento dos abades de Arras), histórias extraordinárias começaram a circular sobre os eventos na igreja de Dunes. A igreja, é bom lembrar, erguia-se um pouco acima da cidade, isolada e rodeada por grandes árvores. Era cercada pelo terreno do priorado e, a não ser pela margem do rio, por muros altos. No entanto, algumas pessoas afirmaram ouvir, uma vez o vento estando naquela direção, ruídos estranhos vindos da igreja à noite. Durante as tempestades, em particular, havia sons que muitos descreveram diversamente como uivos, gemidos e música de danças rústicas. Um capitão da marinha mercante afirmou que, em um Halloween, conforme seu barco se aproximava da foz do Nys, viu a igreja de Dunes brilhando e suas imensas janelas em chamas. Mas ele suspeitou que estivesse bêbado e que houvesse exagerado o efeito da pequena luz brilhando na câmara do sentinela. O interesse dos habitantes de Dunes coincidia com o do priorado, pois eles prosperaram grandemente por causa das peregrinações, portanto, tais histórias imediatamente foram silen-

ciadas. Ainda assim, sem dúvida, elas chegaram aos ouvidos do abade de St. Loup. E, por fim, ocorreu um evento que trouxe todas as histórias à tona.

Pois, na Vigília de Todos os Santos, em 1299, a igreja foi atingida por um raio. O novo sentinela foi encontrado morto no meio da nave; a cruz partida em duas; e oh, horror! a efígie havia desaparecido. O temor indescritível que tomou conta de todos apenas aumentou com a descoberta da efígie caída atrás do altar-mor, em uma atitude de assustadora convulsão, e, murmurou-se, enegrecida pelo raio.

Esse foi o fim dos estranhos acontecimentos em Dunes.

Um conselho eclesiástico ocorreu em Arras, e a igreja foi fechada mais uma vez por quase um ano. Foi aberta dessa vez e reconsagrada pelo abade de St. Loup, a quem o prior da Santa Cruz humildemente serviu na missa. Uma nova capela foi construída, e nela o milagroso crucifixo foi exibido, coberto com brocado e gemas mais esplêndidas do que o habitual, e sua cabeça estava oculta por uma das mais belas coroas jamais vistas; um presente, explicou-se, do duque da Borgonha.

Todo esse novo esplendor, e a presença do grande abade, foram imediatamente explicados aos fiéis quando o prior deu um passo à frente para anunciar que um último e supremo milagre havia tido lugar agora. A cruz original, da qual havia pendido a imagem na Igreja do Santo Sepulcro, e por causa da qual a efígie tinha repelido todas as demais, fabricadas por mãos menos santificadas, havia sido lançada na praia de Dunes, no lugar mesmo onde, uma centena de anos antes, a imagem do Salvador fora descoberta na areia. "Esta foi a explicação dos terríveis acontecimentos que encheram todos os corações de angústia. A Sagrada Efígie agora estava satisfeita e descansaria em paz, e seus poderes milagrosos seriam destinados somente a atender às orações dos fiéis", falou o prior. Metade da previsão se tornou realidade: daquele dia em diante, a efígie nunca mais mudou de posição; no entanto, daquele dia em diante, nenhum milagre digno de nota voltou a ser registrado; a devoção de Dunes diminuiu, outras relíquias deixaram a Sagrada Efígie na sombra, as peregrinações minguaram para meras reuniões locais e a igreja nunca foi completada.

O que aconteceu? Ninguém nunca soube, imaginou nem mesmo perguntou. No entanto, em 1790, quando o palácio arquiepiscopal de Arras foi saqueado, certo notário da vizinhança adquiriu uma grande porção dos arquivos ao preço de lixo, por curiosidade histórica ou na esperança de encontrar neles fatos que pudessem satisfazer sua aversão ao clero. Os documentos ficaram muitos anos sem ser examinados, até o meu amigo, o

antiquário, comprá-los. Entre os papéis retirados desordenadamente do palácio do arcebispo, estavam os diversos documentos que se referiam ao silenciado abade de St. Loup de Arras, e entre esses últimos, uma série de notas sobre os negócios da igreja de Dunes; eram, até onde sua natureza fragmentária explicava, as minutas de um inquérito realizado em 1309 que continham o depoimento de testemunhas diversas. Para compreender seu significado, é necessário recordar que, na época, os julgamentos de bruxas tiveram início e os processos contra os Templários definiram a moda dos inquéritos, que poderiam ajudar as finanças do país, ao passo que promoviam os interesses da religião.

O que parece ter acontecido é que, após a catástrofe da Vigília de Todos os Santos, em outubro de 1299, o prior Urbain de Luc viu-se subitamente ameaçado por uma acusação de sacrilégio e feitiçaria, de obtenção de milagres da efígie por meios diabólicos e de converter sua igreja em uma capela do Maligno.

Em vez de apelar aos tribunais eclesiásticos superiores, tal como os privilégios obtidos da Santa Sé teriam assegurado, o prior Urbain imaginou que a acusação se originava do irascível abade de St. Loup e, abrindo mão de todas as suas intenções a fim de salvar-se, colocou-se à mercê do abade a quem até então ignorava. O abade parece ter ficado satisfeito com a submissão, e o assunto foi esquecido após alguns poucos procedimentos legais, dos quais as notas encontradas entre os arquivos do arcebispo de Arras representam uma parte. Algumas dessas notas foram gentilmente traduzidas do latim pelo meu amigo, o antiquário, e eu as transcrevo aqui, deixando que o leitor tire suas próprias conclusões a partir delas.

"Também. O abade se mostra satisfeito com o fato de que Sua Reverência, o prior, não tenha tido nenhum conhecimento pessoal nem negócios com o Maligno (*Diabolus*). No entanto, a gravidade da acusação exige...

– a página está rasgada aqui.

"Hugues Jacquot, Simon le Couvreur, Pierre Denis, habitantes de Dunes, ao serem interrogados, testemunham:

"Que os ruídos da Igreja da Santa Cruz sempre aconteceram em noites de terríveis tempestades e antecipavam naufrágios na costa; e eram muito variados, tais como estalidos, gemidos, uivos de lobos e ocasional música de pífaros. Um certo Jehan, que duas vezes fora marcado com ferro quente e flagelado por causa de incêndios causados por raios na costa e, em outras circunstâncias, por fazer navios naufragarem na foz do Nys, ao receber a

promessa de imunidade, depois de dois ou três leves puxões no banco da tortura, testemunha o seguinte: que o bando de arruaceiros ao qual ele pertence sempre sabia quando uma tempestade perigosa era iminente, por causa do barulho que vinha da igreja de Dunes. A testemunha frequentemente escalava as muralhas e rondava pelo pátio da igreja, esperando ouvir tais ruídos. Ele estava familiarizado com os uivos e rugidos mencionados pelas testemunhas anteriores. E ouviu de um conterrâneo que passava à noite que os uivos eram tais que o homem pensou que estivesse sendo seguido por uma alcateia, embora soubesse muito bem que nenhum lobo era visto nesses lados há trinta anos. Mas a testemunha é de opinião que o mais singular de todos os ruídos, e o único que sempre acompanhou ou antecipou as piores tempestades, era um barulho de pífaros e gaitas de fole (*quod vulgo dicuntur flustes et musettes*) tão doce quanto o rei da França jamais poderia ter em sua corte. Ao ser questionada se já havia visto alguma coisa, a testemunha responde: que vira a igreja se iluminar com o brilho forte das areias; mas ao se aproximar, viu tudo escuro a não ser pela luz da câmara do sentinela. Dessa vez, sob a luz da lua, o som de gaitas e pífaros, e uivos insolitamente altos, ele pensou ter visto lobos e um vulto humano no telhado, mas que fugiu com medo e que não tem certeza."

"Também. Sua Senhoria, o abade, deseja que Sua Excelência Reverendíssima responda com sinceridade, pondo a mão sobre os Evangelhos, se ouviu ou não tais ruídos.

"Sua Excelência Reverendíssima nega já ter ouvido algo semelhante. Mas, ao ser ameaçado com tais procedimentos (o banco da tortura?) reconhece que frequentemente o sentinela de serviço havia comentado sobre o barulho.

"Pergunta: O sentinela contou mais alguma coisa a Sua Excelência Reverendíssima?

"Resposta: Sim; mas sob o sigilo da confissão. O último sentinela, o homem que foi morto pelo raio, também fora um sacerdote réprobo, que cometeu os maiores crimes, e foi obrigado a tomar asilo, a quem o prior mantivera ali por causa da dificuldade de encontrar um homem suficientemente corajoso para o ofício.

"Pergunta: O prior perguntou aos sentinelas anteriores?

"Resposta: os sentinelas eram obrigados a revelar somente em confissão o que tivessem ouvido, e os antecessores do prior tinham mantido inviolado o sigilo da confissão, e, embora indigno, o prior desejava fazer o mesmo.

"Pergunta: O que aconteceu com o sentinela encontrado desmaiado após as ocorrências do Halloween?

“Resposta: O prior não sabe. O sentinela enlouqueceu. O prior acredita que ele foi isolado por essa razão.

Aparentemente uma surpresa desagradável fora arranjada para o prior Urbain de Luc. Pois a entrada seguinte afirma que:

“Também. Por ordem de Sua Magnificência, o lorde abade, alguns servos do lorde abade supracitado apresentam Robert Baudouin, sacerdote, ex-sentinela da Igreja da Santa Cruz, que fora mantido preso por Sua Reverência, o prior, por ser louco. A testemunha manifesta grande terror por se encontrar na presença de Suas Senhorias, e particularmente de Sua Reverência, o prior. E se recusa a falar, escondendo o rosto nas mãos e soltando gritinhos. Ao ser confortado com palavras gentis pelos presentes, até mesmo com indulgência pelo próprio milorde, o abade, ameaçado com o banco de tortura, caso continuasse a se obstinar, a testemunha depõe como se segue, não sem muitos lamentos, gritinhos e tagarelice sem sentido à maneira dos loucos.

“Pergunta: Ele se recorda do que aconteceu na Vigília de Todos os Santos, na igreja de Dunes, antes de desmaiar no soalho?

“Resposta: Ele não consegue se recordar. Seria pecado falar de tais coisas diante dos grandes senhores espirituais. Além disso, ele não passa de um ignorante e um louco. E, para completar, está com muita fome.

“Ao receber pão branco da mesa do Lorde Abade, a testemunha volta a ser interrogada.

“Pergunta: O que ele se recorda dos eventos da Vigília de Todos os Santos?

“Resposta: Ele acredita que nem sempre foi louco. Acredita que nem sempre esteve na prisão. Acredita que já foi para o mar em um barco.

“Pergunta: A testemunha acredita que já esteve na igreja de Dunes?

“Resposta: Ele não consegue se lembrar. Mas certamente não esteve sempre na prisão.

“Pergunta: A testemunha ouviu algo assim? (Milorde, o abade, secretamente ordenou que um certo tolo a seu serviço, músico excelente, deveria no mesmo instante tocar as gaitas atrás de Arras.)

“Ao ouvir o som, a testemunha começou a tremer, soluçar e cair de joelhos, agarrando-se às vestes de milorde, o abade, escondendo sua cabeça ali.

“Pergunta: Por que ele sente tal terror, estando na presença paternal de um príncipe tão clemente quanto o Lorde Abade?

“Resposta: A testemunha não pode suportar mais a música. Isso congela o seu sangue. O homem disse ao prior muitas vezes que ele não vai permanecer por mais tempo na câmara do sentinela. Teme pela própria vida. E não ousa fazer o sinal da Cruz nem dizer suas orações por medo do Grande Homem Selvagem. O Grande Homem Selvagem pegou a Cruz, partiu em dois pedaços e jogou longe na nave. Todos os lobos desceram do telhado, uivando, e dançaram sobre as patas traseiras enquanto o Grande Homem Selvagem tocava o pífaro no altar-mor. A testemunha se cercou de uma sebe de pequenas cruzes, feitas de palha de centeio partida para manter o Grande Homem Selvagem longe da câmara do sentinela. Ah... ah... ah! Ele está tocando de novo! Os lobos estão uivando! Ele está criando a tempestade.

“Também: Mais nenhuma informação pode ser extraída da testemunha, que cai no chão como se estivesse possuída e tem que ser retirada da presença de Sua Senhoria, o abade, e Sua Reverência, o prior.

III

Aqui as minutas do interrogatório são interrompidas. Será que esses grandes dignatários espirituais dariam a conhecer mais sobre os terríveis acontecimentos na igreja de Dunes? Será que um dia imaginaram suas causas?

– Pois havia uma causa – falou o antiquário, dobrando os óculos após a leitura das notas – ou, mais especificamente, a causa ainda existe. E você compreenderá, embora esses sacerdotes eruditos de seis séculos atrás não pudessem compreender.

E, erguendo-se, ele pegou uma chave de uma das prateleiras e me precedeu no pátio de sua casa, situada no Nys, um quilômetro e meio abaixo de Dunes.

Entre as construções baixas, via-se o brejo, lilás com o mar lavanda, a Ilha dos Pássaros, um grande banco de areia na boca do Nys, onde todo tipo de ave marinha se reúne; e além, o mar agitado, com ondas brancas sob um arrebol bravio alaranjado. Do outro lado, em terra firme, despontando acima dos telhados dos sítios, erguia-se a igreja de Dunes, com o campanário pontiagudo e os contornos irregulares das empenas, contrafortes, gárgulas e dos escurecidos pinheiros contorcidos pelo vento contra o agourento céu vermelho lívido a leste.

– Eu lhe disse – falou o antiquário, parando com a chave na fechadura de um grande barracão – que tinha havido uma substituição; que o crucifixo atual em Dunes não é o que apareceu milagrosamente com a tempestade de 1195. Eu acredito que a atual pode ser identificada como uma imagem em tamanho natural, para a qual existe um recibo nos arquivos de Arras, entregue ao abade de St. Loup por Estienne Le Mas e Guillaume Pernel, escultores, no ano de 1299, a saber, o ano do inquérito e do fim das ocorrências sobrenaturais em Dunes. Quanto à efígie original, você a verá e compreenderá tudo.

O antiquário abriu a porta de uma passagem em declive, abobadada, acendeu uma lanterna e seguiu em frente. Era, evidentemente, a adega de alguma construção medieval, e o odor de vinho, de madeira úmida e de ramos de abeto dos inúmeros gravetos empilhados preenchia a escuridão entre colunas sólidas.

– Aqui – falou o antiquário, erguendo a lanterna. – Ele foi enterrado debaixo desta câmara, e transpassaram-lhe uma estaca de ferro, como um vampiro, para evitar que se erguesse.

A efígie fora erigida contra a parede escura, cercada de mato. Era maior do que o tamanho natural, estava nua, os braços partidos na altura dos ombros, a cabeça, com a barba nascente e o cabelo desalinhado, retesado com um esforço, a face contraída em agonia; os músculos repuxados como os de alguém que pendesse, crucificado, com os pés amarrados com uma corda. A imagem me era familiar em várias galerias. Dei um passo à frente para examinar a orelha: tinha a forma de folha.

– Ah, você compreendeu todo o mistério – falou o antiquário.

– Eu compreendi – respondi, sem saber até onde ia aquele pensamento – que esta suposta estátua de Cristo é um sátiro antigo, um Mársias, aguardando seu castigo.

O antiquário acenou com a cabeça.

– Exatamente – retrucou ele secamente. – Esta é toda a explicação. Mas não acho que o abade e o prior estivessem assim tão errados ao transpassar a estaca de ferro quando o retiraram da igreja.

(Fim.)

Peter Rugg, o desaparecido

William Austin

O texto: "Peter Rugg, the Missing Man" foi um dos textos pioneiros na tradição norte-americana de contos e novelas fantásticos, mais conhecida no Brasil pelas obras de Hawthorne, Allan Poe e Lovecraft. Foi publicado em três partes entre 1824 e 1827 nas páginas do *The New England Galaxy*, transformando-se imediatamente em lenda urbana; muitos de seus leitores enviaram cartas ao jornal pedindo mais informações sobre o paradeiro do misterioso homem que vagava havia décadas atrás de sua terra natal.
Texto traduzido: Austin, James Walker (ed.). "Peter Rugg, the Missing Man". In. *Literary Papers of William Austin.* Boston: Little, Brown, and Company, 1890, pp. 3-40.

O autor: Advogado norte-americano de carreira relativamente estável, William Austin (1778-1841) não chegou a nutrir pretensões de ser lembrado como escritor. Além de *Peter Rugg*, publicou contos em jornais da Nova Inglaterra; devemos a edição de seus escritos completos e notas biográficas a seu filho e neto. Sem eles, muito provavelmente o autor seria, como sua célebre personagem, um desaparecido da literatura norte-americana.

O tradutor: Felipe Vale da Silva é doutorando do programa de Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. Traduziu recentemente *Das Mädchen von Oberkirch*, de Goethe.

PETER RUGG, THE MISSING MAN

"Peter Rugg! - said I. And who is Peter Rugg?"

WILLIAM AUSTIN

FROM JONATHAN DUNWELL OF NEW YORK, TO MR. HERMAN KRAUFF.

SIR, – Agreeably to my promise, I now relate to you all the particulars of the lost man and child which I have been able to collect. It is entirely owing to the humane interest you seemed to take in the report, that I have pursued the inquiry to the following result.

You may remember that business called me to Boston in the summer of 1820. I sailed in the packet to Providence, and when I arrived there I learned that every seat in the stage was engaged. I was thus obliged either to wait a few hours or accept a seat with the driver, who civilly offered me that accommodation. Accordingly, I took my seat by his side, and soon found him intelligent and communicative. When we had travelled about ten miles, the horses suddenly threw their ears on their necks, as flat as a hare's. Said the driver, "Have you a surtout with you?"

"No," said I; "why do you ask?"

"You will want one soon," said he. "Do you observe the ears of all the horses?"

"Yes; and was just about to ask the reason."

"They see the storm-breeder, and we shall see him soon."

At this moment there was not a cloud visible in the firmament. Soon after, a small speck appeared in the road.

"There," said my companion, "comes the storm-breeder. He always leaves a Scotch mist behind him. By many a wet jacket do I remember him. I suppose the poor fellow suffers much himself – much more than is known to the world."

Presently a man with a child beside him, with a large black horse, and a weather-beaten chair, once built for a chaise-body, passed in great haste, apparently at the rate of twelve miles an hour. He seemed to grasp the reins of his horse with firmness, and appeared to anticipate his speed. He seemed dejected, and looked anxiously at the passengers particularly at the stage-driver and myself. In a moment after he passed us, the horses' ears were up, and bent themselves forward so that they nearly met.

"Who is that man?" said I. "He seems in great trouble."

"Nobody knows who he is, but his person and the child are familiar to me. I have met him more than a hundred times, and have been so often asked the way to Boston by that man, even when he was travelling directly from that town, that of late I have refused any communication with him; and that is the reason he gave me such a fixed look."

"But does he never stop anywhere?"

"I have never known him to stop anywhere longer than to inquire the way to Boston; and let him be where he may, he will tell you he cannot stay a moment, for he must reach Boston that night."

We were now ascending a high hill in Walpole; and as we had a fair view of the heavens, I was rather disposed to jeer the driver for thinking of his surtout, as not a cloud as big as a marble could be discerned.

"Do you look," said he, "in the direction whence the man came; that is the place to look. The storm never meets him; it follows him."

We presently approached another hill; and when at the height, the driver pointed out in an eastern direction a little black speck about as big as a hat. "There," said he, "is the seed-storm. We may possibly reach Polley's before it reaches us, but the wanderer and his child will go to Providence through rain, thunder, and lightning."

And now the horses, as though taught by instinct, hastened with increased speed. The little black cloud came on rolling over the turnpike, and doubled and trebled itself in all directions. The appearance of this cloud attracted the notice of all the passengers, for after it had spread itself to a great bulk it suddenly became more limited in circumference, grew more compact, dark, and consolidated. And now the successive flashes of chain

lightning caused the whole cloud to appear like a sort of irregular network, and displayed a thousand fantastic images. The driver bespoke my attention to a remarkable configuration in the cloud. He said every flash of lightning near its centre discovered to him, distinctly, the form of a man sitting in an open carriage drawn by a black horse. But in truth I saw no such thing; the man's fancy was doubtless at fault. It is a very common thing for the imagination to paint for the senses, both in the visible and invisible world.

In the meantime the distant thunder gave notice of a shower at hand; and just as we reached Polley's tavern the rain poured down in torrents. It was soon over, the cloud passing in the direction the turnpike toward Providence. In a few moments after, a respectable-looking man in a chaise stopped at the door. The man and child in the chair having excited some little sympathy among the passengers, the gentleman was asked if he had observed them. He said he had met them; that the man seemed bewildered, and inquired the way to Boston; that he was driving at great speed, as though he expected to outstrip the tempest; that the moment he had passed him, a thunderclap broke directly over the man's head, and seemed to envelop both man and child, horse and carriage. "I stopped," said the gentleman, "supposing the lightning had struck him; but the horse only seemed to loom up and increase his speed; and as well as I could judge, he travelled just as fast as the thunder-cloud."

While this man was speaking, a pedlar with a cart of tin merchandise came up, all dripping; and on being questioned, he said he had met that man and carriage, within a fortnight, in four different states; that at each time he had inquired the way to Boston; and that a thunder-shower like the present had each time deluged his wagon and his wares, setting his tin pots, etc., afloat, so that he had determined to get a marine insurance for the future. But that which excited his surprise most was the strange conduct of his horse, for long before he could distinguish the man in the chair his own horse stood still in the road, and flung back his ears. "In short," said the Pedlar, "I wish never to see that man and horse again; they do not look to me as though they belonged to this world."

This was all I could learn at that time; and the occurrence soon after would have become with me "like one of those things which had never happened," had I not, as I stood recently on the door-step of Bennett's hotel in Hartford, heard a man say, "There goes Peter Rugg and his child! He looks wet and weary, and farther from Boston than ever." I was satisfied it was the same man I had seen more than three years before; for whoever has once seen Peter Rugg can never after be deceived as to his identity.

“Peter Rugg!” said I. “And who is Peter Rugg?”

“That,” said the stranger, “is more than anyone can tell exactly. He is a famous traveller, held in light esteem by all innholders, for he never stops to eat, drink, or sleep. I wonder why the government does not employ him to carry the mail.”

“Aye,” said a bystander, “that is a thought bright only on one side; how long would it take in that case to send a letter to Boston? for Peter has already, to my knowledge, been more than twenty years travelling to that place.”

“But,” said I, “does the man never stop anywhere; does he never converse with anyone? I saw the same man more than three years since, near Providence, and I heard a strange story about him. Pray, sir, give me some account of this man.”

“Sir,” said the stranger, “those who know the most respecting that man say the least. I have heard it asserted that Heaven sometimes sets a mark on a man, either for judgment or a trial. Under which Peter Rugg now labours, I cannot say; therefore I am rather inclined to pity than to judge.”

“You speak like a humane man,” said I; “and if you have known him so long, I pray you will give me some account of him. Has his appearance much altered in that time?”

“Why, yes. He looks as though he never ate, drank, or slept; and his child looks older than himself, and he looks like time broken off from eternity, and anxious to gain a resting-place.”

“And how does his horse look?” said I.

“As for his horse, he looks fatter and gayer, and shows more animation and courage than he did twenty years ago. The last time Rugg spoke to me he inquired how far it was to Boston. I told him just one hundred miles.

“‘Why,’ said he, ‘how can you deceive me so? It is cruel to mislead a traveller. I have lost my way; pray direct me the nearest way to Boston.’

“I repeated, it was one hundred miles.

“‘How can you say so?’ said he. ‘I was told last evening it was but fifty, and I have travelled all night.’

“‘But,’ said I, ‘you are now travelling from Boston. You must turn back.’

“‘Alas,’ said he, ‘it is all turn back! Boston shifts with the wind, and plays all around the compass. One man tells me it is to the east, another to the west; and the guide-posts too, they all point the wrong way.’

"'But will you not stop and rest?' said I. 'You seem wet and weary.'

"'Yes,' said he, 'it has been foul weather since I left home.'

"'Stop, then, and refresh yourself.'

"'I must not stop; I must reach home tonight, if possible: though I think you must be mistaken in the distance to Boston.'

"He then gave the reins to his horse, which he restrained with difficulty, and disappeared in a moment. A few days afterward I met the man a little this side of Claremont,[1] winding around the hills in Unity, at the rate, I believe, of twelve miles an hour."

"Is Peter Rugg his real name, or has he accidentally gained that name?"

"I know not, but presume he will not deny his name; you can ask him – for see, he has turned his horse, and is passing this way."

In a moment a dark-colored, high-spirited horse approached, and would have passed without stopping, but I had resolved to speak to Peter Rugg, or whoever the man might be. Accordingly I stepped into the street; and as the horse approached, I made a feint of stopping him. The man immediately reined in his horse. "Sir," said I, "may I be so bold as to inquire if you are not Mr. Rugg? For I think I have seen you before."

"My name is Peter Rugg," said he. "I have unfortunately lost my way; I am wet and weary, and will take it kindly of you to direct me to Boston."

"You live in Boston, do you; and in what street?"

"In Middle Street."

"When did you leave Boston?"

"I cannot tell precisely; it seems a considerable time."

"But how did you and your child become so wet? It has not rained, here today."

"It has just rained a heavy shower up the river. But I shall not reach Boston tonight if I tarry. Would you advise me to take the old road or the turnpike?"

"Why, the old road is one hundred and seventeen miles, and the turnpike is ninety-seven."

"How can you say so? You impose on me; it is wrong to trifle with a traveller; you know it is but forty miles from Newburyport to Boston."

"But this is not Newburyport; this is Hartford."

---

[1] In New Hampshire.

"Do not deceive me, sir. Is not this town Newburyport, and the river that I have been following the Merrimack?"

"No, sir; this is Hartford, and the river, the Connecticut."

He wrung his hands and looked incredulous. "Have the rivers, too, changed their courses, as the cities have changed places? But see! The clouds are gathering in the south, and we shall have a rainy night. Ah, that fatal oath!"

He would tarry no longer; his impatient horse leaped off, his hind flanks rising like wings; he seemed to devour all before him, and to scorn all behind.

I had now, as I thought, discovered a clue to the history of Peter Rugg; and I determined, the next time my business called me to Boston, to make a further inquiry. Soon after, I was enabled to collect the following particulars from Mrs. Croft, an aged lady in Middle Street, who has resided in Boston during the last twenty years. Her narration is this:

Just at twilight last summer a person stopped at the door of the late Mrs. Rugg. Mrs. Croft on coming to the door perceived a stranger, with a child by his side, in an old weather-beaten carriage, with a black horse. The stranger asked for Mrs. Rugg, and was informed that Mrs. Rugg had died at a good old age, more than twenty years before that time.

The stranger replied, "How can you deceive me so? Do ask Mrs. Rugg to step to the door."

"Sir, I assure you Mrs. Rugg has not lived here these twenty years; no one lives here but myself, and my name is Betsy Croft."

The stranger paused, looked up and down the street, and said, "Though the paint is rather faded, this looks like my house."

"Yes," said the child, "that is the stone before the door that I used to sit on to eat my bread-and-milk."

"But," said the stranger, "it seems to be on the wrong side of the street. Indeed, everything here seems to be misplaced. The streets are all changed, the people are all changed, the town seems changed, and what is strangest of all, Catherine Rugg has deserted her husband and child. Pray," continued the stranger, "has John Foy come home from sea? He went a long voyage; he is my kinsman. If I could see him, he could give me some account of Mrs. Rugg."

"Sir," said Mrs. Croft, "I never heard of John Foy. Where did he live?"

"Just above here, in Orange-tree Lane."

"There is no such place in this neighbourhood."

"What do you tell me! Are the streets gone? Orange-tree Lane is at the head of Hanover Street, near Pemberton's Hill."

"There is no such lane now."

"Madam, you cannot be serious! But you doubtless know my brother, William Rugg. He lives in Royal Exchange Lane, near King Street."

"I know of no such lane; and I am sure there is no such street as King Street in this town."

"No such street as King Street! Why, woman, you mock me! You may as well tell me there is no King George. However, madam, you see I am wet and weary, I must find a resting-place. I will go to Hart's tavern, near the market."

"Which market, sir? for you seem perplexed; we have several markets."

"You know there is but one market near the town dock."

"Oh, the old market; but no such person has kept there these twenty years."

Here the stranger seemed disconcerted, and uttered to himself quite audibly, "Strange mistake; how much this looks like the town of Boston! It certainly has a great resemblance to it; but I perceive my mistake now. Some other Mrs. Rugg, some other Middle Street. Then," said he, "madam, can you direct me to Boston?"

"Why, this is Boston, the city of Boston; I know of no other Boston."

"City of Boston it may be; but it is not the Boston where I live. I recollect now, I came over a bridge instead of a ferry. Pray, what bridge is that I just came over?"

"It is Charles River bridge."

"I perceive my mistake; there is a ferry between Boston and Charlestown; there is no bridge. Ah, I perceive my mistake. If I were in Boston my horse would carry me directly to my own door. But my horse shows by his impatience that he is in a strange place. Absurd, that I should have mistaken this place for the old town of Boston! It is a much finer city than the town of Boston. It has been built long since Boston. I fancy Boston must lie at a distance from this city, as the good woman seems ignorant of it."

At these words his horse began to chafe, and strike the pavement with his forefeet. The stranger seemed a little bewildered, and said, "No home to-

night"; and giving the reins to his horse, passed up the street, and she saw no more of him.

It was evident that the generation to which Peter Rugg belonged had passed away.

This was all the account of Peter Rugg I could obtain from Mrs. Croft; but she directed me to an elderly man, Mr. James Felt, who lived near her, and who had kept a record of the principal occurrences for the last fifty years. At my request she sent for him; and after I had related to him the object of my inquiry, Mr. Felt told me he had known Rugg in his youth, and that his disappearance had caused some surprise; but as it sometimes happens that men run away -sometimes to be rid of others, and sometimes to be rid of themselves – and Rugg took his child with him, and his own horse and chair, and as it did not appear that any creditors made a stir, the occurrence soon mingled itself in the stream of oblivion; and Rugg and his child, horse, and chair were soon forgotten.

"It is true," said Mr. Felt, "sundry stories grew out of Rugg's affair, whether true or false I cannot tell; but stranger things have happened in my day, without even a newspaper notice."

"Sir," said I, "Peter Rugg is now living. I have lately seen Peter Rugg and his child, horse, and chair; therefore I pray you to relate to me all you know or ever heard of him."

"Why, my friend," said James Felt, "that Peter Rugg is now a living man, I will not deny; but that you have seen Peter Rugg and his child, is impossible, if you mean a small child; for Jenny Rugg, if living, must be at least – let me see – Boston massacre, 1770 – Jenny Rugg, was about ten years old. Why, sir, Jenny Rugg, if living, must be more than sixty years of age. That Peter Rugg is living, is highly probable, as he was only ten years older than myself, and I was only eighty last March; and I am as likely to live twenty years longer as any man."

Here I perceived that Mr. Felt was in his dotage, and I despaired of gaining any intelligence from him on which I could depend.

I took my leave of Mrs. Croft, and proceeded to my lodgings at the Marlborough Hotel.

"If Peter Rugg," thought I, "has been travelling since the Boston massacre, there is no reason why he should not travel to the end of time. If the present generation know little of him, the next will know less, and Peter and his child will have no hold on this world."

In the course of the evening, I related my adventure in Middle Street.

"Ha," said one of the company, smiling, "do you really think you have seen Peter Rugg? I have heard my grandfather speak of him, as though he seriously believed his own story."

"Sir," said I, "pray let us compare your grandfather's story of Mr. Rugg with my own."

"Peter Rugg, sir – if my grandfather was worthy of credit – once lived in Middle Street, in this city. He was a man in comfortable circumstances, had a wife and one daughter, and was generally esteemed for his sober life and manners. But unhappily, his temper, at times, was altogether ungovernable, and then his language was terrible. In these fits of passion, if a door stood in his way, he would never do less than kick a panel through. He would sometimes throw his heels over his head, and come down on his feet, uttering oaths in a circle; and thus in a rage, he was the first who performed a somersault, and did what others have since learned to do for merriment and money. Once Rugg was seen to bite a tenpenny nail in halves. In those days everybody, both men and boys, wore wigs; and Peter, at these moments of violent passion, would become so profane that his wig would rise up from his head. Some said it was on account of his terrible language; others accounted for it in a more philosophical way, and said it was caused by the expansion of his scalp, as violent passion, we know, will swell the veins and expand the head. While these fits were on him, Rugg had no respect for heaven or earth. Except this infirmity, all agreed that Rugg was a good sort of a man; for when his fits were over nobody was so ready to commend a placid temper as Peter.

"One morning, late in autumn, Rugg, in his own chair, with a fine large bay horse, took his daughter and proceeded to Concord. On his return a violent storm overtook him. At dark he stopped in Menotomy, now West Cambridge, at the door of a Mr. Cutter, a friend of his, who urged him to tarry the night. On Rugg's declining to stop, Mr. Cutter urged him vehemently. 'Why, Mr. Rugg,' said Cutter, 'the storm is overwhelming you. The night is exceedingly dark. Your little daughter will perish. You are in an open chair, and the tempest is increasing.' '*Let the storm increase*,' said Rugg, with a fearful oath, '*I will see home tonight, in spite of the last tempest, or may I never see home!*' At these words he gave his whip to his high-spirited horse and disappeared in a moment. But Peter Rugg did not reach home that night, nor the next; nor, when he became a missing man, could he ever be traced beyond Mr. Cutter's, in Menotomy.

"For a long time after, on every dark and stormy night the wife of Peter Rugg would fancy she heard the crack of a whip, and the fleet tread of a horse, and the rattling of a carriage passing her door. The neighbours, too, heard the same noises, and some said they knew it was Rugg's horse; the tread on the pavement was perfectly familiar to them. This occurred so repeatedly that at length the neighbours watched lanterns, and saw the real Peter Rugg, with his own horse and chair and the child sitting beside him, pass directly before his own door, his head turned towards his house, and himself making every effort to stop his horse, but in vain.

"The next day the friends of Mrs. Rugg exerted themselves to find her husband and child. They inquired at every public-house and stable town; but it did not appear that Rugg made any stay in Boston. No one, after Rugg, had passed his own door, could give any account of him, though it was asserted by some that the clatter of Rugg's horse and carriage over the pavements shook the houses on both sides of the streets. And this is credible, if indeed Rugg's horse and carriage did pass on that night; for at this day, in many of the streets, a loaded truck or team in passing will shake the houses like an earthquake. However, Rugg's neighbours never afterward watched. Some of them treated it all as a delusion, and thought no more of it. Others of a different opinion shook their heads and said nothing.

"Thus Rugg and his child, horse, and chair were soon forgotten; and probably many in the neighbourhood never heard a word on the subject.

"There was indeed a rumour that Rugg was seen afterward in Connecticut, between Suffield and Hartford, passing through the country at headlong speed. This gave occasion to Rugg's friends to make further inquiry; but the more they inquired, the more they were baffled. If they heard of Rug one day in Connecticut, the next they heard of him winding round the hills in New Hampshire; and soon after a man in a chair, with a small child, exactly answering the description of Peter Rugg, would be seen in Rhode Island inquiring the way to Boston.

"But that which chiefly gave a colour of mystery to the story of Peter Rugg was the affair at Charlestown bridge. The toll-gatherer asserted that sometimes, on the darkest and most stormy nights, when no object could be discerned, about the time Rugg was missing, a horse and wheel-carriage, with a noise equal to a troop, would at midnight, in utter contempt of the rates of toll, pass over the bridge. This occurred so frequently that the toll-gatherer resolved to attempt a discovery. Soon after, at the usual time, apparently the same horse and carriage approached the bridge from Charlestown Square.

The toll-gatherer, prepared, took his stand as near the middle of the bridge as he dared, with a large three-legged stool in his hand; as the appearance passed, he threw the stool at the horse, but heard nothing except the noise of the stool skipping across the bridge. The toll-gatherer on the next day asserted that the stool went directly through the body of the horse, and he persisted in that belief ever after. Whether Rugg, or whoever the person was, ever passed the bridge again, the toll-gatherer would never tell; and when questioned, seemed anxious to waive the subject. And thus Peter Rugg and his child, horse, and carriage, remain a mystery to this day."

This, sir, is all that I could learn of Peter Rugg in Boston.

FURTHER ACCOUNT OF PETER RUGG
By Jonathan Dunwell.

In the autumn of 1825 I attended the races at Richmond in Virginia. As two new horses of great promise were run, the race-ground was never better attended, nor was expectation ever more deeply excited. The partisans of Dart and Lightning, the two racehorses, were equally anxious and equally dubious of the result. To an indifferent spectator, it was impossible to perceive any difference. They were equally beautiful to behold, alike in colour and height, and as they stood side by side they measured from heel to forefeet within half an inch of each other. The eyes of each were full, prominent, and resolute; and when at times they regarded each other, they assumed a lofty demeanour, seemed to shorten their necks, project their eyes, and rest their bodies equally on their four hoofs. They certainly showed signs of intelligence, and displayed a courtesy to each other unusual even with statesmen.

It was now nearly twelve o'clock, the hour of expectation, doubt, and anxiety. The riders mounted their horses; and so trim, light, and airy they sat on the animals as to seem a part of them. The spectators, many deep in a solid column, had taken their places, and as many thousand breathing statues were there as spectators. All eyes were turned to Dart and Lightning and their two fairy riders. There was nothing to disturb this calm except a busy woodpecker on a neighbouring tree. The signal was given, and Dart and Lightning answered it with ready intelligence. At first they proceed at a slow trot, then they quicken to a canter, and then a gallop; presently they sweep the plain. Both horses lay themselves flat on the ground, their riders bending

forward and resting their chins between their horses' ears. Had not the ground been perfectly level, had there been any undulation, the least rise and fall, the spectator would now and then have lost sight of both horses and riders.

While these horses, side by side, thus appeared, flying without wings, flat as a hare, and neither gaining on the other, all eyes were diverted to a new spectacle. Directly in the rear of Dart and Lightning, a majestic black horse of unusual size, drawing an old weather-beaten chair, strode over the plain; and although he appeared to make no effort, for he maintained a steady trot, before Dart and Lightning approached the goal the black horse and chair had overtaken the racers, who, on perceiving this new competitor pass them, threw back their ears, and suddenly stopped in their course. Thus neither Dart nor Lightning carried away the purse.

The spectators now were exceedingly curious to learn whence came the black horse and chair. With many it was the opinion that nobody was in the vehicle. Indeed, this began to be the prevalent opinion; for those at a short distance, so fleet was the black horse, could not easily discern who, if anybody, was in the carriage. But both the riders, very near to whom the black horse passed, agreed in this particular – that a sad-looking man and a little girl were in the chair. When they stated this I was satisfied that the man was Peter Rugg. But what caused no little surprise, John Spring, one of the riders (he who rode Lightning), asserted that no earthly horse without breaking his trot could, in a carriage, outstrip his racehorse, and he persisted, with some passion, that it was not a horse – or, he was sure it was not a horse, but a large black ox. "What a great black ox can do," said John, "I cannot pretend to say; but no racehorse, not even flying Childers, could out-trot Lightning in a fair race."

This opinion of John Spring excited no little merriment, for it was obvious to everyone that it was a powerful black horse that interrupted the race; but John Spring, jealous of Lightning's reputation as a horse, would rather have it thought that any other beast, even an ox, had been the victor. However, the "horse-laugh" at John Spring's expense was soon suppressed; for as soon as Dart and Lightning began to breathe more freely, it was observed that both of them walked deliberately to the track of the race-ground, and putting their heads to the earth, suddenly raised them again and began to snort. They repeated this till John Spring said, "These horses have discovered something strange; they suspect foul play. Let me go and talk with Lightning."

He went up to Lightning and took hold of his mane; and Lightning put his nose toward the ground and smelt of the earth without touching it, then reared his head very high, and snorted so loudly that the sound echoed from the next hill. Dart did the same. John Spring stooped down to examine the spot where Lightning had smelled. In a moment he raised himself up, and the countenance of the man was, changed. His strength failed him, and he sidled against Lightning.

At length John Spring recovered from his stupor, and exclaimed, "It was an ox! I told you it was an ox. No real horse ever yet beat Lightning."

And, now, on a close inspection of the black horse's tracks in the path, it was evident to everyone that the forefeet of the black horse were cloven. Notwithstanding these appearances, to me it was evident, that the strange horse was in reality a horse. Yet when the people left the race-ground, I presume one-half of all those present would have testified that a large black ox had distanced two of the fleetest coursers that ever trod the Virginia turf. So uncertain are all things called historical facts.

While I was proceeding to my lodgings, pondering on the events of the day, a stranger rode up to me, and accosted me thus, "I think your name is Dunwell, sir."

"Yes, sir," I replied.

"Did I not see you a year or two since in Boston, at the Marlborough Hotel?"

"Very likely, sir, for I was there."

"And you heard a story about one Peter Rugg?"

"I recollect it all," said I.

"The account you heard in Boston must be true, for here he was to-day. The man has found his way to Virginia, and for aught that appears, has been to Cape Horn. I have seen him before today, but never saw him travel with such fearful velocity. Pray, sir, where does Peter Rugg spend his winters, for I have seen him only in summer, and always in foul weather except this time?"

I replied, "No one knows where Peter Rugg spends his winters; where or when he eats, drinks, sleeps, or lodges. He seems to have an indistinct idea of day and night, time and space, storm and sunshine. His only object is Boston. It appears to me that Rugg's horse has some control of the chair; and that Rugg himself is, in some sort, under the control of his horse."

I then inquired of the stranger where he first saw the man and horse.

"Why, sir," said he, "in the summer of 1824, I travelled to the North for my health; and soon after I saw you at the Marlborough Hotel I returned homeward to Virginia, and, if my memory is correct, I saw this man and horse in every state between here and Massachusetts. Sometimes would meet me, but oftener overtake me. He never spoke but once, and that once was in Delaware. On his approach he checked his horse with some difficulty. A more beautiful horse I never saw; his hide was as fair and rotund and glossy as the skin of a Congo beauty. When Rugg's horse approached mine he reined in his neck, bent his ears forward until they met, and looked my horse full in the face. My horse immediately withered into half a horse, his hide curling up like a piece of burnt leather; spellbound, he was fixed to the earth as though a nail had been driven through each hoof.

"'Sir,' said Rugg, 'perhaps you are travelling to Boston; and if so, I should be happy to accompany you, for I have lost my way, and I must reach home tonight. See how sleepy this little girl looks; poor thing, she is a picture of patience.'

"'Sir,' said I, 'it is impossible for you to reach home tonight, for you are in Concord, in the county of Sussex, in the state of Delaware.'

"'What do you mean,' said he, 'by state of Delaware? If I were in Concord, that is only twenty miles from Boston, and my horse Lightfoot could carry me to Charlestown ferry in less than two hours. You mistake, sir; you are a stranger here; this town is nothing like Concord. I am well acquainted with Concord. I went to Concord when I left Boston.'

"'But,' said I, 'you are in Concord, in the state of Delaware.'

"'What do you mean by state?' said Rugg.

"'Why, one of the United States.'

"'States!' said he, in a low voice; 'the man is a wag, and would persuade me I am in Holland.' Then, raising his voice, he said, 'You seem, sir, to be a gentleman, and I entreat you to mislead me not; tell me, quickly, for pity's sake, the right road to Boston, for you see my horse will swallow his bits; he has eaten nothing since I left Concord.'

"'Sir,' said I, 'this town is Concord – Concord in Delaware, not Concord in Massachusetts; and you are now five hundred miles from Boston.'

"Rugg looked at me for a moment, more in sorrow than resentment, and then repeated, 'Five hundred miles! Unhappy man, who would have thought him deranged; but nothing in this world is so deceitful as appearances. Five hundred miles! This beats Connecticut River.'

“What he meant by Connecticut River, I know not; his horse broke away, and Rugg disappeared in a moment.”

I explained to the stranger the meaning of Rugg’s expression, “Connecticut River,” and the incident respecting him that occurred at Hartford, as I stood on the door-stone of Mr. Bennett’s excellent hotel. We both agreed that the man we had seen that day was the true Peter Rugg.

Soon after, I saw Rugg again, at the toll-gate on the turnpike between Alexandria and Middleburgh. While I was paying the toll, I observed to the toll-gatherer that the drought was more severe in his vicinity than farther south.

“Yes,” said he, “the drought is excessive; but if I had not heard yesterday, by a traveller, that the man with the black horse was seen in Kentucky a day or two since, I should be sure of a shower in a few minutes.”

I looked all around the horizon, and could not discern a cloud that could hold a pint of water.

“Look, sir,” said the toll-gatherer, “you perceive to the eastward, just above that hill, a small black cloud not bigger than a blackberry, and while I am speaking it is doubling and trebling itself, and rolling up the turn steadily, as if its sole design was to deluge some object.”

“True,” said I, “I do perceive it; but what connexion is there between a thunder-cloud and a man and horse?”

“More than you imagine, or I can tell you; but stop a moment, sir, I may need your assistance. I know that cloud; I have seen it several times before, and can testify to its identity. You will soon see a man and black horse under it.”

While he was speaking, true enough, we began to hear the distant thunder, and soon the chain lightning performed all the figures of a country-dance. About a mile distant we saw the man and black horse under the cloud; but before he arrived at the toll-gate, the thunder-cloud had spent itself, and not even a sprinkle fell near us.

As the man, whom I instantly knew to be Rugg, attempted to pass, the toll-gatherer swung the gate across the road, seized Rugg’s horse by the reins, and demanded two dollars.

Feeling some little regard for Rugg, I interfered, and began to question the toll-gatherer, and requested him not to be wroth with the man. The toll-gatherer replied that he had just cause, for the man had run his toll ten times, and moreover that the horse had discharged a cannon-ball at him, to the

great danger of his life; that the man had always before approached so rapidly that he was too quick for the rusty hinges of the toll-gate; "but now I will have full satisfaction."

Rugg looked wistfully at me, and said, "I entreat you, sir, to delay me not; I have found at length the direct road to Boston, and shall not reach home before night if you detain me. You see I am dripping wet, and ought to change my clothes."

The toll-gatherer then demanded why he had run his toll so many times.

"Toll! Why," said Rugg, "do you demand toll? There is no toll to pay on the king's highway."

"King's highway! Do you not perceive this is a turnpike?"

"Turnpike! There are no turnpikes in Massachusetts."

"That may be, but we have several in Virginia."

"Virginia! Do you pretend I am in Virginia?"

Rugg then, appealing to me, asked how far it was to Boston.

Said I, "Mr. Rugg, I perceive you are bewildered, and am sorry to see you so far from home; you are, indeed, in Virginia."

"You know me, then, sir, it seems; and you say I am in Virginia. Give me leave to tell you, sir, you are the most impudent man alive; for I was never forty miles from Boston, and I never saw a Virginian in my life. This beats Delaware!"

"Your toll, sir, your toll!"

"I will not pay you a penny," said Rugg; "you are both of you highway robbers. There are no turnpikes in this country. Take toll on the king's highway! Robbers take toll on the king's highway!" Then in a low tone he said, "Here is evidently a conspiracy against me; alas, I shall never see Boston! The highways refuse me a passage, the rivers change their courses, and there is no faith in the compass."

But Rugg's horse had no idea of stopping more than one minute; for in the midst of this altercation, the horse, whose nose was resting on the upper bar of the turnpike-gate, seized it between his teeth, lifted it gently off its staples, and trotted off with it. The toll-gatherer, confounded, strained his eyes after his gate.

"Let him go," said I, "the horse will soon drop your gate, and you will get it again."

I then questioned the toll-gatherer respecting his knowledge of this man; and he related the following particulars:

"The first time," said he, "that man ever passed this toll-gate was in the year 1806, at the moment of the great eclipse. I thought the horse was frightened at the sudden darkness, and concluded he had run away with the man. But within a few days after, the same man and horse repassed with equal speed, without the least respect to the tollgate or to me, except by a vacant stare. Some few years afterward, during the late war, I saw the same man approaching again, and I resolved to check his career. Accordingly I stepped into the middle of the road, and stretched wide both my arms, and cried, 'Stop, sir, on your peril!' At this the man said, 'Now, Lightfoot, confound the robber!' At the same time he gave the whip liberally to the flank of his horse, which bounded off with such force that it appeared to me two such horses, give them a place to stand, would overcome any check man could devise. An ammunition wagon which had just passed on to Baltimore had dropped an eighteen-pounder in the road; this unlucky ball lay in the way of the horse's heels, and the beast, with the sagacity of a demon, clinched it with of his heels and hurled it behind him. I feel dizzy in relating the fact, but so nearly did the ball pass my head, that the wind thereof blew off my hat; and the ball embedded itself in that gate-post, as you may see if you will cast your eye on the post. I have permitted it to remain there in memory of the occurrence – as the people of Boston, I am told, preserve the eighteen-pounder which is now to be seen half embedded in Brattle Street church."

I then took leave of the toll-gatherer, and promised him if I saw or heard of his gate I would send him notice.

A strong inclination had possessed me to arrest Rugg and search his pockets, thinking great discoveries might be made in the examination; but what I saw and heard that day convinced me that no human force could detain Peter Rugg against his consent. I therefore determined if I ever saw Rugg again to treat him in the gentlest manner.

In pursuing my way to New York, I entered on the turnpike in Trenton; and when I arrived at New Brunswick, I perceived the road was newly macadamized. The small stones had just been laid thereon. As I passed this piece of road, I observed that, at regular distances of about eight feet, the stones were entirely displaced from spots as large as the circumference of a half-bushel measure. This singular appearance induced me to inquire the cause of it at the turnpike-gate.

"Sir," said the toll-gatherer, "I wonder not at the question, but, I am unable to give you a satisfactory answer. Indeed, sir, I believe I am bewitched, and that the turnpike is under a spell of enchantment; for what appeared to me last night cannot be a real transaction, otherwise a turnpike is a useless thing."

"I do not believe in witchcraft or enchantment," said I; "and if you will relate circumstantially what happened last night, I will endeavour to account for it by natural means."

"You may recollect the night was uncommonly dark. Well, sir, just after I had closed the gate for the night, down the turnpike, as far as my eye could reach, I beheld what at first appeared to be two armies engaged. The report of the musketry, and the flashes of their firelocks, were incessant and continuous. As this strange spectacle approached me with the fury of a tornado, the noise increased; and the appearance rolled on in one compact body over the surface of the ground. The most splendid fireworks rose out of the earth and encircled this moving spectacle. The divers tints of the rainbow, the most brilliant dyes that the sun lays in the lap of spring, added to the whole family of gems, could not display a more beautiful, radiant, and dazzling spectacle than accompanied the black horse. You would have thought all the stars of heaven had met in merriment on the turnpike. In the midst of this luminous configuration sat a man, distinctly to be seen, in a miserable-looking chair, drawn by a black horse. The turnpike-gate ought, by the laws of nature and the laws of the state, to have made a wreck of the whole, and have dissolved the enchantment; but no, the horse without an effort passed over the gate, and drew the man and chair horizontally after him without touching the bar. This was what I call enchantment. What think you, sir?"

"My friend," said I, "you have grossly magnified a natural occurrence. The man was Peter Rugg, on his way to Boston. It is true, his horse travelled with unequalled speed, but as he reared high his forefeet, he could not help displacing the thousand small stones on which he trod, which flying in all directions struck one another, and resounded and scintillated. The top bar of your gate is not more than two feet from the ground, and Rugg's horse at every vault could easily lift the carriage over that gate."

This satisfied Mr. McDoubt, and I was pleased at that occurrence; for otherwise Mr. McDoubt, who is a worthy man, late from the Highlands, might have added to his calendar of superstitions. Having thus disenchanted

the macadamized road and the turnpike-gate, and also Mr. McDoubt, I pursued my journey homeward to New York.

Little did I expect to see or hear anything further of Mr. Rugg, for he was now more than twelve hours in advance of me. I could hear nothing of him on my way to Elizabethtown, and therefore concluded that during the past night he had turned off from the turnpike and pursued a westerly direction; but just before I arrived at Powles's Hook, I observed a considerable collection of passengers in the ferry-boat, all standing motionless, and steadily looking at the same object. One of the ferry-men, Mr. Hardy, who knew me well, observing my approach delayed a minute, in order to afford me a passage, and coming up, said, "Mr. Dunwell, we have a curiosity on board that would puzzle Dr. Mitchell."

"Some strange fish, I suppose, has found its way into the Hudson?"

"No," said he, "it is a man who looks as if he had lain hidden in the ark, and had just now ventured out. He has a little girl with him, the counterpart of himself, and the finest horse you ever saw, harnessed to the queerest carriage that ever was made."

"Ah, Mr. Hardy," said I, "you have, indeed, hooked a prize; no one before you could ever detain Peter Rugg long enough to examine him."

"Do you know the man?" said Mr. Hardy.

"No, nobody knows him, but everybody has seen him. Detain him as long as possible; delay the boat under any pretence, cut the gear of the horse, do anything to detain him."

As I entered the ferry-boat, I was struck at the spectacle before me. There, indeed, sat Peter Rugg and Jenny Rugg in the chair, and there stood the black horse, all as quiet as lambs, surrounded by more than fifty men and women, who seemed to have lost all their senses but one. Not a motion, not a breath, not a rustle. They were all eye. Rugg appeared to them to be a man not of this world; and they appeared to Rugg a strange generation of men. Rugg spoke not, and they spoke, not; nor was I disposed to disturb the calm, satisfied to reconnoitre Rugg in a state of rest. Presently, Rugg observed in a low voice, addressed to nobody, "A new contrivance, horses instead of oars; Boston folks are full of notions."

It was plain that Rugg was of Dutch extraction. He had on three pairs of small clothes, called in former days of simplicity breeches, not much the worse for wear; but time had proved the fabric, and shrunk one more than another, so that they showed at the knees their different qualities and colours. His several waistcoats, the flaps of which rested on his knees, made

him appear rather corpulent. His capacious drab, coat would supply the stuff for half a dozen modern ones; the sleeves were like meal bags, in the cuffs of which you might nurse a child to sleep. His hat, probably once black, now of a tan colour, was neither round nor crooked, but in shape much like the one President Monroe, wore on his late tour. This dress gave the rotund face of Rugg an antiquated dignity. The man, though deeply sunburned, did not appear to be more than thirty years of age. He had lost his sad and anxious look, was quite composed, and seemed happy. The chair in which Rugg sat was very capacious, evidently made for service, and calculated to last for ages; the timber would supply material for three modern carriages. This chair, like a Nantucket coach, would answer for everything that ever went on wheels. The horse, too, was an object of curiosity; his majestic height, his natural mane and tail, gave him a commanding appearance, and his large open nostrils indicated inexhaustible wind. It was apparent that the hoofs of his forefeet had been split, probably on some newly macadamized road, and were now growing together, again; so that John Spring was not altogether in the wrong.

How long this dumb scene would otherwise have continued I cannot tell. Rugg discovered no sign of impatience. But Rugg's horse having been quiet more than five minutes, had no idea of standing idle; he began to whinny, and in a moment after, with his right forefoot he started a plank. Said Rugg, "My horse is impatient, he sees the North End. You must be quick, or he will be ungovernable."

At these words, the horse raised his left forefoot; and when he laid it down every inch of the ferry-boat trembled. Two men immediately seized Rugg's horse by the nostrils. The horse nodded, and both of them were in the Hudson. While we were fishing up the men, the horse was perfectly quiet.

"Fret not the horse," said Rugg, "and he will do no harm. He is only anxious, like myself, to arrive at yonder beautiful shore; he sees the North Church, and smells his own stable."

"Sir," said I to Rugg, practising a little deception, "pray tell me, for I am a stranger here, what river is this, and what city is that opposite, for you seem to be an inhabitant of it?"

"This river sir is called Mystic River, and this is Winnisimmet ferry – we have retained the Indian names – and that town is Boston. You must, indeed, be a stranger in these parts, not to know that yonder is Boston, the capital of the New England provinces."

"Pray, sir, how long have you been absent from Boston?"

"Why, that I cannot exactly tell. I lately went with this little girl of mine to Concord, to see my friends; and I am ashamed to tell you, in returning lost the way, and have been travelling ever since. No one would direct me right. It is cruel to mislead a traveller. My horse, Lightfoot, has boxed the compass; and it seems to me he has boxed it back again. But, sir, you perceive my horse is uneasy; Lightfoot, as yet, has only given a hint and a nod. I cannot be answerable for his heels."

At these words Lightfoot reared his long tail, and snapped it as you would a whiplash. The Hudson reverberated with the sound. Instantly the six horses began to move the boat. The Hudson was a sea of glass, smooth as oil, not a ripple. The horses, from a smart trot, soon passed to a gallop; water now ran over the gunwale; the ferry-boat was soon buried in an ocean of foam, and the noise of the spray was like the roaring of many waters. When we arrived at New York, you might see the beautiful white wake of the ferry-boat across the Hudson.

Though Rugg refused to pay toll at turnpikes, when Mr. Hardy reached his hand for the ferriage, Rugg readily put his hand into one of his many pockets, took out a piece of silver, and handed it to Hardy.

"What is this?" said Mr. Hardy.

"It is thirty shillings," said Rugg.

"It might once have been thirty shillings, old tenor," said Mr. Hardy, "but it is not at present."

"The money is good English coin," said Rugg; "my grandfather brought a bag of them from England, and had them hot from the mint."

Hearing this, I approached near to Rugg, and asked permission see the coin. It was a half-crown, coined by the English Parliament dated in the year 1649. On one side, "The Commonwealth of England," and St. George's cross encircled with a wreath of laurel wreath. On the other, "God with us," and a harp and St. George's cross united. I winked at Mr. Hardy, and pronounced it good current money; and said loudly, "I will not permit the gentleman to be imposed on, for I will exchange the money myself."

On this, Rugg spoke. "Please to give me your name, sir."

"My name, is Dunwell, sir," I replied.

"Mr. Dunwell," said Rugg, "you are the only honest man I have seen since I left Boston. As you are a stranger here, my house is your home; Dame Rugg will be happy to see her husband's friend. Step into my chair,

sir, there is room enough; move a little, Jenny, for the gentleman, and we will be in Middle Street in a minute."

Accordingly I took a seat by Peter Rugg.

"Were you never in Boston before?" said Rugg.

"No," said I.

"Well, you will now see the queen of New England, a town second only to Philadelphia, in all North America."

"You forget New York," said I.

"Poh, New York is nothing; though I never was there. I am told you might put all New York in our mill-pond. No, sit, New York, I assure you, is but a sorry affair; no more to be compared with Boston than a wigwam with a palace."

As Rugg's horse turned into Pearl Street, I looked Rugg as fully in the face as good manners would allow, and said, "Sir, if this is Boston, I acknowledge New York is not worthy to be one of its suburbs."

Before we had proceeded far in Pearl Street, Rugg's countenance changed: his nerves began to twitch; his eyes trembled in their sockets; he was evidently bewildered. "What is the matter, Mr. Rugg? You seem disturbed."

"This surpasses all human comprehension; if you know, sir, where we are, I beseech you to tell me."

"If this place," I replied, "is not Boston, it must be New York."

"No, sir, it is not Boston; nor can it be New York. How could I be in New York, which is nearly two hundred miles from Boston?"

By this time we had passed into Broadway, and then Rugg, in truth, discovered a chaotic mind. "There is no such place as this in North America. This is all the effect of enchantment; this is a grand delusion, nothing real. Here is seemingly a great city, magnificent houses, shops and goods, men and women innumerable, and as busy as in real life, all sprung up in one night from the wilderness; or what is more probable, some tremendous convulsion of nature has thrown London or Amsterdam on the shores of New England. Or, possibly, I may be dreaming, though the night seems rather long; but before now I have sailed in one night to Amsterdam, bought goods of Vandogger, and returned to Boston before morning."

At this moment a hue and cry was heard: "Stop the madmen, they will endanger the lives of thousands!" In vain hundreds attempted to stop Rugg's

horse. Lightfoot interfered with nothing; his course was straight as a shooting-star. But on my part, fearful that before night I should find myself behind the Alleghenies, I addressed Mr. Rugg in a tone of entreaty, and requested him to restrain the horse and permit me to alight.

"My friend," said he, "we shall be in Boston before dark, and Dame Rugg will be most exceedingly glad to see us."

"Mr. Rugg," said I, "you must excuse me. Pray look to the west; see that thunder-cloud swelling with rage, as if in pursuit of us."

"Ah!" said Rugg, "it is in vain to attempt to escape. I know that cloud; it is collecting new wrath to spend on my head." Then checking his horse, he permitted me to descend, saying, "Farewell, Mr. Dunwell, I shall be happy to see you in Boston; I live in Middle Street."

It is uncertain in what direction Mr. Rugg pursued his course, after he disappeared in Broadway; but one thing is sufficiently known to everybody – that in the course of two months after he was seen in New York, he found his way most opportunely to Boston.

It seems the estate of Peter Rugg had recently fallen to the Commonwealth of Massachusetts for want of heirs; and the Legislature had ordered the solicitor-general to advertise and sell it at public auction. Happening to be in Boston at the time, and observing his advertisement, which described a considerable extent of land, I felt a kindly curiosity to see the spot where Rugg once lived. Taking the advertisement in my hand, I wandered a little way down Middle Street, and without asking a question of anyone, when I came to a certain spot I said to myself, "This is Rugg's estate; I will proceed no farther. This must be the spot; it is a counterpart of Peter Rugg." The premises, indeed, looked as if they had fulfilled a sad prophecy. Fronting on Middle Street, they extended in the rear to Ann Street, and embraced about half an acre of land. It was not uncommon in former times to have half an acre for a house-lot; for an acre of land then, in many parts of Boston, was not more valuable than a foot in some places at present. The old mansion-house had become a powder-post, and been blown away. One other building, uninhabited, stood ominous, courting dilapidation. The street had been so much raised that the bedchamber had descended to the kitchen and was level with the street. The house seemed conscious of its fate; and as though tired of standing there, the front was fast retreating from the rear, and waiting the next south wind to project itself into the street. If the most wary animals had sought a place of refuge, here they would have rendezvoused. Here, under the ridge-pole, the crow would

have perched in security; and in the recesses below, you might have caught the fox and the weasel asleep. "The hand of destiny," said I, "has pressed heavy on this spot; still heavier on the former owners. Strange that so large a lot of land as this should want an heir! Yet Peter Rugg, at this day, might pass by his own door-stone, and ask, 'Who once lived here?'"'

The auctioneer, appointed by the solicitor to sell this estate, was a man of eloquence, as many of the auctioneers of Boston are. The occasion seemed to warrant, and his duty urged, him to make a display. He addressed his audience as follows:

"The estate, gentlemen, which we offer you this day, was once the property of a family now extinct. For that reason it has escheated to the Commonwealth. Lest any one of you should be deterred from bidding on so large an estate as this for fear of a disputed title, I am authorized by the solicitor-general to proclaim that the purchaser shall have the best of all titles – a warranty – deed from the Commonwealth. I state this, gentlemen, because I know there is an idle rumour in this vicinity that one Peter Rugg, the original owner of this estate, is still living. This rumour, gentlemen, has no foundation, and can have no foundation in the nature of things. It originated about two years since, from the incredible story of one Jonathan Dunwell, of New York. Mrs. Croft, indeed, whose husband I see present, and whose mouth waters for this estate, has countenanced this fiction. But, gentlemen, was it ever known that any estate, especially an estate of this value, lay unclaimed for nearly half a century, if any heir, ever so remote, were existing? For, gentlemen, all agree that old Peter Rugg, if living, would be at least one hundred years of age. It is said that he and his daughter, with a horse and chaise, were missed more than half a century ago; and because they never returned home, forsooth, they must be now living, and will some day come and claim this great estate. Such logic, gentlemen, never led to a good investment. Let not this idle story cross the noble purpose of consigning these ruins to the genius of architecture. If such a contingency could check the spirit of enterprise, farewell to all mercantile excitement. Your surplus money, instead of refreshing your sleep with the golden dreams of new sources of speculation, would turn to the nightmare. A man's money, if not employed, serves only to disturb his rest. Look, then, to the prospect before you. Here is half an acre of land – more than twenty thousand square feet – a corner lot, with wonderful capabilities; none of your contracted lots of forty feet by fifty, where, in dog-days, you can breathe only through your scuttles. On the contrary, an architect cannot contemplate this lot of land without rapture, for here is room enough for his genius to shame the temple

of Solomon. Then the prospect – how commanding! To the cast, so near to the Atlantic that Neptune, freighted with the select treasures of the whole earth, can knock at your door with his trident. From the west, the produce of the river of Paradise – the Connecticut – will soon, by the blessings of steam, railways, and canals, pass under your windows; and thus, on this spot, Neptune shall marry Ceres, and Pomona from Roxbury, and Flora from Cambridge, shall dance at the wedding.

"Gentlemen of science, men of taste, ye of the literary emporium – for I perceive many of you present – to you this is holy ground. If the spot on which in times past a hero left only the print of a footstep is now sacred, of what price is the birthplace of one who all the world knows was born in Middle Street, directly opposite to this lot; and who, if his birthplace were not well known, would now be claimed by more than seven cities! To you, then, the value of these premises must be inestimable. For ere long there will arise in full view of the edifice to be erected here, a monument, the wonder and veneration of the world. A column shall spring to the clouds; and on that column will be engraven one word which will convey all that is wise in intellect, useful in science, good in morals, prudent in counsel, and benevolent in principle – a name of one who, when living, was the patron of the poor, the delight of the cottage, and the admiration of kings; now dead, worth the whole seven wise men of Greece. Need I tell you his name? He fixed the thunder and guided the lightning.

"Men of the North End! Need I appeal to your patriotism, in order to enhance the value of this lot? The earth affords no such scenery as this; there, around that corner, lived James Otis; here, Samuel Adams; there, Joseph Warren; and around that other corner, Josiah Quincy. Here was the birthplace of Freedom; here Liberty was born, and nursed, and grew to manhood. Here man was newly created. Here is the nursery of American Independence – I am too modest – here began the emancipation of the world; a thousand generations hence, millions of men will cross the Atlantic just to look at the North End of Boston. Your fathers – what do I say! – yourselves – yes, this moment, I behold several attending this auction who lent a hand to rock the cradle of Indpendence.

"Men of speculation – ye who are deaf to everything except the sound of money – you, I know, will give me both of your ears when I tell you the city of Boston must have a piece of this estate in order to widen Ann Street. Do you hear me – do you all hear me? I say the city must have a large piece of this land in order to widen Ann Street. What a chance! The city scorns to take a man's land for nothing. If it seizes your property, it is generous

beyond the dreams of avarice. The only oppression is, you are in danger of being smothered under a load of wealth. Witness the old lady who lately died of a broken heart when the mayor paid her for a piece of her kitchen-garden. All the faculty agreed that the sight of the treasure, which the mayor incautiously paid her in dazzling dollars, warm from the mint, sped joyfully all the blood of her body into her heart, and rent it with raptures. Therefore, let him who purchases this estate fear his good fortune, and not Peter Rugg. Bid, then, liberally, and do not let the name of Rugg damp your ardour. How much will you give per foot for this estate?"

Thus spoke the auctioneer, and gracefully waved his ivory hammer. From fifty to seventy-five cents per foot were offered in a few moments. The bidding laboured from seventy-five to ninety. At length one dollar was offered. The auctioneer seemed satisfied; and looking at his watch, said he would knock off the estate in five minutes, if no one offered more.

There was a deep silence during this short period. While the hammer was suspended, a strange rumbling noise was heard, which arrested the attention of everyone. Presently, it was like the sound of many shipwrights driving home the bolts of a seventy-four. As the sound approached nearer, some exclaimed, "The buildings in the new market are falling in promiscuous ruins." Others said, "No, it is an earthquake; we perceive the earth tremble." Others said, "Not so; the sound proceeds from Hanover Street, and approaches nearer"; and this proved true, for presently Peter Rugg was in the midst of us.

"Alas, Jenny," said Peter, "I am ruined; our house has been burned, and here are all our neighbours around the ruins. Heaven grant your mother, Dame Rugg, is safe."

"They don't look like our neighbours," said Jenny; "but sure enough our house is burned, and nothing left but the door-stone and an old cedar post. Do ask where mother is."

In the meantime more than a thousand men had surrounded Rugg and his horse and chair. Yet neither Rugg personally, nor his horse and carriage, attracted more attention than the auctioneer. The look and searching eyes of Rugg carried more conviction to everyone present that the estate was his than could any parchment or paper with signature and seal. The impression which the auctioneer had just made on the company was effaced in a moment; and although the latter words of the auctioneer were, "Fear not Peter Rugg," the moment the auctioneer met the eye of Rugg his occupation was gone; his arm fell down to his hips, his late lively hammer hung heavy in his

hand, and the auction was forgotten. The black horse, too, gave his evidence. He knew his journey was ended; for he stretched himself into a horse and a half, rested his head over the cedar post, and whinnied thrice, causing his harness to tremble from headstall to crupper.

Rugg then stood upright in his chair, and asked with some authority, "Who has demolished my house in my absence, for I see no signs of a conflagration? I demand by what accident this has happened, and wherefore this collection of strange people has assembled before my door-step. I thought I knew every man in Boston, but you appear to me a new generation of men. Yet I am familiar with many of the countenances here present, and I can call some of you by name; but in truth I do not recollect that before this moment I ever saw any one of you. There, I am certain, is a Winslow, and here a Sargent; there stands a Sewall, and next to him a Dudley. Will none of you speak to me – or is this all a delusion? I see, indeed, many forms of men, and no want of eyes, but of motion, speech, and hearing, you seem to be destitute. Strange! Will no one inform me who has demolished my house?"

Then spake a voice from the crowd, but whence it came I could not discern. "There is nothing strange here but yourself, Mr. Rugg. Time, which destroys and renews all things, has dilapidated your house, and placed us here. You have suffered many years under an illusion. The tempest which you profanely defied at Menotomy has at length subsided; but you will never see home, for your house and wife and neighbours have all disappeared. Your estate, indeed, remains, but no home. You were cut off from the last age, and you can never be fitted to the present. Your home is gone, and you can never have another home in this world."

PETER RUGG, O DESAPARECIDO

"Peter Rugg! – eu disse. E quem é Peter Rugg?"

WILLIAM AUSTIN

DE JONATHAN DUNWELL DE NEW YORK, PARA MR. HERMAN KRAUFF.

Senhor – conforme prometido, envio agora todos os detalhes que pude coletar a respeito do homem e da criança desaparecidos. Foi exclusivamente devido ao interesse humanitário que o caso lhe despertou que levei minha investigação a tal ponto.

Você deve recordar que os negócios me levaram a Boston no verão de 1820. Tomei o paquete até Providence, e quando cheguei ali, descobri que todos os assentos estavam ocupados. Assim, fui obrigado a optar entre esperar algumas horas ou aceitar um assento ao lado do cocheiro, que civilmente me ofereceu acomodação. Ao consentir, tomei meu posto ao lado desse homem, que logo se mostrou inteligente e comunicativo. Já havíamos viajado por cerca de dez milhas quando os cavalos, de repente, puseram as orelhas para trás, eretas como as de uma lebre. Ao que disse o cocheiro: – Você trouxe um capote contigo?"

– Não – respondi. – Por que pergunta?

– Desejará ter um em breve – respondeu. – Nota as orelhas dos cavalos?

– Sim, e estava prestes a perguntar a razão disso.

– Eles avistam o semeador de tormentas, que veremos em breve.

Nesse momento não havia uma única nuvem visível no céu. Logo em seguida, um pequeno ponto negro apareceu no caminho.

– Aí – disse meu companheiro – vem o semeador de tormentas; ele deixa um rastro de neblina atrás de si. Pelas várias jaquetas que me molhou, custa-me esquecê-lo. Creio que o pobre homem sofra o bastante, muito mais do que o mundo tem conhecimento.

De pronto passaram, a cerca de doze milhas por hora, um homem junto a uma criança, com um grande cavalo preto e um carro – outrora construído como cabriolé, agora deteriorado pelo clima. O homem parecia agarrar as rédeas de seu cavalo com firmeza, como que para diminuir a velocidade. Ele parecia desconsolado, e dirigiu um olhar de inquietude aos passageiros, sobretudo a mim e ao cocheiro. Em um instante, após ele passar por nós, as orelhas dos cavalos novamente se puseram de pé, e torceram-se para frente a ponto de quase se tocarem.

– Quem é aquele homem? – perguntei. – Ele me parece perturbado.

– Ninguém sabe quem é, mas tanto ele quanto a criança me são familiares. Encontrei-o mais de cem vezes, ao que ele sempre perguntou pelo caminho de Boston, mesmo quando estava vindo dessa cidade. Por fim, passei a ignorar suas perguntas, e por isso ele me encarou fixamente.

– Mas ele nunca para em nenhum lugar?

– Eu nunca ouvi que ele tenha parado em algum lugar por mais tempo do que o necessário para inquirir o caminho de Boston; esteja onde estiver, ele dirá que não pode ficar mais um segundo que seja, pois deve chegar a Boston pela noite.

Estávamos agora subindo uma colina em Walpole, e como tínhamos uma vista privilegiada do céu, tive vontade de caçoar do cocheiro por ter se lembrado de seu capote, já que nem uma nuvem sequer podia ser avistada.

– Olha – disse ele – para a direção de onde o homem veio; aquela é a direção a se olhar: a tempestade nunca o atinge; ela o persegue.

Logo nos aproximamos de outra colina, e em seu topo o cocheiro apontou para uma pequena mancha negra do tamanho de um chapéu, que surgia a leste. – Ali – disse – está um foco de tempestade; é possível que cheguemos a Polley antes do temporal, mas é certo que o andarilho e sua filha viajarão até Providence debaixo de chuva, trovão e relâmpago.

E eis que os cavalos, como que aconselhados pelo instinto, apertaram o passo. A nuvenzinha negra chegou retorcendo-se sobre o pedágio, duplicando o tamanho e espalhando-se para todas as direções. A aparência dessa nuvem atraiu a atenção de todos os passageiros, já que, depois de alcançar um volume considerável, ela se limitou a uma circunferência, fazendo-se mais

compacta, escura e densa. E então, sucessivos relâmpagos tornaram toda a nuvem em uma espécie de rede irregular, dando-lhe mil formas fantásticas. O cocheiro chamou-me a atenção para um detalhe singular na nuvem: ele disse que, a seu ver, cada relâmpago próximo ao centro da nuvem revelava com distinção a silhueta de um homem sentado em uma carruagem levada por um cavalo negro. Mas, na verdade, não era o que eu via. Sem dúvida a imaginação daquele homem o enganava. É normal que a imaginação atue no lugar dos sentidos, tanto no mundo visível quanto no invisível.

Nesse meio tempo, um trovão a distância anunciava a chuva iminente; e quando finalmente chegamos a uma taverna em Polley, chovia às torrentes. Logo a chuva acalmou, e a nuvem migrou para a direção do pedágio no sentido de Providence. Poucos instantes depois, um homem de aparência respeitável deteve-se na porta. Como o homem e a criança do cabriolé nos causaram certa simpatia, perguntamos ao cavalheiro se ele os havia notado. Ele respondeu que os encontrara; que o homem parecia perplexo e queria saber o caminho de Boston; que andava em alta velocidade, como se esperasse ultrapassar a tormenta; que, ao passar pelo viajante, um trovão ribombou direto sobre sua cabeça, parecendo rodear homem e criança, cavalo e carruagem. – Eu me detive – disse o cavalheiro –, supondo que um raio o havia atingido, mas aquilo só pareceu ter feito o cavalo desatar a correr mais rápido, e no que eu pude julgar, ele viajava na velocidade da tormenta.

Enquanto esse homem falava, chegou um vendedor ambulante com um carrinho com mercadorias de lata, todo ensopado, que, ao ser questionado, disse que havia visto o homem e a carruagem em quatro estados diferentes no período de quinze dias; que, em cada uma das vezes, ele perguntava pelo caminho de Boston; que, em todas as vezes, uma tormenta como a presente havia inundado o carro onde levava suas mercadorias, deixando seus potes de lata e demais produtos boiando, razão pela qual estava decidido a pagar por um seguro no futuro. Porém, o que mais o deixava surpreso era o comportamento singular de seu cavalo, já que antes que ele próprio pudesse distinguir o homem no cabriolé, seu próprio cavalo ficava paralisado no caminho e punha as orelhas para trás. – Em resumo – disse o vendedor –, eu preferiria nunca mais ver aquele homem e seu cavalo; não parece que eles pertençam a este mundo.

Essa foi toda a informação que pude recolher naquele tempo, e o evento teria se tornado mais uma história da carochinha para mim se logo eu não tivesse ouvido um homem vociferar à porta do hotel Bennett em Hartford: – Lá vai Peter Rugg e sua filha! Ele parece molhado e exausto, e mais longe que nunca de Boston –. Eu estava feliz que era o mesmo homem que eu avistara

há mais de três anos; quem quer que tenha visto Peter Rugg uma vez, jamais se engana de sua identidade.

– Peter Rugg! – eu disse. – E quem é Peter Rugg?

– Isso – disso o estranho – ninguém pode dizer com certeza. Ele é um famoso viajante, apreciado por todos os hóspedes, já que nunca se detém para comer, beber ou dormir. Espanta-me por que o governo ainda não o empregou como funcionário do correio.

– Sim – interviu outro –, mas esta é uma boa ideia apenas em partes. Imagine quanto tempo não levaria para uma carta chegar a Boston, considerando que Peter, até onde sei, há mais de vinte anos viaja para lá.

– Mas – eu disse – o homem não para em lugar algum? Ele nunca conversa com ninguém? Eu vi o mesmo homem há mais de três anos, perto de Providence, e ouvi uma história insólita a seu respeito. Eu seria grato, senhores, se pudessem me dar mais informações sobre esse homem.

– Meu senhor – disse o estranho –, aqueles que mais sabem a respeito do homem são os que dizem menos. Eu ouvi dizer que, às vezes, o céu põe sua marca em um homem, seja para julgá-lo ou para prová-lo. Desconheço qual desses casos se aplica a Peter Rugg; portanto, estou mais inclinado a sentir compaixão por ele do que vir a julgá-lo.

– Você fala como um homem de boa índole – redargui –, e se o conhece há muito tempo, peço que me informe sobre ele. Sua aparência mudou muito desde aquela época?

– Sim, decerto. Ele aparenta alguém que nunca comeu, bebeu ou dormiu; e a filha parece mais velha que o próprio pai, que fica como que excluído da ordem natural do tempo, ansioso para encontrar um lugar de repouso.

– E seu cavalo? – perguntei.

– Quanto ao cavalo, parece-me mais gordo e mais radiante, e mostra mais vivacidade e coragem do que fazia há vinte anos. Na última vez que Rugg falou comigo, ele inquiriu a distância para Boston. Eu disse que eram apenas cem milhas.

– Como – ele replicou – você pode me enganar desse jeito? É cruel desviar um viajante de sua rota. Eu me perdi; por favor, aponte-me o caminho mais rápido para Boston.

Eu repeti que era um caminho de cem milhas.

– Como você pode dizer isso? – disse. – Na noite passada me disseram que eram apenas cinquenta milhas, e ainda viajei a noite toda.

– Mas – eu disse – o senhor está vindo da direção de Boston; é preciso fazer o retorno.

– Ai de mim – ele disse –, sempre voltando para trás! Boston muda como o vento, e gira como uma bússola. Um me diz que ela fica a leste, outro a oeste; e as placas também, todas apontam para a direção errada.

– Mas não vai parar e descansar? – eu disse. – O senhor parece molhado e cansado.

– Sim – disse ele –, desde que saí de casa o tempo está ruim.

– Pois então, que pare e se recupere.

– Não posso parar; tenho que estar em casa pela noite, se possível. Além disso, acho que o senhor deve estar equivocado a respeito da distância para Boston.

Então, ele afrouxou as rédeas do cavalo, que só conseguia reter com dificuldade, e desapareceu em um instante. Poucos dias depois encontrei o homem pouco para cá de Claremont, subindo as colinas de Unity, em uma velocidade, creio eu, de doze milhas por hora.

– Peter Rugg é seu nome real ou só passaram a lhe chamar assim?

– Disso eu não sei, mas presumo que ele não renegue o nome. Você pode perguntar-lhe diretamente – pelo que vejo, ele deu a volta com o cavalo e está prestes a passar por aqui.

Em um momento, um cavalo intrépido e escuro se aproximou, e teria passado sem parar se eu não resolvesse falar com Peter Rugg, ou quem quer que fosse aquele homem. Adiantei-me para o meio da rua e, conforme o cavalo se aproximava, fiz um sinal para pará-lo. O homem imediatamente refreou seu cavalo. – Meu senhor – inquiri –, importa-se se eu perguntar se é o sr. Rugg? Creio que nos encontramos antes.

– Meu nome é Peter Rugg – disse ele. – Infelizmente me perdi; estou molhado e exausto, e será gentil se me der as direções para Boston.

– Então, vives em Boston. Em que lugar?

– Na rua Middle.

– E quando você deixou Boston?

– Não sei dizer precisamente; parece que foi há muito tempo.

– Mas como o senhor e sua filha se molharam assim? Ainda não choveu aqui hoje.

– Acabamos de pegar uma chuva pesada além do rio. Mas não chegarei a Boston hoje à noite se me demorar mais. Que caminho me aconselha a pegar, o da antiga estrada ou da rodovia?

– Mas se são cento e setenta milhas pela antiga estrada e noventa e sete pela rodovia...

– Como você pode dizer isso? Zomba de mim; é errado brincar com um viajante sabendo-se que, de Newburyport a Boston, são apenas quarenta milhas.

– Pois aqui não é Newburyport, mas Hartford.

– Não me engane, senhor. Esta não é a cidade de Newburyport, nem o rio pelo qual me guiei, o Merrimac?

– Não, senhor; esta é Hartford, e o rio é o Connecticut.

Ele retorcia as mãos e parecia incrédulo. – Será possível que também os rios mudaram seu curso, assim como as cidades mudaram de lugar? Pois veja, as nuvens se acumulam ao sul, o que indica que teremos uma noite chuvosa. Ai, que maldição!

Ele não esperaria mais; seu cavalo disparou impaciente, com os flancos levantados feito asas, parecia devorar tudo à sua frente, desprezando tudo o que ficava para trás.

Acreditei descobrir a chave para a história de Peter Rugg, e estava determinado a investigá-la a fundo da próxima vez que meus negócios me levassem a Boston. Logo depois, pude colher os seguintes detalhes com uma tal srª. Croft, dama já avançada em idade, residente da rua Middle, e que morou em Boston pelos últimos vinte anos. Eis sua narrativa:

"Em uma noite do verão passado, assim que o sol se pôs, uma pessoa parou à porta da defunta srª. Rugg. A srª. Croft, vindo junto à porta, notou um estranho com uma criança ao lado, em uma carruagem deteriorada e um cavalo preto. O homem, que perguntava pela srª. Rugg, foi informado de que ela havia falecido em idade avançada, e isso há mais de vinte anos.

O estranho respondeu: – Como você pode me enganar assim? Diga a srª. Rugg que venha à porta.

– Meu senhor, eu asseguro que a srª. Rugg não viveu aqui nesses últimos dezenove anos; ninguém, a não ser eu, vive aqui, e meu nome é Betsey Croft.

O estranho parou, contemplou a rua, e disse: – Embora esteja com a pintura bem apagada, esta parece a minha casa.

– Sim – disse a criança –, ali está o umbral de pedra em que eu costumava sentar para comer meu pão e leite.

– Mas – disse o estrangeiro – este parece ser o lado errado da rua. De fato, tudo aqui parece fora de lugar. As ruas estão todas mudadas, as pessoas todas são outras, a cidade parece ter se transformado, e o que é mais estranho, Catherine Rugg abandonou seu marido e filha. Diga – continuou o estranho –, John Foy voltou do mar? Ele empreendeu uma longa jornada e é meu parente. Se ao menos pudesse vê-lo, ficaria sabendo algo da srª. Rugg.

– Meu senhor – disse a srª. Croft –, eu nunca ouvi falar de um John Foy. Onde ele morava?

– Logo ali, na alameda Orange-tree.

– Esse lugar não existe neste bairro.

– O que está dizendo! As ruas também se foram? A alameda Orange-tree termina na rua Hanover, perto da Pemberton's Hill.

– Essa alameda não existe agora.

– Senhora, você deve estar de brincadeira! Mas, sem dúvida, conhece meu irmão, William Rugg. Ele mora na alameda Royal Exchange, próxima à rua King.

– Tampouco conheço essa alameda, e estou certa de que não existe uma rua King nesta cidade.

– Não existe uma rua King! Por que, mulher, você zomba de mim? Só falta dizer que o rei George não existe. Apesar de tudo, senhora, pode ver que estou molhado e exausto e que preciso encontrar um abrigo. Irei para a taverna de Hart, próxima ao mercado.

– Que mercado, meu senhor? Você parece confuso; temos vários mercados aqui.

– Então, sabe que há um mercado perto do porto.

– Ah, o antigo mercado, mas nenhum homem como Hart teria ficado lá por esses vinte anos.

Aqui o estranho parecia desconcertado, e disse para si próprio, em voz bastante audível: – Que estranho! Como esta cidade parece Boston! Certamente tem grandes semelhanças com ela, mas só agora percebo meu erro. Trata-se de outra srª. Rugg, de outra rua Middle –. Então, ele disse: – Senhora, pode me apontar a direção para Boston?

– Mas como, aqui é Boston, a cidade de Boston; não conheço nenhuma outra Boston.

– A cidade de Boston talvez, mas não é a Boston onde eu moro. Agora me lembro que cheguei aqui por uma ponte, e não por uma balsa. Diga, que ponte é aquela pela qual acabo de passar?

– É a ponte do rio Charles.

– Percebo meu erro: há uma balsa entre Boston e Charlestown, e não uma ponte. Ah, sim, percebo meu erro; se eu estivesse em Boston, meu cavalo me levaria direto para a minha porta. Mas por sua impaciência, meu cavalo dá sinais de que está em um lugar estranho. É absurdo ter confundido este lugar com a antiga cidade de Boston! Esta é uma cidade muito melhor que a cidade de Boston; ela foi construída bem depois de Boston. Imagino que Boston deve ficar um pouco longe daqui, e por isso, a boa senhora parece desconhecê-la.

O cavalo pôs-se a relinchar com essas palavras, golpeando o calçamento com os cascos. O estranho parecia um pouco aturdido, dizendo, 'nada de ir para casa hoje à noite', e afrouxando as rédeas do cavalo, perdeu-se de vista pela rua."

Era evidente que a geração à qual Peter Rugg pertencia não mais existia.

Esse foi o testemunho sobre Peter Rugg que obtive da srª. Croft. Ela me recomendou um ancião, o sr. James Felt, que residia perto dela, e que mantivera um registro dos principais acontecimentos dos últimos cinquenta anos. A meu pedido, ela o chamou; e assim que expus o motivo da minha investigação, o sr. Felt contou-me ter conhecido Rugg em sua infância, e que seu desaparecimento causou certa surpresa. Contudo, como acontece de homens fugirem de casa – às vezes para se verem livres dos outros, às vezes para se verem livres de si próprios –, e porque Rugg havia levado filha, cavalo e cabriolé consigo, somado ao fato de que nenhum credor se manifestara, a ocorrência logo se perdeu no esquecimento; e Rugg, sua filha, cavalo e cabriolé logo foram esquecidos.

– É verdade – disse o sr. Felt – que diversas histórias se originaram do caso de Rugg. Se são verdadeiras ou falsas, mal posso dizer; mas é certo que, no meu tempo, coisas estranhas aconteciam sem qualquer alusão nos jornais.

– Meu senhor – eu disse –, Peter Rugg ainda está vivo. Há pouco o vi com sua filhinha, cavalo e cabriolé; portanto, rogo que me diga tudo o que sabe ou ouviu sobre ele.

– Ora, meu amigo – disse James Felt –, que Peter Rugg ainda viva, eu não vou protestar; mas que viste Peter Rugg com sua filhinha, querendo dizer uma criança pequena, é impossível. Jenny Rugg, se está viva, deve ter pelo menos – deixa-me ver... o massacre de Boston em 1770... – Jenny Rugg tinha

cerca de dez anos. Meu senhor, se ela estiver viva, deve ter mais de sessenta anos de idade. É bastante provável que Peter Rugg esteja vivo, já que era apenas dez anos mais velho que eu, que fiz apenas oitenta em março passado. Eu, que provavelmente viverei ainda mais vinte, como qualquer homem.

Aqui percebi a senilidade de sr. Felt, e perdi as esperanças de obter referências confiáveis dele.

Deixei a srª. Croft, dirigindo-me para os meus aposentos no Hotel Marlborough.

Se Peter Rugg, cogitei, estava de viagem desde o massacre de Boston, não haveria razão pela qual ele não continuasse viajando até o fim dos tempos. Se a geração atual sabe pouco dele, a próxima saberá ainda menos, e Peter e sua filha não teriam quaisquer vínculos com o mundo.

No decorrer da noite relatei minha aventura pela rua Middle.

– Ah! – disse um de meus companheiros, sorridente. – Acha mesmo que viu Peter Rugg? Ouvi meu avô falar dele, como se acreditasse seriamente em sua própria história.

– Meu senhor – eu disse –, por favor, compare a história de seu avô com a minha.

– Peter Rugg, meu senhor – se é que devemos crédito a meu avô – morou na rua Middle, nesta cidade. Ele era um homem de circunstâncias confortáveis, tinha esposa e filha, e era, em geral, estimado por sua sobriedade e boas maneiras. Mas infelizmente seu temperamento era, por vezes, incontrolável, e então ele proferia insultos terríveis. Se durante um de seus acessos uma porta impedisse-lhe a passagem, ele não fazia menos do que derrubá-la aos pontapés. Às vezes, ele girava com a cabeça no chão e estendia os pés para cima, proferindo insultos; e, dessa forma, durante uma de suas crises, ele foi o primeiro a fazer o salto mortal, manobra que outros logo aprenderam para se entreter ou ganhar dinheiro. Uma vez Rugg foi visto rachando uma moeda de dez centavos em duas metades com os dentes. Naqueles dias, todos, homens e garotos, usavam perucas; e Peter, em momentos de exaltação, perdia as estribeiras a ponto de sua peruca erguer-se sobre a cabeça. Isso ocorria, diziam alguns, por causa de sua linguagem profana. Outros recorriam a um método mais filosófico para explicar o fenômeno, atribuindo-o à expansão do escalpo, conforme o arrebatamento inflava suas veias e expandia sua cabeça. De qualquer forma, durante tais acessos, Rugg não tinha respeito fosse pelos céus ou pela terra. Exceto por tal enfermidade, todos concordavam que Rugg era um bom homem, pois

assim que seus ataques terminavam, ninguém estava mais pronto para retornar a um estado de espírito plácido do que Peter.

Em uma manhã, no final do outono, Rugg pegou sua filha e partiu para Concord em um cabriolé puxado por um formidável cavalo castanho. Ao retornar, uma tempestade violenta lhe acometeu. Pela noite, ele se deteve em Menotomy (agora West Cambridge) à porta de um amigo, o sr. Cutter, que rogou para ele que esperasse aquela noite. Mas Rugg se negou a parar, ao que o sr. Cutter insistiu veementemente". Como assim, sr. Rugg – disse Cutter – com essa tempestade opressora! E a noite está demasiado escura. Sua filhinha não aguentará, já que andam em uma carruagem aberta e o temporal só se intensifica. "*Que se intensifique*", disse Rugg, em um terrível juramento. "*Ou verei minha casa hoje à noite, apesar da tempestade, ou jamais voltarei a vê-la!*" Com tais palavras ele chicoteou o cavalo furioso para desaparecer como um relâmpago. Mas Peter Rugg não chegou à sua casa naquela noite, e nem na próxima. Uma vez que foi dado por desaparecido, ninguém voltou a encontrar seus indícios para além da casa do sr. Cutter, em Menotomy.

Até muito tempo depois, a cada noite escura e tempestuosa, a esposa de Peter Rugg imaginava ouvir um estalido de chicote, o trote rápido de um cavalo e o ruído de uma carruagem passando por sua porta. Os vizinhos também ouviam os mesmos barulhos, e alguns diziam reconhecer nele o cavalo de Rugg; o som daqueles cascos contra o calçamento lhes era perfeitamente familiar. Isso aconteceu com tanta frequência que, por fim, os vizinhos avistaram à luz do lampião o verdadeiro Peter Rugg – com cavalo, cabriolé e filha ao lado – passando diretamente por sua porta, com a cabeça virada para a casa. Ele fazia todos os esforços possíveis para parar o animal, mas em vão.

No dia seguinte, os amigos da srª. Rugg se dispuseram a encontrar seu esposo e filha. Eles perguntaram em cada estabelecimento e estábulo na cidade; mas não parecia que Rugg havia se hospedado em Boston. Depois de passar por sua própria porta, ninguém mais foi capaz de fornecer qualquer notícia sua. Contudo, alguns afirmavam que o ruído de seu cavalo e da carruagem contra o calçamento chacoalhava casas de ambos os lados das ruas. Isso é possível se, de fato, o cavalo e a carruagem de Rugg passaram aquela noite; mesmo hoje, em muitas das ruas, se um carro pesado ou pelotão passar, as casas estremecerão como em um terremoto. Não obstante, os vizinhos de Rugg desistiram de espiar. Alguns deles trataram tudo isso como uma miragem, e não voltaram a pensar no assunto. Outros, de opinião diversa, balançaram as cabeças e calaram-se.

Assim, Rugg e sua filha, cavalo e cabriolé, foram logo esquecidos; e provavelmente muitos da vizinhança jamais ouviram falar deles.

De fato houve um rumor de que Rugg havia sido visto em Connecticut, entre Suffield e Hartford, passando pelos campos em alta velocidade, algo que levou seus amigos a retomar as investigações sobre seu paradeiro. Mas quanto mais eles pesquisavam, mais desconcertados ficavam. Se em tal dia as notícias eram de que Rugg estava em Connecticut, no outro, eram sobre ele subindo as colinas de New Hampshire; e por fim, que um homem, em um cabriolé com uma criancinha, e que correspondia exatamente à descrição de Peter Rugg, era visto em Rhode Island perguntando sobre o caminho de Boston.

Mas o que tornou a história de Peter Rugg ainda mais misteriosa foi o caso na ponte de Charlestown. O coletor de pedágio afirmou que, ocasionalmente, nas noites mais escuras e tempestuosas – aquelas em que mal se consegue discernir os objetos –, e mais ou menos na hora em que Rugg desaparecera, um cavalo e uma carruagem passaram pela ponte à meia-noite fazendo o barulho de uma tropa, desconsiderando completamente as taxas a serem pagas. Isso voltou a ocorrer tantas vezes que o coletor resolveu descobrir o que se passava. Em pouco tempo, na hora habitual, aquilo que parecia ser o mesmo cavalo e a mesma carruagem se aproximava da ponte da praça Charlestown. O coletor, preparado, aproximou-se do meio da ponte tanto quanto fosse possível, com uma longa banqueta de três pernas nas mãos. Conforme a aparição passava, ele jogou a banqueta no cavalo, ouvindo nada a não ser o barulho dela quicando para o outro lado da ponte. No dia seguinte, o coletor afirmou que a banqueta passou direto pelo corpo do cavalo, e que desde então acredita que isso, de fato, aconteceu. Se Rugg, ou quem quer que fosse, voltou a passar pela ponte, o coletor não sabia dizer, e sempre, ao tocar no assunto, ele logo se tornava inquieto. Assim Peter Rugg, sua filha, o cavalo e o cabriolé permanecem, até hoje, um mistério.

Isso, senhor, foi tudo o que pude descobrir de Peter Rugg em Boston.

NOVOS RELATOS SOBRE PETER RUGG
Por Jonathan Dunwell

No outono de 1825 fui a Richmond, Virgínia, assistir às corridas de cavalo; nunca dantes a concorrência fora tão seleta, nem a expectativa tão alta, já que dois novos e promissores animais tomaram parte no evento. Os

partidários de Dart e Lightning – os dois cavalos de corrida – estavam igualmente inquietos e incertos do resultado. Era impossível, porém, para um espectador indiferente perceber qualquer diferença nos animais; ambos tinham o mesmo belo porte, eram iguais em cor e altura, e postos lado a lado, tinham praticamente a mesma largura, com meio centímetro de diferença. Seus olhos eram salientes, proeminentes e decididos; por vezes, ao olharem um ao outro, os animais assumiam uma atitude altiva, aparentemente encurtando os pescoços, projetando seus olhos e descansando os corpos da mesma forma, sobre os quatro cascos. Havia neles sinais claros de inteligência, já que eram corteses com toda e qualquer pessoa, coisa que é pouco usual, até mesmo para estadistas.

Era perto das doze horas, hora de expectativa, dúvida e inquietude. Os jóqueis montaram seus cavalos; sentaram-se nos animais de modo tão portentoso, leve e aéreo, que pareciam fazer parte deles. Os espectadores, feitos milhares de estátuas vivas, tomaram assento em uma coluna sólida. Todos os olhares se voltavam para Dart e Lightning, e para seus cavaleiros encantados. Nada exceto um pica-pau ocupado com uma árvore próxima perturbava a calmaria. Dado o sinal, Dart e Lightning responderam com prontidão e inteligência. Primeiro, procederam em trote leve, para então acelerar e continuar a galope. Em um instante, lideravam a corrida. Ambos se pegavam ao solo; seus jóqueis inclinados para frente e descansando os queixos entre as orelhas dos animais. Não fosse a pista perfeitamente plana, no caso de uma ondulação mínima, o espectador perderia de vista tanto cavalos quanto cavaleiros por alguns momentos.

Esses cavalos, lado a lado, quase voavam sem asas, nunca ultrapassando um ao outro, até que todos os olhares foram atraídos para um novo espetáculo. Logo atrás de Dart e Lightning galopava um majestoso cavalo negro de tamanho incomum, levando um cabriolé deteriorado pelo tempo. Parecia que ele não precisava fazer esforço para manter seu trote contínuo. Antes que Dart e Lightning alcançassem a linha de chegada, o cavalo negro com o cabriolé os havia ultrapassado. Além disso, ao notarem o novo competidor passando, ambos puseram as orelhas para trás e se detiveram em suas raias. Por conseguinte, nem Dart nem Lightning levaram o prêmio.

Os espectadores ficaram bastante curiosos sobre a origem daquele cavalo negro e seu cabriolé. Muitos eram da opinião de que não havia ninguém no veículo. De fato, essa começou a ser a opinião geral, pois o cavalo era tão veloz que, mesmo de uma distância próxima, não se podia distinguir quem estava na carruagem, se é que alguém ali estava. Contudo, os dois cavaleiros que passaram perto do cavalo negro concordaram ter visto no cabriolé um

homem de rosto tristonho e uma garotinha. Quando disseram isso, eu estava certo de que se tratava de Peter Rugg. Mas o que causou surpresa, e não pouca, foi ouvir do condutor de Lightning, John Spring, a declaração de que nenhum cavalo deste mundo poderia ultrapassar seu puro sangue sem diminuir o trote, ainda mais com uma carruagem atada a si: e ele persistiu, não sem alguma exaltação, que não se tratava de um cavalo. Ele estava certo de que não se tratava de um cavalo, mas de um enorme boi negro. "O que um boi negro grandalhão é capaz de fazer", disse John, "não me arrisco a dizer; mas nenhum cavalo de corrida, nem mesmo o Flying Childers, consegue bater Lightning em uma corrida justa".

A opinião de John Spring tinha certa graça para seus ouvintes, pois era óbvio que o animal que interrompera a corrida era um poderoso cavalo negro; mas John Spring, em razão de seu zelo pela reputação de Lightning, preferiu assumir que outro animal, ainda por cima um boi, havia sido o vencedor. A risada em torno de John Spring cessou assim que Dart e Lightning, agora capazes de respirar com mais liberdade, caminharam deliberadamente para a pista de corrida e, baixando as cabeças até o solo, abruptamente as ergueram e começaram a bufar. Eles repetiram o gesto até que John Spring disse: "esses cavalos descobriram algo estranho; eles suspeitam alguma trapaça. Deixe-me ir lá e falar com Lightning".

E ele foi até Lightning e agarrou sua crina, e Lightning pôs o focinho no chão e cheirou a terra sem chegar a tocá-la, para então erguer a cabeça bem alto e bufar tão ruidosamente que o eco podia ser ouvido da próxima colina. Dart fez o mesmo. John Spring agachou-se para examinar o ponto onde o cavalo farejava. Ele se levantou em um instante, com as feições alteradas; faltaram-lhe forças, de forma que teve que se apoiar em Lightning.

Finalmente John Spring recuperou-se de seu estupor, e exclamou: "Era um boi! Eu disse que era um boi. Até hoje nenhum cavalo venceu Lightning".

Era evidente para todos, após uma inspeção precisa dos rastros deixados pelo animal na pista, que os cascos daquele cavalo negro eram fendidos. A despeito de tal impressão, era-me evidente que o estranho animal era, de fato, um cavalo. Quando as pessoas, enfim, deixaram a pista, presumi que metade dos presentes diria ter testemunhado que um enorme boi negro deixou para trás dois dos corcéis mais velozes que já correram nas pistas da Virgínia. Coisas tão improváveis quanto esta são chamadas de fatos históricos.

Enquanto seguia para meus aposentos e pensava sobre os eventos do dia, um estranho veio a meu encontro, abordando-me da seguinte forma:

– Creio que seu nome, senhor, é Dunwell?

– Sim, meu senhor – respondi.

– Foi você quem vi há um ou dois anos em Boston, no Hotel Marlborough?

– Isso é possível, senhor, pois estive lá.

– E você ouviu, então, uma história a respeito de um tal Peter Rugg?

– Lembro-me bem dela – disse.

– O relato que ouviu em Boston deve ser verdadeiro, pois ele esteve aqui hoje. O homem encontrou seu caminho para a Virgínia e, pelo que parece, esteve em Cape Horn. Eu o tinha visto anteriormente, mas nunca viajando a uma velocidade tão alta. Diga-me, meu senhor, onde Peter Rugg passa os invernos? Só o vi nos verões, e sempre debaixo de tempo ruim, com exceção de hoje.

Eu respondi:

– Ninguém sabe onde Peter Rugg passa os invernos; onde ou quando ele come, bebe, dorme ou repousa. Ele parece ter uma noção pouco precisa de dia e noite, tempo e espaço, tormenta e tempo bom. Tudo o que pensa é em Boston. Parece-me que o cavalo de Rugg tem controle sobre o cabriolé de algum modo; e o próprio Rugg é, não sei bem como, controlado por seu cavalo.

Então, perguntei ao estranho onde ele vira o homem e cavalo pela primeira vez.

– Pois bem, senhor – ele disse –, no verão de 1824 eu viajava para o norte por motivos de saúde. Logo depois de nos encontrarmos no Hotel Marlborough, voltei para minha casa em Virgínia, e, se a memória não me falha, vi esse homem e seu cavalo em cada estado entre Virgínia e Massachusetts. Poucas vezes, seguia ao meu lado, mas com frequência me ultrapassava. Nunca nos falamos senão uma vez em Delaware. Ao aproximar-se, ele deteve seu cavalo com certa dificuldade. Nunca vi cavalo mais belo; sua pelagem era tão brilhante, cheia e macia quanto a pele de uma beldade do Congo. Quando se aproximou do meu cavalo, freando, olhou-o fixamente, dobrando as orelhas para frente até que as pontas tocassem. Meu cavalo imediatamente encolheu-se, e com a pele eriçada como um pedaço de couro queimado, permaneceu cravado na terra pelas quatro patas, feito um bicho enfeitiçado.

"Meu senhor", disse Rugg, "talvez esteja caminho de Boston. Se sim, seria um grande prazer acompanhá-lo, pois acabei me perdendo e preciso estar em

casa hoje à noite. Veja esta garotinha como está exausta. Pobrezinha, ela é a paciência encarnada".

"Meu senhor", eu disse, "é impossível que chegue a casa hoje à noite, pois está em Concord, na província de Sussex, estado do Delaware".

"Como assim", replicou, "no estado do Delaware? Se eu estivesse em Concord, seria apenas vinte milhas de Boston, e meu cavalo Lightfoot poderia me levar até a balsa de Charlestown em menos de duas horas. Você está enganado, senhor, e certamente é um estrangeiro aqui; a cidade não parece nada com Concord. Conheço Concord bem; fui para lá quando deixei Boston".

"Mas", repliquei, "estamos na Concord do estado de Delaware".

"O que você quer dizer com estado?", disse Rugg.

"Mas como, um dos Estados Unidos!"

"Estados!", disse ele, em voz baixa, "o homem é um bufão, e me persuadiria de que estou na Holanda". Então, falando mais alto, "aparenta, senhor, ser um cavalheiro, ao que peço que não me engane. Tenha dó e diga-me logo qual é a estrada correta para Boston, pois veja que meu cavalo não comeu nada desde que deixei Concord".

"Meu senhor", eu disse, "esta cidade é Concord – Concord em Delaware, não Concord em Massachusetts – e fica a quinhentas milhas de Boston".

Rugg olhou-me por um momento, mais infeliz do que ressentido, para então responder: "Quinhentas milhas! Pobre diabo, quem iria imaginar que você é um demente; mas enfim, nada neste mundo engana mais do que as aparências. Quinhentas milhas! Isso passa até a extensão do rio Connecticut".

Desconheço o que ele quis dizer com rio Connecticut. Em um piscar de olhos, seu cavalo irrompeu, e Rugg desapareceu.

Expliquei para o estranho o significado da expressão "rio Connecticut", e o incidente que me ocorrera em Hartford ao pé da porta do excelente hotel do sr. Bennett. Ambos concordamos que o homem visto naquele dia era o verdadeiro Peter Rugg.

Em seguida, voltei a ver Rugg na cancela do pedágio entre Alexandria e Middleburgh. Conforme pagava o pedágio, comentei ao coletor que a seca estava sendo mais severa naquela região do que no sul.

"Sim", disse ele, "a seca está demais; se não tivéssemos ouvido de um viajante que um homem com um cavalo negro foi visto no Kentucky há um ou

dois dias, poderíamos contar com uma chuvarada dentro de poucos minutos".

Contemplei o horizonte, sem poder identificar uma só nuvem capaz de reter meio litro de água.

"Olha, meu senhor", disse o coletor, "note uma nuvenzinha negra a leste, logo acima da colina: não é maior do que uma fruta, mas duplica e triplica de tamanho conforme conversamos, retorcendo-se por sobre o pedágio, como se tivesse como objetivo único inundar alguma coisa".

"É verdade, posso vê-la", respondi. "Mas qual é a ligação entre uma nuvem e um homem com seu cavalo?"

"Mais do que imagina, ou do que posso dizer; mas fique aqui por um instante, meu senhor, pois posso precisar de sua assistência. Conheço aquela nuvem; eu a vi em diferentes ocasiões antes, e tenho certeza disso. Em breve, verá que o homem e o cavalo negro vêm debaixo dela".

Enquanto falava, de fato, começamos a ouvir um trovão longínquo, até que uma série de relâmpagos atuassem todos os passos de uma dança rural. Vimos, há cerca de uma milha de distância, o homem e o cavalo negro sob a nuvem; mas antes de ele chegar à cancela, a nuvem dissipou-se, de forma que nem uma gota de chuva caiu perto de nós.

Conforme o homem, que identifiquei prontamente ser Rugg, deu sinal de querer passar, o coletor baixou a barreira, tomou o cavalo de Rugg pelas rédeas, e cobrou dois dólares.

Por consideração a Rugg, me interpus a questionar o coletor, pedindo que não incomodasse aquele homem. O coletor replicou dizendo ter razão para fazê-lo, pois Rugg já havia passado por seu pedágio dez vezes com o cavalo veloz como uma bola de canhão, sem pagar e ainda por cima colocando-lhe a vida em risco. Anteriormente o homem passara tão rápido que fora impossível abaixar as dobradiças enferrujadas da cancela, mas que agora era hora de tirar satisfação de tudo.

Rugg olhou-me melancolicamente, dizendo: "Eu imploro, senhor, que não me atrase mais; finalmente encontrei uma estrada direta para Boston, e não poderei chegar a casa se for detido. Vê que estou pingando da chuva, e preciso trocar de roupa".

Então, o coletor exigiu que explicasse a razão de passar reto por seu pedágio tantas vezes.

"Pedágio! Mas como", disse Rugg, "você quer cobrar pedágio? Não há pedágios na estrada real".

“Estrada real! Não percebe que estamos em uma rodovia privada?”

“Rodovia privada! Não existe tal coisa em Massachusetts.”

“Talvez não, mas existem várias na Virgínia.”

“Virgínia! Insinua, por acaso, que estou na Virgínia?”

Então Rugg, voltando-se para mim, perguntou a que distância estávamos de Boston.

Eu disse, “Sr. Rugg, percebo sua confusão, e lamento vê-lo tão longe de casa. Mas está, de fato, na Virgínia”.

“O senhor me conhece, pelo que vejo; e diz que estou na Virgínia. Permita-me dizer, meu senhor, que é o homem mais despudorado que existe; pois jamais estive a mais de quarenta milhas de Boston, e nunca vi um cidadão da Virgínia na minha vida. É até mais grave que o caso de Delaware.”

“O pedágio, senhor, o pedágio!”

“Não pagarei um centavo que seja”, disse Rugg. “Os dois não passam de salteadores de estrada. Não existem estradas privadas neste país. Cobrar pedágios na estrada real! Apenas salteadores cobram pedágios na estrada real!” E então, disse em tom baixo, “claramente há uma conspiração contra mim; ai de mim que jamais verei Boston novamente! Nas estradas bloqueiam minha passagem, os rios alteram seus cursos, e nem nas bússolas se pode mais acreditar”.

O cavalo de Rugg não tinha intenção de se deixar deter por mais de um minuto. O cavalo, que no meio da discussão descansava o focinho sobre a barreira, pôs-se a mordê-la, para levantar cuidadosamente seus clipes e disparar com ela. O coletor, confuso, seguia a cancela com os olhos.

“Deixe-o ir”, eu disse, “logo o cavalo se desprenderá de sua cancela e poderá pegá-la de volta”.

Então, perguntei o que ele sabia daquele homem, e ele relatou os seguintes pormenores:

“A primeira vez”, disse ele, “que aquele homem passou por este pedágio foi no ano de 1806, no exato momento do grande eclipse. Pensei que o cavalo estivesse assustado pela escuridão repentina, concluindo que estava apenas fugindo com seu condutor. Mas dentro de alguns dias, o mesmo homem e o mesmo cavalo voltaram a passar por aqui na mesma velocidade, sem a menor consideração pelo pedágio ou por mim, deixando-me apenas um olhar vazio. Alguns anos depois, durante a última guerra, vi o mesmo homem aproximar-se, e resolvi checar seu veículo. Fui para o meio da estrada, estiquei bem os braços e gritei: “pare, meu senhor, por sua conta e

risco!". E o homem disse: "Agora, Lightfoot, dê um jeito neste salteador!", ao mesmo tempo em que deu generosas chicotadas no flanco do cavalo, o qual, por sua vez, avançou com tanta força que parecia se tratar de dois cavalos. Quem lhe desse chance, iria vê-lo superar qualquer barreira capaz de ser construída pelo homem. Um vagão de munição que acabava de passar rumo a Baltimore havia deixado uma bola de canhão de 18 libras cair na estrada. O infortunado projétil ficara no caminho das patas do cavalo, ao que a besta, com sagacidade demoníaca, agarrou-o e atirou-o para trás. Chega a me dar tontura relatar o fato, mas a bola passou tão perto de minha cabeça que o vento soprou meu chapéu para longe; então, ela fincou na cancela do pedágio, algo que você pode ver até hoje se passar por lá. Eu concordei que ela ficasse lá como lembrança do ocorrido – assim como o povo de Boston, disseram-me, preserva uma bola de canhão de 18 libras hoje meio fincada na igreja da rua Brattle".

Então, me despedi do coletor de pedágio, prometendo-lhe mandar notícias, caso visse ou ouvisse algo sobre sua barreira.

Fui tomado de um grande desejo de capturar Rugg e vasculhar seus bolsos, imaginando que descobertas esplêndidas poderiam ser feitas durante a revista; mas o que vi e ouvi naquele dia me convenceu que força humana nenhuma era capaz de deter Peter Rugg contra sua vontade. Decidi, portanto, tratar Rugg da maneira mais gentil possível caso voltasse a vê-lo.

A caminho de Nova Iorque, parei na rodovia de Trenton. Ao chegar a New Brunswick, notei que a estrada havia sido recém-macadamizada. As pedras menores acabavam de ser postas ali. Conforme transitava por esse trecho da estrada, observei que mais ou menos a cada oito pés, as pedras estavam desencaixadas, formando buracos de 20 centímetros de diâmetro. Foi o que me levou a questionar o coletor de pedágio sobre a causa de tal singularidade.

"Senhor", disse o coletor, "tal pergunta é de se esperar, mas não sou capaz de fornecer uma resposta satisfatória. De fato, meu senhor, creio que fui enfeitiçado, e o pedágio está sob alguma sorte de encantamento, pois o que apareceu aqui na noite passada não pode ser real. Caso contrário, esta cancela de nada mais serve".

"Não acredito em bruxaria ou encantamento", eu disse, "e se você relatar as circunstâncias do que aconteceu na noite passada, me esforçarei para explicá-las por meios naturais".

"O senhor lembra que a noite estava estranhamente escura. Bem, logo que encerrei as atividades e fechei a cancela, se meus olhos não me enga-

naram, avistei o que inicialmente parecia dois exércitos se atracando. Os tiros de mosquete e disparos das espingardas eram incessantes e contínuos. Conforme esse estranho espetáculo se aproximava com a fúria de um tornado, mais barulhento se tornava; a aparição, então, se desenrolou dentro de uma massa compacta pairando sobre a superfície. Os fogos de artifício mais esplêndidos saíram da terra e rodopiaram em torno desse espetáculo móvel. As várias cores do arco-íris, junto aos tons mais brilhantes que o sol dispõe sobre o regaço da primavera, assomadas a uma família completa de pedras preciosas, não seria capaz de dar um espetáculo mais belo, mais alegre e mais estonteante que aquele que acompanhava o cavalo negro. Era de se imaginar que todas as estrelas do firmamento celebravam juntas sobre a rodovia. No meio de tal configuração luminosa, um homem estava sentado visivelmente em um cabriolé miserável, arrastado por um cavalo negro. Pelas leis da natureza e pelas leis do Estado, a cancela deveria ter causado um acidente e dado fim ao encantamento. Mas não; o cavalo passou por ela sem esforço, levando homem e carruagem horizontalmente a si, sem tocar na barreira. Isso que eu chamo de encantamento. O que acha, meu senhor?"

"Meu amigo", disse, "você exagerou grosseiramente ao relatar uma ocorrência natural. O homem era Peter Rugg, a caminho de Boston. É verdade, seu cavalo viajava a uma velocidade imbatível, mas conforme levantava suas patas, não pôde evitar deslocar milhares de pedrinhas sobre as quais pisava, e que, voando para todos os lados, ressoaram e cintilaram. A barra superior de sua cancela não fica a mais que dois pés de altura do chão, de modo que o cavalo de Rugg pôde facilmente erguer a carruagem sobre ela".

Isso satisfez o sr. McDoubt[1], fato que me causou certo agrado. Não fosse assim, o sr. McDoubt, homem valoroso e recém-chegado da Escócia, teria adicionado o ocorrido à sua lista de superstições. Tendo, assim, desencantado a rua macadamizada, o pedágio da rodovia e o próprio sr. McDoubt, dei continuidade à minha jornada de regresso a Nova Iorque.

Pouco esperava ver e ouvir ainda a respeito do sr. Rugg, já que agora estava há mais de doze horas à minha frente. Não pude ouvir nada dele a caminho de Elizabethtown, assim que concluí que, na noite anterior, ele havia desviado da rodovia, indo para oeste. Mas pouco antes de chegar a Powles' Hook, avistei uma quantidade considerável de passageiros na balsa, atônitos, olhando para o mesmo objeto. Um dos condutores da balsa que me conhecia bem, o sr. Hardy, notou minha vinda. Para garantir-me uma pas-

---

[1] Austin joga com a palavra *doubt* ("dúvida", no inglês) e com o fato de os nomes escoceses geralmente iniciarem pela partícula *Mc*. (n.t.)

sagem, o homem atrasou a saída da barca em um minuto, dirigiu-se a mim e disse, "sr. Dunwell, temos uma curiosidade a bordo capaz de intrigar até o dr. Mitchell".

"Algum peixe incomum, imagino, desembocou no rio Hudson?"

"Não", disse ele, "mas um homem que aparentemente esteve escondido no baú[2] por todo esse tempo, e só agora saiu. Ele está com uma garotinha que é a sua cara, e o cavalo mais esplêndido que já vi, arreado com a carruagem mais esquisita que já fizeram".

"Ah, sr. Hardy", eu disse, "você fisgou um verdadeiro prêmio. Ninguém antes conseguiu deter Peter Rugg por tempo suficiente a fim de examiná-lo".

"Sabe quem é o homem?", disse o sr. Hardy.

"Não, ninguém o conhece a fundo, mas todos o conhecem de vista. Detenha-o o quanto der; finja ter que atrasar a barca e corte os arreios do cavalo; faça qualquer coisa para detê-lo".

Ao entrar na balsa, fiquei embasbacado com o espetáculo que vi diante de mim. De fato, lá estavam Peter Rugg e Jenny Rugg, sentados no cabriolé; lá estava também o cavalo negro; todos quietos como cordeiros, rodeados por mais de cinquenta homens e mulheres, aparentemente despojados de todos os sentidos, menos um. Não se moviam, não respiravam, nem ao menos se aconchegavam; eram todos olhares. Rugg lhes parecia alguém de outro mundo, enquanto ele os via como uma estranha geração de homens. Rugg não falava, e eles, muito menos: não era eu quem iria perturbar aquela calmaria, pois estava satisfeito de ver Rugg pela primeira vez em repouso. Logo, ele murmurou com seus botões, em voz baixa: "Mais um invento! Cavalos em vez de remos. Essa gente de Boston é mesmo cheia de ideias".

Ficou claro que Rugg era de origem holandesa – ele trazia três pares de tiras de tecido curtas, chamadas antigamente de calções simples, que não eram as piores de ser usar. Mas o tempo marcou-as, encolhendo umas mais do que outras, de modo que ficavam aparecendo na altura dos joelhos com tamanhos e cores desiguais. Suas várias sobrecasacas, cujas abas chegavam aos joelhos, davam-lhe uma aparência de homem muito corpulento. Com a quantidade de tecido de seu amplo casaco pardo seria possível confeccionar meia dúzia de paletós modernos. As mangas mais pareciam o embrulho do almoço; nos punhos dava até para embalar uma criança. O chapéu pardacento, que algum dia foi preto, não era nem arredondado nem fendido, trazendo um formato semelhante ao que o presidente Monroe usou em sua

[2] *Ark*, termo de duplo significado: Arca de Noé e forma dialetal equivalente a "baú". (n.t.)

última campanha. Esse traje dava ao rosto arredondado de Rugg ares de dignidade antiquada. O homem, apesar de muito judiado pelo sol, não aparentava mais que trinta anos de idade. Ele havia perdido seu habitual semblante triste e apreensivo, estava bastante tranquilo, parecia até mesmo feliz. O cabriolé em que se sentava era espaçoso, sólido e construído para durar séculos; com a madeira nele empregada seria possível fazer três carruagens modernas. Tal qual uma carruagem Nantucket, esta eclipsava tudo o que andava sobre rodas. O cavalo também era objeto de curiosidade; sua altura majestosa, sua crina natural lhe dotavam de certo ar de autoridade; as narinas amplamente abertas indicavam um fôlego inextinguível. Os cascos das dianteiras pareciam fendidos, provavelmente por uma rua recém-macadamizada, recobrando a forma original. John Spring, afinal de contas, não estava de todo equivocado.

Não sei dizer ao certo quanto tempo essa cena muda teria durado, mas Rugg não mostrou qualquer sinal de impaciência. Seu cavalo, porém, quieto há mais de cinco minutos, deixava claro não ter intenção de continuar parado. Ele começou a relinchar e, momentos depois, passou a golpear o assoalho. Ao que disse Rugg, "meu cavalo está impaciente, pois avista o bairro de North End. Precisamos ir logo, ou ele ficará incontrolável".

Ao dizer essas palavras, o cavalo levantou a pata esquerda; ao pô-la de volta no chão, toda a balsa estremeceu. Dois homens logo agarraram a montaria de Rugg pelas narinas, que, por sua vez cabeceou e atirou ambos no rio Hudson. O cavalo permaneceu perfeitamente calmo enquanto tentávamos socorrer os homens.

"Não aborreçam o cavalo", disse Rugg, "que ele não lhes fará mal. Ele, assim como eu, só está ansioso para chegar naquela bela praia; ele avista a igreja North e sente o cheiro do próprio estábulo".

"Meu senhor", eu disse a Rugg, valendo-me de um pequeno subterfúgio, "sou estrangeiro aqui; já que parece estar em casa, peço o favor que me diga: que rio é este, e qual é a cidade que fica do outro lado da margem?"

"O rio, meu senhor, se chama rio Mystic, e esta é a balsa Winnisimmet – mantivemos os nomes indígenas. Aquela cidade é Boston. Você deve mesmo ser estranho a estas paragens para não saber que aquela é Boston, a capital das províncias da Nova Inglaterra."

"Diga-me, meu senhor, há quanto tempo está longe de Boston?"

"Ah, isso eu não sei dizer. Recentemente fui com esta garotinha a Concord para visitar alguns amigos meus; então, coro de dizer isso, na volta me perdi, e estou de viagem desde então. Ninguém se dispôs a me indicar o ca-

minho certo. É cruel desviar um viajante de sua rota. Meu cavalo, Lightfoot, levou-me aos sete ventos; parece que só agora ele acertou em remar pela rota esperada. Mas note, meu senhor, como ele está irrequieto. Por enquanto, fez apenas alguns movimentos com as ancas e com a cabeça. Mas não me responsabilizo pelo que fizer com suas patas!"

A essas palavras, Lightfoot ergueu sua longa crina e a estalou feito um chicote, emitindo um som que reverberou pelo Hudson. Instantaneamente os seis cavalos começaram a mover a embarcação. O Hudson era um mar cristalino, liso feito azeite; não se observava a menor ondulação. Os cavalos passaram logo do trote leve ao galope, de forma que a água transbordou pela trincaniz, deixando a balsa enterrada em um oceano de espuma. O ruído emitido era como o de muitas corredeiras. Quando chegamos a Nova Iorque, podia-se ver a magnífica esteira branca que a balsa deixava sobre o Hudson.

Embora Rugg se recusasse a pagar a taxa nos pedágios, alcançou um de seus vários bolsos assim que sr. Hardy lhe cobrou a passagem da balsa, retirando e estendendo uma moeda de prata.

"O que é isso?" perguntou sr. Hardy.

"São trinta xelins", disse Rugg.

"É possível que algum dia tenha sido trinta xelins, na moeda antiga", disse o sr. Hardy, "mas não é mais o caso".

"Mas é boa moeda inglesa", disse Rugg, "meu avô trouxe um saco delas da Inglaterra, cunhadas tão recentemente que ainda estavam quentes".

Ao ouvir isso, aproximei-me de Rugg e pedi permissão para analisar a moeda. Tratava-se de meia coroa, cunhada pelo parlamento inglês, datada de 1649. Em um lado, "Comunidade da Inglaterra"[3] e a cruz de São Jorge rodeada por uma coroa de louros. Do outro, "Deus esteja conosco", uma harpa e a cruz de São Jorge unidas. Pisquei para o sr. Hardy dizendo se tratar de moeda corrente, e dizendo alto, "não permitirei que se falte ao respeito a este cavalheiro, e vou eu mesmo trocar o dinheiro".

Ao que Rugg respondeu: "Por favor, diga-me seu nome, senhor?"

"Meu nome é Dunwell, meu senhor", respondi.

"Sr. Dunwell, é o único homem honesto que conheci desde que deixei Boston. Como é estrangeiro aqui, minha casa está à sua disposição; a senhora Rugg ficará feliz de receber um amigo de seu marido. Suba em minha carrua-

---

[3] A Comunidade da Inglaterra (*Commonwealth of England*) foi o governo republicano que exerceu o poder no Reino Unido entre 1649 e 1660, no qual tanto Oliver Cromwell quanto seu filho Richard exerceram função de chefes de Estado. (n.t.)

gem, meu senhor, pois há espaço o bastante para todos. Vamos Jenny, mova-se um pouco para dar lugar ao cavalheiro. Estaremos na rua Middle em um minuto."

Assim, sentei-me ao lado de Peter Rugg.

"Nunca esteve em Boston antes?"

"Não", disse eu.

"Bem, você está prestes a contemplar a rainha da Nova Inglaterra, uma cidade que, em toda a América do Norte, só perde em tamanho para a Filadélfia."

"Não se esqueça de Nova Iorque", eu repliquei.

"Ora, Nova Iorque não é nada; embora nunca estive por lá, digo que a cidade caberia toda apenas em nosso canal de derivação. Não, meu senhor, asseguro que Nova Iorque não é grande coisa. Compará-la com Boston seria o mesmo que comparar uma *wigwam*[4] a um palácio."

Conforme o cavalo virou na rua Pearl, olhei bem no rosto de Rugg até onde permitia a boa educação, dizendo-lhe: "Senhor, se esta é a Boston da qual falou, reconheço que Nova Iorque não é digna de ser um de seus bairros".

Não havíamos avançado muito pela rua Pearl quando as feições de Rugg se alteraram: seus nervos começaram a pulsar; os olhos tremiam nas órbitas; o homem estava claramente desconcertado. "O que se passa, sr. Rugg? Parece perturbado com algo?"

"Isso supera todo o discernimento humano, mas, meu senhor, se souber onde estamos, suplico que me informe."

"Se este lugar não é Boston, então, deve ser Nova Iorque", respondi.

"Não, meu senhor, não é Boston; nem pode ser Nova Iorque. Como eu poderia estar em Nova Iorque se ela fica há duzentas milhas de Boston?"

Nesse momento passamos pela Broadway, e dessa vez Rugg pareceu perder o juízo. "Não existe lugar como este na América do Norte. Isso tudo é efeito de encantamento; uma grande quimera, nada real. Aparentemente estamos em uma grande cidade, com casas, lojas e mercadorias magníficas, um sem fim de homens e mulheres apressados como na vida real, mas que apareceram neste deserto em uma só noite. Ou o que é mais provável, algum desastre natural horrível empurrou Londres ou Amsterdã para a costa da

[4] *Wigwam* é uma tenda em forma de cúpula utilizada pelos indígenas norte-americanos; *grosso modo*, equivale às ocas e malocas dos indígenas brasileiros. (n.t.)

Nova Inglaterra. Ainda é possível que eu esteja dormindo, e que noite longa parece ser esta... se bem já aconteceu de eu conseguir, em uma noite, viajar até Amsterdã, comprar mercadorias na casa de Vandogger e voltar para Boston antes do nascer do sol".

Nesse instante ouviram-se protestos: "Detenham esses loucos ou vão pôr a vida de todos em perigo!" Em vão centenas de pessoas tentaram parar o cavalo de Rugg. Nada detinha Lightfoot, que seguia um curso reto como uma flecha. Por minha parte, receoso de não chegar a Alleghanies até a noite, abordei o sr. Rugg em tom de súplica, pedindo-lhe que parasse o cavalo e me deixasse descer.

"Meu amigo", disse ele, "estaremos em Boston antes de escurecer, e a senhora Rugg ficará contente de nos ver".

"Sr. Rugg", eu disse, "peço que me desculpe. Vê as nuvens que se formam furiosamente a oeste e parecem nos perseguir?"

"Ai", disse Rugg, "não adianta tentar escapar. Eu conheço aquela nuvem; está reunindo toda sua raiva para descarregar sobre minha cabeça". Então, freando o cavalo, ele permitiu que eu descesse, dizendo: "Adeus, sr. Dunwell. Gostaria de vê-lo em Boston; moro na rua Middle".

Não estou certo por qual direção o sr. Rugg seguiu após sumir na Broadway. Mas uma coisa ficou clara para todos: dois meses depois de ser visto em Nova Iorque, ele finalmente chegou a Boston.

Recentemente a propriedade de Peter Rugg foi tomada pelo estado de Massachussets por falta de herdeiros, e o Conselho Geral se dispôs a anunciar a venda do imóvel em leilão público. Aconteceu de eu estar em Boston na época, e ao deparar-me com o anúncio que descrevia uma extensão considerável de terreno, senti-me tentado a conhecer o local onde Rugg vivera outrora. Tomando o anúncio em mãos, vaguei um pouco até chegar à rua Middle, sem pedir indicações para ninguém. Mas assim que avistei o lugar, disse para mim mesmo: "É esta a propriedade de Rugg; não irei mais adiante. Este deve ser o lugar; é praticamente uma extensão do homem". O lugar, de fato, parecia ter sido acometido por uma triste profecia. Sua fachada dava para a rua Middle, ainda que o terreno chegasse até a parte de trás da rua Ann, totalizando uma extensão aproximada de meio acre de terras. Antigamente, a existência de um terreno dessa magnitude não era incomum, pois um acre de terra, em muitos bairros de Boston, não valia mais que um pé de terra em certos lugares hoje. A antiga vivenda desaparecera depois de servir como depósito de pólvora. Em seu lugar agora havia outro edifício desabitado e de aspecto ameaçador, constante alvo de vandalismo. O nível da rua

subiu de tal maneira que o quarto de dormir teve que descer para a cozinha, e ficava agora no térreo. A casa parecia estar consciente de seu destino; a fachada se retraía para antes do pátio posterior como se estivesse cansada de ficar ali, esperando o próximo vento sul desabá-la na rua. Esse era o ponto de encontro ideal para animais mais astutos, à procura de refúgio. Sob a viga, o corvo tinha um lugar seguro; nos nichos mais abaixo, era possível encontrar uma raposa ou uma fuinha aos roncos. "A mão do destino", eu disse, "pesou muito sobre este lugar; ainda mais do que sobre seus antigos proprietários. É curioso que um lote tão grande precise de um herdeiro! Peter Rugg ainda pode passar por sua própria soleira de porta e perguntar: "Quem viveu aqui outrora?"

O homem escolhido pelo conselho da cidade para vender a propriedade era um dentre os muitos eloquentes leiloeiros de Boston. A ocasião era perfeita para ele mostrar o seu talento; além disso, esse era um dever a ser cumprido. E então, ele se dirigiu à audiência da seguinte forma:

"A propriedade, cavalheiros, que ofereço neste dia foi habitada por uma família que já não mais existe. Por essa razão, ela foi devolvida à nossa comunidade. Para que nenhum dos senhores hesite em dar um lance a um terreno tão vasto quanto este – temendo a ocasião de uma futura disputa por seu direito de posse –, fui autorizado pelo Conselheiro Geral a assegurar que aquele que o comprar obterá a melhor de todas as garantias: uma ação do Estado. Digo isso, cavalheiros, pois reconheço que corre por aí rumores de que um Peter Rugg, proprietário original do imóvel, ainda vive. Tal rumor não tem fundamento, cavalheiros, e não pode ter fundamento na natureza das coisas. Ele surgiu há dois anos, a partir de uma história insólita de um Jonathan Dunwell, de Nova Iorque. A senhora Croft, sabemos, cujo marido está presente, e que sei ter intenções de se apropriar do terreno, é quem tem divulgado essa ficção. Pergunto aos senhores se já ouviram falar de alguma propriedade, sobretudo uma desse valor, que não tenha sido requisitada por meio século, caso um herdeiro, por mais longe que estivesse, existisse? Além disso, todos concordam que o velho Peter Rugg, se está vivo, teria pelo menos cem anos de idade. Dizem que ele e sua filha, com um cavalo e cabriolé, estão desaparecidos há mais de meio século; já que nunca regressaram à casa, supôs-se que devem estar vivos, e que algum dia voltarão para reivindicar a propriedade.Tal lógica, cavalheiros, nunca levou ninguém a um bom investimento. Não deixemos que essa história à toa impeça a nobre intenção de entregar essas ruínas aos gênios da arquitetura. Se tais contingências puderem deter o espírito empreendedor, então, adeus a toda transação mercantil. Os lucros obtidos pelos senhores, ao invés de revigorar-lhes

o sono com sonhos dourados com novas fontes de especulação, tornar-se-iam pesadelos. O dinheiro de um homem, caso não for aplicado, só serve para perturbar seu descanso. Peço que notem, portanto, a possibilidade que agora têm diante de si. Meio acre de terra – mais de vinte mil pés quadrados[5] –, um terreno para a esquina e que permite realizações extraordinárias. Não se trata decerto de seus lotes alugados de 40x50, onde só se pode respirar pelas vigias durante a temporada seca. Pelo contrário, um arquiteto não pode contemplar o terreno sem arrebatar-se, pois há aqui espaço suficiente para seu gênio construir algo que faria inveja ao templo de Salomão. E a vista, que tentação! Do lado leste, estamos tão próximos ao Atlântico que Netuno, carregado dos tesouros mais seletos da terra, pode bater à porta com o tridente. Do lado oeste, aquilo que foi produzido ao longo do rio do Paraíso – o Connecticut – irá brevemente, graças ao vapor, ferrovias e canais, passar por debaixo de suas janelas. E então, neste lugar, Netuno desposará Ceres, e Pomona de Roxbury, e Flora de Cambridge dançarão na festa de núpcias.

"Homens de ciência, homens de distinção, vocês do Emporium Literário – pois noto muitos aqui presentes –, para vocês, isso é terreno sagrado. Se o ponto sobre o qual um herói do passado deixou sua pegada é hoje sagrado, que preço terá o local de nascimento daquele a quem o mundo celebra por haver nascido, dentre todas as ruas do mundo, na rua Middle, logo de frente para este lote, e cujo local de nascimento, se conhecido, não se poderia reivindicar nem com sete cidades! É para vocês que o valor dessas primícias deve ser inestimável. Pois em pouco tempo, antes que a casa a ser erguida neste local apareça, erigir-se-á um monumento que será motivo de maravilhamento e veneração do mundo inteiro. Uma coluna se elevará até o céu, e nela gravarão uma só palavra que unirá todos que são sábios no intelecto, úteis nas ciências, bons na moral, prudentes no aconselhamento e benevolentes nos princípios – o nome daquele que, enquanto viver, será padrinho do pobre, o deleite da casa simples do campo e a admiração dos reis; e uma vez morto, ele será valioso tal qual os nomes dos sete sábios da Grécia juntos. Será que preciso dizer que nome é esse? Ele detém o trovão e controla o raio".

"Homens de North End![6] Será preciso apelar para seu patriotismo para salientar o valor desta propriedade? Não existe sobre a terra um pedaço mais célebre; logo à esquina viveu James Otis; aqui, Samuel Adams; lá, Joseph Warren; na outra esquina, Josiah Quincy. Aqui foi onde nasceu a Independência; aqui nasceu, criou-se e amadureceu a Liberdade. Aqui o novo

---

[5] Um acre equivale a 2021 m²; um pé, a 0,3048 m². (n.t.)
[6] Antigo bairro residencial de Boston, onde, na atualidade, se situa seu centro financeiro. (n.t.)

homem foi criado; aqui se situa o berço da Independência Americana – estou sendo bastante modesto –, aqui começou a emancipação do mundo. Mil gerações, isto é, milhões de homens hão de cruzar o Atlântico apenas para contemplar North End de Boston. Seus pais – o que estou dizendo? – vocês mesmos – sim, neste momento, advirto aqui a vários que já estendem a mão para proteger o berço da Independência.

"Homens de especulação – vocês que são surdos para tudo, exceto para o som do dinheiro – vocês, sabem bem, emprestar-me-ão os ouvidos para lhes dizer que a cidade de Boston deve ficar com um pedaço deste terreno para ampliar a rua Ann. Vocês estão ouvindo – todos estão ouvindo? Eu disse que a cidade precisa ficar com uma parte considerável deste terreno para ampliar a rua Ann. Que sorte inesperada! A cidade despreza quem toma as terras de um homem por nada. Se ela o expropria de sua propriedade, não é avarenta, mas generosa para indenizá-lo. O único perigo a se temer é o de asfixiar-se debaixo do peso de suas riquezas. Pensem na anciã que faleceu recentemente de coração partido quando o prefeito lhe pagou por um pedaço de sua horta. Todos os secretários reconheceram que os tesouros que o prefeito entregou à mulher imprudentemente, recém-saídos da cunhagem, excitaram-na sobremaneira, que isso fez correr seu sangue do corpo para o coração, levando-a ao arrebatamento. Portanto, aquele homem que comprar esta propriedade, que tema, sim, sua boa sorte; nunca Peter Rugg. Deem seus lances de coração aberto, não permitindo que o nome de Rugg obscureça seu entusiasmo. Quanto vocês oferecem por cada pé da propriedade?"

Assim disse o leiloeiro, e graciosamente balançou seu martelo de marfim. Em poucos minutos, as ofertas passaram de cinquenta a setenta e cinco centavos por pé. Em seguida, de setenta e cinco a noventa. Por fim, ofereceu-se um dólar. O leiloeiro parecia satisfeito, e olhando para seu relógio, disse que arremataria a propriedade em cinco minutos se ninguém oferecesse mais.

Houve um profundo silêncio durante esse breve período. Um rumor singular foi ouvido enquanto o martelo permanecia suspenso, chamando a atenção de todos. Assemelhava-se ao som de muitos carpinteiros de ribeira[7] de regresso a suas casas. Conforme o som chegou mais perto, alguns exclamaram: "São os prédios do mercado novo que estão desmoronando!". Outros diziam: "Não, é um terremoto; sentimos a terra estremecer". Outros ainda diziam: "Não é isso; o som vem da rua Hanover e se aproxima". E estavam certos, pois, em um instante, Peter Rugg se fazia presente entre nós.

[7] À época, construtores de navio. (n.t.)

“Ah, Jenny”, disse Peter, “estou arruinado. Nossa casa foi incendiada, e aqui estão todos nossos vizinhos rodeando suas ruínas. Deus queira que sua mãe, a senhora Rugg, esteja em um lugar seguro”.

“Eles não parecem com nossos vizinhos”, disse Jenny, “mas é verdade que nossa casa foi incendiada. Não sobrou nada a não ser a soleira e o antigo poste de cedro. Pergunto-me onde estará mamãe?”

Nesse meio tempo, mais de mil homens cercaram Rugg, seu cavalo e o cabriolé. Ainda assim, nem Rugg, ali em pessoa, nem o cavalo ou a carruagem, conseguiram atrair mais atenção que o leiloeiro. O olhar autoconfiante e inquiridor de Rugg dizia com convicção que a propriedade lhe pertencia – mais do que qualquer um dos presentes ou qualquer documento ou papel, que estivesse assinado e carimbado. A impressão que o leiloeiro havia causado sobre a assembleia se dissipou em um instante; e embora suas palavras finais tivessem sido: “Não temam Peter Rugg”, na hora em que seus olhos encontraram os de Rugg, ele largou o que estava fazendo. Seus braços caíram até a cintura; o martelo que vivamente erguia no ar pendeu pesadamente de sua mão, e assim, o leilão foi esquecido. O cavalo negro também deu seu testemunho. Ele sabia que aquele era o fim de sua jornada; esticando-se até aumentar mais da metade de tamanho, apoiou a cabeça no poste de cedro e relinchou três vezes, fazendo sua crina tremer de cima abaixo.

Rugg, então, ficou de pé em seu cabriolé para inquirir com certa autoridade: “quem demoliu minha casa em minha ausência, já que não vejo sinais de conflagração? Exijo que me expliquem por que esse acidente ocorreu, e por que essa assembleia de estranhos se encontra reunida à minha porta. Pensei que conhecesse todo homem em Boston, mas vocês parecem ser de uma nova geração. Contudo, muitas das feições dos presentes não me são estranhas, e alguns de vocês podem ser chamados pelo nome de família. Mas, na verdade, não me lembro de ter visto qualquer um aqui antes de hoje. Aquele, tenho certeza, é um Winslow, e este aqui, um Sargent; lá está um Sewall, e a seu lado um Dudley. Ninguém dirigirá a palavra a mim – ou são todos aparições? Vejo, de fato, vários rostos de homens e não lhes faltam olhos. Mas todos parecem ter perdido o movimento, a fala e a audição. Estranho! Ninguém me dirá quem demoliu a minha casa?”

E eis que uma voz se ergueu na multidão, ainda que não se pudesse discernir de onde veio: “Não há nada de estranho aqui, exceto você, sr. Rugg. O tempo, que aniquila e renova todas as coisas, destroçou sua casa e nos pôs aqui. Por anos, sem saber, você sofreu de uma demência. A tormenta que

você profanamente desencadeou em Menotomy, por fim, dissipou-se, mas você jamais verá o seu lar, já que sua casa, mulher e vizinhos desapareceram. Sua propriedade, é verdade, permanece, mas não o seu lar. Você foi excluído da última era, e nunca conseguirá se integrar a esta. Diga adeus ao seu lar; você nunca voltará a ter outro neste mundo".

O HOMEM DESAJUSTADO

CHARLES BEAUMONT

O TEXTO: O conto "The Crooked Man" foi originalmente rejeitado pela revista *Esquire*, porém, a revista *Playboy* concordou em publicá-lo em agosto de 1955, gerando muita controvérsia entre seus leitores. O conto é uma história invertida de homofobia que narra a situação injusta de um homem hétero tentando escapar da detecção e perseguição em uma sociedade onde ser homossexual é o padrão.
Texto traduzido: Beaumont, Charles. "The Crooked Man". In. *Playboy Magazine*. Aug 1955.

O AUTOR: Charles Beaumont (1929-1967) foi um autor americano de ficção especulativa, contos de horror e ficção científica. Roteirista e contista, também é conhecido como escritor dos episódios do seriado Twilight Zone e de roteiros para vários filmes, tais como *O intruso*, de 1962. Sua carreira foi abreviada em 21 de fevereiro de 1967, quando faleceu aos 38 anos de uma doença degenerativa.

A TRADUTORA: Cristiane Pamplona é formada em Letras pela Faculdade de Filosofia e Letras Dom Bosco, no estado do Rio de Janeiro. É tradutora de textos, contos e especializada em legendas de documentários, filmes e séries.

The Crooked Man

"He remembered the days after the knowledge: bad days, days fallen upon evil, black desires, deep-cored frustrations."

CHARLES BEAUMONT

"Professing themselves to be wise, they became fools… who changed the truth of God into a lie… for even their women did change the natural use into that which is against nature: and likewise also the men, leaving the natural use of the women, burned in their lust one toward another; men with men working that which is unseemly…"
St. Paul: Romans, I

He slipped into a corner booth away from the dancing men, where it was quietest, where the odors of musk and frangipani hung less heavy on the air. A slender lamp glowed softly in the booth. He turned it down: down to where only the club's blue overheads filtered through the beaded curtain, diffusing, blurring the image thrown back by the mirrored walls of his light, thin-boned handsomeness.

"Yes sir?" The barboy stepped through the beads and stood smiling. Clad in goldsequined trunks, his greased muscles seemed to roll in independent motion, like fat snakes beneath his naked skin.

"Whiskey," Jesse said. He caught the insouciant grin, the broad white-tooth crescent that formed on the young man's face. Jesse looked away, tried to control the flow of blood to his cheeks.

"Yes sir," the barboy said, running his thick tanned fingers over his solar plexus, tapping the fingers, making them hop in a sinuous dance. He hesitated, still smiling, this time questioningly, hopefully, a smile drenched in admiration and desire. The Finger Dance, the accepted symbol, stopped: the pudgy brown digits curled into angry fists. "Right away, sir."

Jesse watched him turn; before the beads had tinkled together he watched the handsome athlete make his way imperiously through the crowds, shaking off the tentative hands of single men at the tables, ignoring the many desire symbols directed toward him.

That shouldn't have happened. Now the fellow's feelings were hurt. If hurt enough, he would start thinking, wondering–and that would ruin everything. No. It must be put right.

Jesse thought of Mina, of the beautiful Mina – It was such a rotten chance. It had to go right!

"Your whiskey, sir," the young man said. His face looked like a dog's face, large, sad; his lips were a pouting bloat of line.

Jesse reached into his pocket for some change. He started to say something, something nice.

"It's been paid for," the barboy said. He scowled and laid a card on the table and left.

The card carried the name E.J. TWO HOBART, embossed, in lavender ink. Jesse heard the curtains tinkle.

"Well, hello. I hope you don't mind my barging in like this, but – you didn't seem to be with anyone..."

The man was small, chubby, bald; his face had a dirty growth of beard and he looked out of tiny eyes encased in bulging contacts. He was bare to the waist. His white hairless chest dropped and turned in folds at the stomach. Softly, more subtly than the barboy had done, he put his porky stubs of fingers into a suggestive rhythm.

Jesse smiled. "Thanks for the drink," he said. "But I really am expecting someone."

"Oh?" the man said. "Someone-special?"

"Pretty special," Jesse said smoothly, now that the words had become automatic. "He's my fiancée."

"I see." The man frowned momentarily and then brightened. "Well, I thought to myself, I said: E.J., a beauty like that couldn't very well be unattached. But – well, it was certainly worth a try. Sorry."

"Perfectly all right," Jesse said. The predatory little eyes were rolling, the fingers dancing in one last-ditch attempt. "Good evening, Mr. Hobart."

Bluey veins showed under the whiteness of the man's nearly female *mammae*. Jesse felt slightly amused this time: it was the other kind, the

intent ones, the humorless ones like – like the barboy – that repulsed him, turned him ill, made him want to take a knife and carve unspeakable ugliness into his own smooth ascetic face.

The man turned and waddled away crabwise. The club was becoming more crowded. It was getting later and heads full of liquor shook away the inhibitions of the earlier hours. Jesse tried not to watch, but he had long ago given up trying to rid himself of his fascination. So he watched the men together. The pair over in the far corner, pressed close together, dancing with their bodies, never moving their feet, swaying in slow lissome movements to the music, their tongues twisting in the air, jerking, like pink snakes, contracting to points and curling invitingly, barely making touch, then snapping back.

The Tongue Dance… The couple seated by the bar. One a Beast, the other a Hunter, the Beast old, his cheeks caked hard and cracking with powder and liniments, the perfume rising from his body like steam; the Hunter, young but unhandsome, the fury evident in his eyes, the hurt anger at having to make do with a Beast – from time to time he would look around, wetting his lips in shame… And those two just coming in, dressed in Mother's uniforms, tanned, mustached, proud of their station…

Jesse held the beads apart, Mina must come soon. He wanted to run from this place, out into the air, into the darkness and silence.

No. He just wanted Mina. To see her, touch her, listen to the music of her voice…

Two women came in, arm in arm, Beast and Hunter, drunk. They were stopped at the door. Angrily, shrilly, told to leave. The manager swept by Jesse's booth, muttering about them, asking why they should want to come dirtying up The Phallus with their presence when they had their own section, their own clubs –.

Jesse pulled his head back inside. He'd gotten used to the light by now, so he closed his eyes against his multiplied image. The disorganized sounds of love got louder, the singsong syrup of voices: deep, throaty, baritone, falsetto. It was crowded now. The Orgies would begin before long and the couples would pair off for the cubicles. He hated the place. But close to Orgy-time you didn't get noticed here – and where else was there to go? Outside, where every inch of pavement was patrolled electronically, every word of conversation, every movement recorded, catalogued, filed?

Damn Knudson! Damn the little man! Thanks to him, to the Senator, Jesse was now a criminal.

Before, it wasn't so bad – not this bad, anyway. You were laughed at and shunned and fired from your job, sometimes kids lobbed stones at you, but at least you weren't hunted. Now – it was a crime. A sickness.

He remembered when Knudson had taken over. It had been one of the little man's first telecasts; in fact, it was the platform that got him the majority vote:

"Vice is on the upswing in our city. In the dark corners of every Unit perversion blossoms like an evil flower. Our children are exposed to its stink, and they wonder – our children wonder – why nothing is done to put a halt to this disgrace. We have ignored it long enough! The time has come for action, not mere words. The perverts who infest our land must be fleshed out, eliminated completely, as a threat not only to public morals but to society at large. These sick people must be cured and made normal.

"The disease that throws men and women, together in this dreadful abnormal relationship and leads to acts of retrogression – retrogression that will, unless it is stopped and stopped fast, push us inevitably back to the status of animals – this is to be considered as any other disease. It must be conquered as heart trouble, cancer, polio, schizophrenia, paranoia, all other diseases have been conquered…"

The Women's Senator had taken Knudson's lead and issued a similar *pronunciamento* and then the bill became law and the law was carried out.

Jesse sipped at the whiskey, remembering the Hunts. How the frenzied mobs had gone through the city at first, chanting, yelling, bearing placards with slogans: WIPE OUT THE HETEROS! KILL THE QUEERS! MAKE OUR CITY CLEAN AGAIN! And how they'd lost interest finally after the passion had worn down and the novelty had ended. But they had killed many and they had sent many more to the hospitals…

He remembered the nights of running and hiding, choked dry breath glued to his throat, heart rattling loose. He had been lucky. He didn't look like a hetero. They said you could tell one just by watching him walk – Jesse walked correctly. He fooled them. He was lucky.

And he was a criminal. He, Jess Four Martin, no different from the rest, tube-born and machine-nursed, raised in the Character Schools like everyone else – was terribly different from the rest.

It had happened – his awful suspicions had crystallized – on his first formal date. The man had been a Rocketeer, the best high quality, even out of the Hunter class. Mother had arranged it carefully.

There was the dance. And then the ride in the spacesled. The big man had put an arm about Jesse and – Jess knew. He knew for certain and it made him very angry and very sad.

He remembered the days that came after the knowledge: bad days, days fallen upon evil, black desires, deep-cored frustrations. He had tried to find a friend at the Crooked Clubs that flourished then, but it was no use. There was a sensationalism, a bravura to these people, that he could not love. The sight of men and women together, too, shocked the parts of him he could not change, and repulsed him.

Then the vice squads had come and closed up the clubs and the heteros were forced underground and he never sought them out again or saw them. He was alone.

The beads tinkled.

"Jesse –" He looked up quickly, afraid. It was Mina. She wore a loose man's shirt, an old hat that hid her golden hair: her face was shadowed by the turned-up collar. Through the shirt the rise and fall of her breasts could be faintly detected. She smiled once, nervously.

Jesse looked out the curtain. Without speaking, he put his hands about her soft thin shoulders and held her like this for a long minute.

"Mina –" She looked away. He pulled her chin forward and ran a finger along her lips. Then he pressed her body to his, tightly, touching her neck, her back, kissing her forehead, her eyes, kissing her mouth. They sat down.

They sought for words. The curtain parted.

"Beer," Jesse said, winking at the barboy, who tried to come closer, to see the one loved by this thin handsome man.

"Yes sir."

The barboy looked at Mina very hard, but she had turned and he could see only the back. Jesse held his breath. The barboy smiled contemptuously then, a smile that said: You're insane – I was hired for my beauty. See my chest, look – a pectoral vision. My arms, strong; my lips – come, were there ever such sensuous ones? And you turn me down for this bag of bones.

Jesse winked again, shrugged suggestively and danced his fingers: Tomorrow, my friend, I'm stuck tonight. Can't help it. Tomorrow.

The barboy grinned and left. In a few moments he returned with the beer. "On the house," he said, for Mina's benefit. She turned only when Jesse said, softly:

"It's all right. He's gone now."

Jesse looked at her. Then he reached over and took off the hat. Blond hair rushed out and over the rough shirt.

She grabbed for the hat. "We mustn't," she said. "Please – what if somebody should come in?"

"No one will come in. I told you that."

"But what if? I don't know – I don't like it here. That man at the door – he almost recognized me."

"But he didn't."

"Almost though. And then what?"

"Forget it. Mina, for God's sake. Let's not quarrel."

She calmed. "I'm sorry, Jesse. It's only that – this place makes me feel –"

"– what?"

"Dirty." She said it defiantly.

"You don't really believe that, do you?"

"No. I don't know. I just want to be alone with you."

Jesse took out a cigarette and started to use the lighter. Then he cursed and threw the vulgarly shaped object under the table and crushed the cigarette. "You know that's impossible," he said. The idea of separate Units for homes had disappeared, to be replaced by giant dormitories. There were no more parks, no country lanes. There was no place to hide at all now, thanks to Senator Knudson, to the little bald crest of this new sociological wave. "This is all we have," Jesse said, throwing a sardonic look around the booth, with its carved symbols and framed pictures of entertainment stars – all naked and leering.

They were silent for a time, hands interlocked on the table top. Then the girl began to cry. "I – I can't go on like this," she said.

"I know. It's hard. But what else can we do?" Jesse tried to keep the hopelessness out of his voice.

"Maybe," the girl said, "we ought to go underground with the rest."

"And hide there, like rats?" Jesse said.

"We're hiding here," Mina said, "like rats."

"Besides, Parker is getting ready to crack down. I know, Mina – I work at Centraldome, after all. In a little while there won't be any underground."

"I love you," the girl said, leaning forward, parting her lips for a kiss. "Jesse, I do." She closed her eyes. "Oh, why won't they leave us alone? Why? Just because we're que –"

"Mina! I've told you – don't ever use that word. It isn't true! We're not the queers. You've got to believe that. Years ago it was normal for men and women to love each other: they married and had children together; that's the way it was. Don't you remember anything of what I've told you?"

The girl sobbed. "Of course I do. But, darling, that was a long time ago."

"Not so long! Where I work – listen to me – they have books. You know, I told you about books? I've read them, Mina. I learned what the words meant from other books. It's only been since the use of artificial insemination – not even five hundred years ago."

"Yes dear," the girl said. "I'm sure, dear."

"Mina, stop that! We are not the unnatural ones, no matter what they say. I don't know exactly how it happened – maybe, maybe as women gradually became equal to men in every way – or maybe solely because of the way we're born – I don't know. But the point is, darling, the whole world was like us, once. Even now, look at the animals –"

"Jesse! Don't you dare talk as if we're like those horrid dogs and cats and things!"

Jesse sighed. He had tried so often to tell her, show her. But he knew, actually, what she thought.

That she felt she was exactly what the authorities told her she was – God, maybe that's how they all thought, all the Crooked People, all the "unnormal" ones.

The girl's hands caressed his arms and the touch became suddenly repugnant to him. Unnatural. Terribly unnatural.

Jesse shook his head. Forget it, he thought. Never mind. She's a woman and you love her and there's nothing wrong nothing wrong nothing wrong in that… or am I the insane person of old days who was insane because he was so sure he wasn't insane because –.

"Disgusting!"

It was the fat little man, the smiling masher, E.J. Two Hobart. But he wasn't smiling now. Jesse got up quickly and stepped in front of Mina. "What do you want? I thought I told you –"

The man pulled a metal disk from his trunks. "Vice squad, friend," he said. "Better sit down." The disk was pointed at Jesse's belly.

The man's arm went out the curtain and two other men came in, holding disks.

"I've been watching you quite a while, mister," the man said. "Quite a while."

"Look," Jesse said, "I don't know what you're talking about. I work at Centraldome and I'm seeing Miss Smith here on some business."

"We know all about that kind of business," the man said.

"All right – I'll tell you the truth. I forced her to come here. I –"

"Mister – didn't you hear me? I said I've been watching you. All evening. Let's go."

One man took Mina's arm, roughly; the other two began to propel Jesse out through the club. Heads turned. Tangled bodies moved embarrassedly.

"It's all right," the little fat man said, his white skin glistening with perspiration. "It's all right, folks. Go on back to whatever you were doing." He grinned and tightened his grasp on Jesse's arm.

Mina didn't struggle. There was something in her eyes – it took Jesse a long time to recognize it.

Then he knew. He knew what she had come to tell him tonight: that even if they hadn't been caught – she would have submitted to the Cure voluntarily. No more worries then, no more guilt. No more meeting at midnight dives, feeling shame, feeling dirt…

Mina didn't meet Jesse's look as they took her out into the street.

"You'll be okay," the fat man was saying. He opened the wagon's doors. "They've got it down pat now – couple days in the ward, one short session with the doctors; take out a few glands, make a few injections, attach a few wires to your head, turn on a machine: presto! You'll be surprised."

The fat officer leaned close. His sausage fingers danced wildly near Jesse's face.

"It'll make a new man of you," he said. Then they closed the doors and locked them.

O HOMEM DESAJUSTADO

*"Lembrou-se dos dias depois da descoberta, dias terríveis,
cheios de angústias, negros anseios, profundas frustrações da alma."*

CHARLES BEAUMONT

"E, proclamando-se a si mesmos como sábios, tornaram-se tolos... transformando a verdade de Deus em mentira... pois até as suas mulheres mudaram seu uso natural, contrariando a natureza: E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo indecência..."
Paulo: Romanos, I

Ele entrou sorrateiramente em uma cabine no canto longe dos homens dançando, onde era mais silencioso, onde os cheiros de *musk* e *frangipani* pairavam mais leves no ar. Uma delicada lâmpada iluminava suavemente a cabine. Ele diminuiu a luz: diminuiu-a até que somente o azul do clube pudesse penetrar nas cortinas de contas, dissipando, desfocando a imagem de sua beleza esbelta refletida na luz da superfície espelhada.

– Pois não, senhor? – O garçom atravessou a cortina de contas com um sorriso. Vestido com lantejoulas douradas, seus músculos torneados pareciam se movimentar sozinhos, como adiposas serpentes sob sua pele nua.

– Uísque – disse Jesse. Ele observou o grande e fácil sorriso de dentes brancos que se formou no rosto do rapaz. Jesse desviou o olhar, tentando não ficar corado.

– Sim, senhor – disse o garçom deslizando seus dedos encorpados e bronzeados sobre seu plexo solar, batendo-os e os fazendo dançar sinuosamente. Ele hesitou, ainda sorrindo, dessa vez imaginando, esperançoso, com um sorriso cheio de admiração e desejo. A dança com os dedos, que era o código adotado, foi interrompida, enquanto os dedos bronzeados e encorpados cerraram-se em um punho furioso.

– Agora mesmo, senhor.

Jesse ficou olhando-o se virar, e antes que as cortinas tilintassem, observou a saída majestosa do belo atleta através da multidão, que se desvencilhava das mãos oferecidas dos homens solteiros sentados às mesas, ignorando os muitos sinais de desejo que lhe eram direcionados.

Isso não deveria ter acontecido. Agora os sentimentos do amigo ficariam feridos. Se ele se sentir magoado, começará a pensar, a questionar – e isso arruinará tudo. Isso tem que ser corrigido.

Jesse pensou em Mina e em sua beleza – era uma oportunidade arriscada. Tinha que ser feito direito.

– Seu uísque, senhor – o rapaz disse. Seu rosto parecia o de um cão, grande e triste, seus lábios formavam um beicinho.

Jesse procurou algum trocado em seu bolso. Ele começou a dizer alguma coisa, alguma coisa gentil.

– Já foi pago – disse o garçom. Ele franziu as sobrancelhas e deixou um cartão sobre a mesa.

No cartão estava escrito o nome E.J. TWO HOBART em relevo, em tinta lavanda. Jesse ouviu as cortinas soarem.

– Olá, espero que perdoe minha intromissão, mas não parecia que você esperava alguém...

O homem era pequeno, rechonchudo, careca; o rosto era coberto por uma barba cheia que ainda estava sendo cultivada. Ele o olhava com seus olhos minúsculos através de lentes enormes. Nu da cintura para cima, seu peito sem pelos brancos caía formando dobrinhas em seu estômago. De maneira mais sutil do que o garçom, ele agitou seus dedos rechonchudos em um ritmo sugestivo.

Jesse sorriu.

– Obrigado pela bebida. Mas eu realmente estou esperando alguém.

– Oh? – Indagou o homem – Alguém especial?

– Muito especial – disse Jesse polidamente, agora as palavras tinham se tornado automáticas – Ele é meu noivo.

– Entendo. – O homem franziu a testa momentaneamente e, em seguida, se alegrou. – Bem, eu pensei comigo, e disse: EJ, uma beleza como aquela não pode estar sozinha. Mas, bem, certamente vale a pena tentar. Desculpe-me!

– Sem problemas – disse Jesse. Os pequenos olhos vorazes estavam se revirando, e os dedos dançando em uma última tentativa.

– Boa noite, Sr. Hobart.

Veias azuis apareciam através da brancura do homem perto de suas mamas quase femininas, dessa vez Jesse achou engraçado. Ele era outro tipo. O tipo estrategista. Não era sem senso de humor – como o garçom – que repelido, o fez sentir como se fosse uma doença, o fez querer pegar uma faca e esculpir a feiúra indescritível em seu próprio rosto macio e sem barba. O homem virou-se e cambaleou para o lado. O clube estava mais cheio. Foi ficando tarde e as cabeças encharcadas de licor perdiam suas inibições. Jesse tentou não olhar, mas há muito tempo desistiu de lutar contra essa fascinação. Ele observou dois homens juntos. O par estava mais no canto agora, grudados, dançando com seus corpos sem mover os pés, alternavam-se entre movimentos lentos e rápidos no ritmo da música. Suas línguas se entrelaçavam no ar, empurravam-se como serpentes cor de rosa, prendiam-se e enrolavam-se sedutoramente, e por fim, tocavam-se levemente para então se empurrarem outra vez.

A dança das línguas... O par sentado no bar. Um era a fera, o outro o caçador. O velho era a fera, o animal, seu rosto áspero e enrugado estava coberto com balsamo e pó, o perfume exalava de seu corpo como vapor; o caçador, jovem, mas sem beleza, evidenciava raiva em seus olhos, tinha ressentimento por ter de se contentar com uma fera, às vezes, ele olhava ao redor, comprimindo os lábios de vergonha, e os dois abraçados, vestidos naquelas roupas características de mães, bronzeados, com bigodes, orgulhosos de sua situação.

Jesse segurou a cortina aberta, Mina deveria chegar em breve. Ele queria fugir daquele lugar, sair por aí a fora, para a escuridão e o silêncio.

Não. Ele só queria Mina. Para vê-la, tocá-la, ouvir a melodia de sua voz...

Duas mulheres chegaram de braços dados, a fera e a caçadora, bêbadas. Elas foram paradas na porta. Furiosamente e de maneira estridente, disseram-lhes que saíssem. O gerente varria a cabine de Jesse e resmungava sobre a presença das mulheres, o que elas queriam ali, maculando o *The Phallus*, já que tinham seu próprio local, seu próprio clube. Jesse se encolheu. Ele tinha se acostumado com a luz agora, então fechou os olhos para não ver a sua imagem multiplicada. Os descoordenados sons do amor ficaram mais evidentes, uma cantoria melosa de vozes: graves, roucas, barítonos, falsetes. Estava lotado agora. As orgias começariam em pouco tempo e os pares formavam duplas para irem às cabines. Ele odiava aquele lugar. Mas perto do horário da orgia, você não seria notada ali e para aonde mais eles iriam? Lá para fora? Onde cada centímetro da rua era vigiado eletronicamente, cada

palavra de uma conversa, cada movimento registrado, catalogado e arquivado?

Maldito Knudson! Maldito homenzinho! Graças a ele, para o senador, Jesse era um criminoso agora. Antes não era tão ruim – não desse jeito, afinal. Você era zombado, evitado, demitido do trabalho e algumas vezes crianças te apedrejavam, mas ao menos não era caçado. Agora é um crime, uma doença.

Lembrou-se de quando Knudson assumiu. Foi um dos primeiros pronunciamentos do homenzinho; na verdade, foi com esse projeto que ele conseguiu a maioria dos votos:

"– O vício está em ascensão em nossa cidade. Nos cantos escuros de cada indivíduo a perversão floresce como uma flor do mal. Nossas crianças estão expostas a esse mau cheiro, e elas imaginam – nossas crianças imaginam – por que nada é feito para acabar com essa vergonha. Já ignoramos isso o bastante. Chegou o momento da ação e não mais de meras palavras. Os pervertidos que infestam nossa terra devem ser expostos, eliminados completamente, como uma ameaça não só para a moral pública, mas para a sociedade em geral. Esses doentes devem ser curados para serem normais.

A doença que atrai homens e mulheres a ficarem juntos nessa relação anormal e terrível leva a atos de retrocesso – retrocesso que, a menos que seja impedido e interrompido rapidamente, inevitavelmente nos empurrará de volta para o estado de animais – ela deve ser considerada como qualquer outra doença. Deve ser combatida, assim como os problemas cardíacos, câncer, poliomielite, esquizofrenia, paranoia e todas as outras doenças que combatemos..."

A Senadora que representava as mulheres assumiu a frente de Knudson e emitiu um pronunciamento semelhante, e então, o projeto de lei se tornou lei, e a lei foi cumprida.

Jesse tomou um gole de uísque ao lembrar-se das perseguições. Lembrou-se de como a multidão frenética atravessou a cidade inicialmente, entoando, gritando, carregando cartazes com dizeres: ACABEM COM OS HÉTEROS! EXTERMINEM AS ABERRAÇÕES! VAMOS DEIXAR NOSSA CIDADE LIMPA OUTRA VEZ! Finalmente, eles perderam o interesse depois que o entusiasmo se dissipou e a novidade terminou. Mas eles haviam matado muitos e enviado ainda outros mais para os hospitais...

Lembrou-se das noites de fuga e refúgio, engasgou com a respiração seca em sua garganta, com o coração acelerado. Ele teve sorte. Não se parecia com

um hétero. Eles diziam que poderiam identificar quem são só pelo andar – Jesse andou corretamente. Ele os enganou. Teve sorte.

Mas era um criminoso. Ele, Jess Four Martin, era igual a todos os demais, um bebê de proveta nutrido por uma máquina, criado na escola *Character Schools* como todo mundo – porém, era terrivelmente diferente dos outros.

Aconteceu – suas terríveis suspeitas se confirmaram – em seu primeiro encontro oficial. O homem era como um super-herói *Rocketeer* da mais alta qualidade, mesmo fora da categoria dos Caçadores. Mamãe arranjou cuidadosamente.

Houve a dança. E, em seguida, o passeio no brinquedo do parque. O grande homem colocou um braço sobre Jesse e – Jesse soube. Ele soube com certeza e isso o deixou muito irritado e muito triste. Lembrou-se dos dias que se seguiram depois da descoberta, dias terríveis, dias cheios de angústias, negros anseios, profundas frustrações da alma. Ele tentou encontrar um amigo nos Clubes de Desajustados que surgiram em seguida, mas foi inútil. Havia um sensacionalismo, um orgulho nessas pessoas, que ele não poderia compartilhar. A visão de homens e mulheres juntos também escandalizava partes dele das quais ele não conseguia se livrar, e por isso, sentia repulsa. Em seguida, os esquadrões do vício fecharam os clubes obrigando os héteros à clandestinidade. E ele nunca mais os procurou ou os viu. Ele estava sozinho.

A cortina de contas soou.

– Jesse – Ele ergueu os olhos rapidamente, com receio. Era Mina. Ela usava uma camisa larga de homem, um velho chapéu que escondia seu cabelo dourado: seu rosto estava escondido pela gola virada. Através da camisa levantada, seus seios poderiam ser facilmente descobertos. Ela sorriu uma vez, nervosa.

Jesse abriu a cortina e olhou lá para fora. Sem dizer nada, ele colocou suas mãos sobre os ombros delicados e macios e a segurou por um longo minuto.

– Mina – ela desviou o olhar. Ele virou seu queixo e tocou seus lábios com o dedo. Então, ele pressionou seu corpo contra o dela, fortemente, acariciando seu pescoço, suas costas, beijando sua testa, seus olhos, sua boca. Eles se sentaram.

Procurando palavras. A cortina se abriu.

– Cerveja – disse Jesse, piscando para o garçom, que tentou se aproximar, para ver quem era o amado desse delicado homem bonito.

– Sim, senhor.

O garçom encarou friamente Mina, mas ela se virou e só conseguiu ver suas costas. Jesse prendeu a respiração. O garçom sorriu com desdém e, em seguida, esboçou um sorriso dizendo: – Você é louco. Eu fui contratado pela minha beleza. Veja meu tórax, olhe – uma visão peitoral. Meus braços, fortes; meus lábios – já viu mais sensual? E você me rejeita por este saco de ossos?

Jesse piscou novamente balançando os ombros, e dançou seus dedos sugestivamente:

– Amanhã, meu amigo. Esta noite estou comprometido. Não posso fazer nada. Amanhã.

O garçom sorriu e saiu. Pouco depois, trouxe a cerveja.

– Por conta da casa – disse ele, para a vantagem de Mina. Ela só se virou quando Jesse disse sussurrando:

– Tudo bem, ele já foi.

Jesse olhou para ela. Então, estendeu a mão e tirou seu chapéu. O cabelo loiro soltou-se caindo sobre a camisa áspera. Ela agarrou o chapéu.

– Nós não devemos – disse ela – Por favor, e se alguém entrar?

– Ninguém vai entrar. Eu lhe disse.

– Mas... E se? Eu não sei... Não gosto disso. Aquele homem na porta, ele quase me reconheceu.

– Mas não reconheceu.

– Mas quase. E depois?

– Esqueça. Mina, pelo amor de Deus. Não vamos brigar.

Ela se acalmou.

– Desculpe-me, Jesse. É só que, este lugar me faz sentir...

– O quê?

– Suja. – Ela disse audaciosamente.

– Você realmente não acredita nisso, não é?

– Não. Eu não sei. Eu só quero ficar sozinha com você.

Jesse pegou um cigarro e o acendeu com o seu isqueiro. Então, amaldiçoou a forma vulgar do objeto, atirando-o embaixo da mesa, enquanto esmagava o cigarro.

– Você sabe que isso é impossível – disse ele.

O conceito de casas separadas havia desaparecido, sendo substituído pelo conceito de dormitórios gigantes. Não havia mais parques, nem estradas

campestres. Não havia lugar para se esconder, graças ao Senador Knudson e a cristazinha careca dessa nova moda sociológica.

– Isso é tudo o que temos – disse Jesse, lançando um olhar sarcástico em torno da cabine, coberta com seus símbolos gravados e fotos emolduradas de artistas nus com olhares maliciosos.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, com as mãos entrelaçadas sobre a mesa. Em seguida, a menina começou a chorar:

– Eu... Eu não posso continuar assim – disse ela.

– Eu sei. É difícil. Mas o que mais podemos fazer? – Jesse tentou conter o desespero em sua voz.

– Talvez – disse a menina – devamos ir para o subsolo com o resto.

– E se esconder lá, como ratos? – Disse Jesse.

– Nós estamos nos escondendo aqui – disse Mina – como ratos.

– Além disso, Parker está se preparando para abatê-los. Eu sei Mina, – eu trabalho no no Domo Central, afinal de contas. Em pouco tempo não haverá qualquer subsolo.

– Eu amo você – disse a menina, inclinando-se e abrindo os lábios para um beijo.

– Jesse, eu aceito – Ela fechou os olhos.

– Oh, por que não nos deixam em paz? Por quê? Só porque nós somos...

– Mina! Eu já lhe disse para nunca usar essa palavra. Não é verdade! Nós não somos as aberrações. Você tem que acreditar nisso. Anos atrás era normal para homens e mulheres amar uns aos outros. Eles se casavam e tinham filhos juntos, era assim. Você não se lembra de nada do que eu lhe disse?

A menina chorou.

– Claro que sim. Mas, querido, isso foi há muito tempo atrás.

– Não foi há tanto tempo! Onde eu trabalho – me escute – eles têm livros. Você sabe, eu te contei sobre os livros? Eu os li, Mina. Eu aprendi o significado das palavras com outros livros. Isso só começou a partir do uso da inseminação artificial – e não há quinhentos anos.

– Sim querido – disse a garota. – Tenho certeza, querido.

– Mina, pare com isso! Nós não somos as aberrações, não importa o que dizem. Eu não sei exatamente como isso aconteceu. Talvez... Talvez porque as mulheres gradativamente se igualaram aos homens em todos os sentidos, ou talvez exclusivamente por causa da maneira como nascemos, eu não sei.

Mas a questão, querida, é que o mundo inteiro foi como nós uma vez. E é ainda hoje, olhe para os animais...

– Jesse! Não se atreva a falar como se nós fossemos iguais àqueles cães e gatos horríveis! – Jesse suspirou. Ele havia tentado tantas vezes dizer a ela, mostrar a ela. Mas na verdade, ele sabia o que ela pensava.

Ela sentia que era exatamente tudo aquilo que as autoridades diziam que era. – Oh Deus... talvez todos eles fossem mesmo, exatamente como eles pensavam, todos desajustados, todos aberrações.

As mãos da menina acariciaram seus braços e, de repente, seu toque se tornou repugnante para ele. Antinatural. Terrivelmente antinatural.

Jesse balançou a cabeça. Esqueça, ele pensou. Esqueça. Ela é uma mulher e você a ama e não há nada de nada de errado, nada de errado, errado nisso... Ou eu sou daquelas pessoas insanas de antigamente que eram loucas, justamente porque tinham certeza de que não eram, porque...

– Nojento!

Era o homenzinho gorducho, o sorriso esmagador, E.J. Two Hobart. Mas ele não sorria agora. Jesse levantou-se rapidamente e deu um passo à frente de Mina.

– O que você quer? Eu pensei ter dito a você...

O homem tirou um distintivo do seu peito.

– Esquadrão do Vício, amigo – disse ele. – É melhor se sentar.

O distintivo apontava para a barriga de Jesse.

O braço do homem saiu da cortina e outros dois homens entraram, segurando distintivos.

– Eu o observo há um bom tempo, senhor – disse o homem. – Há um bom tempo.

– Olhe – disse Jesse – Eu não sei do que você está falando. Eu trabalho no Domo Central e eu estou vendo a senhorita Smith aqui a negócios.

– Sabemos tudo sobre esse tipo de negócio – disse o homem.

– Tudo bem, eu vou lhe contar a verdade. Forcei-a vir aqui. EU!

– Senhor – não está me ouvindo? Eu disse que eu estive observando você. Durante toda a noite. Vamos.

Um homem pegou o braço de Mina rudemente; os outros dois começaram a empurrar Jesse para fora do clube. Cabeças se viraram. Corpos enroscados se afastavam envergonhadamente.

– Está tudo bem – disse o homenzinho gordo com a pele branca brilhando de suor. – Está tudo bem, pessoal. Voltem para o que estavam fazendo. Ele sorriu e apertou o braço de Jesse.

Mina não reagiu. Havia algo em seus olhos – algo que Jesse levou muito tempo para entender.

Então, ele percebeu. Ele percebeu o que ela tinha vindo lhe dizer essa noite: que, mesmo que não tivessem sidos pegos, ela iria se apresentar à cura voluntariamente. Chega de preocupações, chega de culpa. Sem mais encontros à meia-noite, sentindo-se envergonhada, sentindo-se suja...

Mina não procurou o olhar de Jesse quando a levaram para a rua.

– Você vai ficar bem – dizia o homem gorducho. Ele abriu as portas do camburão.

– Eles sabem fazer de cor e salteado agora – uns dois dias na ala, umas pequenas sessões com os médicos; algumas glândulas removidas, algumas injeções, eles colocam alguns fios na sua cabeça, ligam uma máquina e pronto! Você vai se surpreender.

O gordo oficial se aproximou. Seus dedos de salsicha dançaram loucamente perto do rosto de Jesse.

– Eles farão de você um novo homem – disse ele. Em seguida, fecharam as portas do camburão e as trancaram.

UMA MULHER DE RESPEITO

KATE CHOPIN

O TEXTO: O conto "Uma mulher de Respeito" (*A Respectable Woman*) foi publicado pela primeira vez na revista Vogue, em 15 de fevereiro de 1894, e republicado na coletânea *A Night in Acadie*, em 1897. Nele, o Sr. e a Sra. Baroda recebem a visita de Gouvernail, amigo de faculdade que o Sr. Baroda não via há muito tempo. A personalidade do visitante provoca certa perturbação na Sra. Baroda.

Texto traduzido: Chopin, Kate. *A Respectable Woman*. Disponível em: www.katechopin.org

A AUTORA: Kate Chopin (1850-1904) nasceu em Missouri, EUA, e mudou-se para Louisiana ao se casar com um plantador de algodão. Ao perder o marido e a mãe, entrou em depressão e começou a escrever como terapia. É considerada precursora do feminismo por abordar temas do universo feminino em suas narrativas. Escreveu cerca de cem contos, dois romances, além de ensaios literários.

A TRADUTORA: Ana Rita Caldart é graduanda do curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é revisora da revista *Cadernos do IL* e estuda tradução..

A Respectable Woman

"She wanted to draw close to him and whisper against his cheek – she did not care what."

KATE CHOPIN

Mrs. Baroda was a little provoked to learn that her husband expected his friend, Gouvernail, up to spend a week or two on the plantation.

They had entertained a good deal during the winter; much of the time had also been passed in New Orleans in various forms of mild dissipation. She was looking forward to a period of unbroken rest, now, and undisturbed *tête-a-tête* with her husband, when he informed her that Gouvernail was coming up to stay a week or two.

This was a man she had heard much of but never seen. He had been her husband's college friend; was now a journalist, and in no sense a society man or "a man about town," which were, perhaps, some of the reasons she had never met him. But she had unconsciously formed an image of him in her mind. She pictured him tall, slim, cynical; with eye-glasses, and his hands in his pockets; and she did not like him. Gouvernail was slim enough, but he wasn't very tall nor very cynical; neither did he wear eye-glasses nor carry his hands in his pockets. And she rather liked him when he first presented himself.

But why she liked him she could not explain satisfactorily to herself when she partly attempted to do so. She could discover in him none of those brilliant and promising traits which Gaston, her husband, had often assured her that he possessed. On the contrary, he sat rather mute and receptive before her chatty eagerness to make him feel at home and in face of Gaston's frank and wordy hospitality. His manner was as courteous toward her as the

most exacting woman could require; but he made no direct appeal to her approval or even esteem.

Once settled at the plantation he seemed to like to sit upon the wide portico in the shade of one of the big Corinthian pillars, smoking his cigar lazily and listening attentively to Gaston's experience as a sugar planter.

"This is what I call living," he would utter with deep satisfaction, as the air that swept across the sugar field caressed him with its warm and scented velvety touch. It pleased him also to get on familiar terms with the big dogs that came about him, rubbing themselves sociably against his legs. He did not care to fish, and displayed no eagerness to go out and kill *grosbecs* when Gaston proposed doing so.

Gouvernail's personality puzzled Mrs. Baroda, but she liked him. Indeed, he was a lovable, inoffensive fellow. After a few days, when she could understand him no better than at first, she gave over being puzzled and remained piqued. In this mood she left her husband and her guest, for the most part, alone together. Then finding that Gouvernail took no manner of exception to her action, she imposed her society upon him, accompanying him in his idle strolls to the mill and walks along the batture. She persistently sought to penetrate the reserve in which he had unconsciously enveloped himself.

"When is he going – your friend?" she one day asked her husband. "For my part, he tires me frightfully."

"Not for a week yet, dear. I can't understand; he gives you no trouble."

"No. I should like him better if he did; if he were more like others, and I had to plan somewhat for his comfort and enjoyment."

Gaston took his wife's pretty face between his hands and looked tenderly and laughingly into her troubled eyes. They were making a bit of toilet sociably together in Mrs. Baroda's dressing-room.

"You are full of surprises, ma belle," he said to her. "Even I can never count upon how you are going to act under given conditions." He kissed her and turned to fasten his *cravat* before the mirror.

"Here you are," he went on, "taking poor Gouvernail seriously and making a commotion over him, the last thing he would desire or expect."

"Commotion!" she hotly resented. "Nonsense! How can you say such a thing? Commotion, indeed! But, you know, you said he was clever."

"So he is. But the poor fellow is run down by overwork now. That's why I asked him here to take a rest."

“You used to say he was a man of ideas,” she retorted, unconciliated. “I expected him to be interesting, at least. I’m going to the city in the morning to have my spring gowns fitted. Let me know when Mr. Gouvernail is gone; I shall be at my Aunt Octavie’s.”

That night she went and sat alone upon a bench that stood beneath a live oak tree at the edge of the gravel walk.

She had never known her thoughts or her intentions to be so confused. She could gather nothing from them but the feeling of a distinct necessity to quit her home in the morning.

Mrs. Baroda heard footsteps crunching the gravel; but could discern in the darkness only the approaching red point of a lighted cigar. She knew it was Gouvernail, for her husband did not smoke. She hoped to remain unnoticed, but her white gown revealed her to him. He threw away his cigar and seated himself upon the bench beside her; without a suspicion that she might object to his presence.

“Your husband told me to bring this to you, Mrs. Baroda,” he said, handing her a filmy, white scarf with which she sometimes enveloped her head and shoulders. She accepted the scarf from him with a murmur of thanks, and let it lie in her lap.

He made some commonplace observation upon the baneful effect of the night air at that season. Then as his gaze reached out into the darkness, he murmured, half to himself:

“ ‘Night of south winds – night of the large few stars!
Still nodding night –’ ”

She made no reply to this apostrophe to the night, which indeed, was not addressed to her.

Gouvernail was in no sense a diffident man, for he was not a self-conscious one. His periods of reserve were not constitutional, but the result of moods. Sitting there beside Mrs. Baroda, his silence melted for the time.

He talked freely and intimately in a low, hesitating drawl that was not unpleasant to hear. He talked of the old college days when he and Gaston had been a good deal to each other; of the days of keen and blind ambitions and large intentions. Now there was left with him, at least, a philosophic acquiescence to the existing order – only a desire to be permitted to exist,

with now and then a little whiff of genuine life, such as he was breathing now.

Her mind only vaguely grasped what he was saying. Her physical being was for the moment predominant. She was not thinking of his words, only drinking in the tones of his voice. She wanted to reach out her hand in the darkness and touch him with the sensitive tips of her fingers upon the face or the lips. She wanted to draw close to him and whisper against his cheek – she did not care what – as she might have done if she had not been a respectable woman.

The stronger the impulse grew to bring herself near him, the further, in fact, did she draw away from him. As soon as she could do so without an appearance of too great rudeness, she rose and left him there alone.

Before she reached the house, Gouvernail had lighted a fresh cigar and ended his apostrophe to the night.

Mrs. Baroda was greatly tempted that night to tell her husband – who was also her friend – of this folly that had seized her. But she did not yield to the temptation. Beside being a respectable woman she was a very sensible one; and she knew there are some battles in life which a human being must fight alone.

When Gaston arose in the morning, his wife had already departed. She had taken an early morning train to the city. She did not return till Gouvernail was gone from under her roof.

There was some talk of having him back during the summer that followed. That is, Gaston greatly desired it; but this desire yielded to his wife's strenuous opposition.

However, before the year ended, she proposed, wholly from herself, to have Gouvernail visit them again. Her husband was surprised and delighted with the suggestion coming from her.

"I am glad, *chère amie*, to know that you have finally overcome your dislike for him; truly he did not deserve it."

"Oh," she told him, laughingly, after pressing a long, tender kiss upon his lips, "I have overcome everything! you will see. This time I shall be very nice to him."

UMA MULHER DE RESPEITO

"Queria chegar mais perto e sussurrar algo
ao pé do seu ouvido – não interessava o quê."

KATE CHOPIN

A senhora Baroda ficou um tanto perturbada ao saber que seu marido esperava a visita de Gouvernail, seu amigo, à fazenda para ficar por uma ou duas semanas.

Eles já haviam recebido vários amigos durante o inverno e tinham se divertido bastante em New Orleans. Agora que ela ansiava por um período de descanso ininterrupto e de um *tête-a-tête* imperturbável com seu marido, recebia a notícia de que Gouvernail vinha passar uma ou duas semanas.

Ela já tinha ouvido falar muito dele, mas não o conhecia pessoalmente. Ele havia sido colega do seu marido na faculdade. Trabalhava agora como jornalista e definitivamente não era um homem da alta sociedade ou "um homem da cidade". Talvez, por isso, nunca tivesse se encontrado com ele. Porém, sem nenhuma razão especial, imaginava que ele fosse alto, magro, com um ar cínico, usasse óculos e andasse com as mãos no bolso. Essa sua imagem não a agradava nem um pouco. Gouvernail era, de fato, magro, mas não era muito alto nem tão cínico; não usava óculos nem andava com as mãos no bolso. E, na verdade, ela até gostou dele quando o conheceu.

Mas, ao tentar entender por que havia gostado dele, não soube explicar. Não encontrou nele nenhuma das características brilhantes ou promissoras que Gaston, seu marido, dissera que ele tinha. Pelo contrário, ele apenas ficou quieto e contemplativo diante da ansiedade dela em fazê-lo sentir-se em casa e diante da hospitalidade calorosa e sincera de Gaston. A forma como se dirigiu a ela foi tão cortês quanto uma mulher poderia exigir, mas não

fez nenhum esforço para conquistar sua estima, nem dirigiu nenhum agrado ou consideração diretamente a ela.

Uma vez estabelecido na fazenda, ele parecia satisfeito em sentar-se ao pórtico, à sombra de um dos grandes pilares coríntios, e ficar fumando calmamente seu charuto enquanto ouvia Gaston falar da sua experiência com o plantio de açúcar.

– Isso é que é vida – dizia ele com profunda satisfação ao sentir o ar vindo da plantação, acariciando-o com seu toque aveludado morno e perfumado. Outra coisa que o agradava eram os cachorros que vinham enroscar-se em suas pernas. Não se interessava por pesca nem demonstrava nenhum interesse em sair para caçar *grosbecs* quando Gaston propunha.

A personalidade de Gouvernail intrigou a senhora Baroda, mas ela gostou dele. De fato, ele era um sujeito amável e inofensivo. Após alguns dias, ela o conhecia tão pouco quanto no primeiro e passou de intrigada a ofendida. Resolveu, então, deixar seu marido e o convidado a sós na maior parte do tempo. Ao ver que Gouvernail não mudara em nada suas atitudes em relação a ela, decidiu impor a ele sua companhia, acompanhando-o em seus passeios ociosos ao moinho e em suas caminhadas ao longo do Rio Mississippi. Tentou insistentemente penetrar na reclusão em que ele, despropositadamente, havia se colocado.

– Quando é que ele vai embora, o seu amigo? – perguntou ao marido certo dia. – Ele me aborrece profundamente.

– Não faz nem uma semana ainda, querida. Eu não entendo, ele não incomoda você em nada.

– Não. Seria melhor se incomodasse, se fosse mais como os outros, se eu tivesse que pensar em algo para seu conforto e divertimento.

Gaston segurou o belo rosto de sua esposa com as duas mãos e olhou com ternura e afeição para os olhos preocupados dela. Eles estavam se arrumando juntos no quarto de vestir da senhora Baroda.

– Você é cheia de surpresas, *ma belle*, – disse ele – nem eu consigo prever como você vai reagir em certas ocasiões. Ele a beijou e continuou ajeitando sua *cravat* diante do espelho.

– Olhe só para você, – continuou ele – levando a sério o pobre Gouvernail e ficando abalada por causa dele, a última coisa que ele ia querer ou esperar de você.

– Abalada! – ofendeu-se ela. – Que absurdo! Como é que você diz uma coisa dessas? Abalada, sim! Mas... É que você disse que ele era inteligente.

– E ele é. Mas o coitado está cansado de tanto trabalhar. Foi por isso que o convidei para vir para cá descansar um pouco.

– Você dizia que ele era um homem cheio de ideias – ela retrucou inconformada –, eu imaginava que ele fosse ao menos interessante. Amanhã de manhã vou para a cidade mandar ajustar meus vestidos de primavera. Avise-me quando o senhor Gouvernail for embora. Vou estar na minha tia Octavie.

Nessa mesma noite, ela foi sentar-se sozinha em um banco que ficava debaixo de um carvalho, ao final de uma trilha coberta de cascalhos.

Ela nunca tinha estado tão confusa. Não sabia o que pensar nem o que fazer, mas sentia uma forte necessidade de ir embora na manhã seguinte.

A senhora Baroda ouviu estalos no cascalho, mas, naquela escuridão, não conseguiu ver nada a não ser a ponta vermelha de um charuto aceso se aproximando. Sabia que era Gouvernail, já que seu marido não fumava. Não queria ser vista, mas seu vestido branco revelou sua presença ali. Ele jogou o charuto fora e sentou-se ao seu lado, sem imaginar que ela pudesse se opor à sua presença.

– Seu marido pediu que eu trouxesse isso a você, senhora Baroda — disse ele entregando um cachecol fino e branco que ela usava sobre os ombros de vez em quando. Ela o pegou e murmurou um "obrigada", deixando o cachecol sobre as pernas.

Ele falou algo sobre os danos que o ar da noite causa nessa época do ano. Depois, com o olhar fixo na escuridão, murmurou meio que para si mesmo:

> "Noite dos ventos vindos do sul – noite das estrelas grandes e raras!
> Ainda assim noite que me acena –"[1]

Ela não respondeu a essa apóstrofe sobre a noite que, claro, não havia sido dirigida a ela.

Gouvernail definitivamente não era um homem tímido, pois não era inseguro. Seu jeito reservado não era o seu normal, era apenas um estado de espírito momentâneo. Sentado lá, ao lado da senhora Baroda, seu silêncio se rompeu.

Falava lentamente, de um jeito espontâneo e íntimo, tinha a voz baixa e hesitante, agradável de ouvir. Falou dos velhos tempos de faculdade em que

---

[1] Trecho do poema "Canto a mim mesmo", de Walt Whitman, publicado em 1856, na segunda versão de *Folhas de Relva* (n.t).

ele e Gaston eram muito amigos, do tempo das encantadoras e insensatas ambições e dos grandes planos. O que restava agora era uma aquiescência filosófica da ordem existente – apenas a vontade de existir, como uma brisa leve de uma vida sem pretensões, exatamente como ele estava tendo agora.

A senhora Baroda acompanhava vagamente o que ele dizia. Apenas seu corpo estava presente ali. Não prestava atenção nas palavras, apenas embriagava-se com o tom de sua voz. Em meio à escuridão, teve vontade de tocar os lábios e o rosto dele com a ponta delicada de seus dedos. Queria chegar mais perto e sussurrar algo ao pé do seu ouvido – não interessava o quê. É isso que ela provavelmente teria feito se não fosse uma mulher de respeito.

Seu desejo de chegar mais perto cresceu a tal ponto que se viu obrigada a afastar-se dele. Tentando não parecer grosseira, assim que pôde, levantou-se e saiu, deixando-o sozinho.

Antes de ela chegar a casa, Gouvernail já tinha acendido um novo charuto e terminado sua apóstrofe sobre a noite.

Naquela mesma noite, a senhora Baroda pensou em contar ao marido – que era também seu amigo – sobre essa loucura que tinha se apossado dela. Mas se conteve. Além de ser uma mulher de respeito, era sensata o suficiente para saber que é preciso enfrentar algumas batalhas da vida sozinho.

Na manhã seguinte, quando Gaston se levantou, sua mulher já tinha saído. Tinha tomado o primeiro trem da manhã para a cidade. Só retornou depois que Gouvernail já tinha ido embora.

Ela e Gaston chegaram a conversar sobre uma possível visita dele no verão. Quer dizer, Gaston queria muito que ele voltasse, mas seu desejo rendeu-se diante da oposição incisiva de sua esposa.

Porém, antes do final do ano, ela mesma sugeriu convidar Gouvernail para visitá-los novamente. O marido ficou surpreso e feliz de o convite ter vindo dela.

– Fico feliz, *chère amie*, que você finalmente tenha deixado de lado sua antipatia por ele. Ele realmente não merece isso.

– Ah, – disse ela rindo após dar um beijo longo e apertado nele – eu já superei! Você vai ver. Dessa vez vou tratá-lo muito bem.

A ASCENSÃO DO CAPITALISMO

DONALD BARTHELME

O TEXTO: Publicado pela primeira vez na revista *The New Yorker*, em dezembro de 1970, e depois no livro *Sadness*, em 1972, "A ascensão do capitalismo" é um dos muitos hilariantes e enigmáticos contos de Donald Barthelme, em que o protagonista intelectual se propõe à tarefa dificílima de entender a realidade material da sociedade circundante, sem deixar de relatar questões de sua vida pessoal.

Texto traduzido: Barthelme, Donald. "The Rise of Capitalism". In. *The New Yorker*, December 12, 1970, p. 45-46.

O AUTOR: Donald Barthelme (1931-1989) é um dos contistas mais influentes e inovadores da literatura americana. Dono de uma vasta obra, de contos a romances, seus relatos principais foram reunidos no volume Sixty Stories, de 1981. Escreveu para a revista *The New Yorker*, foi repórter do *Houston Post*, diretor do Museu de Arte Contemporânea de Houston e professor de várias universidades.

O TRADUTOR: Breno Kümmel é mestre em literatura brasileira pela UFMG, ficcionista e tradutor de literatura anglófona, interessado em autores como Foster Wallace, William Gass, Barthelme e Delillo.

Contato: brenokummel@gmail.com

The Rise of Capitalism

"What can the concerned citizen do to fight the rise of capitalism, in his own community?"

DONALD BARTHELME

The first thing I did was make a mistake. I thought I had understood capitalism, but what I had done was assume an attitude – melancholy sadness – toward it. This attitude is not correct. Fortunately your letter came, at that instant. "Dear Rupert, I love you every day. You are the world, which is life. I love you I adore you I am crazy about you. Love, Marta." Reading between the lines, I understood your critique of my attitude toward capitalism. Always mindful that the critic must "studiare da un punto di vista formalistico e semiologico il rapporto fra lingua di un testo e codificazione di un – "But here a big thumb smudges the text – the thumb of capitalism, which we are all under. Darkness falls. My neighbor continues to commit suicide, once a fortnight. I have this suicides geared into my schedule because my role is to save him; once I was late and he spent two days unconscious on the floor. But now that I have understood that I have not understood capitalism, perhaps a less equivocal position toward it can be "hammered out." My daughter demands more Mr. Bubble for her bath. The shrimp boats lower their nets. A book called Humorists of the 18th Century is published.

*

Capitalism places every man in competition with his fellows for a share of the available wealth. A few people accumulate big piles, but most do not. The sense of community falls victim to this struggle. Increased abundance

and prosperity are tied to growing "productivity." A hierarchy of functionnaries interposes itself between the people and the leadership. The good of the private corporation is seen as prior to the public good. The world market system tightens control in the capitalist countries and terrorizes the Third World. All things are manipulated to these ends. The King of Jordan sits at his ham radio, inviting strangers to the palace. I visit my assistant mistress. "Well, Azalea," I say, sitting in the best chair, "what has happened to you since my last visit?" Azalea tells me what happened to her. She has covered a sofa, and written a novel. Jack has behaved badly. Roger has lost his job (replaced by an electric eye). Gigi's children are in the hospital being detoxified, all three. Azalea herself is dying of love. I stroke her buttocks, which are perfection, if you can have perfection, under the capitalistic system. "It is better to marry that to burn," St. Paul says, but St. Paul is largely discredited now, for the toughness of his views does not accord with the experience of advanced industrial societies. I smoke a cigar, to disoblige the cat.

*

Meanwhile Marta is getting angry. "Rupert," she says, "you are no better than a damn dawg! A plain dawg has more sensibility than you, when it comes to a woman's heart!" I try to explain that it is not my fault but capitalism's. She will have none of it. "I stand behind the capitalistic system," Martha says. "It has given us everything we have – the streets, the parks, the great avenues and boulevards, the promenades and malls – and other things, too, that I can't think of right now." But what has the market been doing? I scan the list of the fifteen Most Loved Stocks:

Occident Pet	983,100	28 5/8 + 3 ¾
Natomas	912,300	58 3/8 + 18 ½

What chagrin! Why wasn't I into Natomas, as into a fine garment, that will win you social credit when you wear it to the ball? I am not rich again this morning! I put my head between Marta's breasts, to hide my shame.

*

Honoré de Balzac went to the movies. He was watching his favorite flick, The Rise of Capitalism, with Simone Simon and Raymond Radiguet. When he had finished viewing the film, he went out and bought a printing plant, for fifty thousand francs. “Henceforth,” he said, “I will publish myself, in handsome expensive de-luxe editions, cheap editions, and foreign editions, duodecimo, sexdecimo, octodecimo. I will also publish atlases, stamp albums, collected sermons, volumes of sex education, remarks, memoirs, diaries, railroad timetables, daily newspapers, telephone books, racing forms, manifestos, *libretti*, abecedaries, works on acupuncture, and cookbooks.” And then Honoré went out and got drunk, and visited his girlfriend’s house, and, roaring and stomping on the stairs, frightened her husband to death. And the husband was buried, and everyone stood silently around the grave, thinking of where they had been and where they were going, and the last handfuls of wet earth were cast upon the grave, and Honoré was sorry.

*

The Achievements of Capitalism:

(a) The curtain wall
(b) Artificial rain
(c) Rockefeller Center
(d) Casals
(e) Mystification

*

“Capitalism sure is sunny!” cried the unemployed Laredo toolmaker, as I was out walking, in the streets of Laredo. “None of that noxious Central European miserabilism for us!” And indeed, everything I see about me seems to support his position. Laredo is doing very well now, thanks to application of the brilliant principles of the “new capitalism.” Its Gross Laredo Product is up, and its internal contradictions are down. Catfish-farming, a new initiative in the agribusiness sector, has worked wonders. The dram-house and the card-house are each nineteen stories high. “No matter,” Azalea says. “You are still a damn dawg, even if you have ‘unveiled existence.’ “At the Laredo Country Club, men and women are discussing the cathedrals of France, where all of them have just been. Some liked Tours, some Lyon, some Clermont. “A pious fear of God makes itself felt in this spot.”

*

Capitalism arose and took off its pajamas. Another day, another dollar. Each man is valued at what he will bring in the marketplace. Meaning has been drained from work and assigned instead to remuneration. Unemployment obliterates the world of the unemployed individual. Cultural underdevelopment of the worker, as a technique of domination, is found everywhere under late capitalism. Authentic self-domination by individuals is thwarted. The false consciousness created and catered to by mass culture perpetuates ignorance and powerlessness. Strands of raven hair floating on the surface of the Ganges…Why can't they clean up the Ganges? If the wealthy capitalists who operate the Ganges wig factories could be forced to install sieves, at the mouths of their plants… And now the sacred Ganges is choked with hair, and the river no longer knows where to put its flow, and the moonlight on the Ganges is swallowed by the hair, and the water darkens. By Vishnu! This is an intolerable situation! Shouldn't something be done about it?

*

Friends for dinner! The crudités are prepared, green and fresh… The good paper napkins are laid out… Everyone is talking about capitalism (although some people are talking about the psychology of aging, and some about the human use of human beings, and some about the politics of experience). "How con you say that?" Azalea shouts, and Marta shouts, "What about the air?" As a flower moves toward the florist, women move toward men who are not good for them. Self-actualization is not to be achieved in terms of another person, but you don't know that, when you begin. The negation of the negation is based on a correct reading of the wrong books. The imminent heat-death of the universe is not a bad thing, because it is a long way off. Chaos is a position, but a weak one, related to that "unfocusedness" about which I have forgotten to speak. And now the saints come marching in, saint upon saint, to deliver their message! Here are St. Albert (who taught Thomas Aquinas), and St. Almachius (martyred trying to put an end to gladiatorial contests), and St. Amadour (the hermit), and St. Andrew of Crete (whose "Great Kanon" runs to two hundred and fifty strophes), and St. Anthony of the Caves, and St Athanasius the Athonite, and St Aubry of the the Pillar, and many others. "Listen!" the saints say. "He who desires true rest and happiness must raise his hope from things

that perish and pass away and place it in the Word of God, so that, cleaving to that which abides forever, he may also together with it abide forever." Alas! It is the same old message. "Rupert," Martha says, "the embourgeoisment of all classes of men has reached a disgulting nadir in your case. A damn hawg has more sense than you. At least a damn hawg doesn't go in for 'the bullet wrapped in sugar,' as the Chinese say." She is right.

*

Smoke, rain, abulia. What can the concerned citizen do to fight the rise of capitalism, in his own community? Study of the tides of conflict and power in a system in which there is structural inequality is an important task. A knowledge of European intellectual history since 1789 provides a useful background. Information theory offers interesting new possibilities. Passion is helpful, especially those types of passion which are non licit. Doubt is a necessary precondition to meaningful action. Fear is the great mover, in the end.

A ASCENSÃO DO CAPITALISMO

"O que pode fazer o cidadão preocupado para lutar contra a ascensão do capitalismo, em sua própria comunidade?"

DONALD BARTHELME

A primeira coisa que eu fiz foi cometer um erro. Eu pensei que tinha entendido o capitalismo, mas o que eu tinha feito foi assumir uma postura – tristeza melancólica – diante dele. Esta postura não é correta. Felizmente sua carta chegou, naquele instante. "Caro Rupert, eu te amo todos os dias. Você é o mundo, que é vida. Eu te amo e te adoro e sou louca por você. Amor, Marta." Lendo nas entrelinhas, entendi sua crítica à minha postura diante do capitalismo. Sempre consciente de que um crítico deve "*studiare da un punto di vista formalistico e semiologico il rapporto fra lingua di un testo e codificazione di un* –". Mas aqui um grande polegar borra o texto – o polegar do capitalismo, sob o qual todos estamos. A escuridão cai. Meu vizinho continua a cometer suicídio, uma vez a cada quinzena. Eu tenho esses suicídios direcionados para dentro de meus horários porque meu papel é salvá-lo; uma vez eu me atrasei e ele passou dois dias inconsciente no chão. Mas agora que eu entendi que não entendi o capitalismo, talvez uma posição menos equívoca diante dele possa ser "forjada". Minha filha exige mais Sr. Bolhas no banho dela. Os barcos de camarão abaixam suas redes. Um livro chamado Humoristas do século XVIII foi publicado.

*

O capitalismo põe cada homem em competição com seus companheiros por um quinhão da riqueza disponível. Poucas pessoas acumulam grandes pilhas, mas a maioria, não. O senso de comunidade se faz vítima dessa luta.

Abundância crescente e prosperidade estão amarradas à “produtividade” crescente. Uma hierarquia de funcionários se interpõe entre as pessoas e a liderança. O bem da corporação privada é visto como prioridade acima do bem público. O sistema de mercado mundial aperta seu controle nos países capitalistas e aterroriza o Terceiro Mundo. Todas as coisas são manipuladas para esses fins. O Rei da Jordânia senta em seu radioamador, convidando desconhecidos para o seu palácio. Eu visito minha amante assistente. “Bem, Azaleia”, eu digo, sentado na melhor cadeira, “o que lhe aconteceu desde a minha última visita?”. Azaleia me diz o que lhe aconteceu. Ela cobriu um sofá, e escreveu um romance. Jack se comportou mal. Roger perdeu seu emprego (substituído por um olho elétrico). Os filhos de Gigi estão no hospital sendo desintoxicados, todos os três. A própria Azaleia está morrendo de amor. Eu acaricio suas nádegas, que são a perfeição, se for possível a perfeição, sob o sistema capitalista. “É melhor casar do que queimar”, São Paulo diz, mas São Paulo é, em grande parte, desacreditado, uma vez que a dureza de seus pontos de vista não vai de acordo com a experiência das sociedades industriais avançadas. Eu fumo um charuto, para desobrigar o gato.

*

Enquanto isto Marta está ficando com raiva. “Rupert”, ela diz, “você num é melhor do que um maldito cachorro! Um cachorro qualquer tem mais sensibilidade do que você, quando se trata do coração de uma mulher!” Eu tento explicar que não é minha culpa, mas do capitalismo. Ela não quer saber. “Eu dou apoio ao sistema capitalista”, Martha diz “Ele nos deu tudo que nós temos – as ruas, os parques, as grandes avenidas e bulevares, os passeios públicos e shoppings – e outras coisas também, que eu não consigo pensar agora”. Mas como tem andado o mercado? Eu dou uma olhada na lista das quinze Ações Mais Amadas:

Occident Pet	983,100	28 5/8 + 3 ¾
Natomas	912,300	58 3/8 + 18 ½

Que desgosto! Por que eu não entrei em Natomas, como dentro de uma vestimenta fina, que lhe daria crédito social quando você a vestisse em um baile? Eu não estou rico de novo esta manhã! Eu coloco minha cabeça entre os seios de Marta, para esconder minha vergonha.

*

Honoré de Balzac foi ao cinema. Ele estava assistindo a seu filme favorito, A ascensão do Capitalismo, com Simone Simon e Raymond Radiguet. Quando ele terminou de vê-lo, saiu e comprou uma gráfica, por cinquenta mil francos. "Doravante", ele disse "eu mesmo vou me publicar, em belas e caras edições de luxo, edições baratas, e edições estrangeiras, duodécimo, sexdécimo, octodécimo. Eu também publicarei atlas, álbuns de selos, sermões coletados, volumes de educação sexual, observações, memórias, diários, horários de ferrovias, jornais diários, listas telefônicas, formulários de corridas, manifestos, *libretti*, abecedários, obras sobre acupuntura e livros culinários". E então, Honoré saiu e se embebedou, e visitou a casa de sua namorada, e rugindo e pisoteando nas escadas assustou o marido dela até a morte. E o marido foi enterrado, e todos permaneceram silenciosos ao redor da cova, pensando onde eles estavam e aonde estavam indo, e os últimos punhados de terra molhada foram lançados sobre a cova, e Honoré lamentava.

*

As conquistas do capitalismo:

(a) A cortina de Ferro
(b) Chuva artificial
(c) Rockefeller Center
(d) Casals
(e) Mistificação

*

"O capitalismo bem que é ensolarado!", gritou o ferramenteiro desempregado de Laredo, enquanto eu estava andando pelas ruas de Laredo. "Nada daquela miserabilidade nociva do centro da Europa para a gente!". E, de fato, tudo o que via ao meu redor parecia apoiar essa posição. Laredo ia muito bem agora, graças à aplicação de brilhantes princípios do "novo capitalismo". O Produto Bruto de Laredo estava subindo, e suas contradições internas estavam caindo. Criação de bagres, a nova iniciativa do setor do agronegócio, funcionou maravilhosamente. A casa de uísque e a casa de cartas têm dezenove andares cada uma. "Não importa", Azaleia diz "você ainda é um maldito cachorro, mesmo que você tenha 'desvendado a existência'". No Country

Club de Laredo, homens e mulheres estão discutindo as catedrais da França, onde todos recém estiveram. Alguns gostaram de Tours, alguns de Lyon, alguns de Clermont. “Um medo pio de Deus se faz sentir nesse lugar.”

*

O capitalismo surgiu e tirou seus pijamas. Outro dia, outro dólar. Cada homem é valorizado pelo que ele vai trazer para o mercado. O sentido foi drenado do trabalho e atribuído à remuneração, em seu lugar. O desemprego oblitera o mundo do indivíduo desempregado. O subdesenvolvimento cultural do trabalhador, como uma técnica de dominação, é encontrado por toda a parte sob o capitalismo tardio. A autêntica autodominação por indivíduos é frustrada. A falsa consciência criada e servida pela cultura de massa perpetua ignorância e impotência. Fios de cabelo negros flutuando na superfície do Ganges... Por que eles não podem limpar o Ganges? Se os abastados capitalistas que operam nas fábricas de peruca do Ganges pudessem ser forçados a instalar peneiras, nas bocas de suas fábricas... E agora o sagrado Ganges está asfixiado com cabelo, e o rio não sabe mais onde colocar seu fluxo, e o luar no Ganges é engolido pelo cabelo, e a água escurece. Por Vishnu! Esta é uma situação intolerável! Não devia algo ser feito a respeito?

*

Amigos para jantar! Os crudités são preparados, verdes e frescos... Os guardanapos de papel bons são colocados... Todo mundo está falando sobre o capitalismo (embora algumas pessoas estejam falando sobre a psicologia do envelhecimento, e alguns sobre o uso humano de seres humanos, e alguns sobre a política da experiência). “Como você pode falar isso?”, Azaleia grita, e Marta grita, “E o ar?” Como uma flor se move para o florista, mulheres se movem para homens que não são bons para elas. Autorrealização não é para ser conquistada em termos de outra pessoa, mas você não sabe disso, quando você começa. A negação da negação é baseada em uma leitura correta de livros errados. A iminente morte térmica do universo não é uma coisa ruim, porque está muito longe. Caos é uma posição, mas bem fraca, relacionada àquele “desfocalizamento” do qual eu me esqueci de falar. E agora os santos vêm marchando, santo após santo, para entregar sua mensagem! Aqui estão Santo Alberto (que ensinou Tomás de Aquino), Santo Almachio (martirizado ao tentar dar fim às disputas de gladiadores), Santo Amador (o ermitão), Santo André de Creta (cujo “Grande Cânon” alcança duzentas e

cinquenta estrofes), Santo Antonio das Cavernas, Santo Atanásio de Atos, Santo Aubry do Pillar e vários outros. “Ouçam!” os santos dizem. “Aquele que deseja o verdadeiro descanso e felicidade deve fazer com que ascendam suas esperanças de coisas perecíveis e mortais e colocá-las na palavra de Deus, de maneira que, mantendo-se unido àquilo que habita a eternidade, possa também habitá-la.” Ai de mim! É a mesma velha mensagem. “Rupert”, Marta diz “o emburguesamento de todas as classes de homem chegou a um nadir repugnante em seu caso. Um porco maldito tem mais senso que você. Pelo menos um porco maldito não vai direto para o ‘projétil envolto em açúcar’, como diriam os chineses”. Ela tem razão.

*

Fumaça, chuva, abulia. O que pode fazer o cidadão preocupado para lutar contra a ascensão do capitalismo, em sua própria comunidade? Estudar as marés de conflito e poder em um sistema em que existe desigualdade estrutural é uma tarefa importante. O conhecimento da história intelectual europeia desde 1789 fornece um embasamento útil. A teoria da informação oferece novas possibilidades interessantes. A paixão é útil, especialmente aqueles tipos de paixão que são não lícitas. A dúvida é uma precondição necessária para a ação significativa. O medo é o grande movedor, no fim.

ensaios

(n.t.) | Patagônia

No que acredito

E. M. Forster

O texto: Escrito em 1939, às vésperas da entrada da Inglaterra na 2ª Guerra Mundial, este ensaio de E. M. Forster, além de um libelo contra o totalitarismo e a ameaça bélica, pode ser tomado como uma síntese das convicções políticas e intelectuais que acompanharam o autor desde os textos de juventude, tributárias de sua filiação ao que poderíamos denominar humanismo liberal. Após 1914, a experiência da guerra, as transformações do ambiente dos grandes centros urbanos e a eclosão dos sistemas autocráticos colocaram em cheque os valores centrais desse humanismo, tais como a confiança inabalável na razão humana, o ideal de justiça e tolerância, a noção de progresso histórico, etc. Forster será sensível a tais transformações e adotará, em seus escritos, com seu humor peculiar, uma atitude cética, quase trágica, quanto à possibilidade do resgate dos princípios humanistas que o orientaram na juventude – algo que este ensaio ilustra com perfeição.

Texto traduzido: Forster, E. M. "What I Believe" In: *Two Cheers for Democracy*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1951.

O autor: Edward Morgan Forster (1879-1970) é um dos principais romancistas ingleses do século XX. Sua escrita se caracteriza pelo uso de uma fina ironia em frases de sóbria elegância, tendo por alvo a sociedade burguesa de classe média alta da Inglaterra antes da 1ª Guerra Mundial. Formado pelo King's College, fez parte de um grupo de intelectuais, dos quais se destacam John Maynard Keynes e G. E. Moore. Além de romances (cuja escrita abandonou relativamente jovem, com a publicação de *A Passage to India*, de 1824, dedicou-se a outros gêneros literários, como narrativas curtas, ensaios, discursos, biografias, entre outros.

O tradutor: Helvio Moraes é professor de Língua Inglesa e Literatura na Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat. É mestre e doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp. O estudo e a tradução de algumas narrativas curtas e o presente ensaio de E. M. Forster fazem parte do projeto de pesquisa *Homo urbanus: relações entre o homem e a cidade em narrativas do século XX e início do XXI*. É membro do U-Topos – Centro de Pesquisa sobre Utopia, sediado na Unicamp.

What I Believe

"Lord, I disbelieve – help thou my unbelief."

E. M. FORSTER

I do not believe in Belief. But this is an Age of Faith, and there are so many militant creeds that, in self-defence, one has to formulate a creed of one's own. Tolerance, good temper and sympathy are no longer enough in a world which is rent by religious and racial persecution, in a world where ignorance rules, and science, who ought to have ruled, plays the subservient pimp. Tolerance, good temper and sympathy – they are what matter really, and if the human race is not to collapse they must come to the front before long. But for the moment they are not enough, their action is no stronger than a flower, battered beneath a military jackboot. They want stiffening, even if the process coarsens them. Faith, to my mind, is a stiffening process, a sort of mental starch, which ought to be applied as sparingly as possible. I dislike the stuff. I do not believe in it, for its own sake, at all. Herein I probably differ from most people, who believe in Belief, and are only sorry they cannot swallow even more than they do. My law-givers are Erasmus and Montaigne, not Moses and St Paul. My temple stands not upon Mount Moriah but in that Elysian Field where even the immoral are admitted. My motto is: "Lord, I disbelieve – help thou my unbelief".

I have, however, to live in an Age of Faith – the sort of epoch I used to hear praised when I was a boy. It is extremely unpleasant really. It is bloody in every sense of the word. And I have to keep my end up in it. Where do I start?

With personal relationships. Here is something comparatively solid in a world full of violence and cruelty. Not absolutely solid, for Psychology has split and shattered the idea of a "Person", and has shown that there is

something incalculable in each of us, which may at any moment rise to the surface and destroy our normal balance. We don't know what we are like. We can't know what other people are like. How, then, can we put any trust in personal relationships, or cling to them in the gathering political storm? In theory we cannot. But in practice we can and do. Though A is not unchangeably A, or B unchangeably B, there can still be love and loyalty between the two. For the purpose of living one has to assume that the personality is solid, and the "self" is an entity, and to ignore all contrary evidence. And since to ignore evidence is one of the characteristics of faith, I certainly can proclaim that I believe in personal relationships.

Starting from them, I get a little order into the contemporary chaos. One must be fond of people and trust them if one is not to make a mess of life, and it is therefore essential that they should not let one down. They often do. The moral of which is that I must, myself, be as reliable as possible, and this I try to be. But reliability is not a matter of contract – that is the main difference between the world of personal relationships and the world of business relationships. It is a matter for the heart, which signs no documents. In other words, reliability is impossible unless there is a natural warmth. Most men possess this warmth, though they often have bad luck and get chilled. Most of them, even when they are politicians, want to keep faith. And one can, at all events, show one's own little light here, one's own poor little trembling flame, with the knowledge that it is not the only light that is shining in the darkness, and not the only one which the darkness does not comprehend. Personal relations are despised today. They are regarded as bourgeois luxuries, as products of a time of fair weather which is now past, and we are urged to get rid of them, and to dedicate ourselves to some movement or cause instead. I hate the idea of causes, and if I had to choose between betraying my country and betraying my friend I hope I should have the guts to betray my country. Such a choice may scandalize the modern reader, and he may stretch out his patriotic hand to the telephone at once and ring up the police. It would not have shocked Dante, though. Dante places Brutus and Cassius in the lowest circle of Hell because they had chosen to betray their friend Julius Caesar rather than their country Rome. Probably one will not be asked to make such an agonizing choice. Still, there lies at the back of every creed something terrible and hard for which the worshipper may one day be required to suffer, and there is even a terror and a hardness in this creed of personal relationships, urbane and mild though it sounds. Love and loyalty to an individual can run counter to the claims of

the State. When they do – down with the State, say I, which means that the State would down me.

This brings me along to Democracy, "Even love, the beloved Republic, that feeds upon freedom and lives". Democracy is not a beloved Republic really, and never will be. But it is less hateful than other contemporary forms of government, and to that extent it deserves our support. It does start from the assumption that the individual is important, and that all types are needed to make a civilization. It does not divide its citizens into the bossers and the bossed – as an efficiency – regime tends to do. The people I admire most are those who are sensitive and want to create something or discover something, and do not see life in terms of power, and such people get more of a chance under a democracy than elsewhere. They found religions, great or small, or they produce literature and art, or they do disinterested scientific research, or they may be what is called "ordinary people", who are creative in their private lives, bring up their children decently, for instance, or help their neighbours. All these people need to express themselves; they cannot do so unless society allows them liberty to do so, and the society which allows them most liberty is a democracy.

Democracy has another merit. It allows criticism, and if there is not public criticism there are bound to be hushed-up scandals. That is why I believe in the press, despite all its lies and vulgarity, and why I believe in Parliament. Parliament is often sneered at because it is a Talking Shop. I believe in it because it is a talking shop. I believe in the Private Member who makes himself a nuisance. He gets snubbed and is told that he is cranky or ill-informed, but he does expose abuses which would otherwise never have been mentioned, and very often an abuse gets put right just by being mentioned. Occasionally, too, a well-meaning public official starts losing his head in the cause of efficiency, and thinks himself God Almighty. Such officials are particularly frequent in the Home Office. Well, there will be questions about them in Parliament sooner or later, and then they will have to mind their steps. Whether Parliament is either a representative body or an efficient one is questionable, but I value it because it criticizes and talks, and because its chatter gets widely reported.

So two cheers for Democracy: one because it admits variety and two because it permits criticism. Two cheers are quite enough: there is no occasion to give three. Only Love the Beloved Republic deserves that.

What about Force, though? While we are trying to be sensitive and advanced and affectionate and tolerant, an unpleasant question pops up: does

not all society rest upon force? If a government cannot count upon the police and the army, how can it hope to rule? And if an individual gets knocked on the head or sent to a labour camp, of what significance are his opinions?

This dilemma does not worry me as much as it does some. I realize that all society rests upon force. But all the great creative actions, all the decent human relations, occur during the intervals when force has not managed to come to the front. These intervals are what matter. I want them to be as frequent and as lengthy as possible, and I call them "civilization". Some people idealize force and pull it into the foreground and worship it, instead of keeping it in the background as long as possible. I think they make a mistake, and I think that their opposites, the mystics, err even more when they declare that force does not exist. I believe that it exists, and that one of our jobs is to prevent it from getting out of its box. It gets out sooner or later, and then it destroys us and all the lovely things which we have made. But it is not out all the time, for the fortunate reason that the strong are so stupid. Consider their conduct for a moment in The Nibelung's Ring. The giants there have the guns, or in other words the gold; but they do nothing with it, they do not realize that they are all-powerful, with the result that the catastrophe is delayed and the castle of Valhalla, insecure but glorious, fronts the storms. Fafnir, coiled round his hoard, grumbles and grunts; we can hear him under Europe today; the leaves of the wood already tremble, and the Bird calls its warnings uselessly. Fafnir will destroy us, but by a blessed dispensation he is stupid and slow, and creation goes on just outside the poisonous blast of his breath. The Nietzschean would hurry the monster up, the mystic would say he did not exist, but Wotan, wiser than either, hastens to create warriors before doom declares itself. The Valkyries are symbols not only of courage but of intelligence; they represent the human spirit snatching its opportunity while the going is good, and one of them even finds time to love. Bruennhilde's last song hymns the recurrence of love, and since it is the privilege of art to exaggerate she goes even further, and proclaims the love which is eternally triumphant, and feeds upon freedom and lives.

So that is what I feel about force and violence. It is, alas! The ultimate reality on this earth, but it does not always get to the front. Some people call its absences "decadence"; I call them "civilization" and find in such interludes the chief justification for the human experiment. I look the other way until fate strikes me. Whether this is due to courage or to cowardice in my own case I cannot be sure. But I know that, if men had not looked the

other way in the past, nothing of any value would survive. The people I respect most behave as if they were immortal and as if society was eternal. Both assumptions are false: both of them must be accepted as true if we are to go on eating and working and loving, and are to keep open a few breathing-holes for the human spirit. No millennium seems likely to descend upon humanity; no better and stronger League of Nations will be instituted; no form of Christianity and no alternative to Christianity will bring peace to the world or integrity to the individual; no "change of heart" will occur. And yet we need not despair, indeed, we cannot despair; the evidence of history shows us that men have always insisted on behaving creatively under the shadow of the sword; that they have done their artistic and scientific and domestic stuff for the sake of doing it, and that we had better follow their example under the shadow of the aeroplanes. Others, with more vision or courage than myself, see the salvation of humanity ahead, and will dismiss my conception of civilization as paltry, a sort of tip-and-run game. Certainly it is presumptuous to say that we cannot improve, and that Man, who has only been in power for a few thousand years, will never learn to make use of his power. All I mean is that, if people continue to kill one another as they do, the world cannot get better than it is, and that, since there are more people than formerly, and their means for destroying one another superior, the world may well get worse. What is good in people - and consequently in the world – is their insistence on creation, their belief in friendship and loyalty for their own sakes; and, though Violence remains and is, indeed, the major partner in this muddled establishment, I believe that creativeness remains too, and will always assume direction when violence sleeps. So, though I am not an optimist, I cannot agree with Sophocles that it were better never to have been born. And although, like Horace, I see no evidence that each batch of births is superior to the last, I leave the field open for the more complacent view. This is such a difficult moment to live in, one cannot help getting gloomy and also a bit rattled, and perhaps short-sighted.

In search of a refuge, we may perhaps turn to hero-worship. But here we shall get no help, in my opinion. Hero-worship is a dangerous vice, and one of the minor merits of a democracy is that it does not encourage it, or produce that unmanageable type of citizen known as the Great Man. It produces instead different kinds of small men – a much finer achievement. But people who cannot get interested in the variety of life, and cannot make up their own minds, get discontented over this, and they long for a hero to bow down before and to follow blindly. It is significant that a hero is an

integral part of the authoritarian stock-in-trade today. An efficiency-regime cannot be run without a few heroes stuck about it to carry off the dullness – much as plums have to be put into a bad pudding to make it palatable. One hero at the top and a smaller one each side of him is a favourite arrangement, and the timid and the bored are comforted by the trinity, and, bowing down, feel exalted and strengthened.

No, I distrust Great Men. They produce a desert of uniformity around them and often a pool of blood too, and I always feel a little man's pleasure when they come a cropper. Every now and then one reads in the newspapers some such statement as: "The *coup d'état* appears to have failed, and Admiral Toma's whereabouts is at present unknown." Admiral Toma had probably every qualification for being a Great Man – an iron will, personal magnetism, dash, flair, sexlessness – but fate was against him, so he retires to unknown whereabouts instead of parading history with his peers. He fails with a completeness which no artist and no lover can experience, because with them the process of creation is itself an achievement, whereas with him the only possible achievement is success.

I believe in aristocracy, though – if that is the right word, and if a democrat may use it. Not an aristocracy of power, based upon rank and influence, but an aristocracy of the sensitive, the considerate and the plucky. Its members are to be found in all nations and classes, and all through the ages, and there is a secret understanding between them when they meet. They represent the true human tradition, the one permanent victory of our queer race over cruelty and chaos. Thousands of them perish in obscurity, a few are great names. They are sensitive for others as well as for themselves, they are considerate without being fussy, their pluck is not swankiness but the power to endure, and they can take a joke. I give no examples – it is risky to do that – but the reader may as well consider whether this is the type of person he would like to meet and to be, and whether (going further with me) he would prefer that this type should not be an ascetic one. I am against asceticism myself. I am with the old Scotsman who wanted less chastity and more delicacy. I do not feel that my aristocrats are a real aristocracy if they thwart their bodies, since bodies are the instruments through which we register and enjoy the world. Still, I do not insist. This is not a major point. It is clearly possible to be sensitive, considerate and plucky and yet be an ascetic too, and if anyone possesses the first three qualities I will let him in! On they go – an invincible army, yet not a victorious one. The aristocrats, the elect, the chosen, the Best People – all the words that describe them are false, and all attempts to organize them fail. Again and again

Authority, seeing their value, has tried to net them and to utilize them as the Egyptian Priesthood or the Christian Church or the Chinese Civil Service or the Group Movement, or some other worthy stunt. But they slip through the net and are gone; when the door is shut, they are no longer in the room; their temple, as one of them remarked, is the holiness of the Heart's affections, and their kingdom, though they never possess it, is the wide-open world.

With this type of person knocking about, and constantly crossing one's path if one has eyes to see or hands to feel, the experiment of earthly life cannot be dismissed as a failure. But it may well be hailed as a tragedy, the tragedy being that no device has been found by which these private decencies can be transmitted to public affairs. As soon as people have power they go crooked and sometimes dotty as well, because the possession of power lifts them into a region where normal honesty never pays. For instance, the man who is selling newspapers outside the Houses of Parliament can safely leave his papers to go for a drink, and his cap beside them: anyone who takes a paper is sure to drop a copper into the cap. But the men who are inside the Houses of Parliament – they cannot trust one another like that, still less can the Government they compose trust other governments. No caps upon the pavement here, but suspicion, treachery and armaments. The more highly public life is organized the lower does its morality sink; the nations of today behave to each other worse than they ever did in the past, they cheat, rob, bully and bluff, make war without notice, and kill as many women and children as possible; whereas primitive tribes were at all events restrained by taboos. It is a humiliating outlook – though the greater the darkness, the brighter shine the little lights, reassuring one another, signalling: "Well, at all events, I 'm still here. I don't like it very much, but how are you?" Unquenchable lights of my aristocracy! Signals of the invincible army! "Come along – anyway, let's have a good time while we can." I think they signal that too.

The Saviour of the future – if ever he comes – will not preach a new Gospel. He will merely utilize my aristocracy, he will make effective the goodwill and the good temper which are already existing. In other words, he will introduce a new technique. In economics, we are told that if there was a new technique of distribution there need be no poverty, and people would not starve in one place while crops were being ploughed under in another. A similar change is needed in the sphere of morals and politics. The desire for it is by no means new; it was expressed, for example, in theological terms by Jacopone da Todi over six hundred years ago. "Ordena questo amore, tu che

m'ami," he said; "O thou who lovest me set this love in order." His prayer was not granted, and I do not myself believe that it ever will be, but here, and not through a change of heart, is our probable route. Not by becoming better, but by ordering and distributing his native goodness, will Man shut up Force into its box, and so gain time to explore the universe and to set his mark upon it worthily. At present he only explores it at odd moments, when Force is looking the other way, and his divine creativeness appears as a trivial by-product, to be scrapped as soon as the drums beat and the bombers hum.

Such a change, claim the orthodox, can only be made by Christianity, and will be made by it in God's good time: man always has failed and always will fail to organize his own goodness, and it is presumptuous of him to try. This claim – solemn as it is – leaves me cold. I cannot believe that Christianity will ever cope with the present worldwide mess, and I think that such influence as it retains in modern society is due to the money behind it, rather than to its spiritual appeal. It was a spiritual force once, but the indwelling spirit will have to be restated if it is to calm the waters again, and probably restated in a non-Christian form. Naturally a lot of people, and people who are not only good but able and intelligent, will disagree here; they will vehemently deny that Christianity has failed, or they will argue that its failure proceeds from the wickedness of men, and really proves its ultimate success. They have Faith, with a large F. My faith has a very small one, and I only intrude it because these are strenuous and serious days, and one likes to say what one thinks while speech is comparatively free: it may not be free much longer.

The above are the reflections of an individualist and a liberal who has found liberalism crumbling beneath him and at first felt ashamed. Then, looking around, he decided there was no special reason for shame, since other people, whatever they felt, were equally insecure. And as for individualism – there seems no way of getting off this, even if one wanted to. The dictator-hero can grind down his citizens till they are all alike, but he cannot melt them into a single man. That is beyond his power. He can order them to merge, he can incite them to mass-antics, but they are obliged to be born separately, and to die separately, and, owing to these unavoidable termini, will always be running off the totalitarian rails. The memory of birth and the expectation of death always lurk within the human being, making him separate from his fellows and consequently capable of intercourse with them. Naked I came into the world, naked I shall go out of it! And a very good thing too, for it reminds me that I am naked under my shirt, whatever its colour.

NO QUE ACREDITO

"Senhor, eu não creio – ajudai-me em minha descrença."

E. M. FORSTER

Não acredito na Crença. Mas essa é uma época de fé, e há tantos credos militantes, que somos obrigados, cada um de nós, por autodefesa, a formular seu próprio credo. Tolerância, boa disposição e compreensão não são suficientes em um mundo lacerado por perseguições religiosas e raciais, um mundo em que a ignorância governa, e a ciência, que deveria governar, representa o papel de cafetina subserviente. Tolerância, boa disposição e compreensão – é o que, de fato, interessa, e devem tomar a frente o quanto antes, se quisermos evitar que a raça humana entre em colapso. Mas, atualmente, não são suficientes, sua ação não tem mais força do que a de uma flor pisoteada por um coturno[1] militar. Carecem de enrijecimento, ainda que o processo as embruteça. A fé, a meu ver, é um processo de enrijecimento, uma espécie de goma mental que deve ser aplicada o mais parcimoniosamente possível. Não gosto dessa joça. Não acredito nisso, por si só, de modo algum. Nesse ponto, provavelmente me diferencio da maioria das pessoas que acreditam na Crença e lamentam somente não poder engolir ainda mais do que já engolem. Meus legisladores são Erasmo e Montaigne, não Moisés e São Paulo. Meu templo ergue-se não sobre o Monte Moriá, mas naqueles Campos Elísios, onde até mesmo os imorais são admitidos. Meu lema é: "Senhor, eu não creio – ajudai-me em minha descrença".

Contudo, sou obrigado a viver numa Época de Fé – o tipo de época sobre o qual costumava ouvir louvores na infância. É, de fato, extremamente desa-

[1] No original, "jack-boot". Pode ter, também, a acepção de "ditadura". (n.t.)

gradável. É uma droga[2], em todos os sentidos da palavra. Contudo, tenho que cumprir com minha parte. Por onde começo?

Pelas relações pessoais. Eis aqui algo relativamente sólido em um mundo cheio de violência e crueldade. Não absolutamente sólido, pois a psicologia rompeu e abalou a ideia de "Pessoa", demonstrando que, em cada um de nós, há algo de imponderável, que a qualquer momento pode emergir e destruir nosso equilíbrio normal. Não sabemos como somos. Não podemos saber como os outros são. Portanto, como podemos confiar nas relações pessoais – ou nos apegarmos a elas –, enquanto a tempestade política vai se formando? Em teoria, não podemos. Mas, na prática, sim, e é o que fazemos. Embora fulano não seja sempre o mesmo, e beltrano tampouco o seja, ainda pode haver amor e lealdade entre ambos. Para se viver, é preciso assumir que a personalidade é sólida e que o "eu" é uma entidade, ignorando toda evidência do contrário. E já que uma das características da fé consiste em ignorar evidências, posso proclamar, por certo, que acredito nas relações pessoais.

Partindo delas, percebo um pouco de ordem no caos contemporâneo. Devemos querer bem às pessoas, ter confiança nelas, para que a vida se torne algo menos confuso. Sendo assim, é essencial que elas nãos nos decepcionem, como amiúde o fazem. A moral disso é que eu mesmo devo ser o mais confiável possível. E isso eu tento ser. Mas a confiança não é uma questão de contrato – esta é a principal diferença entre o mundo das relações pessoais e o mundo dos negócios. É um assunto do coração, que não assina documentos. Em outras palavras, a confiança é algo impossível, a menos que haja uma cordialidade natural. A maior parte dos homens possui essa cordialidade[3], embora, com frequência, eles tenham o infortúnio de tornarem-se frios. A maior parte deles, até mesmo os políticos, *deseja* manter a fé. Seja como for, cada um pode revelar sua própria luz, sua chama frágil e tremeluzente, com a certeza de que ela não é a única que brilha na escuridão, tampouco a única que a escuridão não compreende. As relações pessoais são menosprezadas atualmente. São consideradas artigos de luxo burgueses, produtos de uma época de bonança que já se foi, e somos encorajados a livrarnos delas e, em seu lugar, a dedicar-nos a algum movimento ou alguma causa. Tenho aversão à ideia de causa e, se tivesse que escolher entre trair meu país ou trair meu amigo, desejaria ter a coragem de trair meu país. Tal escolha pode escandalizar o leitor moderno, que é capaz de estender imedia-tamente sua mão patriótica ao telefone e ligar para a polícia. Contudo, não teria

[2] No original, "bloody". Não há um termo na língua portuguesa que possa traduzir mais fielmente o original, cujas acepções podem também ser "sangrento", "maldito", "imundo". (n.t.)
[3] Noção de uma bondade inata do homem, fruto do humanismo liberal do autor. (n.t.)

escandalizado Dante, que colocou Brutus e Cássio no círculo mais baixo do Inferno, porque haviam decidido trair seu amigo, Júlio César, em vez de trair Roma. Provavelmente, ninguém será instado a fazer uma escolha tão dolorosa. Ainda assim, por trás de todo credo esconde-se algo terrível e inflexível, em cujo nome o devoto pode ser obrigado a sofrer. Há também um terror e uma inflexibilidade nesse credo das relações pessoais, ainda que soe brando e cortês. O amor e a lealdade a um indivíduo podem ir de encontro às pretensões do Estado. Quando isso acontece – abaixo o Estado, digo eu, o que significa que sou eu a pessoa a quem o Estado poria abaixo.

Isso me leva à Democracia, "amor equânime, Amada República, que se alimenta da Liberdade e vive"[4]. Na verdade, a Democracia não é e jamais será uma Amada República. Mas é menos detestável do que outras formas contemporâneas de governo e, nesse sentido, merece nosso apoio. Ela parte do pressuposto de que o indivíduo é importante, e suas várias formas são necessárias para se criar uma civilização. Ela não divide os cidadãos entre mandantes e mandados, como um regime de eficiência tende a ser. As pessoas que mais admiro são aquelas que possuem sensibilidade, querem criar ou descobrir algo e não veem a vida em termos de poder. Tais pessoas têm mais chances em uma democracia do que em qualquer outra forma de governo. Fundam religiões, grandes ou pequenas, produzem arte e literatura, desenvolvem pesquisas científicas de forma imparcial, ou podem ser o que se denomina por "pessoas comuns", criativas em suas vidas privadas, criando seus filhos com decência, por exemplo, ou ajudando o seu semelhante. Todas essas pessoas sentem a necessidade de se expressar, mas não podem fazê-lo, a menos que a sociedade lhes conceda liberdade para tal, e a sociedade que lhes concede mais liberdade é a democrática.

A Democracia tem outro mérito: permite a crítica. Caso não haja a crítica pública, é provável que escândalos sejam silenciados. É por isso que eu acredito na imprensa, apesar de todas as suas mentiras e vulgaridade, e é por isso que eu acredito no Parlamento. Frequentemente, o Parlamento é desdenhado, porque é um palavreado de feira. Eu acredito no Parlamento *justamente porque* é um palavreado de feira. Acredito no Membro do Parlamento que faz de si mesmo uma pessoa enfadonha. Os outros o repreendem e acusam-no de ser mal-humorado e mal informado. Contudo, ele expõe abusos que, de outra forma, jamais seriam mencionados, e muito frequentemente um abuso é corrigido somente por ter sido mencionado. Eventualmente, um oficial público bem intencionado começa a perder sua cabeça pela causa da

[4] Verso extraído do poema *Hertha*, do poeta vitoriano Algernon Charles Swinburne: "*even Love, the Beloved Republic, that feeds upon Freedom and lives*". (n.t.)

eficiência e se crê Deus Todo Poderoso. Tais oficiais são particularmente comuns no Ministério do Interior. Bem, sobre eles, mais cedo ou mais tarde, haverá contestações no Parlamento e, consequentemente, terão que agir com mais cuidado. É de se perguntar se o Parlamento é um corpo representativo ou um corpo eficiente, mas o valorizo porque ele critica e fala, e porque seu falatório é amplamente divulgado.

Portanto, dois vivas à Democracia: um, porque ela admite a variedade e, dois, porque permite a crítica. Dois vivas são suficientes, não há motivo para dar um terceiro. Apenas o Amor, a Amada República, o merece.

Entretanto, o que dizer da Força? Enquanto buscamos ser sensíveis e avançados, afetuosos e tolerantes, uma questão desagradável se coloca: não é sobre a força que toda a sociedade se apoia? Se um governo não pode contar com a polícia ou com o exército, como espera governar? E se um indivíduo é vítima de violência[5] ou é enviado a um campo de trabalhos forçados, qual o sentido de suas opiniões?

Esse dilema não me preocupa tanto quanto a outras pessoas. Eu compreendo que toda a sociedade se apoia sobre a força. Mas toda grande ação criativa e toda relação humana decente ocorrem durante os intervalos em que a força não consegue tomar a frente. O que importa são tais intervalos. Quero que sejam tão frequentes e duradouros quanto possível, e a eles dou o nome de "civilização." Algumas pessoas idealizam a força. Colocam-na em primeiro plano e a adoram em vez de mantê-la a distância pelo tempo que puderem. Creio que cometem um erro, e creio também que seus oponentes, os místicos, erram ainda mais quando declaram que a força não existe. Creio que exista, e que um de nossos deveres é impedir que saia de sua caixa. Mais cedo ou mais tarde, ela sai e, então, destrói a nós mesmos e a tudo o que fizemos de belo. Contudo, não está fora o tempo todo, pelo feliz motivo de que os fortes são por demais estúpidos. Considerem, por um momento, a conduta dos fortes no *Anel do Nibelungo*[6]. Lá, os gigantes têm as armas, ou, em outras palavras, o ouro, mas não fazem nada com isso, não percebem que são todo-poderosos, o que faz com que a catástrofe seja protelada e o castelo de Valhala, inseguro, mas glorioso, possa fazer frente às tempestades. Fafner, contorcendo-se sobre seu tesouro, grunhe e ronqueja; podemos ouvi-lo sob a Europa hoje. No bosque, as folhas já tremem, e o Pássaro inutilmente canta uma advertência. Fafner nos destruirá, mas por um desígnio divino ele é

---

[5] No original, "*gets knocked on the head*". A expressão também admite o sentido de "ser impedido de levar adiante um plano, um trabalho, etc.". Acredito que as duas acepções são cabíveis aqui. Como, porém, Forster está falando sobre o uso da Força, optei pela ideia de violência ao cidadão. (n.t.)

[6] Célebre tetralogia operística de Wagner. (n.t.)

estúpido e lento, e a criação prossegue para longe do alcance do sopro de seu alento venenoso. Um nietzschiano incitaria o monstro, o místico diria que ele não existe, mas Wotan, mais sábio que ambos, apressa-se em criar guerreiros antes que a destruição total se declare. As Valquírias são símbolos não somente de coragem, mas de inteligência; representam o espírito humano que aproveita sua oportunidade enquanto tudo vai bem, e uma delas até consegue encontrar tempo para amar. A última canção de Brunhilde entoa o amor que renasce e, visto que exagerar é um privilégio da arte, ela vai além e proclama o amor eternamente triunfante, que se alimenta da liberdade e vive.

Portanto, isso é o que penso da força e da violência. São (que infortúnio!) a realidade última nesta terra, porém, nem sempre estão à frente. Alguns denominam "decadência" aos períodos em que se faz ausente; eu os denomino "civilização" e encontro em tais interlúdios a principal justificativa da experiência humana. Desvio meu olhar para o outro lado até que o destino me golpeie. Não posso ter certeza se isso se deve, no meu caso em particular, à coragem ou à covardia. Porém, sei que, no passado, se os homens não tivessem desviado seus olhares para o outro lado, nada de valor sobreviveria. As pessoas que eu mais respeito agem como se fossem imortais e como se a sociedade fosse eterna. Ambas as suposições são falsas: precisamos aceitá-las como verdadeiras, se quisermos seguir comendo, trabalhando e amando, e se quisermos também abrir alguns respiradouros para o espírito humano. Não parece provável que o milênio desça sobre a humanidade; não será instituída uma Liga das Nações melhor e mais forte; nenhuma forma de cristianismo e nenhuma alternativa a ele trará paz ao mundo ou integridade ao indivíduo; nenhuma transformação de conduta acontecerá. Ainda assim, não precisamos nos desesperar. De fato, não podemos nos desesperar; a evidência da história nos mostra que os homens sempre insistiram em agir de forma criativa sob a sombra da espada; que sempre realizaram seus feitos artísticos, científicos e domésticos pelo prazer em si de fazê-los, e seria melhor seguirmos seu exemplo sob a sombra dos aviões. Outros, com mais visão ou coragem do que eu, veem a salvação da humanidade no futuro, e rejeitarão meu conceito de civilização como algo irrisório, um tipo de jogo de evasão. É certamente presunçoso dizer que não podemos nos aperfeiçoar, e que o Homem, que tem estado no poder há não mais que poucos milhares de anos, jamais aprenderá a fazer uso de sua força. Mas o que quero dizer é que se as pessoas continuarem a matar umas as outras como fazem agora, o mundo não pode tornar-se melhor do que é e, uma vez que há mais pessoas do que antigamente, e sendo superiores os meios pelos quais se destroem recipro-

camente, é bem capaz que o mundo se torne pior. O que é bom nas pessoas – e, consequentemente, no mundo – é sua insistência na criação, sua fé na amizade e na lealdade por si mesmas; e, ainda que a Violência se mantenha e seja, de fato, o sócio principal nesse negócio confuso, eu creio que a criatividade também se mantenha e sempre assumirá a direção quando a violência adormecer. Portanto, ainda que não seja um otimista, não posso concordar com Sófocles, quando afirma que seria melhor nunca ter nascido. E ainda que, como Horácio, eu não perceba evidência alguma de que cada punhado de nascimentos seja superior ao que o precedera, deixo o campo aberto para o ponto de vista mais complacente. Este é um momento tão difícil para se viver, ninguém consegue evitar a sensação de melancolia, de certo aturdimento e, talvez, miopia.

Em busca de um refúgio, talvez possamos nos voltar ao culto do herói. Mas, em minha opinião, isso de nada nos valerá. O culto do herói é um vício perigoso, e um dos méritos secundários de uma democracia é o fato de não encorajá-lo, ou de não produzir aquele tipo intratável de cidadão conhecido como o Grande Homem. Pelo contrário, ela produz diferentes tipos de pequenos homens – um feito muito mais nobre. Mas aqueles que são incapazes de interessar-se pelas diversas formas de vida e que não conseguem optar por uma, descontentam-se com isso e anseiam por um herói diante a quem curvar-se e a quem cegamente seguir. Convém que o herói seja, atualmente, uma parte constitutiva do estoque de argumentações a favor do autoritarismo. Um regime de eficiência não pode dispensar certos heróis que a ele se prendem a fim de eliminar a insipidez – assim como as ameixas que se colocam em um pudim malfeito para que se torne palatável. Um herói no topo, um menor à sua direita e outro à sua esquerda: uma combinação admirável. Os tímidos e os aborrecidos são confortados por tal trindade e, curvando-se, sentem-se exaltados e fortalecidos.

Não, eu desconfio dos Grandes Homens. Eles criam um deserto de uniformidade a seu redor e quase sempre um lodaçal de sangue também. Sinto sempre um prazer de pequeno homem quando desabam. Às vezes lemos nos jornais algumas afirmações tais como: "O golpe de estado parece ter fracassado e não se sabe, até o momento, do paradeiro do almirante X". Provavelmente, o almirante X tinha todas as qualidades para ser um Grande Homem – uma vontade de ferro, magnetismo pessoal, ímpeto, atitude, assexualidade –, mas tinha o destino contra si, o que o faz retirar-se para um lugar desconhecido em vez de desfilar pela história com seus iguais. Ele fracassa de modo cabal, algo que nenhum artista ou amante pode expe-

rimentar, porque, para estes, o processo de criação é, em si mesmo, uma realização, enquanto que, para aquele, a única realização possível é o êxito.

No entanto, acredito na aristocracia – se é este mesmo o termo exato e se um democrata puder usá-lo. Não em uma aristocracia do poder, baseada na posição social e na influência, mas em uma aristocracia dos sensíveis, solícitos e resolutos. Seus membros encontram-se em todas as nações e classes, por todas as épocas, e compreendem-se mútua e secretamente quando se encontram. Representam a verdadeira tradição humana, a única vitória permanente de nossa estranha raça sobre a crueldade e o caos. Milhares deles morrem na obscuridade, poucos são grandes nomes. São sensíveis em relação aos outros tanto quanto consigo mesmos, são solícitos sem ser afetados, sua determinação não consiste em ostentação, mas em poder de resistência e, por fim, também aceitam uma troça. Não ofereço exemplos – é arriscado fazê-lo –, mas o leitor pode muito bem considerar se este é o tipo de pessoa que ele gostaria de conhecer e ser, e se não preferiria (seguindo comigo um pouco além) que tal tipo *não* fosse ascético. Eu mesmo sou contra o ascetismo. Estou com o velho escocês[7] que queria menos castidade e mais delicadeza. Não sinto que meus aristocratas formem uma verdadeira aristocracia se inibirem seus corpos, uma vez que os corpos são os instrumentos pelos quais registramos e desfrutamos o mundo. Mas sobre isso não insisto. Não se trata de um ponto central. É claramente possível ser sensível, solícito e determinado e, ainda assim, ser asceta também. Se uma pessoa possui as três primeiras qualidades, permito seu ingresso! Assim, seguem com obstinação – um exército invencível, ainda que não vitorioso. Os aristocratas, os eleitos, os escolhidos, os Melhores – todas as palavras que os descrevem são falsas, e fracassam todas as tentativas de organizá-los. Repetidas vezes a Autoridade, percebendo seu valor, tentou envolvê-los em uma rede e utilizá-los, como aconteceu com o sacerdócio egípcio, com a igreja cristã, com o serviço civil chinês, com o Grupo de Oxford[8], ou qualquer outro respeitável ardil. Contudo, eles escapam através da rede e se vão. Quando a porta se fecha, já não estão mais na sala. Seu templo, como um deles observou, é a Santidade de um Coração Afetuoso[9], e seu reino, embora nunca o possuam, é o mundo inteiro.

Com esse tipo humano vagando por aí e constantemente cruzando o caminho de quem tem olhos para ver ou mãos para sentir, o experimento da

---

[7] David Hume. (n.t.)

[8] Movimento religioso surgido em 1621, que pregava, essencialmente, o retorno a um tipo de cristianismo primitivo. (n.t.)

[9] No original "*Holiness of the Heart's Affection*". Referência a uma frase de Keats, extraída de uma carta que escreve em 22 de novembro de 1817 a Benjamin Bailey. (n.t.)

vida terrena não pode ser descartado como um fracasso, mas pode bem ser saudado como uma tragédia, consistindo tal tragédia no fato de que jamais foi encontrado artifício algum pelo qual tais virtudes particulares possam ser transmitidas às relações públicas. Tão logo as pessoas adquirem poder, tornam-se desonestas e, não raro, imbecis, pois a posse do poder alça-as a um ponto em que a honestidade normal não compensa. Por exemplo, o jornaleiro que trabalha nas proximidades do Parlamento pode, com segurança, sair para beber algo, deixando seu gorro ao lado dos jornais: qualquer um que levar um jornal, por certo deixará cair um níquel dentro do gorro. Mas os homens que estão dentro do Parlamento não podem confiar, da mesma forma, uns nos outros, e muito menos pode o Governo que compõem confiar em outros governos. Nenhum gorro sobre a calçada aqui, mas suspeita, traição e armamentos. Quanto mais elevado o nível de organização da vida pública, tanto mais baixo afunda sua moralidade; as nações de hoje agem umas com as outras pior do que jamais fizeram no passado. Trapaceiam, roubam, ameaçam e blefam, fazem guerra sem aviso e matam o maior número possível de mulheres e crianças, ao passo que as tribos primitivas, em todo caso, eram refreadas por seus tabus. É uma perspectiva humilhante, embora quanto maior a escuridão maior também o brilho das pequeninas luzes, que se asseguram mutuamente, sinalizando: "Bem, de qualquer forma, ainda estou aqui. As coisas não me agradam muito, mas como está você?" Inextinguíveis luzes de minha aristocracia! Sinais do exército invencível! "Venham – de todo modo, vamos aproveitar enquanto podemos." Creio que sinalizem isso também.

O Salvador do futuro – se um dia vier – não pregará um novo evangelho, apenas utilizará minha aristocracia, tornando efetivos a boa vontade e o bom humor que já existem. Em outras palavras, ele introduzirá uma nova técnica. Em economia, dizem-nos que se houvesse uma nova técnica de distribuição, não precisaria haver a pobreza, e as pessoas de determinado lugar não passariam fome, enquanto em outro estivesse sendo feita a colheita. Uma mudança semelhante é necessária na esfera da moral e da política. O desejo por tal mudança não é de modo algum recente. Foi expresso, por exemplo, em termos teológicos por Jacopone da Todi[10] há mais de seiscentos anos. "*Ordina questo amore, O tu che m'ami*", ele disse; "Oh, tu que me amas – imponha ordem a este amor". Sua prece não foi ouvida e eu mesmo não creio que algum dia será, mas é neste ponto, e não por meio de uma mudança de conduta, que provavelmente está o rumo que nos cabe seguir. Não por tor-

[10] Jacopone da Todi (1230-1306), frade franciscano e poeta, de cujo *Laudario* Forster extrai os versos acima. (n.t.)

nar-se melhor, mas por dar ordem e partilhar sua bondade inata, poderá o Homem aprisionar a Força em sua caixa e, assim, ganhar tempo para explorar o universo e nele deixar sua marca com dignidade. Atualmente, ele apenas o explora em momentos ocasionais, quando a Força está olhando para o outro lado, e sua criatividade divina aparece como um produto trivial, para ser descartado tão logo comecem a bater os tambores e a zunir os bombardeiros.

Tal mudança, clamam os ortodoxos, pode ser feita apenas pelo cristianismo, e por ele será feita no justo tempo de Deus: o homem sempre falhou e sempre falhará em organizar sua própria bondade, além de ser presunção de sua parte tentar fazê-lo. Esta reivindicação – solene como é – me desanima. Não acredito que o cristianismo seja capaz de superar a presente desordem mundial, e penso que toda essa influência que ele exerce sobre a sociedade moderna deve-se ao dinheiro que há por trás, mais do que a seu apelo espiritual. Já foi uma força espiritual, mas o espírito que ali habita terá que ser remodelado se as águas tiverem que ser acalmadas novamente e, provavelmente, remodelado em uma forma não cristã. Naturalmente, muitas pessoas, e pessoas que não são apenas boas, mas capazes e inteligentes, irão discordar sobre esse ponto; serão veementes em negar que o cristianismo fracassou, ou afirmarão que seu fracasso provém da maldade dos homens, o que realmente prova seu êxito final. Eles têm Fé, com um F maiúsculo. Minha fé tem um f bem menor, e eu a apresento porque estes são dias sérios e estrênuos, e as pessoas gostam de dizer o que pensam enquanto o discurso é relativamente livre, pois é possível que não tarde a deixar de sê-lo.

Estas são as reflexões de um individualista, de um liberal, que viu o liberalismo desmoronar sob seus pés e, a princípio, sentiu-se envergonhado. Depois, olhando ao redor, decidiu que não havia nenhuma razão especial para a vergonha, uma vez que as outras pessoas, o que quer que sentissem, estavam igualmente inseguras. E quanto ao individualismo, parece não haver um meio de livrar-se dele, ainda que se queira. O herói-ditador pode macerar seus cidadãos até se tornarem todos parecidos, mas não pode fundi-los em um só homem. Isso está além de seu poder. Ele pode ordenar que se mesclem, mas eles são obrigados a nascer e a morrer separados, e, devido a esses dois inevitáveis termos, estarão sempre fugindo dos trilhos totalitaristas. A memória do nascimento e a expectativa da morte estão sempre guardadas no íntimo do ser humano, separando-o de seus companheiros e, consequentemente, tornando-o capaz de se relacionar com eles. Nu eu vim ao mundo, nu deverei dele sair! Uma coisa muito boa, de fato, pois me faz lembrar que estou nu sob minha camisa, qualquer que seja sua cor.

Do gênio
Victor Hugo

O texto: Em "Do gênio", de Victor Hugo, integra as *Proses Philosophiques des années 1860-1865*, que reúne os escritos paralelos às obras *Les Misérables*, *Les Travailleurs de la Mer* e *William Shakespeare*. A coletânea apresenta a continuidade e a convergência das meditações do autor no curso de suas três fases de escrita, além de uma reflexão sobre os modos de acesso ao real proposto pela literatura. É uma suma do pensamento e da filosofia hugoana. No ensaio, temos uma das definições do que vem a ser um gênio, alguém grande e representante divino.

Texto traduzido: Hugo, V. "Du génie". In: *Proses Philosophiques des Années 1860-1865. Oeuvres complètes*. Tome de Critique. Paris: Robert Laffont, 1985.

O autor: Victor Hugo (1802-1885) foi, entre tantas coisas, escritor, político, desenhista, dramaturgo e teórico. Tem como obras mundialmente conhecidas *Les Misérables* e *Notre-Dame de Paris*. Foi um grande defensor dos direitos humanos e um dos grandes nomes no debate sobre os direitos autorais. Sua obra inclui romances, poemas, ensaios, peças de teatro, discursos políticos, totalizando mais 18 mil páginas, além de um grande acervo de desenhos e pinturas. É um dos autores mais adaptados atualmente para o cinema, teatro, televisão, HQs, dentre outras artes.

O tradutor: Dennys da Silva Reis é graduado em Letras-Tradução e Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Brasília. Fez mestrado em Estudos de Tradução e atualmente é doutorando em Literatura na mesma universidade. Tem artigos e capítulos de livros publicados sobre tradução literária, tradução intersemiótica e sobre a obra do escritor Victor Hugo.

Du génie

"Un livre est quelqu'un. Ne vous y fiez pas."

VICTOR HUGO

Vous êtes à la campagne, il pleut, il faut tuer le temps, vous prenez un livre, le premier livre venu, vous vous mettez à lire ce livre comme vous liriez le journal officiel de la préfecture ou la feuille d'affiches du chef-lieu, pensant à autre chose, distrait, un peu bâillant. Tout à coup vous vous sentez saisi, votre pensée semble ne plus être à vous, votre distraction s'est dissipée, une sorte d'absorption, presque une sujétion, lui succède, vous n'êtes plus maître de vous lever et de vous en aller. Quelqu'un vous tient. Qui donc ? ce livre.

Un livre est quelqu'un. Ne vous y fiez pas.

Un livre est un engrenage. Prenez garde à ces lignes noires sur du papier blanc ; ce sont des forces ; elles se combinent, se composent, se décomposent, entrent l'une dans l'autre, pivotent l'une sur l'autre, se dévident, se nouent, s'accouplent, travaillent. Telle ligne mord, telle ligne serre et presse, telle ligne entraîne, telle ligne subjugue. Les idées sont un rouage. Vous vous sentez tiré par le livre. Il ne vous lâchera qu'après avoir donné une façon à votre esprit. Quelquefois les lecteurs sortent du livre tout à fait transformés. Homère et la Bible font de ces miracles. Les plus fiers esprits, et les plus fins et les plus délicats, et les plus simples, et les plus grands, subissent ce charme. Shakespeare était grisé par Belleforest. La Fontaine allait partout criant : Avez-vous lu Baruch ? Corneille, plus grand que Lucain, est fasciné par Lucain. Dante est ébloui de Virgile, moindre que lui.

Entre tous, les grands livres sont irrésistibles. On peut ne pas se laisser faire par eux, on peut lire le Koran sans devenir musulman, on peut lire les Védas sans devenir fakir, on peut lire *Zadig* sans devenir voltairien, mais on

ne peut point ne pas les admirer. Là est leur force. *Je te salue et je te combats, parce que tu es roi*, disait un grec à Xercès.

On admire près de soi. L'admiration des médiocres caractérise les envieux. L'admiration des grands poètes est le signe des grands critiques. Pour découvrir au delà de tous les horizons les hauteurs absolues, il faut être soi-même sur une hauteur.

Ce que nous disons là est tellement vrai qu'il est impossible d'admirer un chef-d'œuvre sans éprouver en même temps une certaine estime de soi. On se sait gré de comprendre cela. Il y a dans l'admiration on ne sait quoi de fortifiant qui dignifie et grandit l'intelligence. L'enthousiasme est un cordial. Comprendre c'est approcher. Ouvrir un beau livre, s'y plaire, s'y plonger, s'y perdre, y croire, quelle fête ! On a toutes les surprises de l'inattendu dans le vrai. Des révélations d'idéal se succèdent coup sur coup. Mais qu'est-ce donc que le beau ?

Ne définissez pas, ne discutez pas, ne raisonnez pas, ne coupez pas un fil en quatre, ne cherchez pas midi à quatorze heures, ne soyez pas votre propre ennemi à force d'hésitation, de raideur et de scrupule. Quoi de plus bête qu'un pédant ? Allez devant vous, oubliez votre professeur de rhétorique, dites-vous que Dieu est inépuisable, dites-vous que l'art est illimité, dites-vous que la poésie ne tient dans aucun art poétique, pas plus que la mer dans aucun vase, cruche ou amphore ; soyez tout bonnement un honnête homme ayant la grandeur d'admirer, laissez-vous prendre par le poëte, ne chicanez pas la coupe sur l'ivresse, buvez, acceptez, sentez, comprenez, voyez, vivez, croissez !

L'éclair de l'immense, quelque chose qui resplendit, et qui est brusquement surhumain, voilà le génie. De certains coups d'aile suprêmes. Vous tenez le livre, vous T'avez sous les yeux, tout à coup il semble que la page se déchire du haut en bas comme le voile du temple. Par ce trou, l'infini apparaît. Une strophe suffit, un vers suffit, un mot suffit. Le sommet est atteint. Tout est dit. Lisez Ugolin, Françoise dans le tourbillon, Achille insultant Agamemnon, Prométhée enchaîné, les Sept chefs devant Thèbes, Hamlet dans le cimetière, Job sur son fumier. Fermez le livre maintenant. Songez. Vous avez vu les étoiles.

Il y a de certains hommes mystérieux qui ne peuvent faire autrement que d'être grands. Les bons badauds qui composent la grosse foule et le petit public, et qu'il faut se garder de confondre avec le peuple, leur en veulent presque à cause de cela. Les nains blâment le colosse. Sa grandeur, c'est sa faute. Qu'est-ce qu'il a donc, celui-là, à être grand ? S'appeler Michel Cer-

vantes, François Rabelais ou Pierre Corneille, ne pas être le premier grimaud venu, exister à part, jeter toute cette ombre et tenir toute cette place ; que tel mandarin, que tel sorbonniste, que tel doctrinaire fameux, grand personnage pourtant, ne vous vienne pas à la hanche, qu'est-ce que cela veut dire ? Cela ne se fait pas. C'est insupportable.

Pourquoi ces hommes sont-ils grands en effet ? ils ne le savent point eux-mêmes. Celui-là le sait qui les a envoyés. Leur stature fait partie de leur fonction.

Ils ont dans la prunelle quelque vision redoutable qu'ils emportent sous leur sourcil. Ils ont vu l'océan comme Homère, le Caucase comme Eschyle, la douleur comme Job, Babylone comme Jérémie, Rome comme Juvénal, l'enfer comme Dante, le paradis comme Milton, l'homme comme Shakespeare, Pan comme Lucrèce, Jéhovah comme Isaïe. Ils ont, ivres de rêve et d'intuition, dans leur marche presque inconsciente sur les eaux de l'abîme, traversé le rayon étrange de l'idéal, et ils en sont à jamais pénétrés. Cette lueur se dégage de leurs visages, sombres pourtant, comme tout ce qui est plein d'inconnu. Ils ont sur la face une pâle sueur de lumière. L'âme leur sort par les pores. Quelle âme ? Dieu.

Remplis qu'ils sont de ce jour divin, par moments missionnaires de civilisation, prophètes de progrès, ils entr'ouvrent leur cœur, et ils répandent une vaste clarté humaine ; cette clarté est de la parole, car le Verbe, c'est le jour. – *Ô Dieu*, criait Jérôme dans le désert, *je vous écoute autant des yeux que des oreilles l* – Un enseignement, un conseil, un point d'appui moral, une espérance, voilà leur don ; puis leur flanc béant et saignant se referme, cette plaie qui s'est faite bouche et qui a parlé rapproche ses lèvres et rentre dans le silence, et_ce qui s'ouvre maintenant, c'est leur aile. Plus de pitié, plus de larmes. Éblouissement. Ils laissent l'humanité derrière eux. Voir les autres horizons, approfondir cette aventure qu'on appelle l'espace, faire une excursion dans l'inconnu, aller à la découverte du côté de l'idéal, il leur faut cela. Ils partent. Que leur fait l'azur ? que leur importe les ténèbres ? Ils s'en vont, ils tournent aux choses terrestres leur dos formidable, ils développent brusquement leur envergure démesurée, ils deviennent on ne sait quels monstres, spectres peut-être, peut-être archanges,-«t-ils s'enfoncent dans l'infini terrible, avec un immense bruit d'aigles envolés.

Puis tout à coup ils reparaissent. Les voici. Ils consolent et sourient. Ce sont des hommes.

Ces apparitions et ces disparitions, ces départs et ces retours, ces occul-

tations brusques et ces subites présences éblouissantes, le lecteur, absorbé, illuminé et aveuglé par le livre, les sent plus qu'il ne les voit. Il est au pouvoir d'un poè'te, possession troublante, fréquentation presque magique et démoniaque, il a vaguement conscience du va-et-vient énorme de ce génie ; il le sent tantôt loin, tantôt près de lui ; et ces alternatives, qui font successivement pour lui lecteur l'obscurité et la lumière, se marquent dans son esprit par ces mots : – Je ne comprends plus. – Je comprends.

Quand Dante, quittant l'enfer, entre et monte dans le paradis, le refroidissement qu'éprouvent les lecteurs n'est pas autre chose que l'augmentation de distance entre Dante et eux. C'est la comète qui s'éloigne. La chaleur diminue. Dante est plus haut, plus avant, plus au fond, plus loin de l'homme, plus près de l'absolu.

Schlegel un jour, considérant tous ces génies, a posé cette question qui chez lui n'est qu'un élan d'enthousiasme et qui, chez Fourier ou Saint-Simon, serait le cri d'un système : – *Sont-ce vraiment des hommes*, *ces hommes-ci* ?

Oui, ce sont des hommes ; c'est leur misère et c'est leur gloire. Ils ont faim et soif ; ils sont sujets du sang, du climat, du tempérament, de la fièvre, de la femme, de la souffrance, du plaisir ; ils ont, comme tous les hommes, des penchants, des pentes, des entraînements, des chutes, des assouvissements, des passions, des pièges ; ils ont, comme tous les hommes, la chair avec ses maladies, et avec ses attraits, qui sont aussi des maladies. Ils ont leur bête.

La matière pèse sur eux, et eux aussi ils gravitent. Pendant que leur esprit tourne autour de l'absolu, leur corps tourne autour du besoin, de l'appétit, de la faute. La chair a ses volontés, ses instincts, ses convoitises, ses prétentions au bien-être ; c'est une sorte de personne inférieure qui tire de son côté, fait ses affaires dans son coin, a son moi à part dans la maison, pourvoit à ses caprices ou à ses nécessités, parfois comme une voleuse, et à la grande confusion de l'esprit auquel elle dérobe ce qui est à lui. L'âme de Corneille fait *Cinna* ; la bête de Corneille dédie *Cinna* au financier Montoron.

Chez de certains, sans rien leur ôter de leur grandeur, l'humanité s'affirme par l'infirmité. Le rayon archangélesque est dans le cerveau ; la nuit brutale est dans la prunelle. Homère est aveugle ; Milton est aveugle. Camoëns borgne semble une insulte. Beethoven sourd est une ironie. Esope bossu a Pair d'un Voltaire dont Dieu a fait l'esprit en laissant Fréron faire le corps. L'infirmité ou la difformité infligée à ces bien-aimés augustes de la pensée fait l'effet d'un contrepoids sinistre, d'une compensation peu avouable là-

haut, d'une concession faite aux jalousies dont il semble que le créateur doit avoir honte. C'est peut-être avec on ne sait quel triomphe envieux que, du fond de ces ténèbres, la matière regarde Tyrtée et Byron planer comme génies et boiter comme hommes.

Ces infirmités vénérables n'inspirent aucun effroi à ceux que l'enthousiasme fait pensifs. Loin de là. Elles semblent un signe d'élection. Être foudroyé, c'est être prouvé titan. C'est déjà quelque chose de partager avec ceux d'en haut le privilège d'un coup de tonnerre. A ce point de vue, les catastrophes ne sont plus catastrophes, les souffrances ne sont plus souffrances, les misères ne sont plus misères, les diminutions sont augmentations. Être infirme ainsi que les forts, cela tenterait volontiers. Je me rappelle qu'en 1828, tout jeune, au temps où *** me faisait l'effet d'un ami, j'avais des taches obscures dans les yeux. Ces taches allaient s'élargissant et noircissant. Elles semblaient envahir lentement la rétine. Un soir, chez Charles Nodier, je contai mes taches noires, que j'appelais mes papillons, à ***, qui, étudiant en médecine et fils d'un pharmacien, était censé s'y connaître et s'y connaissait en effet. Il regarda mes yeux, et me dit doucement : – *C'est une amaurose commençante*. *Le nerf optique se paralyse*. *Dans quelques années la cécité sera complète*. Une pensée illumina subitement mon esprit. – *Eh bien*, lui répondis-je en souriant, *ce sera toujours ça*. Et voilà que je me mis à espérer que je serais peut-être un jour aveugle comme Homère et comme Milton. La jeunesse ne doute de rien.

Do gênio

“Um livro é alguém. Não confie nele.”

VICTOR HUGO

Você está no campo, chove, é preciso matar o tempo, você pega um livro, o primeiro que vier, você se põe a ler o livro como leria o jornal oficial da prefeitura ou a folha de editais da sede da divisão administrativa, pensando em outra coisa, distraído, bocejando um pouco. De repente, você se sente capturado, seu pensamento parece não ser mais seu, sua distração se dissipou, uma espécie de absorção, quase uma sujeição, lhe sucede, você não é mais capaz de se levantar e de ir embora. Alguém segura você. Quem então? Esse livro.

Um livro é alguém. Não confie nele.

Um livro é uma engrenagem. Tome cuidado com essas linhas pretas sobre o papel branco; são forças; elas se combinam, se compõem, se decompõem, entram uma na outra, rodopiam uma sobre a outra, se soltam, se atam, se acoplam, trabalham. Uma linha morde, outra linha aperta e prensa, uma linha arrasta, outra linha subjuga. As ideias são uma roda dentada. Você se sente puxado pelo livro. Ele só soltará você depois de ter dado uma forma a seu espírito. Algumas vezes os leitores saem do livro completamente transformados. Homero e a Bíblia fazem esses milagres. Os mais fortes espíritos, os mais finos e os mais delicados, os mais simples, os maiores, submetem-se a esse encanto. Shakespeare se embriagava com Belleforest. La Fontaine ia por toda a parte gritando: Você leu Baruc? Corneille, maior que Lucano, é fascinado por Lucano. Dante é deslumbrado por Virgílio, menor que ele.

Entre todos, os grandes livros são irresistíveis. Podemos não nos deixar levar por eles, podemos ler o Corão sem nos tornarmos muçulmanos, podemos ler os Vedas sem nos tornarmos faquires, podemos ler *Zadig* sem nos

tornarmos voltairianos, mas não podemos nunca não admirá-los. Aí está a força deles. *Eu te saúdo e te combato, porque tu és rei*, dizia um grego a Xerxes.

Admiramos o que nos é próximo. A admiração dos medíocres caracteriza os invejosos. A admiração dos grandes poetas é a marca dos grandes críticos. Para descobrir além de todos os horizontes as alturas absolutas, é necessário estar você mesmo sobre uma altura.

O que dizemos aí é tão verdadeiro que é impossível admirar uma obra-prima sem experimentar, ao mesmo tempo, uma certa autoestima. Agrada-nos compreender isso. Há na admiração algo de fortificante que dignifica e engrandece a inteligência. O entusiasmo é um tônico. Compreender é aproximar-se. Abrir um belo livro, ter prazer nele, mergulhar nele, nele acreditar, que festa! Temos todas as surpresas do inesperado no verdadeiro. Revelações do ideal se sucedem uma à outra. Mas o que é, então, o belo?

Não defina, não discuta, não argumente, não se preocupe com minúcias, não procure pelo em ovo, não seja seu próprio inimigo por causa de hesitação, rigidez e escrúpulo. O que aborrece mais que um pedante? Siga em frente, esqueça seu professor de retórica, diga que Deus é inesgotável, diga que a arte é ilimitada, diga que a poesia não cabe em nenhuma arte poética, assim como o mar dentro de nenhum vaso, jarro ou ânfora; seja simplesmente um homem honesto que tem a grandeza de admirar, deixe-se apanhar pelo poeta, não se poupe da embriaguez da taça, beba, aceite, sinta, compreenda, veja, viva, cresça!

O lampejo do imenso, algo que resplandece e que é bruscamente sobre-humano, eis o gênio. Supremos bateres de asas. Você segura o livro, você o tem sob os olhos, de repente, parece que a página se rasga de cima a baixo como o véu do templo. Por essa fenda, aparece o infinito. Basta uma estrofe, basta um verso, basta uma palavra. Atinge-se o topo. Tudo está dito. Leia Ugolino, Francesca no turbilhão, Aquiles insultando Agamêmnon, Prometeu acorrentado, os Sete chefes diante de Tebas, Hamlet no cemitério, Jó em seu monturo. Feche o livro agora. Sonhe. Você viu as estrelas.

Há alguns homens misteriosos que não podem fazer outra coisa senão ser grandes. Os bons transeuntes que compõem a grande multidão e o pequeno público que é preciso evitar de confundir com o povo, os detestam quase por causa disso. Os anões repreendem o colosso. Seu erro é sua grandeza. Por que esse aí é grande afinal? Chamar-se Miguel de Cervantes, François Rabelais ou Pierre Corneille, não ser o escrevinhador da moda, existir à parte, lançar toda esta sombra e ocupar todo este lugar; que tal mandarim, que tal

sorbonnista, que tal doutrinário famoso, grande personagem, no entanto, não lhe chega aos pés, o que isso quer dizer? Isso não se faz. É insuportável.

Por que esses homens são grandes de fato? Eles mesmos não o sabem. Sabe-o aquele que os enviou. A estatura deles faz parte de sua função.

Eles têm na pupila uma visão temível que levam sob o cenho. Eles viram o oceano como Homero, o Cáucaso como Ésquilo, a dor como Jó, Babilônia como Jeremias, Roma como Juvenal, o inferno como Dante, o paraíso como Milton, o homem como Shakespeare, Pã como Lucrécio, Jeová como Isaías. Inebriados de sonho e de intuição, no seu passo quase inconsciente sobre as águas do abismo, atravessaram o raio estranho do ideal e estão para sempre penetrados por ele. Esse clarão se desprende de suas faces, sombrias, entretanto, como tudo o que é repleto do desconhecido. Eles têm sobre suas faces um pálido suor de luz. A alma sai deles pelos poros. Que alma? Deus.

Preenchidos como são desta luz divina, por momentos missionários de civilização, profetas do progresso, entreabrem seu coração e propagam uma vasta claridade humana; esta claridade é a da palavra, pois o Verbo é a luz. – *Ó, Deus* – gritava Jerônimo no deserto – *eu te escuto tanto pelo olhos quanto pelos ouvidos!* Um ensinamento, um conselho, um ponto de apoio moral, uma esperança, eis seu dom; depois seu flanco aberto e ensanguentado se fecha de novo, essa chaga que se fez boca e que falou cerra os lábios e retorna ao silêncio, e o que se abre agora é a asa deles. Não mais piedade, não mais lágrimas. Deslumbramento. Deixam a humanidade atrás de si. Ver outros horizontes, aprofundar essa aventura que se chama espaço, fazer uma excursão no desconhecido, ir à descoberta do lado ideal, precisam fazer isso. Eles vão. O que lhes faz o azul? O que lhes importam as trevas? Eles se vão, viram as costas formidáveis para as coisas terrestres, desdobram bruscamente sua envergadura desmesurada, tornam-se não se sabe quais monstros, espectros talvez, talvez arcanjos e afundam-se no terrível infinito, como um imenso estampido de águias voando.

Logo, de repente, reaparecem. Estão aqui. Consolam e sorriem. São homens.

Essas aparições e essas desaparições, essas partidas e essas voltas, essas ocultações bruscas e essas súbitas presenças fascinantes, o leitor, absorvido, iluminado e cegado pelo livro, sente-as mais do que as vê. Está no poder de um poeta, possessão perturbadora, a frequentação quase mágica e demoníaca, ele tem vagamente consciência do vaivém enorme desse gênio; ele o sente ora longe, ora perto de si; e essas alternâncias, que trazem sucessivamente para

ele leitor a escuridão e a luz, são marcadas em seu espírito por estas palavras: – Eu não entendo mais. – Eu entendo.

Quando Dante, deixando o inferno, entra e sobe ao paraíso, o arrefecimento que experimentam os leitores não é outra coisa que o aumento da distância entre Dante e eles. É o cometa que se afasta. O calor diminui. Dante está mais alto, mais adiante, mais fundo, mais longe do homem, mais perto do absoluto.

Schlegel um dia, considerando todos esses gênios, fez esta pergunta que, para ele, só é um impulso do entusiasmo, e que para Fourier ou Saint-Simon seria o grito de um sistema: – *Estes homens são homens de verdade?*

Sim, são homens; é sua miséria e sua glória. Eles têm fome e sede; são súditos do sangue, do clima, do temperamento, da febre, da mulher, do sofrimento, do prazer; eles têm, como todos os homens, pendores, tendências, exaltações, quedas, alívios, paixões, perigos; eles têm, como todos os homens, a carne com suas doenças e com seus atrativos, que são também suas doenças. Eles têm sua fera.

A matéria pesa sobre eles e eles também gravitam. Enquanto seu espírito gira em torno do absoluto, seu corpo gira em torno da necessidade, do apetite, da falta. A carne tem suas vontades, seus instintos, suas cobiças, suas pretensões ao bem-estar; é uma espécie de pessoa inferior que puxa para seu lado, faz seus serviços no seu canto, tem seu eu à parte na casa, provê a seus caprichos ou as suas necessidades, por vezes, como uma ladra, e na grande confusão do espírito na qual ela oculta o que é dele. A alma de Corneille faz *Cinna*, a fera de Corneille dedica *Cinna* ao financista Montoron.

Em alguns, sem nada tirar de sua grandeza, a humanidade se afirma pela enfermidade. O raio arcangélico está no cérebro; a noite brutal está na pupila. Homero é cego, Milton é cego. Camões caolho parece um insulto. Beethoven surdo é uma ironia. Esopo corcunda assemelha-se a um Voltaire do qual Deus fez o espírito deixando Fréron fazer o corpo. A enfermidade ou a deformidade infligida a estes bem-amados augustos do pensamento tem o efeito de um contrapeso sinistro, de uma compensação pouco confessável lá no alto, de uma concessão feita aos ciúmes dos quais parece que o criador deve ter vergonha. É talvez com um não se sabe qual triunfo invejoso que, do fundo dessas trevas, a matéria olhe Tirteu e Byron pairar como gênios e mancar como homens.

Essas enfermidades vulneráveis não inspiram nenhum temor àqueles a quem o entusiasmo torna pensativos. Longe disso. Eles parecem um sinal da eleição. Ser fulminado é ser provado titã. Partilhar com estes do alto privi-

légio de um trovão já é alguma coisa. Desse ponto de vista, as catástrofes não são mais catástrofes, os sofrimentos não são mais sofrimentos, as misérias não são mais misérias, as diminuições são aumentos. Ser enfermo, assim como os fortes, pode ser naturalmente uma tentação. Eu me recordo que em 1828, bem jovem, no tempo em que ***[1] me tinha como amigo, tive nódoas escuras nos olhos. Essas nódoas iam se ampliando e enegrecendo. Pareciam lentamente invadir a retina. Em uma tarde, na casa de Charles Nodier, relatei minhas nódoas escuras, que chamava de minhas borboletas, para ***, que, estudante de medicina e filho de farmacêutico, era supostamente conhecedor disso e, de fato, sabia. Ele olhou meus olhos e me disse lentamente: – *É o início de uma amaurose. O nervo ótico se paralisa. Em alguns anos a cegueira será completa.* Um pensamento iluminou subitamente meu espírito. – *Bem*, lhe respondi sorridente, *será sempre desse jeito*. E então, eu me coloquei a esperar o dia que seria, talvez, cego como Homero e como Milton. A juventude não duvida de nada.

[1] Asteriscos presentes no original. O nome não citado refere-se a Gustave Planche (1808-1857), um crítico obstinado contra Hugo. (n.t.)

memória

(n.t.) | Patagônia

DINASTIA TANG
SELEÇÃO

O TEXTO: A Dinastia Tang (618-915) é considerada o auge da cultura clássica chinesa. Foram cerca 300 anos de uma sociedade caracterizada por uma vida urbana intelectual e esteticamente sofisticada. A popular antologia *Poemas completos da Dinastia Tang*, compilada no século XVII (Dinastia Qing), por ordem imperial, contém cerca de 50 mil poemas, escritos por 2.200 autores, dos quais 190 eram mulheres. Dentre os nomes mais notáveis desse período, encontram-se Li Bai, Wang Wei, Meng Haoran, Bai Juyi, Wen Tingyun, Liu Yuxi e Du Mu.

Edição de referência: *Antologia da poesia clássica chinesa* (Dinastia Tang). Trad. de Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao. São Paulo: UNESP, 2013.

Agradecimentos: aos tradutores, pela liberação dos textos, originalmente publicados na revista *Musa Rara*, em agosto de 2013.

A SELEÇÃO: Li Bai (701-762), considerado o maior poeta da Dinastia Tang, conhecido pelo pensamento taoista de sua poesia; Wang Wei (701-761), poeta e pintor de renome, conhecido como o "poeta de Buda"; Meng Haoran (689/691–740), um dos primeiros poetas da dinastia, cuja poesia volta-se aos detalhes da vida humana cotidiana; Bai Juyi (772-846), dono de uma poesia mais simples, inspirada em canções populares e por valores taoistas e budistas; Wen Tingyun (812–870), precursor do estilo *ci*, espécie de canção-verso que dominou a poesia chinesa durante as dinastia Tang e Song; Liu Yuxi (772–842), poeta e filósofo, conhecido pelo estilo popular de suas poesias; e Du Mu (803–852), poeta inspirado pelas cortesãs e que se servia da história para falar de sua época.

OS TRADUTORES: Ricardo Primo Portugal é escritor e diplomata, graduado em Letras pela UFRGS. É autor dos livros *A face de muitos rostos* (2015); *Dois outonos – haicais* (2012); *Zero a sem – haicais* (2011); *DePassagens* (2004), dentre outros. Coorganizador da *Antologia poética de Mário Quintana* (2007); cotradutor e organizador da *Poesia completa de Yu Xuanji* (2011) e da *Antologia da poesia clássica chinesa - Dinastia Tang* (2013, vencedor do 56º Prêmio Jabuti, 2º lugar), em parceria com Tan Xiao.

Tan Xiao é professora de chinês da Universidade Católica do Equador. Graduada em Letras pela Universidade Zhong Nan, Changsha, Hunan, República Popular da China. Estudou português na UnB. Foi intérprete e tradutora português-chinês da Embaixada do Brasil em Pequim. Mestre em linguística pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Guangdong.

Para a (n.t.), traduziram *Poemas Celestiais*, seleção com Li Bai, Wang Wei e Yu Xuanji, e *Sentimentos de Primavera*, de Yu Xuanji.

唐朝

今日听君歌一曲
暂凭杯酒长精神

**李白, 王維, 孟浩然, 白居易,
温庭筠, 劉禹錫, 杜牧**

李白

秋浦歌

白发三千丈
缘愁似个长
不知明镜里
何处得秋霜

送友人

青山横北郭
白水绕东城
此地一为别
孤蓬万里征
浮云游子意
落日故人情
挥手自兹去
萧萧班马鸣

王维

鸟鸣涧

人闲桂花落
夜静春山空
月出惊山鸟
时鸣春涧中

酬张少府

晚年惟好静
万事不关心
自顾无长策
空知返旧林
松风吹解带
山月照弹琴
君问穷通理
渔歌入浦深

孟浩然

秋宵月下有怀

秋空明月悬
光彩露沾湿
惊鹊栖未定
飞萤卷帘入
庭槐寒影疏
邻杵夜声急
佳期旷何许
望望空伫立

白居易

池上 之一

山僧对棋坐
局上竹阴清
映竹无人见
时闻下子声

岭上云

岭上白云朝未散
田中青麦旱将枯
自生自灭成何事
能逐东风作雨无

温庭筠

清凉寺

黄花红树谢芳蹊
宫殿参差黛巘西
诗閤晓窗藏雪岭
画堂秋水接蓝溪
松飘晚吹摐金铎
竹荫寒苔上石梯
妙迹奇名竟何在
下方烟暝草萋萋

刘禹锡

秋风引

何处秋风至
萧萧送雁群
朝来入庭树
孤客最先闻

酬乐天扬州初逢席上见赠

巴山楚水凄凉地
二十三年弃置身
怀旧空吟闻笛赋
到乡翻似烂柯人
沉舟侧畔千帆过
病树前头万木春
今日听君歌一曲
暂凭杯酒长精神

杜牧

秋夕

银烛秋光冷画屏
轻罗小扇扑流萤
天阶夜色凉如水
卧看牵牛织女星

Dinastia Tang

"E hoje se escuta o canto vívido entoado:
ao vinho cálices e espíritos se elevem."

LI BAI, WANG WEI, MENG HAORAN, BAI JUYI,
WEN TINGYUN, LIU YUXI E DU MU

LI BAI

CANÇÃO DO LAGO QIUPU

cabelos brancos mais de mil novelos
tristezas igualmente longas dores
saber de onde veio ao claro espelho
o fino gelo este lugar de outono

À DESPEDIDA DE UM AMIGO

Montanha verde ao norte da muralha
e um claro rio contorna a vila a leste:
eis o lugar enfim de separar-se
Mil milhas cruza a órfã errante erva
nuvens viajam mudam vagam ânimos
Ao sol poente adeus velhos amigos
agitam mãos distantes outro instante
cavalos partem ríspidos nitridos

WANG WEI

A CASCATA DOS PÁSSAROS

quietude caem as flores da canela
à noite pousam a montanha cala
súbito aponta a lua – a primavera
desperta em brados pássaros cascata

EM RESPOSTA A POEMA DO CONSELHEIRO ZHANG

tardia idade agrada esta quietude
já mil assuntos passam não preocupam
chegou-se ao fim inútil insistir
antes voltar a esta floresta antiga
vento aos pinheiros sopra e afrouxa o cinto
a lua ao monte brilha para a harpa
perguntas qual a mais alta verdade:
canto de pescador entrando ao rio

MENG HAORAN

CONTEMPLAÇÃO DA LUA EM NOITE DE OUTONO

Lua de outono brilha ao céu vazio
incandescência na gota de orvalho
Acomodaram-se em algazarra as gralhas
do frio vêm vagalumes às cortinas
No pátio às árvores esparsas sombras
este pilão na casa ao lado soa
Como saber do tempo à hora vasta
o persistente nada olhar olhar

BAI JUYI

NO LAGO (I)

dois monges da montanha frente a frente
jogam xadrez entre os bambus a sombra
entre os bambus frescor ninguém se vê
por vezes ouve-se uma peça move

NUVEM NO ALTO DA MONTANHA

Manhã, flutua ao pico intacta a branca nuvem;
no campo, o verde trigo cedo estará seco.
A vida vive, à morte segue, e o que consegue?
Só pode ao vento leste ir e dar-se à chuva.

WEN TINGYUN

O TEMPLO DO LÍMPIDO FRESCOR

Na aleia flores amarelas folhas rubras
palácios se derramam a oeste das colinas
Poesia e brilho encontram a neve sobre os picos
salões e águas outonais em cores juntam-se

À tarde o odor de pinho ao vento o bronze aos sinos
à sombra de bambus o musgo em frios degraus
Dos grandes feitos onde os nomes se assinalam
só a grama farta avista-se à névoa imprecisa

LIU YUXI

BRISA DE OUTONO

De que lugar do outono sopra o vento
Sôfrego envolve os gansos e afugenta
Na aurora as árvores do pátio alcança
O errante solitário o ouve antes

EM RESPOSTA A BAI JUYI DEPOIS DE SEU PRIMEIRO ENCONTRO, EM UM BANQUETE EM YANGZHOU

A oeste e sul veem-se paisagens desoladas
foram-se vinte anos e mais três no exílio
Voltar e ouvir à antiga flauta um tom vazio
de vozes silenciadas rostos que passaram

Desfilam velas frente a um barco naufragado
esta árvore doente encara a primavera
E hoje se escuta o canto vívido entoado:
ao vinho cálices e espíritos se elevem

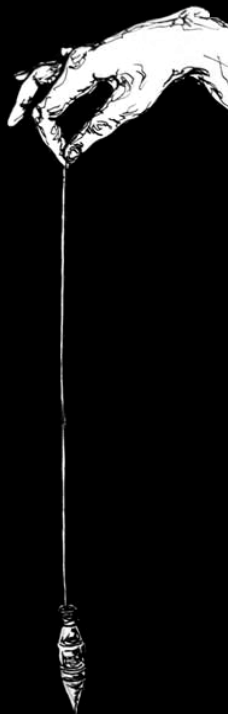
DU MU

NOITE DE OUTONO

Outono a vela incide em prata no biombo
e ela apanha em seda ao leque vagalumes
Na escadaria a noite esfria às cores úmidas
a olhar o céu duas estrelas que se encontram

VINHETAS DE ENTRADA

2010-2015

Quando palavra
e imagem se
unem, formam
uma tradicional
e íntima relação,
cruzam-se com
nossos desejos
e nos provocam
a explorar novos
universos. A (n.t.)
comemora essa
comunhão com
uma mostra
retrospectiva de
suas vinhetas
de entrada. ▪

“Não temas. Esta é a linguagem de tua alma!
Estas são as palavras de teu espírito!”

Cocom Pech

Não temas, 2010
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 1

"E livre a minha alma sem pudor
de novo apareceu e se movia"
K. Kaváfis

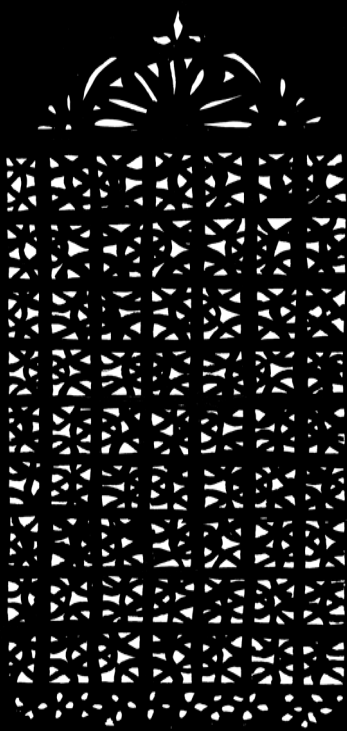
O gato, 2011
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 2

"Oh, minha fantasia, que eu te sirva!
Existes em mim porque o mundo quer crescer!"
Sibilla Aleramo

Movimento, 2011
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 3

"Entrei como um homem sem compreensão,
e sairei como um Espírito forte!"

Papiro de Nu
(Livro dos Mortos)

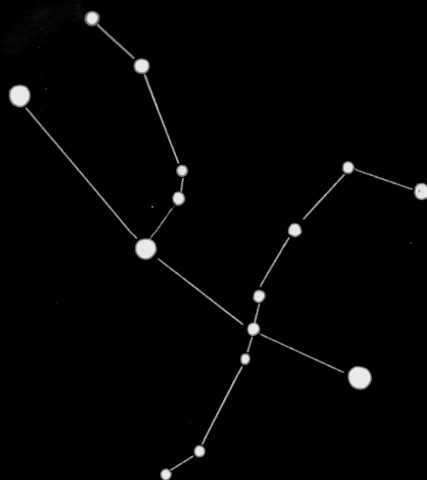
Labirinto, 2012
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 4

"Eu falo dos extremos da noite
e dos extremos da noite falo."
Forugh Farrokhzad

Dos extremos da noite, 2012
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 5

“Eu canto. Não é invocação.
Apenas nomes que regressam.”
Alejandra Pizarnik

Nombres, 2013
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 6

"Tive um sonho que em tudo não foi sonho!"
Lord Byron

Chamas, 2013
Nanquim sobre papel

"Começo a crer no incrível,
a compreender o incompreensível."
Sacher-Masoch

Andrômeda, 2014
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 8

"Tudo nesta vida é sonho.
Possa eu por fim acordar."
Yu Xuanji

Primavera, 2014
Nanquim sobre papel
(n.t.) # 9

“Então, compreendi que traduzir
é a maneira mais profunda de ler.”
García Márquez

A Torre, 2015
Grafite sobre papel
(n.t.) #10

INDEX

CAPA:

Escrita do Sudoeste – Península Ibérica
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Luz e sombra, 2015
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

Fotos de:
Miguel Sulis (pp. 8, 86, 107, 149, 317 e 347)
Patagônia, Argentina
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Domínikos Theotokópoulos "El Greco" (p. 9)
A Anunicação, c. 1596-1600
Óleo sobre tela
MUSEO DE BELLAS ARTES DE BILBAO

Godfrey Kneller (p. 32)
Retrato do poeta Alexander Pope, [s.d.]
Óleo sobre tela
ST JOHN'S COLLEGE, UNIVERSITY OF CAMBRIDGE

Ruínas de Uno Urco (p. 45)
Detalhe de canal inca em forma de serpente, séc. XV
Sítio arqueológico de Unu Urco, Calca, Peru
ARQUIVO (n.t.)

Henri Michaux (p. 87)
Sem título, 1948
Litografia
ARTISTS RIGHTS SOCIETY (ARS), NEW YORK / ADAGP, PARIS

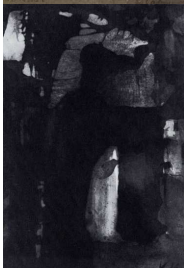
ABRVZZO
CITRA et VLTRA
The Yankee Blade

Paul Cadmus (p. 318)
E.M.Forster, 1949
Ilustração para The New Disorder
COLEÇÃO PARTICULAR

Victor Hugo (p. 336)
A boca das trevas, 1856
Pintura
WWW.WIKIART.ORG

Zhang Xuan (p. 348)
Detalhe de *Passeio de Primavera da Corte Tang*, séc. VIII
Pintura de paisagem
WWW.CHINAONLINEMUSEUM.COM

MOSTRA:
Aline Daka (pp. 371-382)
10 ilustrações
Nanquim e grafite sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Cueva de las Manos, Santa Cruz, Argentina
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

A (n.t.) | 11º acabou-se de editar no Solstício de Verão, em 21 de dezembro de 2015.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego, romeno: **Palatino Linotype**
Chinês: **MS Mincho**

COSMOPOLIZE-SE